IVAN TURGUÊNIEV

Companhia Das Letras

PAIS E FILHOS

IVAN TURGUÊNIEV

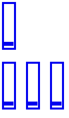
Pais e filhos

Tradução do russo e apresentação
Rubens Figueiredo

Posfácio
Henry James



Sumário



Apresentação

Rubens Figueiredo

Turguêniev escreveu *Pais e filhos* entre o fim de 1860 e o início de 1862, quando completou 43 anos. As duas datas assinalam, como uma cruz no mapa, o acontecimento talvez mais importante da história russa no século XIX: em 1861, como parte de uma série de reformas para acelerar a introdução das relações capitalistas no país, o tsar decretou o fim da servidão, regime em que os camponeses eram propriedade dos senhores de terra. A rigor, esse sistema pouco se diferenciava da escravidão e, a exemplo do regime escravo, em vigor no Brasil e em outros países, deixou marcas profundas na sociedade russa.

Além disso, no mesmo ano de 1861 foi fundado o movimento Terra e Liberdade, a primeira de uma nova série de organizações políticas clandestinas, tenazmente empenhadas em fomentar a revolta, ainda que por meio de ações violentas contra autoridades e instituições oficiais. Esse movimento expressava uma guinada no debate em curso, entre os intelectuais russos, sobre as formas e os objetivos do combate à autocracia. A repressão acirrada não conteve a crescente onda de atentados, que culminou em 1881 com o assassinato do mesmo tsar que decretara o fim da servidão.

Esse não era apenas o contexto em que Turguêniev escrevia o seu quinto romance. Era também o seu tema. Pois a singularidade e a audácia de *Pais e filhos* consistiram em investigar, em termos literários, um quadro social novo e potencialmente explosivo, no exato instante em que nascia, quando seus contornos e as feições de seus personagens ainda não haviam se definido com clareza. E a circunstância de que os personagens de Turguêniev seriam também os seus leitores mais sôfregos e exigentes prenunciava os conflitos e os desentendimentos que se seguiram à publicação de *Pais e filhos* — "romance que me privou", escreveu o autor, "e creio que para sempre, das boas graças dos jovens russos".

Na verdade, os problemas com *Pais e filhos* começaram antes mesmo de o romance ser publicado. Turguêniev mostrou os originais a alguns amigos e colheu as opiniões mais desencontradas. Um deles recomendou que destruísse os manuscritos, se não quisesse se tornar maldito para sempre entre a nova geração. Kátkov, o editor da revista *O Mensageiro Russo*, em que a obra seria publicada, acusou Turguêniev de pôr a nova geração num pedestal. Impressionável ao extremo, Turguêniev refundiu arduamente seu romance, mas, quando já se decidira a publicá-lo, uma onda de protestos estudantis sacudiu Moscou e São Petersburgo e o escritor achou por bem adiar a publicação por alguns meses.

A polêmica que se seguiu à publicação de *Pais e filhos* é tida como a maior de que se tem notícia na literatura russa. O termo "niilista", de uso restrito, até então, ao campo da filosofia, foi usado por Turguêniev para definir o herói do romance — Bazárov —, e popularizou-se instantaneamente. Como que de propósito, pouco depois da publicação do livro, uma sucessão de incêndios agitou São Petersburgo, atiçando a suspeita de que seriam fruto de atentados. Quando Turguêniev chegou à capital, proveniente da França, onde costumava passar uma parte do ano,

ouviu na rua a acusação de um homem indignado: “Olhe só o que os seus niilistas estão fazendo: estão pondo São Petersburgo em chamas!”. Turguêniev, homem de índole pacífica e cordial, fora apanhado no meio de um turbilhão.

A bem da verdade, ele mesmo se pusera ali de modo consciente, pois acreditava ser esse o seu lugar como escritor. O leitor observará que o romance é dedicado a Vissarión Bielínski (1811-48), crítico e líder intelectual que marcou praticamente toda a literatura russa do século XIX, sobretudo por seu esforço para definir o papel histórico da literatura nas transformações em andamento no país. Turguêniev o conheceu muito jovem, quis manter-se fiel a suas orientações e fez questão de ser enterrado ao lado do seu túmulo. Mas a lembrança persistente de Bielínski entrava em choque com a tendência de Turguêniev para valorizar a arte literária como uma esfera dotada de alguma dose de autonomia, com princípios e critérios próprios. Tal conflito produz uma tensão interna em seus romances, que se manifesta, entre outras coisas, num contínuo esforço de imparcialidade.

Essa disposição revelou-se ainda mais propícia porquanto Turguêniev se preocupava muito mais em criar personagens do que em fabricar tramas. Seu método tinha por base o seu próprio temperamento receptivo, que não se esquivava mesmo diante de personalidades muito destoantes da sua, e uma empatia natural que ele aprendeu a controlar em proveito dos seus fins literários. “Devo confessar”, escreveu Turguêniev, “que nunca tentei criar um personagem sem ter, para me inspirar, não uma ideia, mas uma pessoa viva.” E também: “Não começo a escrever antes que o personagem tenha se tornado um velho conhecido meu, antes que eu o veja e ouça sua voz”. Assim se passou com Bazárov, o protagonista de *Pais e filhos*, cujo modelo foi um médico de província que o escritor conheceu numa viagem de trem, na Rússia:

Aquele homem notável pareceu-me encarnar esse princípio que mal começava a nascer, ainda em fermentação, e que mais tarde recebeu o nome de niilismo. A impressão que essa pessoa produziu sobre mim foi muito forte e, ao mesmo tempo, não de todo clara. A princípio, eu não consegui defini-lo — e me pus a escutar e observar com atenção extrema tudo o que estava à minha volta, como que em busca de uma confirmação da veracidade de meus sentimentos. Perturbei-me com o seguinte fato: em nenhuma obra literária eu havia encontrado nem sequer um sinal daquilo que agora pressentia em toda parte.

Entre as novidades em gestação, destacavam-se as tendências da nova geração de intelectuais progressistas, reunidos em torno da revista *O Contemporâneo*, na qual Turguêniev publicara seu romance anterior, *Na véspera*. O teor contundente das ideias dos chamados "homens dos 60" — Tchernichévski, Dobroliúbov, Píssariev — desconcertava e fascinava Turguêniev, mais ligado aos chamados "homens dos 40" — a geração intelectual anterior, em que Herzen se destacava —, mais apegados a valores culturais oriundos do romantismo alemão. Por isso Turguêniev não hesitou em reproduzir, em certas declarações do personagem Bazárov, palavras extraídas dos escritos dos jovens líderes da intelligentsia russa. Seu romance também atesta outra característica importante dos "homens dos 60": provinham de uma camada social intermediária, situada entre a nobreza e os camponeses. Pois, se os "homens dos 40" pertenciam, no geral, a famílias de nobres e de grandes proprietários de terra (como Turguêniev), os "homens dos 60" eram filhos de médicos, professores, comerciantes e funcionários medianos da burocracia estatal.

O problema foi que os novos intelectuais — com exceção de Píssariev — se sentiram ridicularizados pelo livro de Turguêniev. Boa parte da nova geração pensava como eles. Tanto que Turguêniev, ainda muitos anos

depois de *Pais e filhos*, se lamentava por receber numerosas cartas em que os jovens contavam "como queimavam suas fotos, entre gargalhadas de escárnio".

Como se não bastasse, os próprios "homens dos 40", com exceção de Herzen, não receberam nada bem a publicação de *Pais e filhos*. Acusaram Turguêniev de querer bajular a jovem intelectualidade e de não medir meios para se mostrar simpático a seus representantes. Os mais conservadores foram ainda além em seu descontentamento. Kátkov chegou praticamente a tachar Turguêniev de covarde: ele parecia morrer de medo de Bazárov, seu próprio personagem. Nem por isso faltaram avaliações positivas. Herzen, Píssariev e Dostoiévski elogiaram o romance. Por razões diferentes, deve-se sublinhar. Pois o julgavam de ângulos contrapostos, segundo posições que, a partir daquele momento, tendiam a se afastar cada vez mais.

Mesmo um relatório da polícia secreta do tsar deu boas-vindas ao romance, em cujas páginas supôs encontrar uma desmoralização dos opositores mais ferrenhos do regime. Mas seria imprudente dar a última palavra a essa estranha instância da crítica literária. A prova de que a censura também andava desorientada quanto aos efeitos públicos da literatura viria de forma cabal um ano depois da publicação de *Pais e filhos*. Pois em 1863 Tchernichévski, mesmo dentro da prisão, conseguiu escrever e publicar, com a aprovação oficial, *O que fazer?*, o romance politicamente mais revolucionário de toda essa época e, em larga medida, uma réplica a *Pais e filhos*.

Turguêniev, de fato, em suas cartas, se mostrava pouco claro com respeito a seus sentimentos por Bazárov. Talvez preocupado em não multiplicar inimizades, o escritor tentava ajustar suas palavras ao ponto de vista do interlocutor do momento. Apenas quando se exasperava, pressionado para que formulasse um esclarecimento definitivo, Turguêniev

se mostrava mais franco: “Eu mesmo não posso dizer, pois não sei se amo Bazárov ou não”. Ou: “Meus sentimentos com respeito a Bazárov, meus sentimentos pessoais, eram de natureza confusa (só Deus sabe se eu o amava ou não!)”.

Contudo, a disparidade dos veredictos em torno do livro de Turguêniev indica menos uma falta de agudeza dos leitores do que um traço inerente à complexidade das circunstâncias e também ao próprio romance, que investiga o problema de vários ângulos. Trata-se, a rigor, de um elemento constitutivo da obra, de tal modo que a mesma disparidade de opiniões se repetiu ao longo do século XX, e dessa feita não só na Rússia, mas na crítica internacional.

A face mais pronunciadamente artística de Turguêniev se revelava, talvez, no fato de que, ao escrever, ele se sentia livre para desfrutar suas dúvidas e hesitações. Do mesmo modo como todo romancista retarda o desenlace dos nós que conferem tensão a um enredo, Turguêniev não tinha pressa de chegar a julgamentos categóricos. Muito menos quando, como ocorre em *Pais e filhos*, tinha perfeita consciência de estar diante de uma situação nova e em rápida mutação. Esse retardamento deliberado, que desnorteava ou irritava alguns leitores, representava uma pausa, um tempo em aberto, que permitia a Turguêniev desenvolver explorações mais abrangentes.

O escritor faz valer, então, seus dons de observador meticuloso, seu fascínio em descrever a diversidade e o contraste dos caracteres, as sutis variações de comportamento, a distância entre os anseios e as expectativas pessoais, de um lado, e a realidade premente, de outro. Para tanto, concorrem, também, as modulações da linguagem, marcadamente musical. Neste romance em que o desenho dos personagens está muito calcado em diálogos, pesou bastante o aguçado ouvido do autor para as variedades de

fala, conforme a origem social, a idade, o sexo. De resto, é de admirar que todas as classes sociais estejam de algum modo representadas numa obra tão compacta, cuja ação inteira decorre em poucos meses, ordenada em seções que lembram muito os atos de uma peça teatral.

Deve-se também pôr em relevo o modo como a natureza ponteia todo o romance, em blocos descritivos construídos com um ardor evidente. Não foi à toa que Flaubert, numa carta para Turguêniev, expressou nestes termos seu entusiasmo com a prosa do amigo russo: “suas descrições pensam”. Dotados de uma linguagem peculiar, esses blocos descritivos produzem não só um alongamento do tempo como uma dilatação do espaço. Permitem ver as paixões dos personagens em uma perspectiva ampliada, que distribui o conjunto da vida em planos sobrepostos. Por conta disso, aliás, podemos ler as últimas palavras do livro — “vida infinita” — sem lhes atribuir qualquer teor de misticismo, uma das poucas objeções de Herzen a *Pais e filhos*. O próprio título, cumpre ressaltar, sobrepõe uma circunstância social (o choque entre gerações) a um fenômeno pertinente à natureza em geral. Encerra também, em última instância, uma alusão à morte, fator da qualidade trágica que Turguêniev almejava para *Pais e filhos*.

A fidelidade de Turguêniev a critérios que julgava próprios da literatura cobrou seu preço em desavenças até o fim de sua vida. Turguêniev agiu assim não em virtude de um gosto pela beleza decorativa ou consoladora, mas porque as convicções dos “homens dos 40” haviam lhe infundido a confiança na literatura como uma atividade que impulsionava o progresso. Mesmo para um homem que não se expunha a muitos riscos, Turguêniev deu com isso uma prova de independência não menor do que quando contribuía com doações para publicações clandestinas, ou quando se encontrava com perseguidos políticos russos em fuga pela Europa e lhes dava dinheiro, ou servia como portador de mensagens secretas, como

aconteceu com Bakúnin, seu amigo de juventude e o mais procurado ativista da oposição russa, na época.

É mais do que provável que o leitor atual chegue ao fim de *Pais e filhos* sem um julgamento conclusivo não só a respeito de Bazárov como também dos demais personagens. Mas sem dúvida terá gravadas no pensamento figuras humanas sem nada de vago ou de nebuloso. Mais do que encenar um abstrato elogio da indecisão, Turguêniev apresenta o problema de um modo concreto e vivo, porquanto não pode subsistir desencarnado dos personagens. Por via de uma elaboração literária e ficcional enraizada numa aguda consciência histórica, o problema em foco assume as feições dinâmicas da vida. De tal modo que o leitor, mesmo agora, passadas muitas gerações, não conseguirá esquivar-se de ser, também ele, filho e pai do problema.

Dedicado à memória de Vissarión Grigórievitch Bielínski

1.

— E então, Piotr, nada ainda? — perguntou, no dia 20 de maio de 1859, ao sair sem chapéu para a varandinha baixa de uma estação de muda de cavalos na estrada de ***, um fidalgo de uns quarenta e poucos anos, de casaco empoeirado e calça xadrez, ao seu criado, um jovem bochechudo com uma penugem esbranquiçada no queixo e uns olhinhos opacos.

O criado, em quem tudo, o brinco azul-turquesa em uma orelha, os cabelos multicores e empomadados, os gestos corteses, em suma, tudo acusava um homem de uma geração moderna e sofisticada, olhou para a estrada com ar condescendente e respondeu:

— Nada, nem sombra.

— Não vê nada? — repetiu o fidalgo.

— Nada — respondeu pela segunda vez o criado.

O fidalgo deu um suspiro e sentou-se num banquinho. Enquanto está sentado sobre as próprias pernas dobradas e lança olhares pensativos em redor, vamos apresentá-lo ao leitor.

Chama-se Nikolai Petróvitch Kirsánov. Possui, a quinze verstas[1] da estação de posta, uma boa propriedade rural com duzentas almas ou — como prefere dizer desde quando fixou os limites das terras dos camponeses e instituiu uma “fazenda” — com duas mil dessiatinas.[2] Seu pai, general na

guerra de 1812,[3] semianalfabeto, rude, mas um bom russo, cumpriu sua sina de trabalho duro durante toda a vida, primeiro no comando de uma brigada, em seguida de uma divisão, sempre morando na província, onde, graças à sua patente, desempenhou com prazer um papel de relevo. Nikolai Petróvitch nasceu no sul da Rússia, como seu irmão mais velho, Pável, do qual falaremos mais adiante, e foi educado em casa até os catorze anos, cercado de preceptores baratos, de ajudantes de ordens desembaraçados mas servis, e de outras pessoas do regimento e do estado-maior. Sua mãe, Koliázin de solteira e cujo prenome quando moça era Agathe, passou a chamar-se Agafokleia Kuzmínichna Kirsánova quando ascendeu ao generalato, e pertencia à categoria das "mãezinhas-comandantes", usava toucas suntuosas e farfalhantes vestidos de seda, na igreja era a primeira a se aproximar para beijar a cruz, falava muito e alto, permitia que os filhos lhe beijassem a mão de manhã, os abençoava à noite — numa palavra, levava a vida que pedira a Deus. Na condição de filho de general, Nikolai Petróvitch — embora não só não se destacasse pela coragem como houvesse até merecido a alcunha de medroso — devia, como fez o irmão Pável, ter seguido a carreira militar; mas quebrou a perna no mesmo dia em que chegou a notícia da sua convocação e, depois de dois meses de cama, ficou "aleijadinho" para o resto da vida. O pai desistiu do filho e abandonou-o à vida civil. Levou-o a São Petersburgo assim que completou dezoito anos e matriculou-o na universidade. Aliás, seu irmão, nessa mesma época, se tornou oficial no corpo da guarda. Os jovens passaram a morar juntos no mesmo apartamento, sob a vigilância distante de um tio por parte de mãe, Iliá Koliázin, um funcionário de alto escalão. O pai voltou para a sua divisão e para a sua esposa e só raramente enviava aos filhos grandes folhas de papel cinzento in-quarto, respingadas pela caligrafia espaçada de um escrivão. No fim dessas folhas de papel in-quarto, destacavam-se

palavras esmeradamente rodeadas por floreios: “Piotr Kirsánov, General de Divisão”. Em 1835, Nikolai Petróvitch formou-se na universidade, e nesse mesmo ano o general Kirsánov, transferido para a reserva após uma revista de tropas fracassada, veio com a esposa morar em São Petersburgo. Mal havia alugado uma casa no jardim Tavrítcheski e se inscrito no clube inglês, sofreu um ataque e morreu de repente. Agafokleia Kuzmínichna logo acompanhou o marido: não conseguiu habituar-se à vida sem graça da capital, e a saudade do general reformado a consumiu. Nesse meio-tempo, Nikolai Petróvitch, ainda em vida dos pais e para grande desgosto de ambos, apaixonou-se pela filha do funcionário público Prepoloviénski, ex-senhorio do seu apartamento, moça graciosa e, como dizem, de ideias avançadas: lia, nas revistas, artigos sérios da seção intitulada “Ciência”. Casou-se com ela assim que terminou o período do luto e, depois de se demitir do Ministério das Pensões, onde o pai o empregara graças à sua influência, foi gozar a vida ao lado da sua Macha, primeiro numa datcha perto do Instituto Florestal, depois na cidade, num apartamento pequeno e jeitoso, com uma escada limpa e uma sala de estar friorenta, e por fim no campo, onde ele se estabeleceu definitivamente e onde, em pouco tempo, nasceu seu filho Arkádi. O casal vivia muito bem e sem preocupações: quase nunca ficavam separados, liam juntos, tocavam piano a quatro mãos, cantavam duetos; ela plantava flores e cuidava do viveiro de pássaros, ele às vezes ia caçar e se ocupava com os assuntos da fazenda, enquanto Arkádi crescia sempre mais — também sem nenhuma perturbação. Dez anos se passaram como num sonho. Em 1847, a esposa de Kirsánov faleceu. Ele mal conseguiu suportar esse golpe, encaneceu em poucas semanas; esteve a ponto de seguir para o exterior a fim de, talvez, espairecer um pouco… mas então veio o ano de 1848.[4] A contragosto, voltou para o campo e, depois de um período de inércia bastante longo, passou a ocupar-se das reformas em

sua fazenda. Em 1855, levou o filho para a universidade; morou com o filho em São Petersburgo por três invernos, quase não saía de casa e se esforçou para travar conhecimento com os jovens colegas de Arkádi. No último inverno, não pôde vir — e é então que o encontramos, em maio de 1859, já completamente grisalho, gorducho e um pouco curvado: à espera do filho que, como ele mesmo tempos antes, se formara na universidade.

O criado, por um sentimento de decoro, ou quem sabe para não ficar à vista do patrão, pôs-se atrás do portão e acendeu o cachimbo. Nikolai Petróvitch deixou a cabeça pender para baixo e se pôs a olhar para os degraus decrépitos da varandinha: um pinto já crescido e de penugem colorida passeava com ar solene perto dele, batendo com energia suas grandes patas amarelas; uma gata suja o observava com cara de poucos amigos, recostada languidamente ao corrimão. O sol estava abrasador; da penumbra do vestíbulo da estação de posta vinha um cheiro de pão de centeio quente. O nosso Nikolai Petróvitch perdeu-se em devaneios. “Meu filho… formado… Arkacha…”,[5] isso rodava sem parar em sua cabeça; tentava pensar em alguma outra coisa, mas acabava voltando aos mesmos pensamentos. Lembrou-se da esposa falecida. “Nem teve tempo de ver isto!”, murmurou, desalentado… Um pombo gordo e cinzento pousou na estrada e foi ligeiro beber em uma pocinha, ao lado do poço. Nikolai Petróvitch pôs-se a olhar para ele, quando o ouvido captou um barulho de rodas que se aproximavam…

— Parece que eles vêm vindo — informou o criado, saindo de trás do portão.

Nikolai Petróvitch ergueu-se de um salto e dirigiu o olhar para a estrada. Surgiu uma carruagem puxada por três cavalos de posta; no carro, destacavam-se a fita do quepe de universitário, os traços familiares de um rosto querido…

— Arkacha! Arkacha! — gritou Kirsánov, correu e abanou os braços…

Alguns instantes depois, seus lábios já tocavam a face barbeada, poeirenta e queimada de sol do jovem recém-formado.

---

1. Uma versta equivale a 1,06 quilômetro. [Todas as notas, exceto quando indicado, são do tradutor.]

2. Antiga medida russa, equivale a 1,09 hectare. A passagem indica que Kirsánov quis melhorar a condição dos servos, substituindo o trabalho gratuito pelo arrendamento de áreas de cultivo.

3. Trata-se da guerra em que Napoleão invadiu a Rússia.

4. Nesse ano, um movimento revolucionário sacudiu a Europa. Em reação, o tsar Nicolau I tomou sérias medidas repressivas, e para os russos tornou-se quase impossível sair do país.

5. Hipocorístico de Arkádi.

2.

— Deixe-me sacudir a poeira da roupa, papai — disse Arkádi, com a voz um pouco rouca por causa da viagem, mas mesmo assim sonora e juvenil, numa alegre reação aos carinhos do pai. — Vou sujar você todo.

— Não importa, não importa — repetia Nikolai Petróvitch, sorrindo comovido, e deu duas ou três palmadas na gola do capote do filho e no seu próprio casaco. — Deixe-me olhar para você, deixe-me olhar — acrescentou, recuando, e logo depois deu uns passos apressados na direção da estação de posta, ordenando: — Por aqui, por aqui, e depressa com os cavalos.

Nikolai Petróvitch parecia muito mais alvoroçado do que o filho; parecia um pouco desnorteado, apreensivo. Arkádi o deteve.

— Papai — chamou-o. — Gostaria de lhe apresentar o meu bom amigo Bazárov, sobre quem lhe escrevi muitas vezes. Ele teve a gentileza de aceitar o convite para se hospedar em nossa casa.

Nikolai Petróvitch voltou-se ligeiro e, aproximando-se do homem de alta estatura, com um casacão rústico muito comprido e enfeitado com borlas, que acabara de descer com esforço da carruagem, apertou com vigor a mão vermelha e sem luva que ele não lhe estendeu imediatamente.

— Estou muito contente de conhecê-lo — começou — e sou muito grato pela gentileza de vir nos visitar; espero que… Permita que eu pergunte seu nome e patronímico?

— Evguiêni Vassíliev — respondeu Bazárov, com voz preguiçosa mas viril e, baixando a gola do casacão, deixou o rosto inteiro à mostra. Comprido e magro, de testa larga, alta e reta, de nariz pontudo e curvado para baixo, com grandes olhos esverdeados e suíças pendentes cor de areia, seu rosto ganhava vida graças a um sorriso calmo e expressava autoconfiança e inteligência.

— Espero, caríssimo Evguiêni Vassíliev, que o senhor não fique entediado em nossa casa — prosseguiu Nikolai Petróvitch.

Os lábios finos de Bazárov quase se moveram; mas ele nada respondeu, apenas levantou o quepe. Os cabelos louro-escuros, longos e espessos, não escondiam as saliências pronunciadas do crânio vasto.

— O que acha, Arkádi? — recomeçou a falar Nikolai Petróvitch, dirigindo-se ao filho. — Vamos atrelar os cavalos de uma vez? Ou os senhores preferem descansar?

— Descansaremos em casa, papai; mande atrelar os cavalos.

— Agora mesmo, agora mesmo — concordou o pai. — Ei, Piotr, está ouvindo? Providencie tudo, meu amigo, e sem demora.

Piotr, que na condição de criado sofisticado não beijava a mão do patrão mas apenas se inclinava à distância, desapareceu de novo atrás do portão.

— Estou com a caleche aqui, mas também há três cavalos para a sua carruagem — disse Nikolai Petróvitch, alvoroçado, enquanto Arkádi bebia água em uma vasilha de ferro, trazida pela proprietária da estação de posta, e Bazárov acendia o cachimbo e se aproximava do cocheiro, que desatrelava os cavalos. — O problema é que a caleche só tem dois lugares e não sei como o seu amigo…

— Ele irá na carruagem — interrompeu Arkádi, a meia-voz. — Por favor, não tenha cerimônias com ele. É um rapaz formidável, muito simples… Você vai ver.

O cocheiro de Nikolai Petróvitch trouxe os cavalos para fora.

— Vamos, mexa-se, barbudão! — exclamou Bazárov para o cocheiro.

— Ouviu só, Mitiukha — comentou o outro cocheiro, que estava de pé, com as mãos enfiadas nos bolsos de trás do sobretudo de pele. — Ouviu como esse fidalgo chamou você? E é mesmo um barbudão.

Mitiukha apenas sacudiu o gorro e começou a puxar pelas rédeas o cavalo suado que seria atrelado no meio da troica.

— Ânimo, ânimo, rapazes, ajudem — gritou Nikolai Petróvitch. — Depois haverá um bom trocado para a vodca!

Em poucos minutos, os cavalos estavam atrelados; pai e filho acomodaram-se na caleche, Piotr subiu na boleia; Bazárov saltou para o interior da carruagem, afundou a cabeça no travesseiro de couro — e os dois carros partiram.

3.

— Ora, quem diria, enfim você está formado e de volta para casa — disse Nikolai Petróvitch, tocando ora o ombro, ora o joelho de Arkádi. — Finalmente!

— E o titio? Está bem? — perguntou Arkádi, que, apesar da alegria sincera e quase infantil que o dominava, queria, o mais rápido possível, desviar a conversa do registro emotivo para coisas comuns.

— Ele está bem. Queria vir comigo ao seu encontro, mas por alguma razão mudou de ideia.

— E você ficou me esperando muito tempo? — perguntou Arkádi.

— Umas cinco horas, mais ou menos.

— Meu bom pai!

Arkádi voltou-se animado para o pai e lhe deu um ruidoso beijo na face. Nikolai Petróvitch riu baixinho.

— Preparei um cavalo formidável para você! — começou ele. — Vai ver só. E o seu quarto foi todo forrado de papel de parede.

— E há um quarto para Bazárov?

— Arranjaremos um lugar para ele.

— Por favor, papai, trate-o bem. Nem posso lhe dizer o quanto prezo a amizade de Bazárov.

— Faz muito tempo que você o conheceu?

— Pouco tempo.

— Pois é, no inverno passado eu não o vi. O que ele estuda?

— Seu interesse principal são as ciências naturais. Mas conhece tudo. Pretende tirar o diploma de médico no ano que vem.

— Ah, então está na faculdade de medicina — observou Nikolai Petróvitch, e ficou em silêncio. — Piotr — acrescentou, e estendeu a mão —, não são alguns dos nossos mujiques que vão ali?

Piotr voltou os olhos na direção indicada pelo patrão. Várias telegas, puxadas por cavalos sem freios, rolavam com ímpeto por uma estradinha estreita. Em cada telega, ia um mujique, no máximo dois, com casacos de pele desabotoados.

— São, sim — confirmou Piotr.

— Para onde estão indo, para a cidade?

— Para a cidade, é bem provável. Para a taberna — acrescentou com desdém, e inclinou ligeiramente a cabeça para o cocheiro, como se o invocasse por testemunha. Mas este nem se mexeu: era um homem de molde antigo, que não compartilhava as opiniões modernas.

— Neste ano, os mujiques me deram muita dor de cabeça — prosseguiu Nikolai Petróvitch, dirigindo-se ao filho. — Não pagam o tributo devido ao proprietário. O que se pode fazer?

— E você está satisfeito com seus trabalhadores assalariados?

— Estou — disse Nikolai Petróvitch, entre os dentes. — A triste verdade é que são instigados a trabalhar; dedicação verdadeira ainda não existe. Estragam os arreios. Por outro lado, não lavram mal a terra. Tudo há de se arranjar, teremos farinha. Acaso você pretende se dedicar aos afazeres agrícolas?

— Não há sombra aqui, isso é que dá pena — reparou Arkádi, sem responder à pergunta do pai.

— Mandei construir uma grande marquise por cima do terraço, no lado norte — respondeu Nikolai Petróvitch. — Agora podemos almoçar ao ar livre.

— Talvez fique um pouco parecido demais com uma datcha… mas não importa. Em compensação, como é excelente o ar daqui! Que cheiro delicioso! Francamente, acho que nenhum lugar do mundo tem um cheiro como o desta região! E que céu…

Arkádi parou de repente, lançou um olhar enviesado para trás e ficou mudo.

— É natural — comentou Nikolai Petróvitch —, você nasceu aqui e tudo deve lhe parecer um tanto especial…

— Mas, pai, o lugar em que um homem nasceu não tem a menor importância.

— No entanto…

— Não, não tem importância, absolutamente nenhuma.

Nikolai Petróvitch olhou de esguelha para o filho e a caleche avançou meia versta antes que a conversa entre eles recomeçasse.

— Não me recordo se lhe escrevi a respeito — começou Nikolai Petróvitch —, mas a sua antiga babá, a Egorovna, morreu.

— Será possível? Pobre velhinha! E o Prokófitch, está vivo?

— Vivo, e não mudou nada. O mesmo ranzinza de sempre. No geral, você não vai encontrar grandes mudanças em Márino.

— Está com o mesmo administrador de antes?

— O administrador foi, talvez, a única coisa que mudei. Resolvi não ter mais a meu serviço os ex-servos alforriados, ou pelo menos não lhes atribuir mais nenhuma função de alguma responsabilidade — Arkádi

apontou com os olhos para Piotr. — *Il est libre, en effet* —[1] fez notar Nikolai Petróvitch, a meia-voz. — Mas é apenas um camareiro. Agora temos um administrador oriundo da pequena burguesia: parece-me um moço sensato. Pago a ele duzentos e cinquenta rublos anuais. Aliás — acrescentou Nikolai Petróvitch, esfregando a testa e as sobrancelhas com a mão, o que nele era sempre um sinal de alguma perturbação interior —, há pouco eu lhe disse que não ia encontrar nenhuma mudança em Márino… Mas isso não é inteiramente justo. Acho que é meu dever prevenir você, mas…

Hesitou um instante e prosseguiu, agora em francês:

— Um moralista severo julgaria inoportuna a minha franqueza, mas, em primeiro lugar, não se pode escondê-la; em segundo lugar, você sabe muito bem, sempre tive ideias próprias no tocante às relações entre pai e filho. Na verdade, você naturalmente tem todo o direito de me censurar. Na minha idade… Em suma, essa… essa moça, a respeito da qual provavelmente você terá ouvido falar…

— Fiénetchka? — perguntou Arkádi, sem nenhum embaraço.

Nikolai Petróvitch ruborizou-se.

— Por favor, não pronuncie alto o nome dela… Bem, sim… ela agora mora comigo. Eu a instalei na casa… havia ali dois quartos pequenos. Pensando bem, tudo isso pode mudar.

— Ora, papai, e para quê?

— O seu amigo vai ficar hospedado conosco… é embaraçoso…

— Quanto ao Bazárov, por favor, não se incomode. Ele está acima dessas coisas.

— Mas e quanto a você, afinal? — perguntou Nikolai Petróvitch. — A casinha dos fundos é péssima, eis a triste verdade.

— Ora, papai — exclamou Arkádi —, você parece estar se desculpando; deveria se envergonhar disso.

— É claro, eu deveria me envergonhar disso — respondeu Nikolai Petróvitch, cada vez mais ruborizado.

— Chega, pai, chega, por favor! — Arkádi sorriu com carinho. “Que motivo para estar se desculpando!”, pensou ele, e um sentimento de ternura condescendente para com o pai bom e manso dominou sua alma, de mistura com a sensação de uma secreta superioridade. — Basta, por favor — repetiu outra vez, deleitando-se involuntariamente com a consciência de sua mentalidade avançada e de sua liberdade.

Nikolai Petróvitch olhou para o filho por baixo dos dedos da mão, que continuava a esfregar na testa, e uma pontada feriu seu coração… Mas ele imediatamente se recriminou por isso.

— Olhe, já chegamos aos nossos campos — avisou, após um longo silêncio.

— E lá adiante, não é a nossa floresta? — perguntou Arkádi.

— É, sim. Só que eu a vendi. Vai ser desmatada este ano.

— Por que a vendeu?

— Precisava de dinheiro; além do mais, essas terras serão entregues aos mujiques.

— Aqueles que não lhe pagam o tributo devido ao proprietário da terra?

— Isso já é problema deles; de resto, hão de pagar algum dia.

— Lamento pela floresta — comentou Arkádi, e se pôs a olhar em volta.

Os lugares por onde passavam não poderiam ser chamados de pitorescos. Campos e mais campos estendiam-se até o horizonte, ora se erguendo suavemente, ora baixando de novo; aqui e ali, avistavam-se pequenos bosques e serpenteavam ravinas semeadas de arbustos baixos e escassos, que traziam aos olhos uma recordação da sua própria imagem nos antigos

desenhos dos tempos de Catarina. Viam-se riachos com a terra das margens revolvida, tanques minúsculos com barragens deterioradas, pequenas aldeias com casebres baixos sob telhados escuros e, não raro, descobertos até a metade, barracões inclinados onde se debulhava o trigo, com paredes feitas de galhos trançados, porteiras escancaradas perto de eiras cobertas e abandonadas, igrejas, ora de tijolos, com o reboco já caído em vários pontos, ora de madeira, com cruzes tortas e cemitérios devastados. O coração de Arkádi encolheu-se um pouco. Como que de propósito, todos os mujiques que encontrava estavam esfarrapados e montavam pangarés deploráveis; como indigentes em andrajos, alguns salgueiros descascados e de galhos partidos margeavam a estrada; vacas descarnadas, enrugadas, como se fossem só pele e osso, tosavam esfomeadas o capim das valas. Era como se houvessem acabado de escapar de garras terríveis e mortíferas — e, despertado pelo aspecto lastimável das criaturas exauridas em meio àquele radioso dia de primavera, ergueu-se o espectro branco do inverno desolador e interminável, com suas tempestades de neve, de gelo e suas ondas de frio… “Não”, pensou Arkádi, “esta não é uma região rica, não impressiona nem pela fartura, nem pela dedicação ao trabalho; não é possível, não é possível que continue assim, reformas são imprescindíveis… mas como executá-las, como dar o primeiro passo?”

Assim refletia Arkádi — e, enquanto refletia, a primavera mostrava a que viera. Tudo em volta tinha um tom verde e dourado, tudo reluzia e ondeava com largueza e suavidade sob o bafejo cálido e sereno da aragem, tudo, árvores, arbustos e relva; as cotovias faziam correr, de todos os lados, intermináveis regatos sonoros; as ventoinhas ora gritavam, esvoaçando sobre prados planos, ora cruzavam rápido e em silêncio de um outeiro para outro; gralhas vagueavam, lançando belas manchas negras sobre o verdor delicado dos cereais de primavera, ainda baixos; elas desapareciam no

centeio, já ligeiramente esbranquiçado, e apenas de vez em quando mostravam a cabeça em meio às suas ondulações cor de fumo. Arkádi contemplava tudo e, esmorecendo aos poucos, suas reflexões se dissiparam… Despiu o capote militar, e, aos olhos do pai, surgiu um rapazinho tão alegre, tão juvenil que ele o abraçou mais uma vez.

— Agora já estamos perto — observou Nikolai Petróvitch —, basta subir aquela ladeira e veremos a casa. Com você, viveremos às mil maravilhas, Arkádi; pode me ajudar a administrar a propriedade, se isso não o aborrecer. Convém, daqui para a frente, que nos tornemos mais íntimos, que conheçamos muito bem um ao outro, não é verdade?

— Claro! — concordou Arkádi. — Mas que dia maravilhoso está fazendo!

— Em homenagem à sua chegada, meu filho querido. Sim, a primavera está no auge do seu esplendor. Aliás, concordo com Púchkin… lembra, em *Evguiêni Oniéguin*:

Que triste para mim é tua vinda,
Primavera, primavera, tempo do amor!
Que…

— Arkádi! — ressoou, da carruagem, a voz de Bazárov. — Arranje-me um fósforo, não tenho como acender o cachimbo!

Nikolai Petróvitch calou-se e Arkádi, que começara a ouvir o pai com certo espanto, mas não sem simpatia, apressou-se em tirar do bolso uma caixinha de fósforos feita de prata e, por intermédio de Piotr, a enviou para Bazárov.

— Quer um charuto? — gritou de novo Bazárov.

— Quero — respondeu Arkádi.

Piotr voltou para a caleche e, junto com a caixa de fósforos, entregou-lhe um charuto preto e grosso, o qual Arkádi se pôs a fumar sem demora,

espalhando à sua volta um cheiro tão forte e azedo de tabaco maduro que Nikolai Petróvitch, que nunca fumava, foi obrigado a virar o nariz para o lado, embora discretamente, a fim de não ofender o filho.

Quinze minutos depois, os dois carros paravam diante da varanda de uma casa nova, feita de madeira, pintada com tinta cinzenta e coberta por um telhado vermelho de ferro. Isso era Márino, também conhecido como Arraial Novo, ou, segundo os camponeses, Sítio do Solteirão.

---

1. Francês: “Ele é livre, de fato”.

4.

Nenhuma multidão de criados se derramou pela varanda ao encontro do seu senhor; surgiu apenas uma menina de uns doze anos e, atrás dela, veio de dentro da casa um rapazinho muito parecido com Piotr, vestido com a japona cinzenta de uma libré, com botões brancos e brasonados: o criado de Pável Petróvitch Kirsánov. Sem dizer nada, ele abriu a portinhola da caleche e desafivelou a capota da carruagem. Nikolai Petróvitch, seu filho e Bazárov atravessaram uma sala escura e quase vazia, por trás de cuja porta entreviram um rosto jovem de mulher, e seguiram para uma sala de estar, já decorada ao gosto moderno.

— Pronto, estamos em casa — disse Nikolai Petróvitch, retirando o quepe e sacudindo os cabelos. — O essencial agora é jantar e descansar.

— De fato, comer não seria má ideia — concordou Bazárov, soltando uma baforada do cachimbo e largando o corpo no sofá.

— Sim, sim, vamos jantar, e jantar sem demora. — Nikolai Petróvitch, sem nenhum motivo aparente, bateu com os pés no chão. — Por falar nisso, aí está o Prokófitch.

Entrou um homem de uns sessenta anos, de cabelos brancos, magro e queimado de sol, de casaca marrom com botões de cobre e um lencinho cor-

de-rosa no pescoço. Sorriu, beijou a mão de Arkádi e, depois de fazer uma reverência para o hóspede, recuou até a porta e pôs as mãos nas costas.

— Aí está ele, Prokófitch — começou Nikolai Petróvitch —, enfim, voltou para nós… E então? O que acha?

— Está com uma aparência ótima — respondeu o velho e sorriu de novo, mas imediatamente franziu as sobrancelhas espessas. — O senhor deseja que ponha a mesa? — perguntou, imponente.

— Sim, sim, por favor. Mas será que o senhor não gostaria de ir primeiro até o seu quarto, Evguiêni Vassílitch?

— Não, muito obrigado, não é preciso. Mande apenas levar minha maleta para o quarto, e estes trapos aqui também — acrescentou, despindo o casacão rústico.

— Muito bem. Prokófitch, leve o capote deles para dentro. — Prokófitch, como que aturdido, segurou com as duas mãos os "trapos" de Bazárov e, erguendo o casacão acima da cabeça, retirou-se na ponta dos pés. — E você, Arkádi, deseja ir ao seu quarto por um minuto?

— Sim, tenho de tirar a poeira da roupa — respondeu Arkádi e dirigiu-se para a porta mas, nesse instante, entrou na sala de estar um homem de estatura mediana, de terno inglês escuro, gravata baixa no rigor da moda e botinas de verniz: Pável Petróvitch Kirsánov. Aparentava uns quarenta e cinco anos; os cabelos grisalhos, curtos, de pontas arrepiadas, emitiam reflexos escuros, como prata nova; o rosto mal-humorado, mas sem rugas, tinha traços extraordinariamente regulares e distintos, como que entalhados por um cinzel fino e leve, exibindo sinais de uma beleza notável; em especial, eram belos seus olhos negros, brilhantes, alongados. Toda a figura do tio de Arkádi, elegante e nobre, conservava a graça da juventude e aquela aspiração de ir para o alto, para longe da terra, que na maior parte das pessoas desaparece depois dos vinte anos de idade.

Pável Petróvitch tirou do bolso da calça sua mão bonita, de unhas compridas e rosadas — mão que parecia ainda mais bela em contraste com o punho branco como neve, abotoado por uma única opala graúda, e a ofereceu ao sobrinho. Cumprido o preliminar *shake hands* à moda europeia, beijou três vezes o sobrinho, à moda russa, ou seja, roçou três vezes seus bigodes perfumados na face de Arkádi, e disse:

— Seja bem-vindo.

Nikolai Petróvitch apresentou-o a Bazárov; Pável Petróvitch inclinou ligeiramente o corpo flexível e sorriu de leve, mas não lhe ofereceu a mão, e até a enfiou de novo no bolso.

— Eu já estava achando que os senhores não viriam hoje — disse com voz agradável, balançando-se com simpatia, sacudindo os ombros e mostrando os lindos dentes brancos. — Aconteceu alguma coisa no caminho?

— Não houve nada — respondeu Arkádi. — Apenas nos atrasamos um pouco. Em compensação, agora estamos esfomeados como lobos. Mande o Prokófitch se apressar, papai, pois voltarei num minuto.

— Espere, vou com você — gritou Bazárov, levantando-se de um salto do sofá. Os dois jovens saíram.

— Quem é esse? — perguntou Pável Petróvitch.

— Um amigo de Arkádi e, segundo ele, um homem muito inteligente.

— Vai ficar hospedado em nossa casa?

— Vai.

— Esse cabeludo?

— Sim, ora essa.

Pável Petróvitch bateu com as unhas na mesa.

— Acho que Arkádi *s’est dégourdi* —[1] observou ele. — Estou contente com o seu regresso.

Durante o jantar, conversaram pouco. Bazárov, em especial, quase não falou, mas comeu bastante. Nikolai Petróvitch relatou diversos casos da sua vida de fazendeiro, como ele a chamava, comentou as anunciadas medidas do governo, os comitês, os deputados, a necessidade de introduzir o uso de máquinas etc. Pável Petróvitch ia e voltava, a passos lentos, pela sala de jantar (nunca jantava), de quando em quando sorvia um gole do seu cálice cheio de vinho tinto e, mais raramente ainda, emitia um ou outro comentário, ou antes alguma interjeição, como “ah, arrá, hum!”. Arkádi deu notícia de algumas novidades de São Petersburgo, mas sentia um certo constrangimento, do tipo que costuma afetar um jovem que acabou de deixar para trás sua condição de menino e volta ao lugar onde todos se habituaram a vê-lo e tratá-lo como criança. Sem necessidade, alongava seu discurso, evitava a palavra “papai” e, uma vez, até a substituiu pela palavra “pai”, pronunciada, no entanto, entre os dentes; com uma desenvoltura excessiva, enchia seu copo com muito mais vinho do que tinha vontade de beber, e bebia tudo. Prokófitch não tirava os olhos dele, limitando-se a mexer os lábios. Após o jantar, todos se separaram sem demora.

— Que tipo excêntrico, esse seu tio — disse Bazárov para Arkádi, sentando-se de roupão na beira da cama e fumando um cachimbo curto. — Tamanha elegância aqui no campo, quem diria! E aquelas unhas, as unhas deveriam estar expostas numa galeria!

— Você não pode imaginar — respondeu Arkádi —, mas ele foi um grande conquistador no seu tempo. Um dia vou lhe contar a história dele. Foi um belo homem, deixava as mulheres completamente loucas.

— Ah, então é isso! Em honra aos velhos tempos, às lembranças. Infelizmente, aqui não há ninguém para se deixar seduzir. Observei todos os detalhes: aquele colarinho assombroso, que mais parece de pedra, e o

queixo barbeado com todo o esmero. Arkádi Nikolaitch, não acha isso ridículo?

— Talvez, mas posso garantir que é um homem bom.

— Um fenômeno arcaico! Mas o seu pai é um bom sujeito. Lê poemas sem tirar deles nenhum proveito, e duvido que saiba como cuidar de uma propriedade rural, mas é um bom sujeito.

— Meu pai é um homem que vale ouro.

— Você notou que ele se sente acanhado?

Arkádi balançou a cabeça, como se ele mesmo não estivesse acanhado.

— Que coisa extraordinária — exclamou Bazárov —, esses velhos românticos! Domesticam seus sistemas nervosos até um estado de irritação… e com isso se rompe o equilíbrio entre os pratos da balança. Bem, boa noite! No meu quarto há um lavatório inglês, mas a porta não tranca. Mesmo assim, temos de reconhecer… um lavatório inglês, isso é um progresso!

Bazárov saiu e um sentimento de alegria tomou conta de Arkádi. Que prazer dormir na casa de sua família, na sua cama conhecida, sob cobertas feitas por mãos queridas, talvez as mãos da sua babá, aquelas mãos boas, carinhosas, incansáveis. Arkádi lembrou-se de Egorovna, suspirou e desejou a ela o Reino dos Céus… Não rezava para si mesmo.

Tanto ele como Bazárov adormeceram logo, mas outras pessoas na casa demoraram a dormir. A volta do filho deixou Nikolai Petróvitch agitado. Deitou-se na cama mas não apagou a vela e, com a cabeça apoiada na mão, entregou-se a longos pensamentos. Seu irmão ficou em seu escritório até muito depois da meia-noite, numa poltrona larga, diante da lareira onde o carvão de pedra ardia em fogo brando. Pável Petróvitch não trocou de roupa, apenas um par de pantufas chinesas vermelhas, abertas atrás, substituíram as botinas de verniz em seus pés. Segurava nas mãos o último

número do *Galignani*,[2] mas não lia; olhava fixamente para a lareira, onde, ora esmorecendo, ora se inflamando, uma chama azulada tremulava… Deus sabe por onde vagavam seus pensamentos; no entanto, não vagavam apenas pelo passado: a expressão do seu rosto era concentrada e sombria, o que não ocorre quando uma pessoa se ocupa só com recordações. E no quartinho dos fundos, sentada numa grande arca, com uma blusa azul sem mangas e um lenço branco sobre os cabelos escuros, estava uma jovem, Fiénetchka, que ora se punha a escutar, ora cochilava, ora espiava por uma porta aberta, atrás da qual se via um berço e se ouvia a respiração regular de um bebê que dormia.

---

1. Francês: "Está mais desembaraçado".

2. *Galignani's Messenger*, jornal liberal de língua inglesa, fundado pelo italiano G. A. Galignani e publicado em Paris a partir de 1804.

5.

Na manhã seguinte, Bazárov acordou antes de todos e foi passear ao ar livre. “Puxa!”, pensou ele, olhando em redor. “Lugarzinho sem graça, este aqui.” Quando Nikolai Petróvitch demarcou as terras dos camponeses, couberam a ele, para a nova casa senhorial, umas quatro dessiatinas de terreno completamente plano e nu. Construiu a casa, as dependências de serviço e as instalações da fazenda, plantou um pomar, cavou um tanque e dois poços; mas os arbustos jovens não vingaram, muito pouca água se acumulou no tanque e constatou-se que a água dos poços era salobra. Só um caramanchão de acácias e lilases cresceu o bastante; às vezes tomavam chá e almoçavam à sombra dele. Em poucos minutos, Bazárov percorreu todas as veredas do jardim, entrou no curral, na estrebaria, encontrou dois meninos da criadagem com os quais logo travou conhecimento e foi com eles a um pequeno pântano, a uma versta da casa senhorial, à caça de rãs.

— E para que o patrão quer rãs? — perguntou um dos meninos.

— Vou lhe explicar — respondeu Bazárov, que possuía uma habilidade especial para conquistar a confiança de pessoas de classe social inferior, embora nunca se mostrasse indulgente e as tratasse de forma descuidada. — Vou abrir a rã e espiar o que acontece dentro dela; e como as rãs são iguais

a nós, exceto pelo fato de andarmos sobre duas pernas, vou poder saber o que acontece dentro de nós.

— E para que quer saber isso?

— Para não cometer um erro, se você ficar doente e eu tiver de curá-lo.

— Então você é médico?

— Sou.

— Vaska, escute só isso, o patrão está dizendo que nós somos iguais às rãs. Que engraçado!

— Pois eu tenho medo de rãs — comentou Vaska, menino de uns sete anos, de cabeça branca como linho, casaco cinzento com gola levantada e pés descalços.

— Tem medo de quê? Por acaso elas mordem?

— Já para a água, vamos lá, seus filósofos — exclamou Bazárov.

Enquanto isso, Nikolai Petróvitch também acordou e foi ter com Arkádi, que já estava de pé e vestido. Pai e filho saíram para o terraço, sob a marquise; junto à balaustrada, sobre a mesa, entre grandes buquês de lilases, o samovar já fervia. Surgiu uma jovem, a mesma que na véspera fora a primeira a receber os recém-chegados na varanda, e perguntou com voz aguda:

— Fedóssia Nikoláievna não está se sentindo bem, não vai poder vir; mandou perguntar se o senhor se importa de servir o chá sozinho ou se prefere que ela mande vir a Duniacha.

— Eu mesmo sirvo, pode deixar — resolveu depressa Nikolai Petróvitch. — E você, Arkádi, como quer seu chá? Com creme ou com limão?

— Com creme — respondeu Arkádi e, depois de um momento calado, disse, em tom interrogativo: — Papai?

Confuso, Nikolai Petróvitch olhou para o filho.

— O que é? — indagou.

Arkádi baixou os olhos.

— Perdoe, papai, se minha pergunta lhe parecer inconveniente — começou. — Mas você mesmo, com sua franqueza de ontem, me estimula a usar da mesma franqueza… não vai zangar-se?

— Fale.

— Você me dá a coragem para lhe perguntar… Será que o motivo de Fen… será que o motivo de ela não vir servir o chá é a minha presença aqui?

Nikolai Petróvitch virou-se ligeiramente.

— Pode ser — respondeu, afinal. — Ela supõe que… Ela está com vergonha…

Arkádi ergueu os olhos para o pai.

— Não há razão para sentir vergonha. Em primeiro lugar, você conhece minha maneira de pensar — Arkádi sentiu um grande prazer em pronunciar estas palavras —, em segundo lugar, para que eu iria interferir, por pouco que fosse, na sua vida, nos seus hábitos? Além do mais, tenho certeza de que você não pode ter feito uma escolha ruim; se permitiu que ela viva com você sob o mesmo teto, é porque ela o merece; em todo caso, o filho não pode ser juiz do pai, muito menos eu, e muito menos com um pai assim, como você, que nunca e em nenhum assunto interferiu na minha liberdade.

A voz de Arkádi tremia no início: sentia-se generoso, mas ao mesmo tempo compreendia que estava dando uma espécie de sermão no seu pai; entretanto, o som de um discurso produz um forte efeito sobre a própria pessoa que fala, e Arkádi pronunciou as últimas palavras com firmeza, e até com ênfase.

— Obrigado, Arkádi — disse Nikolai Petróvitch, com voz abafada, e seus dedos correram de novo as sobrancelhas e a testa. — Suas suposições são de fato justas. Claro, se essa moça não merecesse… Não se trata de

nenhum capricho leviano. Sinto-me constrangido de falar com você sobre isso; mas você compreende como é difícil para ela vir aqui na sua presença, ainda mais no primeiro dia após a sua chegada.

— Nesse caso, eu mesmo vou falar com ela — exclamou Arkádi, num novo acesso de sentimentos generosos, e levantou-se de um salto da cadeira. — Vou explicar a ela que não há motivo para sentir-se envergonhada comigo.

Nikolai Petróvitch também se levantou.

— Arkádi — começou —, por favor… não é possível… lá… Eu não o preveni…

Mas Arkádi já não o ouvia e saíra às pressas do terraço. Nikolai Petróvitch seguiu-o com o olhar e, perturbado, deixou-se cair na cadeira. Seu coração começou a bater com força… Talvez, nesse momento, tenha se dado conta da estranheza inevitável das futuras relações entre ele e o filho, talvez tenha percebido que Arkádi lhe demonstraria mais respeito se não tocasse absolutamente naquele assunto, talvez tenha acusado a si mesmo de fraqueza — é difícil dizer. Todos esses sentimentos estavam presentes nele, mas na forma de sensações — e também estas eram confusas; mas as cores não lhe fugiram do rosto, e o coração batia.

Ouviram-se passos afobados e Arkádi entrou no terraço.

— Já nos conhecemos, pai! — exclamou, com uma terna e bondosa expressão de triunfo no rosto. — Fedóssia Nikoláievna de fato não está se sentindo muito bem hoje e virá mais tarde. Mas por que não me contou que tenho um irmão? Ontem à noite mesmo, eu o teria beijado muitas vezes, como acabei de fazer agora.

Nikolai Petróvitch pronunciou alguma coisa, quis levantar-se e abraçá-lo… Arkádi atirou-se aos braços do pai.

— O que é isso? Mais abraços? — ressoou atrás deles a voz de Pável Petróvitch.

Pai e filho se alegraram igualmente com a chegada de Pável naquele instante; há situações comoventes das quais, apesar de tudo, desejamos nos ver livres o mais depressa possível.

— Por que se admira? — exclamou com alegria Nikolai Petróvitch. — Há séculos que espero o regresso de Arkádi… Desde ontem, ainda não tive tempo de olhar bem para ele.

— Não estou nem um pouco admirado — comentou Pável Petróvitch. — Eu mesmo gostaria de lhe dar um abraço.

Arkádi aproximou-se do tio e de novo sentiu nas faces o toque de seus bigodes perfumados. Pável Petróvitch sentou-se à mesa. Vestia um elegante terno matinal, ao estilo inglês; um pequeno fez lhe adornava a cabeça. Esse fez e uma gravatinha com um nó descuidado denotavam a liberdade da vida no campo; mas o colarinho duro da camisa, que de fato não era branca mas sim colorida, também segundo a norma da toalete matinal, tocava, com a severidade de costume, o queixo barbeado.

— Onde está o seu novo amigo? — perguntou para Arkádi.

— Não está em casa; costuma levantar cedo e caminhar sem rumo. O importante é não prestar atenção nele: não gosta de cerimônias.

— Sim, dá para notar. — Pável Petróvitch, sem pressa, começou a passar manteiga no pão. — Ele vai ficar hospedado aqui muito tempo?

— Depende. Está a caminho da casa do pai.

— E onde o pai mora?

— Na nossa província, a umas oitenta verstas daqui. Tem lá uma pequena propriedade. Foi médico no Exército.

— Ora, ora, ora, ora… E eu me perguntava o tempo todo: onde já ouvi este sobrenome: Bazárov? Nikolai, você se lembra que na divisão do nosso

pai havia um médico chamado Bazárov?

— Parece que havia.

— Aí está, aí está. Então aquele médico é o pai dele. Hmm! — Pável Petróvitch cofiou os bigodes. — Pois bem, e o próprio sr. Bazárov, o que ele é precisamente? — perguntou com voz pausada.

— O que Bazárov é? — sorriu Arkádi. — Tio, o senhor quer que eu lhe diga o que ele é, precisamente?

— Faça-me esse favor, meu sobrinho.

— É um niilista.

— Como? — perguntou Nikolai Petróvitch, enquanto Pável Petróvitch se punha imóvel, a faca erguida no ar com um pouco de manteiga na ponta da lâmina.

— Ele é um niilista — repetiu Arkádi.

— Niilista — disse Nikolai Petróvitch. — Vem do latim *nihil*, nada, até onde posso julgar; portanto essa palavra designa uma pessoa que… que não admite nada?

— Digamos: que não respeita nada — emendou Pável Petróvitch e novamente se pôs a passar manteiga no pão.

— Aquele que considera tudo de um ponto de vista crítico — observou Arkádi.

— E não é a mesma coisa? — indagou Pável Petróvitch.

— Não, não é a mesma coisa. O niilista é uma pessoa que não se curva diante de nenhuma autoridade, que não admite nenhum princípio aceito sem provas, com base na fé, por mais que esse princípio esteja cercado de respeito.

— E o que há de bom nisso? — interrompeu Pável Petróvitch.

— Depende, titio. Para uns é bom, mas para outros é péssimo.

— Está muito bem. Mas, pelo que vejo, isso nada tem a ver conosco. Somos gente do tempo antigo, acreditamos que, sem princípios — Pável Petróvitch pronunciava essa palavra com suavidade, ao estilo francês, ao passo que Arkádi, ao contrário, a pronunciava à maneira russa, "príntsip", acentuando a primeira sílaba —, sem princípios aceitos, como você diz, com base na fé, não se pode dar nem um passo, nem mesmo respirar. *Vous avez changé tout cela*,[1] que Deus lhes dê saúde e o posto de general, mas, quanto a nós, nos contentaremos em admirar as futuras realizações dos senhores, os… como os chamou?

— Niilistas — pronunciou com clareza Arkádi.

— Sim. Antes, foram os hegelianistas e agora são os niilistas. Veremos como os senhores vão viver no vácuo, no espaço sem ar; e agora, por favor, me perdoe, meu irmão Nikolai Petróvitch, está na hora de beber o meu cacau.

Nikolai Petróvitch tocou a campainha e gritou:

— Duniacha!

Mas, em vez de Duniacha, a própria Fiénetchka entrou no terraço. Era uma mulher jovem, de uns vinte e três anos, muito branca e dócil, de cabelos e olhos escuros, lábios vermelhos, infantis e carnudos, e mãozinhas delicadas. Trajava um vestido de chita bem cuidado; um lenço azul e novo lhe pendia com leveza sobre os ombros redondos. Trazia uma grande xícara de cacau e, depois de colocá-la diante de Pável Petróvitch, sentiu-se muito encabulada: o sangue quente afluiu numa onda escarlate por baixo da pele fina do seu rosto gracioso. Baixou os olhos e ficou parada junto à mesa, apoiando-se de leve na pontinha dos dedos. Parecia envergonhada por ter vindo mas, ao mesmo tempo, sentia como se tivesse o direito de vir.

Pável Petróvitch franziu as sobrancelhas com severidade, ao passo que Nikolai Petróvitch se perturbou.

— Bom dia, Fiénetchka — disse este, entre os dentes.

— Bom dia, senhor — respondeu a moça em voz baixa mas sonora e, depois de ter olhado de esguelha para Arkádi, que lhe sorria com simpatia, saiu de mansinho. Tinha um passo um pouco bamboleante, mas até isso lhe ficava bem.

No terraço, durante alguns momentos, reinou o silêncio. Pável Petróvitch sorveu o cacau e, de repente, ergueu a cabeça.

— Eis que o senhor niilista vem ao nosso encontro — anunciou a meia-voz.

De fato, pelo jardim, pisando sobre os canteiros, vinha Bazárov. Seu casaco de linho e suas calças estavam sujos de barro; uma pegajosa planta do pântano enlaçava a copa do chapéu velho e redondo; trazia um pequeno saco na mão direita; dentro do saco, remexia-se algo vivo. Aproximou-se rapidamente do terraço e, com um meneio da cabeça, falou:

— Bom dia, senhores; perdoem meu atraso para o chá, volto num instante; preciso arranjar um lugar para estes prisioneiros.

— O que tem aí dentro, sanguessugas? — perguntou Pável Petróvitch.

— Não, rãs.

— O senhor come ou cria rãs?

— São para experiências — respondeu Bazárov, impassível, e entrou na casa.

— Ele vai retalhá-las — comentou Pável Petróvitch. — Não crê em princípios, mas acredita em rãs.

Arkádi fitou o tio com pena, e Nikolai Petróvitch, num gesto furtivo, encolheu os ombros. O próprio Pável Petróvitch sentiu que o gracejo fora infeliz e passou a falar da fazenda e do novo administrador, que na véspera viera queixar-se a ele de que um trabalhador chamado Fomá era um “encrenqueiro” e um desobediente.

— Ele é uma espécie de Esopo —[2] dissera o administrador, entre outras coisas. — Proclama em toda parte que é um homem ruim; fica um tempo num lugar e vai embora por qualquer bobagem.

---

1. Francês: “Os senhores mudaram tudo”.

2. Em russo, na época, a palavra designava escritor ou pessoa que usava alegorias para dizer coisas desagradáveis ou para escapar da censura. Na literatura, isso era chamado de “linguagem esópica”.

6.

Bazárov sentou-se à mesa e se pôs a beber o chá, às pressas. Os dois irmãos o olhavam em silêncio enquanto Arkádi, furtivamente, observava ora o pai, ora o tio.

— O senhor foi longe daqui? — perguntou, enfim, Nikolai Petróvitch.

— Há um pântano aqui, perto do bosque de álamos. Tirei da toca cinco boas galinholas; você poderia caçá-las, Arkádi.

— E o senhor não caça?

— Não.

— Quer dizer então que o senhor estuda física, não é? — perguntou Pável Petróvitch.

— Sim, física; ciências naturais, em geral.

— Dizem que os germânicos, nos últimos tempos, alcançaram grandes êxitos nesse campo.

— Sim, os alemães são nossos mestres nesse terreno — respondeu Bazárov, com ar negligente.

Pável usou a palavra "germânicos", em lugar de "alemães", para dar um toque de ironia, que no entanto ninguém notou.

— O senhor tem uma opinião tão elevada assim a respeito dos alemães? — indagou Pável Petróvitch, com um requinte de cortesia. Começava a

sentir uma irritação secreta. A total falta de cerimônia de Bazárov indignava sua natureza aristocrática. Aquele filho de um simples médico não só não se intimidava como respondia com secura e de má vontade; além disso, no som da sua voz havia algo rude, quase insolente.

— Os sábios daquelas terras são gente muito ativa.

— Sim, sim. Mas suponho que, quanto aos sábios russos, o senhor não tenha uma opinião tão lisonjeira, não é?

— Pode ser.

— É um desprendimento muito louvável — declarou Pável Petróvitch, aprumando o corpo e inclinando a cabeça para trás. — Mas é verdade, como Arkádi Nikolaitch nos disse há pouco, que o senhor não reconhece nenhuma das autoridades? O senhor não crê nelas?

— Por que haveria de reconhecê-las? E em que vou acreditar? Quando me dizem alguma coisa que preste, eu concordo, e pronto.

— E acaso os alemães sempre dizem coisas que prestam? — retrucou Pável Petróvitch, e seu rosto tomou uma expressão tão indiferente, tão distante, que ele parecia ter se retirado para as alturas, acima das nuvens.

— Nem todos — respondeu Bazárov, com um curto bocejo, obviamente desinteressado em continuar o debate.

Pável Petróvitch lançou um olhar para Arkádi, como se quisesse dizer: “Bem-educado, este seu amigo, temos de reconhecer”.

— No que me diz respeito — retomou ele, não sem um certo esforço —, eu, pecador que sou, não aprecio os alemães. Não me refiro aos alemães russos: sabemos que tipo de criatura são eles. Mas os alemães propriamente ditos não me agradam. Os antigos ainda prestavam para alguma coisa; na época, ainda tinham um Schiller aqui, um Goethe ali… Meu irmão, por exemplo, os tem em alta conta… Mas agora vieram todos esses químicos e materialistas…

— Um químico honesto é vinte vezes mais útil do que qualquer poeta — interrompeu Bazárov.

— Muito bem — declarou Pável Petróvitch, erguendo bem de leve as sobrancelhas, como se estivesse prestes a pegar no sono. — Portanto o senhor não reconhece a arte?

— A arte de ganhar dinheiro ou de não ter mais hemorroidas! —[1] exclamou Bazárov, com um sorrisinho debochado.

— Muito bem, muito bem. Vejo que o senhor prefere fazer troça. Quer dizer, então, que o senhor rejeita tudo? Vamos admitir que seja assim. Nesse caso, o senhor só acredita na ciência?

— Já expliquei ao senhor que não acredito em coisa alguma; e o que é a ciência, a ciência em geral? Existem as ciências, como há os ofícios, as técnicas; mas a ciência em geral simplesmente não existe.

— Pois muito bem. Mas, no tocante a outras normas aceitas pelos costumes humanos, o senhor apoia essas mesmas diretrizes negativas?

— O que é isto, um interrogatório? — perguntou Bazárov.

Pável Petróvitch empalideceu ligeiramente… Nikolai Petróvitch julgou conveniente intervir na discussão.

— Teremos oportunidade de conversar sobre este assunto com mais detalhes num outro dia, meu caro Evguiêni Vassílitch; saberemos a sua opinião e apresentaremos também a nossa. De minha parte, fico muito contente que o senhor se dedique às ciências naturais. Ouvi dizer que Liebig fez descobertas espantosas relativas à fertilização da terra. O senhor poderá me ajudar em minhas atividades agronômicas; poderá me dar algum conselho útil.

— Estou a seu dispor, Nikolai Petróvitch. Mas estamos muito distantes de Liebig! É preciso aprender o alfabeto antes de começar a ler um livro, e nós ainda nem passamos pelo beabá.

“Ora, estou vendo que você é de fato um niilista”, pensou Nikolai Petróvitch.

— Mesmo assim, permita que eu recorra ao senhor quando houver oportunidade — acrescentou, em voz alta. — E agora, meu irmão, creio que está na hora de termos uma conversa com o administrador.

Pável ergueu-se da cadeira.

— Sim — disse ele, sem olhar para ninguém. — Não é nada bom passar cinco anos no campo, longe das grandes inteligências! Fica-se cada vez mais idiota. Tenta-se, com esforço, não esquecer aquilo que se aprendeu, mas, de repente, zás! Descobre-se que tudo não passa de tolice, que as pessoas capazes não estudam mais essas ninharias e que você, pelo que dizem, é um palerma ultrapassado. O que fazer? Não resta dúvida, a juventude é de fato mais inteligente do que nós.

Pável Petróvitch virou-se lentamente sobre os saltos dos sapatos e retirou-se devagar; Nikolai Petróvitch seguiu-o.

— Puxa, ele é sempre assim? — perguntou friamente Bazárov para Arkádi, assim que a porta se fechou atrás dos dois irmãos.

— Escute, Evguiêni, você o tratou de modo demasiado ríspido — observou Arkádi. — Você o ofendeu.

— Ah, é? Pois não conte comigo para cobrir de mimos esses aristocratas de província! Não passam de puro pedantismo, todas essas maneiras presunçosas e soberbas. Por que ele não prosseguiu suas atividades em São Petersburgo, se eram tanto do seu agrado? Pensando bem, vamos deixá-lo em paz! Encontrei um exemplar de um besouro bastante raro, *Dysticus marginatus*, conhece? Vou mostrá-lo a você.

— Prometi lhe contar a história dele — começou Arkádi.

— A história do besouro?

— Vamos, já chega, Evguiêni. A história do meu tio. Vai ver como não é a pessoa que você imagina. É digno de compaixão, mais que de zombaria.

— Não discuto isso; mas por que você tem tanta simpatia por ele?

— Temos de ser justos, Evguiêni.

— Qual a relação de uma coisa com a outra?

— Não, escute…

E Arkádi contou a história do tio. O leitor a encontrará no capítulo seguinte.

---

1. Referência a dois livros de fama polêmica e anedótica, na época: *A arte de ganhar dinheiro de maneira simples, agradável e acessível a todos* (1849), de M. Rothschild; e *Livre-se das hemorroidas!*, do alemão Doktor Mackenzie (1846).

7.

Pável Petróvitch Kirsánov foi inicialmente educado em casa, da mesma forma que seu irmão menor Nikolai, e depois no corpo de cadetes. Desde a infância, distinguiu-se pela notável beleza; além disso, era confiante, um pouco zombeteiro e de espírito um tanto mordaz — era impossível não gostar dele. Começou a ser visto em toda parte assim que se tornou oficial. Vivia cercado de atenções e ele mesmo se cobria de mimos, a ponto de mostrar-se caprichoso e fazer-se de rogado; mas até isso lhe ficava bem. As mulheres perdiam a cabeça por ele, os homens o julgavam presunçoso e, em segredo, o invejavam. Como já foi dito, morava num apartamento com o irmão, a quem amava com sinceridade, embora os dois não se parecessem nem um pouco. Nikolai Petróvitch mancava ligeiramente, tinha as feições discretas, agradáveis, mas um pouco melancólicas, pequenos olhos pretos e cabelos ralos e macios; gostava de ficar à toa, mas também gostava de ler e tinha medo da sociedade. Pável Petróvitch não passava nem uma noite em casa, tornou-se célebre por sua valentia e por sua agilidade (introduziu a moda da ginástica entre a juventude mundana) e não lera até o fim mais do que cinco ou seis livros franceses. Aos vinte e oito anos de idade, já era capitão; uma carreira brilhante o aguardava. De repente, tudo mudou.

Naquela época, de quando em quando, surgia na sociedade petersburguesa certa mulher que ainda hoje é lembrada, a princesa R. Seu marido era um homem bem-educado e correto, mas um tanto tolo, e não tinha filhos. Ela partia subitamente para o exterior, de súbito voltava à Rússia, levava uma vida bastante estranha. Tinha fama de coquete e leviana, entregava-se com entusiasmo a todo tipo de prazer, dançava até não poder mais, ria e caçoava com os rapazes que recebia, antes do jantar, na penumbra da sala de estar, e de noite chorava e rezava, não encontrava tranquilidade em parte alguma e muitas vezes ficava agitada, no seu quarto, até de manhã, retorcia as mãos de angústia ou se punha, muito pálida e fria, diante do livro dos salmos. Mal nascia a manhã, ela se transformava de novo em uma dama mundana, de novo saía de casa, ria, falava muito e como que se atirava a tudo o que pudesse proporcionar-lhe o mínimo divertimento. Tinha uma aparência assombrosa; sua trança cor de ouro e pesada como ouro descia até abaixo dos joelhos, mas ninguém a chamaria de uma beldade; no rosto inteiro, o único traço bonito eram os olhos, e nem mesmo os olhos, propriamente ditos — cinzentos e miúdos —, mas sim o seu olhar vivaz, profundo, desembaraçado até a audácia e pensativo até o desalento — um olhar enigmático. Algo fora do comum rebrilhava nesse olhar, mesmo quando sua língua tagarelava as frases mais vazias. Vestia-se de modo refinado. Pável Petróvitch encontrou-a num baile, dançou com ela a mazurca, durante a qual a princesa nada disse de significativo, e apaixonou-se com ardor por aquela mulher. Habituado às conquistas, também nesse caso ele rapidamente alcançou seu objetivo; mas a facilidade do triunfo não esfriou o seu ânimo. Ao contrário: sentiu-se ainda mais atormentado, ainda mais apegado àquela mulher, que mesmo quando se entregava de forma inapelável ainda mantinha algo de proibido e inacessível, que ninguém conseguia penetrar. O que se abrigava nessa alma

— só Deus sabe! Parecia encontrar-se sob o poder de forças secretas que ela mesma desconhecia e que brincavam com ela como bem entendiam; sua reduzida inteligência não conseguia fazer face aos caprichos daquelas forças. Toda a conduta da princesa apresentava uma série de incongruências; as únicas cartas que poderiam suscitar suspeitas justificadas ao marido, ela as escreveu para um homem que lhe era quase um estranho, e seu amor tinha um ressaibo de tristeza; já não ria nem brincava com o seu eleito, ouvia-o e olhava-o com perplexidade. Algumas vezes, e em geral subitamente, essa perplexidade se convertia em horror; o rosto adquiria um aspecto fúnebre e cruel; trancava-se no quarto, e sua criada, apertando a orelha contra a fechadura, podia ouvir seus soluços abafados. Não raro, ao voltar para casa depois de um encontro amoroso, Kirsánov sentia no coração esse desgosto amargo e dilacerante que sobe no peito após um fracasso definitivo. "O que mais hei de querer, ainda?", perguntava-se, e o coração doía. Certa vez, deu a ela um anel com uma esfinge entalhada em pedra preciosa.

— O que é isso? — perguntou ela. — Uma esfinge?

— Sim — respondeu —, e essa esfinge é a senhora.

— Eu? — perguntou e, lentamente, ergueu para ele seu olhar enigmático. — O senhor, porventura, sabe como isto muito me lisonjeia? — acrescentou, com um sorriso vago, enquanto os olhos mantinham a mesma expressão estranha.

Pável Petróvitch padecia até mesmo quando a princesa R o amava; mas quando se tornou fria com ele, e isso aconteceu bem cedo, quase enlouqueceu. Atormentava-se e sentia ciúmes, não dava sossego a ela, perseguia-a por toda parte; essa perseguição obsessiva a importunava e a princesa partiu para o exterior. Ele pediu desligamento do Exército, não obstante os apelos dos companheiros e as exortações dos superiores, e

partiu no encalço da princesa; passou cerca de quatro anos em terras estrangeiras, ora correndo atrás dela, ora resolvido a perdê-la de vista; sentia vergonha de si mesmo, indignava-se com a própria covardia… mas era tudo inútil. A imagem da mulher, essa imagem incompreensível, quase absurda, mas fascinante, estava arraigada na sua alma de forma demasiado profunda. Em Baden, de algum modo, conseguiu unir-se a ela, como antes; parecia que até então ela nunca o amara tanto… mas, após um mês, tudo estava acabado: a chama ardeu pela última vez e apagou-se para sempre. Pressentindo uma separação inevitável, ele quis pelo menos continuar seu amigo, como se fosse possível a amizade com uma mulher assim… Ela deixou Baden às escondidas e, a partir de então, evitou Kirsánov resolutamente. Ele voltou para a Rússia, tentou levar a mesma vida de antes, mas já não conseguia retomar o velho ânimo. Como alguém embriagado, vagava de um lugar para outro; ainda tinha vida social, conservava todos os costumes de um homem mundano, podia gabar-se de duas ou três novas conquistas; porém já não esperava mais nada de especial, nem de si, nem dos outros, e não empreendia coisa alguma. Envelheceu, ficou grisalho; passar as noites no clube, entediar-se mortalmente, discutir com indiferença num círculo de solteirões, tudo isso tornou-se uma necessidade para ele — um mau sinal, como se sabe. Sobre casamento, é claro, nem pensava. Dez anos se passaram da forma mais incolor, estéril e rápida, terrivelmente rápida. Em lugar algum o tempo corre como na Rússia; dizem que na prisão ele corre ainda mais. Certo dia, no clube, após a refeição, Pável Petróvitch recebeu a notícia da morte da princesa R. Havia falecido em Paris, num estado próximo da loucura. Ele se ergueu da mesa, caminhou demoradamente pelas salas do clube, até deter-se, como que pregado ao chão, próximo aos jogadores de cartas, mas não voltou para casa mais cedo que de costume. Após algum tempo, recebeu um pacote,

endereçado a ele: dentro estava o anel que dera à princesa. Ela havia traçado sobre a esfinge um risco em forma de cruz e mandava dizer a ele que a solução do enigma era esta: a cruz.

Isso aconteceu no início de 1848, na mesma ocasião em que Nikolai Petróvitch, depois de perder a esposa, chegava a São Petersburgo. Pável Petróvitch quase não via o irmão desde que este fora viver no campo: o casamento de Nikolai Petróvitch coincidira com os primeiros dias do contato entre Pável Petróvitch e a princesa. Ao voltar do exterior, foi ao encontro do irmão a fim de passar uns dois meses em sua casa, admirar sua felicidade, mas partiu após uma semana apenas. As diferenças na situação dos dois irmãos eram grandes demais. No ano de 1848, essas diferenças diminuíram: Nikolai Petróvitch perdera a esposa, Pável Petróvitch perdera suas recordações; após a morte da princesa, esforçou-se para não pensar nela. Mas em Nikolai persistia o sentimento de ter levado a vida de forma correta, e o filho crescia diante dos seus olhos; Pável, ao contrário, solteiro e sozinho, ingressava naquela fase indefinida, crepuscular, um tempo de desgostos semelhantes a esperanças, de esperanças semelhantes a desgostos, quando a juventude já ficou para trás mas a velhice ainda não começou.

Esse tempo era mais difícil para Pável Petróvitch do que para qualquer outro; tendo perdido seu passado, ele perdera tudo.

— Não o convido a vir a Márino — disse-lhe, certa vez, Nikolai Petróvitch (batizara sua propriedade com esse nome em homenagem à esposa) — porque você já achou maçante ficar lá quando minha esposa estava viva, e agora, então, imagino que vá morrer de tédio.

— Eu era tolo e inquieto, na época — respondeu Pável Petróvitch. — De lá para cá, me acalmei, talvez tenha criado juízo. Agora, ao contrário, se você permitir, estou disposto a ir morar com você, para sempre.

Em lugar de responder, Nikolai Petróvitch abraçou-o; mas, após essa conversa, meio ano se passou antes que Pável Petróvitch resolvesse cumprir seu intento. Em compensação, uma vez instalado no campo, não se afastou de lá nem durante aqueles três invernos que Nikolai Petróvitch passou em São Petersburgo, com o filho. Começou a ler, sobretudo em inglês; organizou sua vida inteiramente à maneira dos ingleses, raramente via os vizinhos e só saía nas eleições, ocasião em que se mantinha calado na maior parte do tempo, exceto para provocar e assustar os senhores de terra mais antiquados com tiradas liberais, mas tampouco se aproximava dos representantes da nova geração. Tanto estes como aqueles o consideravam arrogante; tanto estes como aqueles o respeitavam por suas maneiras distintas e aristocráticas, pelos rumores acerca de suas conquistas; por andar muito bem-vestido e sempre se hospedar no melhor quarto do melhor hotel; por sempre comer bem e por, certa vez, ter até jantado com Wellington e Luís Filipe; por levar sempre consigo, aonde quer que fosse, um estojo de toalete feito de prata legítima e uma banheira portátil; por exalar aromas incomuns, de perfumes assombrosamente "aristocráticos"; por jogar o uíste com maestria e sempre perder; enfim, respeitavam-no também por sua honestidade irrepreensível. As damas o consideravam um melancólico encantador, mas ele nada queria com as damas…

— Vê agora, Evguiêni — declarou Arkádi, concluindo seu relato —, como está sendo injusto com o meu tio? E isso sem falar que, por diversas vezes, livrou meu pai de dificuldades, deu-lhe todo o dinheiro que tinha. Esta propriedade, talvez você ignore, não foi dividida entre os dois. Mesmo assim ele tem sempre prazer em ajudar e, aliás, em todas as situações toma o partido dos camponeses; é bem verdade que, quando fala com eles, franze o rosto e aspira água-de-colônia…

— Não há dúvida: nervos — interrompeu Bazárov.

— Talvez, mas tem um ótimo coração. E está longe de ser tolo. Quantos conselhos úteis já me deu… sobretudo… sobretudo no que se refere às relações com as mulheres.

— Ahá! Gato escaldado tem medo de água fria. A velha história!

— Bem, em resumo — prosseguiu Arkádi —, é um homem profundamente triste, acredite em mim; desprezá-lo não é justo.

— E quem o está desprezando? — retrucou Bazárov. — No entanto devo dizer que uma pessoa que pôs sua vida em jogo por causa do amor de uma mulher e que, ao ver que havia perdido a aposta, deixou-se abater e decaiu a ponto de não ser mais capaz de nada, essa pessoa não é um homem, não tem brios. Você diz que ele é infeliz: não duvido, mas nem todas as minhocas saíram da sua cabeça. Estou convencido de que ele se considera, a sério, um homem útil porque lê seu jornalzinho *Galignani* e, uma vez por mês, salva um mujique do chicote.

— Mas leve em conta a educação que ele recebeu e a época em que viveu — observou Arkádi.

— Educação? — repetiu Bazárov. — Todo homem deve educar-se a si mesmo… como eu, por exemplo… E, quanto à época, por que eu deveria depender dela? É melhor que a época dependa de mim. Não, meu caro, tudo isso é leviandade, frivolidade! E o que são essas misteriosas relações entre homem e mulher? Nós, fisiologistas, sabemos que relações são essas. Estude a fundo a anatomia do olho: de onde vem esse olhar enigmático, como você o chamou? Tudo isso é puro romantismo, fantasia, podridão, belas-artes. É muito melhor irmos examinar o besouro.

E os dois amigos encaminharam-se para o quarto de Bazárov, onde já se fazia sentir um certo aroma médico-cirúrgico, misturado a um cheiro de tabaco barato.

8.

Pável Petróvitch não presenciou por muito tempo a conversa do irmão com o administrador, homem alto e magro, de voz melíflua e tísica e olhos marotos, que a todas as observações de Nikolai Petróvitch respondia: “Por favor, senhor, sei muito bem disso”, e se esforçava para pintar os mujiques como bêbados e ladrões. Organizada de uma maneira nova pouco tempo antes, a fazenda rangia como uma roda de carroça sem graxa, estalava como mobília feita em casa com madeira ainda verde. Nikolai Petróvitch não perdia o ânimo, mas não raro suspirava e se punha melancólico: percebia que, sem dinheiro, o negócio não iria em frente, e quase todo o seu dinheiro sumira. Arkádi dissera a verdade: Pável Petróvitch, em várias ocasiões, tinha ajudado o irmão; em várias ocasiões, ao ver como o irmão se afligia e quebrava a cabeça em busca de uma saída, Pável Petróvitch aproximava-se devagar da janela e, com as mãos enfiadas nos bolsos, balbuciava entre os dentes: “*Mais je puis vous donner de l’argent*”,[1] e lhe dava o dinheiro; mas agora nem ele tinha mais dinheiro e preferiu afastar-se. Os assuntos da fazenda o entediavam; de mais a mais, parecia-lhe constantemente que Nikolai Petróvitch, apesar do seu zelo e da sua dedicação ao trabalho, não agia da forma devida; no entanto, não saberia apontar com exatidão em que Nikolai Petróvitch estava errado. “Meu irmão não é prático o bastante”,

refletia consigo mesmo, “os outros o enganam.” Nikolai Petróvitch, ao contrário, tinha em alta conta o senso prático de Pável Petróvitch e sempre lhe pedia conselhos.

— Sou um homem dócil, fraco, passei a vida metido neste fim de mundo — dizia ele. — Já você, não foi à toa que conviveu com tanta gente, conhece bem as pessoas: tem olhos de águia.

Em resposta a essas palavras, Pável Petróvitch simplesmente dava as costas, mas não contradizia o irmão.

Depois de deixar Nikolai Petróvitch no escritório, ele seguiu pelo corredor que separava a frente da casa da parte dos fundos e, ao chegar a uma porta baixa, parou e se pôs a refletir, remexeu os bigodes e bateu à porta.

— Quem é? Pode entrar — ressoou a voz de Fiénetchka.

— Sou eu — respondeu Pável Petróvitch e abriu a porta.

Fiénetchka levantou-se de um salto da cadeira em que estava com seu bebê e, depois de entregá-lo às mãos de uma jovem que imediatamente o levou para fora do quarto, ajeitou às pressas o lenço na cabeça.

— Perdoe, se a incomodei — começou Pável Petróvitch, sem olhar para ela. — Queria apenas pedir à senhora… hoje, ao que parece, vão mandar alguém à cidade… por favor, peça que comprem chá verde para mim.

— Pois não, senhor — respondeu Fiénetchka. — Quanto quer que comprem?

— Meia libra será o bastante, muito obrigado. Mas vejo que a senhora fez mudanças aqui — acrescentou, lançando em redor um rápido olhar, que passou ligeiro também pelo rosto de Fiénetchka. — Pôs cortinas — observou, vendo que ela não o compreendera.

— Sim, senhor, cortinas. Nikolai Petróvitch nos deu, mas já estão penduradas aí faz muito tempo.

— Pois é, faz muito tempo que não venho ao quarto da senhora. Agora, está muito bem instalada aqui.

— Graças à bondade de Nikolai Petróvitch — sussurrou Fiénetchka.

— A senhora está melhor aqui do que na casinha dos fundos, onde estava antes? — perguntou Pável Petróvitch com cortesia, mas sem o mais leve sorriso.

— Claro, é melhor, senhor.

— Quem está na casinha no lugar da senhora?

— As lavadeiras moram lá agora.

— Ah!

Pável Petróvitch ficou em silêncio. “Agora vai sair”, pensou Fiénetchka, mas ele não saiu e a moça ficou diante dele como que pregada ao chão, revirando os dedos bem de leve.

— Por que a senhora mandou retirarem o bebê do quarto? — disse, enfim, Pável Petróvitch. — Adoro crianças; por favor, deixe-me vê-lo.

Fiénetchka ruborizou-se, de constrangimento e de alegria. Temia Pável Petróvitch: quase nunca falava com ela.

— Duniacha — gritou. — A senhora pode trazer o Mítia aqui? — Fiénetchka tratava todos em casa de senhor e senhora. — Ou melhor, espere um pouco; é preciso vesti-lo antes.

Fiénetchka caminhou para a porta.

— Isso não tem importância — fez ver Pável Petróvitch.

— Volto num minuto — respondeu Fiénetchka, e saiu ligeiro.

Pável Petróvitch ficou sozinho e dessa vez olhou em redor com uma atenção especial. O quarto pequeno e de teto baixo em que se encontrava era muito limpo e acolhedor. Sentia-se o aroma de assoalho recém-pintado, de camomila e de erva-cidreira. Ao longo das paredes, havia cadeiras com o encosto em forma de lira; tinham sido compradas na Polônia ainda pelo

falecido general, na época em que estava em campanha; num canto, erguia-se uma caminha sob um mosquiteiro de musselina, ao lado de um baú guarnecido com chapas de ferro e de tampo arredondado. No canto oposto, ardia uma lamparina votiva diante de um grande e escuro ícone de são Nicolau Milagreiro; um ovinho minúsculo, de porcelana, pendia no peito do santo em uma fita vermelha presa à auréola; nas janelas, vidros de doces em calda do ano anterior, cuidadosamente vedados, deixavam transparecer um brilho esverdeado; nas tampas de papel, a própria Fiénetchka escrevera, com letras graúdas: “gruselinhas”. Nikolai Petróvitch gostava especialmente daquele doce. Sob o teto, num cordão comprido, pendia uma gaiola com um pintassilgo de cauda curta; ele piava e pulava o tempo todo e a gaiola não parava de trepidar e sacudir: grãos de cânhamo caíam no chão com um leve ruído. No espaço entre duas janelas, acima de uma cômoda pequena, pendiam fotografias muito ruins de Nikolai Petróvitch em diversas poses, tiradas por um artista itinerante; também havia ali uma fotografia da própria Fiénetchka, mas que saíra defeituosa: um rosto sem olhos dava um sorriso forçado, emoldurado por uma sombra — e mais nada se podia distinguir; acima de Fiénetchka, estava o general Ermólov, de capa de feltro, que fitava, carrancudo e ameaçador, as distantes montanhas do Cáucaso, debaixo de um sapatinho de seda para espetar alfinetes, que havia tombado bem em cima da sua testa.

Passaram uns cinco minutos; no quarto ao lado, ouvia-se sussurrar e farfalhar. Pável Petróvitch apanhou na cômoda um livro ensebado, um volume avulso de *Mosqueteiros*, obra de Massálski, e virou algumas páginas… A porta se abriu e Fiénetchka entrou com Mítia nos braços. Ela o vestira com uma camisinha vermelha com galões na gola, penteara seus cabelinhos e enxugara seu rosto: ele ofegava, sacudia o corpo todo com ímpeto de levantar-se e contraía os bracinhos, como fazem todas as crianças

saudáveis; mas a camisinha elegante obviamente fizera efeito: uma expressão de contentamento se refletia em toda a sua figurinha rechonchuda. Fiénetchka também penteara com cuidado o próprio cabelo e vestira um lenço melhor, mas ela bem poderia ter ficado como estava. E, de fato, existe no mundo algo mais encantador do que uma jovem e bela mãe com um bebê saudável nos braços?

— Que belo menino — declarou Pável Petróvitch, com ar superior, e fez cócegas no queixo duplo de Mítia com a ponta da unha comprida do indicador; o bebê pôs os olhos no pintassilgo e riu.

— Este é o titio — explicou Fiénetchka, inclinando o rosto para o bebê e balançando de leve a cabeça, enquanto Duniacha, em silêncio, punha na janela, colada sobre uma moeda, uma velinha aromática acesa.

— Quantos meses ele tem? — perguntou Pável Petróvitch.

— Seis meses; daqui a pouco completa sete, no dia 11.

— Não são oito, Fedóssia Nikoláievna? — intrometeu-se Duniacha, não sem acanhamento.

— Não, sete, no máximo! — O bebê riu de novo, olhou fixamente para o baú e de repente, com seus cinco dedos, agarrou o nariz e os dentes da mãe.
— Seu levadinho — disse Fiénetchka, sem afastar o rosto dos dedos da criança.

— Parece com meu irmão — comentou Pável Petróvitch.

“Com quem mais pareceria?”, pensou Fiénetchka.

— Sim — continuou Pável Petróvitch, como que falando consigo mesmo. — Uma semelhança indiscutível. — E observou Fiénetchka com atenção, quase com pena.

— Este é o titio — repetiu ela, já num sussurro.

— Ah, Pável! Aí está você! — fez-se ouvir a voz de Nikolai Petróvitch.

Pável Petróvitch virou-se apressado e franziu o rosto; mas seu irmão olhava para ele com tamanha alegria, com tal gratidão, que não pôde deixar de responder com um sorriso.

— Que beleza de menino é o seu filho — disse ele e olhou para o relógio. — Passei por aqui por causa do chá…

E, assumindo uma expressão de indiferença, Pável Petróvitch saiu imediatamente do quarto.

— Ele veio aqui por conta própria? — perguntou Nikolai Petróvitch para Fiénetchka.

— Por conta própria. Bateu e entrou.

— E o Arkacha não esteve mais com você?

— Não. Não seria melhor eu me mudar para a casinha nos fundos, Nikolai Petróvitch?

— Mas para quê?

— Fico pensando se não seria melhor assim, no início.

— N… não — respondeu, embaraçado, Nikolai Petróvitch e esfregou a mão na testa. — Devíamos ter pensado nisso antes… Bom dia, gorduchinho — disse ele, com repentina animação e, aproximando-se do bebê, beijou-o na face; em seguida, inclinou-se um pouco e encostou os lábios na mão de Fiénetchka, branca como leite sobre a camisa vermelha de Mítia.

— Nikolai Petróvitch! O que o senhor está fazendo? — balbuciou ela, baixou os olhos e depois, em silêncio, os levantou… A expressão dos olhos era encantadora; quando olhava de soslaio, ela ria de modo carinhoso e um pouquinho tolo.

Nikolai Petróvitch conhecera Fiénetchka da seguinte forma. Certa vez, uns três anos antes, aconteceu de ele pernoitar numa hospedaria em uma distante cidade provincial. Surpreendeu-se agradavelmente com a limpeza do seu quarto, com o frescor da roupa de cama. “Será que a proprietária é

alemã?", veio-lhe logo a ideia; mas constatou-se que a proprietária era russa, tinha por volta de cinquenta anos, vestia-se com asseio, tinha um rosto inteligente e agradável e um jeito sério de falar. Ele conversou com a mulher após o chá; gostou muito dela. Nikolai Petróvitch, nessa ocasião, acabara de se instalar em sua nova fazenda e, como não queria manter servos consigo, estava à procura de trabalhadores assalariados; a proprietária da hospedaria, por sua vez, queixava-se do pequeno número de visitantes na cidade, dos tempos difíceis; Nikolai Petróvitch propôs que a mulher viesse para a casa dele na condição de governanta; ela concordou. O marido morrera muito tempo antes, deixando apenas uma filha, Fiénetchka. Duas semanas depois, Arina Sávichna (assim se chamava a nova governanta) chegou a Márino com a filha e instalou-se na casinha dos fundos. A escolha de Nikolai Petróvitch mostrou-se acertada, Arina pôs a casa em ordem. Sobre Fiénetchka, que na época havia completado dezessete anos, ninguém falava e ela raramente era vista: levava uma vida discreta, reservada, e só aos domingos Nikolai Petróvitch observava, na igreja paroquial, em algum canto remoto, o perfil delicado do seu rosto branco. Mais de um ano se passou assim.

Certa manhã, Arina acudiu ao escritório do patrão e, depois de curvar-se até embaixo, como era seu costume, perguntou se ele não poderia ajudar sua filha, pois uma fagulha da estufa caíra em seu olho. Nikolai Petróvitch, como todas as pessoas caseiras, se interessava por medicina doméstica e até comprara um jogo completo de remédios homeopáticos. Mandou Arina trazer a paciente sem demora. Ao saber que o senhor da propriedade a chamara, Fiénetchka assustou-se muito, mesmo assim seguiu a mãe. Nikolai Petróvitch levou-a até a janela e, com as duas mãos, segurou sua cabeça. Depois de examinar com atenção o olho vermelho e inflamado, receitou a aplicação de um medicamento que ele mesmo preparou na hora e,

após rasgar o próprio lenço em pedaços, mostrou a ela como se devia aplicar o remédio. Fiénetchka acabou de ouvi-lo e quis sair.

— Beije a mão do patrão, tolinha — disse Arina.

Nikolai Petróvitch não lhe deu a mão e, confuso, beijou ele mesmo a cabeça baixa da moça, na risca do cabelo. O olho de Fiénetchka logo sarou, mas a impressão que ela deixara em Nikolai Petróvitch não se desfez. Parecia ver sempre à sua frente aquele rosto puro, meigo, timidamente erguido; sentia sob a palma das mãos aqueles cabelos macios, via aqueles lábios inocentes, entreabertos, e por trás deles, úmidos, brilhavam ao sol os dentinhos perolados. Passou a observá-la com mais atenção na igreja, tentou de todo jeito conversar com ela. A princípio, Fiénetchka esquivava-se e certa vez, à tarde, ao topar com Nikolai Petróvitch numa trilha estreita, aberta pelas pessoas que cruzavam um campo de centeio, enveredou pelos altos e cerrados pés de centeio, entre absintos e centáureas muito crescidos, apenas para não ser vista pelo patrão. Ele avistou a cabecinha da moça através da malha dourada de espigas, de onde ela o espreitava, como um animal pequenino, e gritou-lhe, em tom carinhoso:

— Bom dia, Fiénetchka! Eu não mordo!

— Bom dia — respondeu ela, sem sair do esconderijo.

Aos poucos, começou a se habituar com ele, mas ainda se acanhava com a presença do patrão, quando de repente sua mãe morreu de cólera. Para onde iria Fiénetchka? Herdara da mãe o amor pela ordem, a ponderação e a seriedade; mas era tão jovem, tão sozinha; Nikolai Petróvitch era tão bondoso e modesto… O restante não é preciso contar.

— Quer dizer que meu irmão veio mesmo ao seu quarto? — perguntou Nikolai Petróvitch. — Bateu e entrou?

— Sim, senhor.

— Puxa, que ótimo. Deixe-me balançar Mítia nos braços.

E Nikolai Petróvitch começou a jogar o bebê quase até o teto, para imenso prazer da criança e grande preocupação da mãe, que a cada voo do filho estendia as mãos na direção de suas perninhas nuas.

Por sua vez, Pável Petróvitch voltou ao seu elegante escritório, com papel de parede estampado com flores silvestres, armas dependuradas diante de um tapete persa multicor, móveis de nogueira com forro de veludo verde-escuro, estantes de livros em estilo *renaissance* feitas de carvalho preto e antigo, estatuetas de bronze sobre a escrivaninha suntuosa, uma lareira… Pável Petróvitch deixou-se cair no sofá, apoiou as mãos atrás da cabeça e ficou imóvel, fitando o teto quase com desespero. Talvez por querer ocultar das próprias paredes aquilo que se passava em seu rosto, ou por outra razão qualquer, levantou-se, desprendeu as pesadas cortinas da janela e, de novo, deixou-se cair no sofá.

---

1. Francês: “Mas eu posso lhe dar dinheiro”.

9.

Naquele mesmo dia, Bazárov também travou conhecimento com Fiénetchka. Em companhia de Arkádi, Bazárov caminhava pelo jardim e explicava por que certas mudas, em especial os carvalhos, não haviam pegado.

— É preciso plantar aqui mais álamos prateados e abetos, e talvez tílias também, e adicionar terra preta. Aquele caramanchão cresceu bem — acrescentou — porque acácias e lilases são uma gente aguerrida, não exigem grandes cuidados. Mas, olhe, há alguém ali.

Sentada sob o caramanchão, estava Fiénetchka, com Duniacha e Mítia. Bazárov deteve-se, enquanto Arkádi acenou com a cabeça para Fiénetchka, como se fosse um velho conhecido.

— Quem é? — perguntou Bazárov ao amigo, logo que haviam passado. — Que moça bonita!

— De quem você está falando?

— E de quem poderia ser? Só uma delas é bonita.

Arkádi, não sem algum constrangimento, explicou-lhe quem era Fiénetchka.

— Ahá! — exclamou Bazárov. — Está se vendo que seu pai não é nada bobo. Gostei do seu pai, ora, ora! Grande sujeito. Pois bem, preciso ser

apresentado a ela — acrescentou e retornou na direção do caramanchão.

— Evguiêni! — gritou Arkádi, às suas costas, com medo. — Tenha cuidado, pelo amor de Deus.

— Não se preocupe — respondeu Bazárov. — Afinal, somos pessoas experientes, moramos na cidade.

Ao se aproximar de Fiénetchka, tirou o quepe.

— Permita que eu me apresente — começou, com uma inclinação cordial. — Sou amigo de Arkádi Nikoláievitch e um homem pacato.

Fiénetchka ergueu-se do banco e olhou-o em silêncio.

— Que bebê lindo! — continuou Bazárov. — Não se preocupe, de mim ninguém jamais temeu mau-olhado. Mas por que ele tem as faces tão vermelhas? Será que os dentinhos estão para nascer?

— Sim, senhor — disse Fiénetchka. — Já nasceram quatro dentinhos e agora as gengivas incharam de novo.

— Deixe-me ver… Não precisa ter medo, sou médico.

Bazárov tomou nos braços o bebê, que para surpresa de Fiénetchka e de Duniacha não demonstrou nenhuma oposição e não se assustou.

— Estou vendo, estou vendo… Nada de mais, tudo em ordem: vão nascer belos dentes. Se acontecer alguma coisa, me avise. E quanto à senhora, está bem de saúde?

— Estou bem, graças a Deus.

— Graças a Deus, isto é o mais importante. E a senhora? — acrescentou Bazárov, dirigindo-se a Duniacha.

Moça muito austera em casa e risonha quando fora, Duniacha limitou-se a dar uma risadinha em resposta.

— Excelente. Tome aqui o seu gigante. — Fiénetchka tomou o bebê nos braços.

— Como ele ficou quietinho com o senhor — comentou a mãe, a meia-voz.

— As crianças sempre ficam assim comigo — respondeu Bazárov. — Conheço um certo truque.

— As crianças sentem quando a pessoa gosta delas — disse Duniacha.

— É isso mesmo — confirmou Fiénetchka. — O Mítia, por exemplo, não vai de jeito nenhum para as mãos de certas pessoas.

— E comigo, será que ele vem? — perguntou Arkádi, que, depois de ter permanecido à distância por um tempo, se aproximara do caramanchão.

Com as mãos, chamou Mítia para si, mas o bebê jogou a cabeça para trás e pôs-se a choramingar, o que muito perturbou Fiénetchka.

— Numa outra ocasião, quando ele estiver mais acostumado comigo — disse Arkádi, compreensivo, e os dois amigos se retiraram.

— Como disse que ela se chama? — perguntou Bazárov.

— Fiénetchka… Fedóssia — respondeu Arkádi.

— E por parte de pai? Também é preciso saber.

— Nikoláievna.

— *Bene*. O que me agrada nela é não se sentir muito acanhada. Outra pessoa talvez a censurasse justamente por essa razão. Que bobagem. Por que se acanhar? Ela é mãe… está no seu direito.

— Ela está no seu direito — comentou Arkádi —, mas já o meu pai…

— Também está no seu direito — cortou Bazárov.

— Bem, não acho.

— Não admira, um herdeirozinho a mais não pode ser do seu agrado.

— Não tem vergonha de me atribuir um pensamento desses? — retrucou Arkádi, com ardor. — Não é desse ponto de vista que censuro meu pai; acho que ele deveria casar-se com ela.

— Puxa! — exclamou tranquilamente Bazárov. — Mas como estamos magnânimos! Então você ainda dá importância ao matrimônio; eu não esperava tal coisa de você.

Os amigos deram alguns passos em silêncio.

— Examinei toda a propriedade do seu pai — recomeçou Bazárov. — O gado é ruim e os cavalos estão alquebrados. As edificações também não prestam e os trabalhadores parecem uns preguiçosos rematados; quanto ao administrador, ainda não entendi se é um idiota ou não passa de um velhaco.

— Está muito severo hoje, Evguiêni Vassílievitch.

— E os bons camponeses vão, com toda a certeza, passar o seu pai para trás. Como diz o provérbio: "Até em Deus o mujique russo passa a perna".

— Começo a concordar com o titio — observou Arkádi. — Você tem um péssimo juízo dos russos.

— Que grande novidade! Pois o que o homem russo tem de bom é justamente o juízo detestável que faz de si mesmo. O que importa é que dois e dois são quatro, o resto é bobagem.

— E a natureza é bobagem? — perguntou Arkádi, olhando ao longe, com ar pensativo, na direção dos campos de muitas cores, sob a luz bela e suave do sol já baixo.

— A natureza também é uma bobagem, na forma como você a compreende. A natureza não é um templo, mas uma oficina, e nela o homem é um trabalhador.

Nesse instante, sons demorados de um violoncelo esvoaçaram da casa até eles. Alguém tocava com emoção, embora com mão inexperiente, "A espera", de Schubert, e a melodia doce fluía no ar como mel.

— O que é isso? — quis saber Bazárov, surpreso.

— É o meu pai.

— Ele toca violoncelo?

— Toca.

— Quantos anos tem seu pai?

— Quarenta e quatro.

Bazárov, de repente, soltou uma gargalhada.

— De que está rindo?

— Desculpe! Mas um homem de quarenta e quatro anos, *pater familias*, nesta província… que toca violoncelo!

Bazárov continuou a gargalhar, mas Arkádi, por mais que venerasse o seu mestre, dessa vez nem sequer sorriu.

10.

Passaram-se mais ou menos duas semanas. A vida em Márino seguia seu curso normal: Arkádi vivia num ócio de sibarita, enquanto Bazárov trabalhava. Todos em casa se habituaram a ele, às suas maneiras desenvoltas, a suas falas entrecortadas e lacônicas. Fiénetchka, em especial, familiarizou-se com ele a tal ponto que, certa vez, à noite, mandou acordá-lo: Mítia tivera convulsões, Bazárov atendeu ao chamado e, como era seu costume, entre brincadeiras e bocejos, acabou ficando com ela por volta de duas horas, e curou o bebê. Em compensação, Pável Petróvitch, com todas as forças de sua alma, tomou-se de ódio por Bazárov: julgava-o orgulhoso, insolente, cínico, plebeu; suspeitava que Bazárov não o respeitava, que até o desprezava — a ele, Pável Kirsánov! Nikolai Petróvitch sentia um certo receio do jovem "niilista" e tinha dúvidas quanto ao caráter benéfico da sua influência sobre Arkádi; mas o escutava de bom grado, e de bom grado presenciava suas experiências físicas e químicas. Bazárov trouxera consigo um microscópio e se ocupava horas a fio com o instrumento. Os criados também não o largavam, embora zombasse deles: apesar disso os criados o tinham por um irmão, e não por um fidalgo. Em sua companhia, Duniacha dava risadinhas, muito à vontade, e o olhava de esguelha, de um modo significativo, ao passar ligeiro por ele, "como uma codorniz"; Piotr, homem

tolo e presunçoso ao extremo, com a testa sempre franzida e tensa, homem cujo único mérito se resumia em ter um aspecto cortês, ser capaz de ler soletrando e, com uma escovinha, limpar constantemente sua sobrecasaca — até Piotr dava um risinho e seu rosto se iluminava toda vez que Bazárov voltava sua atenção para ele; os meninos da criadagem viviam correndo atrás do "dotô", como cachorrinhos. Só o velho Prokófitch não gostava dele, servia-o à mesa com ar carrancudo, chamava-o de "esfolador" e de "patife" e achava que Bazárov, com suas suíças, parecia um porco no meio de uma moita. Prokófitch, ao seu modo, era tão aristocrata quanto Pável Petróvitch.

Tiveram início os melhores dias do ano — os primeiros dias de junho. O tempo estava magnífico; é verdade que a cólera ameaçava de novo, ao longe, mas os habitantes dessa província já haviam se habituado a suas incursões. Bazárov acordava muito cedo e percorria duas ou três verstas, mas não andava a passeio — não conseguia tolerar caminhadas sem algum fim produtivo —, e sim para coletar relvas e insetos. Às vezes levava Arkádi consigo. No caminho de volta, em geral irrompia uma discussão entre os dois, e Arkádi, em geral, acabava derrotado, embora falasse mais do que o companheiro.

Certa vez eles se demoraram muito; Nikolai Petróvitch partiu ao seu encontro pelo jardim e, ao chegar ao caramanchão, ouviu de repente passos apressados e as vozes dos dois jovens. Seguiam para o lado oposto do caramanchão e não podiam vê-lo.

— Você não conhece meu pai o suficiente — dizia Arkádi.

Nikolai Petróvitch escondeu-se.

— O seu pai é um bom sujeito — declarou Bazárov. — Mas já é uma carta fora do baralho, para ele a festa acabou.

Nikolai Petróvitch apurou bem os ouvidos… Arkádi nada respondeu.

A “carta fora do baralho” ficou imóvel por uns dois minutos e depois, lentamente, arrastou-se de volta para casa.

— Anteontem, vi que ele lia Púchkin — prosseguia Bazárov, enquanto isso. — Explique-lhe, por favor, que isso não serve para nada. Afinal, já não é nenhum garoto: está na hora de parar com essas bobagens. E que vontade é essa de ser romântico nos tempos atuais? Dê algo de útil para ele ler.

— E o que vou lhe dar? — perguntou Arkádi.

— Bem, acho que *Stoff und Kraft*, de Büchner, para começar.[1]

— Também penso assim — observou Arkádi, com aprovação. — *Stoff und Kraft* é escrito numa linguagem popular…

— Eis o que somos — disse Nikolai Petróvitch ao seu irmão, nesse mesmo dia, após o almoço, no escritório deste. — Cartas fora do baralho: para nós, a festa já acabou. Quem sabe? Talvez Bazárov tenha razão; mas admito que estou magoado: justamente agora esperava me tornar mais íntimo e mais amigo de Arkádi e, no fim, vejo que eu fiquei para trás, ele seguiu adiante e já não conseguimos nos entender.

— Mas por que acha que ele seguiu adiante? E em que aspecto ele se distingue tanto assim de nós? — exclamou Pável Petróvitch, impaciente. — Foi aquele *signore*, o tal niilista, que enfiou tudo isso na cabeça de Arkádi. Odeio esse doutorzinho; para mim, não passa de um charlatão; estou convencido de que, com todas as suas rãs, ele não avançou um passo na física.

— Não, meu irmão, não diga isso: Bazárov é inteligente e capaz.

— E também de uma presunção repugnante — cortou, de novo, Pável Petróvitch.

— Sim — concordou Nikolai Petróvitch. — É presunçoso. Mas imagino que isso, de certo modo, seja necessário; só há uma coisa que não entendo. Tenho a impressão de fazer todo o possível para não estar desatualizado:

assentei os camponeses, organizei a propriedade como uma fazenda, a tal ponto que a província inteira me chama de “vermelho”; leio, estudo, me esforço em geral para me manter no nível das exigências contemporâneas, e agora vêm eles me dizer que, para mim, a festa já acabou. Pois bem, meu irmão, eu mesmo começo a pensar que ela de fato acabou.

— E por quê?

— O motivo é o seguinte: hoje, eu estava lendo Púchkin… Se bem me lembro, caiu-me nas mãos *Os ciganos*… De repente, Arkádi aproximou-se e, em silêncio, com uma comiseração carinhosa no rosto, de mansinho, como diante de um bebê, tirou o livro das minhas mãos e pôs em seu lugar um outro, alemão… sorriu, retirou-se e levou embora o Púchkin.

— Ora essa! E que livro lhe deu?

— Este aqui.

Nikolai Petróvitch retirou do bolso de trás da sobrecasaca a famosa brochura de Büchner, na nona edição. Pável Petróvitch revirou o volume nas mãos.

— Hmm! — rosnou ele. — Arkádi Nikoláievitch quer cuidar da sua educação. E então, já tentou ler?

— Tentei.

— E o que me diz?

— Ou sou um idiota, ou tudo isso é um disparate. O mais provável é que eu seja um idiota.

— E acaso o seu alemão não anda um pouco esquecido? — perguntou Pável Petróvitch.

— Entendo o alemão.

Mais uma vez, Pável Petróvitch revirou o livro nas mãos e olhou de soslaio para o irmão. Os dois se mantiveram calados.

— A propósito — recomeçou Nikolai Petróvitch, nitidamente no intuito de mudar de assunto —, recebi uma carta de Koliázin.

— De Matviéi Ilitch?

— O próprio. Veio a *** para inspecionar a província. Ele agora é um funcionário de alto escalão e me escreveu porque, na qualidade de parente, deseja encontrar-se conosco e convidar-nos, bem como a Arkádi, para ir vê-lo na cidade.

— Você vai? — perguntou Pável Petróvitch.

— Não. E você?

— Também não. Onde já se viu arrastar-se cinquenta verstas para nada? *Mathieu* quer apenas mostrar-se diante de nós em toda sua glória; que o diabo o carregue! Terá acesos à sua volta todos os incensos da província, não faremos a menor falta. Grande coisa, um conselheiro privado! Se eu tivesse continuado no serviço militar, a cumprir essa sina idiota, hoje seria general ajudante. De mais a mais, eu e você somos cartas fora do baralho.

— Sim, meu irmão; parece já estar na hora de encomendar um caixão e pôr as mãos cruzadas sobre o peito — comentou Nikolai Petróvitch, com um suspiro.

— Bem, não vou render-me tão depressa — murmurou o irmão. — Ainda teremos uma peleja contra esse médico, pressinto isso.

A peleja teve lugar nesse mesmo dia, no chá da tarde. Pável Petróvitch desceu à sala de estar já preparado para a guerra, exasperado e resoluto. Só aguardava um pretexto para lançar-se contra o inimigo; mas o pretexto demorou a surgir. Bazárov, em geral, falava pouco em presença dos “velhos Kirsánov” (assim chamava os dois irmãos); naquela tarde, não se sentia de bom humor e, em silêncio, bebia uma xícara após a outra. Pável Petróvitch ardia de impaciência; enfim, seus desejos se realizaram.

Falaram a respeito de um dos senhores de terra das vizinhanças. “Um canalha aristocratoide”, comentou Bazárov, impassível, que estivera com ele em São Petersburgo.

— Permita que pergunte ao senhor — começou Pável Petróvitch, e seus dentes puseram-se a tremer — se, no seu modo de entender, as palavras “canalha” e “aristocrata” significam a mesma coisa.

— Eu disse “aristocratoide” — explicou Bazárov, sorvendo com indolência um gole de chá.

— Exatamente isso: mas creio que o senhor tem dos aristocratas a mesma opinião que tem dos aristocratoides. Julgo ser meu dever explicar ao senhor que não compartilho dessa opinião. Atrevo-me a dizer que todos me conhecem como um homem liberal e amante do progresso; mas exatamente por isso respeito os aristocratas… autênticos. Lembre-se, prezado senhor — ao ouvir essas palavras, Bazárov ergueu os olhos para Pável Petróvitch —, lembre-se, prezado senhor — reiterou, com obstinação —, dos aristocratas ingleses. Eles não abrem mão nem de uma migalha de seus direitos e por isso mesmo respeitam o direito dos demais; exigem o cumprimento das obrigações devidas a eles e por essa razão exigem de si mesmos o cumprimento de seus deveres. A aristocracia deu a liberdade à Inglaterra e a sustenta.

— Já ouvimos essa ladainha muitas vezes — retrucou Bazárov —, mas o que o senhor quer provar com isso?

— Quero provar com *ifto*, prezado senhor — Pável Petróvitch, quando se irritava, pronunciava propositalmente “ifto” e “efte”, embora soubesse muito bem que a gramática não admite tais palavras; nessa extravagância, manifestava-se um vestígio das tradições do tempo do tsar Alexandre. Os poderosos daquela época, nas raras ocasiões em que falavam na língua do povo, empregavam, uns, *ifto*, e outros, *irto*; “Nós”, pareciam dizer, “somos

russos nativos e, ao mesmo tempo, altos dignitários, a quem se permite menosprezar as regras escolares" —, eu, com *ifto*, quero provar que, sem um sentimento de dignidade pessoal, sem respeito por si mesmo (e nos aristocratas esses sentimentos são bastante desenvolvidos), não existe nenhum alicerce consistente para o… *bien public*[2] social, para o edifício da sociedade. O indivíduo, prezado senhor, eis o que mais importa: o indivíduo humano deve permanecer rijo como uma rocha, pois tudo se edifica sobre ele. Sei muito bem, por exemplo, que o senhor julga ridículos os meus hábitos, os meus trajes, enfim, o meu refinamento, mas tudo isso decorre de um sentimento de respeito próprio, de um sentimento de dever; sim, senhor, sim, senhor: de dever. Vivo no campo, aqui neste fim de mundo, mas não me rebaixo, respeito a pessoa humana que há em mim.

— Perdoe, Pável Petróvitch — disse Bazárov —, mas o senhor respeita a si mesmo e no entanto fica de braços cruzados: que proveito isso traz para o *bien public*? Era melhor não respeitar a si mesmo e fazer alguma coisa.

Pável Petróvitch ruborizou-se.

— Esta é uma questão inteiramente distinta. Não me compete, agora, em absoluto, explicar-lhe por que fico de braços cruzados, como o senhor houve por bem se expressar. Quero apenas deixar claro que o aristocratismo é um princípio e que, sem princípios, em nosso tempo, só podem viver pessoas imorais ou fúteis. Foi o que eu disse a Arkádi no dia seguinte à sua chegada e repito agora para o senhor. Não é assim, Nikolai?

Nikolai Petróvitch fez que sim com a cabeça.

— Aristocratismo, liberalismo, progresso, princípios — dizia Bazárov, enquanto isso. — Vejam só! Quantas palavras estrangeiras… e inúteis! O homem russo não necessita delas, não as quer nem de graça.

— E do que ele necessita, na opinião do senhor? A julgar pelo que o senhor nos diz, estamos simplesmente fora do âmbito humano, além de suas

leis. Queira perdoar, mas a lógica da história exige que…

— Ora, e de que nos serve essa lógica? Podemos passar muito bem sem ela.

— Como assim?

— Assim mesmo, ora. O senhor, eu creio, não necessita da lógica para pôr um pedaço de pão dentro da boca quando tem fome. Para que servem essas abstrações?

Pável Petróvitch sacudiu as mãos.

— Não o entendo, depois disso. O senhor insulta o povo russo. Não entendo como é possível não reconhecer os princípios, as normas! Em que o senhor fundamenta suas ações?

— Já lhe disse, titio, que nós não reconhecemos as autoridades — interveio Arkádi.

— Nossas ações se fundamentam naquilo que julgamos útil — declarou Bazárov. — Nos tempos atuais, o mais útil é a negação: nós negamos.

— Tudo?

— Tudo.

— Como assim? Não só a arte, a poesia… mas também… é horrível dizê-lo…

— Tudo — repetiu Bazárov, com indescritível serenidade.

Pável Petróvitch cravou nele os olhos. Não contava com isso, e Arkádi chegou a ruborizar-se de prazer.

— Mas, com licença — disse Nikolai Petróvitch. — O senhor nega tudo, ou, em palavras mais exatas, destrói tudo… No entanto é preciso também construir.

— Isso já não é da nossa conta… Em primeiro lugar, é necessário limpar o terreno.

— A situação atual do povo assim o exige — acrescentou Arkádi, cheio de si. — Devemos atender essas exigências, não temos o direito de nos entregar à satisfação do egoísmo pessoal.

Esta última frase, pelo visto, não agradou a Bazárov; ela exalava filosofia, ou seja, romantismo, pois Bazárov também considerava a filosofia um romantismo; mas não viu necessidade de desmentir seu jovem discípulo.

— Não, não! — exclamou Pável Petróvitch, num ímpeto repentino. — Recuso-me a crer que os senhores, cavalheiros, conheçam com exatidão o povo russo, que sejam representantes de suas necessidades, de suas aspirações! Não, o povo russo não é como os senhores o imaginam. Ele venera as tradições como algo sagrado, ele é patriarcal, não pode viver sem fé…

— Não pretendo discutir isso — interrompeu Bazárov. — Estou mesmo pronto a concordar que, nesse aspecto, o senhor tem razão.

— E se tenho razão…

— No entanto isso não prova nada.

— Exatamente, não prova nada — repetiu Arkádi com a convicção de um experiente jogador de xadrez que previu o lance obviamente arriscado do seu adversário e que, por isso, não mostra a menor preocupação.

— Como não prova nada? — balbuciou, admirado, Pável Petróvitch. — Quer dizer que os senhores vão contra o seu próprio povo?

— E se for assim? — exclamou Bazárov. — Quando estronda o trovão, o povo acredita que o profeta Elias corre desabalado pelo céu em sua carruagem. E então? Vou concordar com o povo? De mais a mais, o povo é russo e eu, por acaso, não sou também russo?

— Não, o senhor não é um russo, depois de tudo o que acabou de declarar! Não posso considerar o senhor um russo.

— Meu avô lavrava a terra — retrucou Bazárov, com orgulho desdenhoso. — Pergunte a qualquer um de seus mujiques em qual de nós dois, no senhor ou em mim, ele reconhece mais prontamente um compatriota. O senhor nem sabe como falar com um mujique.

— E o senhor fala com o mujique ao mesmo tempo que o despreza.

— Ora, quem sabe ele não merece mesmo desprezo? O senhor reprova o meu modo de ver, mas quem lhe disse que esse modo de ver surgiu em mim por acaso, que ele não provém dessa mesma alma do povo em nome da qual o senhor tanto se bate?

— É claro! Os niilistas são muito necessários!

— Se são ou não são necessários não cabe a nós decidir. O senhor, pelo visto, também não se considera um homem inútil.

— Cavalheiros, cavalheiros, por favor, sem ofensas pessoais! — exclamou Nikolai Petróvitch, e levantou-se.

Pável Petróvitch sorriu e, depois de pôr a mão no ombro do irmão, obrigou-o a sentar.

— Não se preocupe — pediu. — Não perderei isso de vista, justamente em virtude daquele sentimento de dignidade do qual zomba com tamanha virulência o senhor… o senhor doutor. Perdoe — prosseguiu ele, dirigindo-se para Bazárov —, mas o senhor acaso acredita que sua doutrina constitui uma novidade? Pois o que o senhor imagina carece de fundamento. O materialismo, que o senhor preconiza, já esteve diversas vezes em circulação e sempre se revelou inconsistente…

— De novo uma palavra estrangeira! — cortou Bazárov. Começava a irritar-se e seu rosto adquiriu uma áspera cor de cobre. — Em primeiro lugar, não preconizamos coisa nenhuma; isso não faz parte dos nossos hábitos…

— O que os senhores fazem?

— Eis o que fazemos: antes, em época ainda recente, dizíamos que os nossos funcionários públicos recebiam suborno, que não tínhamos nem estradas, nem comércio, nem tribunais de justiça…

— Ah, sim, sim, os senhores são os acusadores, creio ser esta a palavra. Também concordo com muitas de suas acusações, mas…

— Depois nos demos conta de que não vale a pena simplesmente remexer as nossas chagas, que isso apenas acarreta vulgaridade e doutrinarismo; vimos que os nossos homens inteligentes, chamados de homens avançados e de acusadores, não prestam para nada, que nós perdemos tempo com bobagens, debatemos sobre esta ou aquela arte, sobre criação inconsciente, sobre o parlamentarismo, sobre os procedimentos jurídicos e só o diabo sabe o que mais, quando a verdadeira questão é o pão de cada dia, quando a superstição mais grosseira nos sufoca, quando todas as nossas sociedades anônimas vão à falência unicamente devido à escassez de pessoas honestas, quando a própria emancipação dos servos, da qual o governo faz alarde, quase não nos trará proveito, porque o nosso mujique é capaz de roubar a si próprio só para embebedar-se na taberna.

— Pois bem — interrompeu Pável Petróvitch —, pois bem: os senhores se convenceram de tudo isso e decidiram não se dedicar seriamente a coisa nenhuma.

— Resolvemos não nos dedicar a coisa nenhuma — repetiu Bazárov, com ar soturno.

De repente, irritou-se consigo mesmo por haver se expandido tanto diante daquele fidalgo.

— Apenas injuriar.

— Injuriar também.

— E isso se chama niilismo?

— E isso se chama niilismo — repetiu Bazárov, dessa vez com uma insolência gritante.

Pável Petróvitch estreitou um pouco os olhos.

— Pois muito bem! — declarou ele, com uma voz estranhamente calma. — O niilismo deve sanar todas as nossas dificuldades e os senhores são os nossos libertadores e heróis. Mas para que censuram os outros, e até os próprios acusadores? Acaso os senhores não se limitam a tagarelar como todos os demais?

— Sejam quais forem nossos pecados, este não é um deles — pronunciou Bazárov, entre os dentes.

— Como assim? Será que os senhores agem? Pretendem entrar em ação?

Bazárov nada respondeu. Pável Petróvitch, por um momento, se desconcertou, mas logo recuperou o controle de si mesmo.

— Hum!… Agir, destruir… — prosseguiu ele. — Mas como destruir, sem sequer saber o motivo?

— Destruímos porque somos uma força — explicou Arkádi.

Pável Petróvitch olhou para o sobrinho e sorriu.

— Sim, uma força, que não tem de prestar contas de nada — disse Arkádi, e aprumou-se na cadeira.

— Infeliz! — berrou Pável Petróvitch; ele não tinha, absolutamente, como se conter por mais tempo. — Se ao menos você parasse para pensar naquilo que essa sua sentença vil apoia na Rússia! Não, isso é de aniquilar a paciência até de um anjo! Uma força! O calmuco selvagem e o mongol também têm força, e que bem ela nos traz? Prezamos a civilização, sim, senhor, sim, meu caro senhor, prezamos os frutos da civilização. E não venham me dizer que esses frutos são insignificantes: o pior pintor borra-tintas, um *barbouilleur*,[3] um pianista de taberna que ganha cinco copeques por noite, até eles são mais úteis do que os senhores, porque são

representantes da civilização, e não da força do rude mongol! Os senhores se imaginam pessoas avançadas, mas na verdade só servem para andar num trenó de calmucos! Uma força! E lembrem-se, por fim, fortes cavalheiros, que os senhores são, ao todo, quatro pessoas e meia e, do outro lado, existem milhões que não lhes permitirão calcar sob os pés suas crenças sagradas e que hão de esmagá-los!

— Caso nos esmaguem, será merecido — declarou Bazárov. — Mas falar é fácil. Não somos tão poucos como o senhor supõe.

— O quê? O senhor pensa seriamente que pode enfrentar todo um povo?

— O senhor sabe, um toquinho de vela pôs fogo em Moscou — respondeu Bazárov.

— Entendo, entendo. Primeiro, um orgulho quase satânico, depois, o escárnio. Aí está o que empolga a juventude, aí está o que cativa o coração inexperiente dos moços! Olhe aqui, um deles está ao seu lado, sente quase uma veneração pelo senhor, olhe bem. — Arkádi virou-se e franziu o rosto. — E esse contágio já se espalhou até bem longe. Disseram-me que, em Roma, os nossos pintores não põem os pés no Vaticano. Tomam Rafael quase por um imbecil porque, naturalmente, é uma autoridade; mas eles mesmos são incapazes e estéreis de uma forma que chega à sordidez, sua imaginação não consegue ir além da "moça na fonte", e olhe lá! Aquela mocinha pintada da forma mais detestável. Na opinião do senhor, eles são jovens corajosos, não é verdade?

— Na minha opinião — replicou Bazárov —, Rafael não vale uma moedinha de cobre, e esses outros não são melhores do que ele.

— Bravo! Bravo! Escute bem, Arkádi… aí está como devem se expressar os jovens de hoje! Ora, como poderiam eles deixar de segui-lo? Antigamente, cabia aos jovens estudar; não queriam ganhar fama de ignorantes, por isso se esforçavam, ainda que a contragosto. Mas agora

basta dizer: tudo no mundo é bobagem! E está resolvida a questão. Os jovens ficam contentes. De fato, no passado eram simples palermas e agora, de repente, se transformaram em niilistas.

— Eis que o seu tão decantado sentimento de dignidade pessoal o traiu — observou Bazárov, fleumático, enquanto Arkádi se ruborizou e seus olhos cintilaram. — Nossa discussão já foi longe demais… Creio que é melhor interrompê-la. Quanto a mim, estarei pronto a concordar com o senhor — disse ele, levantando-se —, quando me apresentar pelo menos uma instituição contemporânea, familiar ou social, que não seja digna de uma negação cabal e inapelável.

— Posso apresentar ao senhor milhões de instituições assim — exclamou Pável Petróvitch —, milhões! Veja, por exemplo, a comuna rural.

Um sorriso gelado vergou os lábios de Bazárov.

— Bem, no que se refere à comuna rural — disse ele —, é melhor conversar com o seu irmão. Ele agora, ao que parece, conhece bem de perto o que é a comuna, o compromisso solidário, a temperança e outras balelas desse tipo.

— A família, enfim, a família, tal como existe entre os nossos camponeses! — gritou Pável Petróvitch.

— Quanto a essa questão, quero crer, é melhor que o senhor não a examine em detalhes. O senhor, por acaso, já ouviu falar dos sogros que mantêm relações com as noras? Ouça-me, Pável Petróvitch, conceda a si mesmo um prazo de dois breves dias, é pouco provável que encontre alguma coisa de imediato. Recapitule todas as nossas camadas sociais e reflita bem sobre cada uma delas, enquanto isso eu e Arkádi vamos…

— Vão achincalhar tudo — cortou Pável Petróvitch.

— Não, vamos dissecar rãs. Venha, Arkádi. Até logo, senhores.

Os dois amigos se retiraram. Os irmãos ficaram sozinhos e, a princípio, limitaram-se a olhar um para o outro.

— Aí está — começou, por fim, Pável Petróvitch —, aí está, a tal juventude contemporânea! São esses os nossos sucessores!

— Os sucessores — repetiu Nikolai Petróvitch, com um suspiro de desânimo. Durante toda a discussão, ele parecia estar sobre brasas e limitava-se a olhar pesaroso, e furtivamente, para Arkádi. — Sabe o que estou lembrando, meu irmão? Certa vez, discuti com a nossa falecida mãezinha: ela gritava, não queria ouvir-me… Por fim, eu lhe disse: a senhora, é natural, não pode me compreender; nós, é claro, pertencemos a duas gerações distintas. Ela se ofendeu demais e eu pensei: o que fazer? O remédio é amargo, mas ela tem de tomar. Eis que agora chegou a nossa vez e os nossos sucessores podem nos dizer: os senhores, é claro, não pertencem à nossa geração, tratem de tomar o remédio.

— Você é generoso e modesto demais — objetou Pável Petróvitch. — Eu, ao contrário, estou convencido de que nós temos muito mais razão do que esses pequenos senhores, embora nos expressemos, talvez, num linguajar um pouco antiquado, *vieilli*,[4] e não tenhamos essa presunção insolente… Mas como é cheia de si essa juventude contemporânea! Pergunte a um deles: que vinho deseja, tinto ou branco? “Tenho por hábito preferir o tinto!”, responderá com voz de baixo e com um ar tão importante como se, nesse momento, todo o universo olhasse para ele…

— Os senhores não querem mais chá? — perguntou Fiénetchka, cuja cabeça surgiu na porta; não se atrevera a entrar na sala enquanto ressoavam as vozes da discussão.

— Não, pode mandar retirar o samovar — respondeu Nikolai Petróvitch e levantou-se para ir ao encontro dela. Pável Petróvitch, com voz entrecortada, disse *bonsoir* ao irmão e retirou-se para o seu escritório.

1. O título correto, em alemão, é *Kraft und Stoff* (*Força e matéria*). Publicado em 1855, o livro expunha ideias materialistas e provocou uma reação tão enérgica que seu autor foi obrigado a se demitir da Universidade de Tübingen.

2. Francês: “Bem público”.

3. Francês: “Borra-tintas”.

4. Francês: “Envelhecido”.

11.

Meia hora depois, Nikolai Petróvitch encontrava-se no jardim, no seu adorado caramanchão. Vieram-lhe pensamentos tristes. Pela primeira vez, compreendeu com clareza a distância que o separava do filho; pressentia que, a cada dia, essa distância havia de aumentar mais e mais. Portanto fora em vão que, tempos antes, no inverno, em São Petersburgo, ele passara dias inteiros debruçado sobre os livros mais recentes; em vão escutava atentamente as conversas dos jovens; em vão se alegrava quando conseguia introduzir ao menos uma palavra nos debates acalorados dos moços. “Meu irmão diz que temos razão”, pensou ele, “e, pondo de lado toda vaidade, também me parece que eles estão mais distantes da verdade do que nós, mas ao mesmo tempo sinto que eles têm algo que nos falta, contam com alguma vantagem em relação a nós… A juventude? Não, não é só a juventude. Será que essa vantagem não consiste em haver neles menos marcas de nobreza do que em nós?”

Nikolai Petróvitch baixou a cabeça e passou a mão pelo rosto.

“Mas repudiar a poesia?”, pensou de novo. “Não se sensibilizar com a arte, com a natureza?…”

E olhou em volta, como se quisesse entender como era possível não se sensibilizar com a natureza. Já anoitecia; o sol se ocultava atrás de um

pequeno bosque de álamos, situado a meia versta do jardim: a sombra do bosque estendia-se interminável sobre os campos, onde nada se movia. Um mujique seguia a trote num cavalinho branco por um atalho estreito e sombrio, através do bosque; tudo nele era perfeitamente visível, até um remendo no ombro, apesar de vir pela sombra; dava gosto ver como se destacavam com nitidez as pernas do cavalo. Os raios do sol, por sua vez, penetravam no bosque e, abrindo caminho através da espessa folhagem, banhavam os troncos dos álamos com uma luz tão tépida que eles se assemelhavam a troncos de pinheiros, suas folhas tornavam-se quase azuis e, acima delas, erguia-se o céu azul-claro, ligeiramente rosado pelo crepúsculo. Andorinhas voavam alto; o vento cessara de todo; abelhas retardatárias zumbiam, com preguiça e sonolência, nas flores dos lilases; mosquitos vagueavam num enxame acima de um ramo solitário, distante e espraiado. “Como é bonito, meu Deus!”, pensou Nikolai Petróvitch, e versos adorados lhe vieram aos lábios; lembrou-se de Arkádi, de *Stoff und Kraft* — e se manteve mudo, mas continuou ali sentado, continuou entregue ao jogo amargo e delicioso dos pensamentos solitários. Adorava devanear; a vida do campo desenvolvera nele essa capacidade. Não havia muito, devaneara assim enquanto aguardava o filho na estação de posta e desde então já ocorrera uma mudança, as relações entre ambos, que então ainda não estavam claras, já haviam se definido… e como! De novo lhe veio à mente sua falecida esposa, mas não como a conhecera ao longo de muitos anos, a boa e prestativa dona de casa, mas sim como uma jovem de talhe fino, de olhar inocente e curioso, e com uma trança firmemente entrelaçada a descer pelo pescoço infantil. Lembrou-se de como a viu na primeira vez. Ainda era estudante. Encontrou-a na escada do alojamento onde ele morava e, depois de tê-la empurrado sem querer, virou-se com o intuito de desculpar-se, mas só conseguiu balbuciar “*Pardon, monsieur*”,[1] e a moça

inclinou a cabeça, sorriu, de repente pareceu assustar-se e fugiu às pressas, mas na curva da escada olhou rapidamente para ele, tomou uma expressão séria e ruborizou-se. Depois, as primeiras visitas acanhadas, as meias palavras, os meios sorrisos, a perplexidade, a tristeza, os arrebatamentos e, por fim, aquela alegria sufocante… Para onde fora tudo isso? Ela se tornou sua esposa, ele foi feliz, como poucos no mundo… "Mas", pensou ele, "aqueles primeiros e doces momentos, por que não puderam viver eternamente e ser imortais?"

Não se esforçou para aclarar os pensamentos, mas sentia que desejava reter aquela época bem-aventurada por meio de algo mais forte do que a memória; queria de novo experimentar a proximidade da sua Maria, sentir seu calor e sua respiração, e já lhe parecia até que, junto a si…

— Nikolai Petróvitch — ressoou, ali perto, a voz de Fiénetchka —, onde está o senhor?

Ele sobressaltou-se. Não sentiu pesar nem vergonha… Não admitia sequer a possibilidade de uma comparação entre a esposa e Fiénetchka, mas lamentou que ela viesse à sua procura. De um só golpe, a voz da jovem o fez lembrar seus cabelos grisalhos, sua velhice, sua condição atual…

O mundo mágico em que ele estava a ponto de ingressar, que já despontava das ondas nebulosas do passado, estremeceu — e sumiu.

— Estou aqui — respondeu. — Irei já, vá você na frente. — "Aí estão elas, as tais marcas de nobreza", veio-lhe ao pensamento, num lampejo. Fiénetchka olhou em silêncio para ele, sob o caramanchão, e desapareceu de vista, e então Nikolai Petróvitch notou com surpresa que a noite havia caído enquanto devaneava. Tudo em volta se tornara sombrio e silencioso e o rosto de Fiénetchka flutuava à sua frente, pálido e pequenino. Levantou-se e quis voltar para casa; mas o coração comovido não conseguia sossegar no peito e ele se pôs a andar lentamente pelo jardim, ora fitando pensativo a

terra aos seus pés, ora erguendo os olhos para o céu, onde estrelas já cintilavam, em enxames. Caminhou por um longo tempo, quase até cansar, e sua inquietação, ansiosa, vaga e triste, não amainava. Ah, como Bazárov riria dele se soubesse o que se passava, agora, em seu íntimo! O próprio Arkádi o condenaria. Num homem de quarenta e quatro anos, agrônomo e senhor de terras, brotavam lágrimas, lágrimas sem motivo; era cem vezes pior do que o violoncelo.

Nikolai Petróvitch continuou a andar e não conseguia decidir-se a entrar em casa, aquele ninho tranquilo e confortável que o contemplava de forma tão convidativa através de todas as suas janelas iluminadas; ele não tinha forças para separar-se da escuridão, do jardim, da sensação do ar puro no rosto e tampouco dessa tristeza, dessa inquietude…

Numa curva do caminho, encontrou-se com Pável Petróvitch.

— O que há com você? — perguntou para Nikolai Petróvitch. — Está pálido como um fantasma; não deve estar bem de saúde; por que não vai deitar-se?

Nikolai Petróvitch explicou, em breves palavras, seu estado de espírito e afastou-se. Pável Petróvitch caminhou até a extremidade do jardim, também perdido em pensamentos, e também ergueu os olhos para o céu. Mas, em seus belos olhos escuros, nada se refletia, senão a luz das estrelas. Não nascera romântico e sua alma veemente, de uma elegância árida, ao estilo francês, e dada à misantropia, não sabia devanear…

— Sabe de uma coisa? — disse Bazárov, naquela noite, para Arkádi. — Tive uma ideia esplêndida. O seu pai hoje me contou que recebeu um convite daquele parente importante de vocês. Seu pai não quer ir; mas eu e você podíamos dar um pulo até ***; afinal, esse senhor convida também você. Veja que tempo está fazendo por aqui; vamos dar uma volta, olhar a cidade. Vamos vagar à toa por uns cinco ou seis dias, e pronto!

— De lá você volta para cá?

— Não, tenho de ir para a casa do meu pai. Você sabe, ele mora a trinta verstas de ***. Há muito tempo não vejo meu pai, nem minha mãe; é preciso dar uma atenção aos velhinhos. São pessoas boas, sobretudo meu pai: um tipo engraçadíssimo. Além do mais, sou filho único.

— E vai ficar muito tempo com eles?

— Creio que não. Talvez seja maçante.

— E, no caminho de volta, vai passar por nossa casa?

— Não sei… veremos. E então, o que acha? Vamos lá?

— Pode ser — respondeu Arkádi, com indiferença.

No íntimo, alegrou-se muito com o convite do amigo, mas julgou-se na obrigação de esconder seu sentimento. Afinal, era um niilista!

No dia seguinte, ele e Bazárov partiram para ***. Os jovens de Márino lamentaram a partida dos dois; Duniacha até chorou um pouco… mas os velhos respiraram com alívio.

---

1. Francês: “Perdão, cavalheiro”.

12.

A cidade de ***, para onde partiram nossos amigos, estava sob a jurisdição de um governador jovem, progressista e despótico, como ocorre muitas vezes na Rússia. Durante seu primeiro ano de governo, conseguiu indispor-se não só com o mandatário da nobreza na província, um primeiro capitão reformado da guarda de cavalaria, homem hospitaleiro e criador de cavalos, como também com seus próprios funcionários. As desavenças surgidas por esse motivo assumiram, finalmente, tais proporções que o ministério em São Petersburgo julgou necessário enviar uma pessoa de confiança encarregada de averiguar tudo no local. A escolha das autoridades recaiu em Matviéi Ilitch Koliázin, filho daquele Koliázin sob cuja tutela os irmãos Kirsánov haviam estado tempos antes. Ele também pertencia à classe dos "jovens", ou seja, fazia pouco que completara quarenta anos, mas já procurava passar por um importante homem de Estado e em cada lado do peito ostentava uma condecoração em forma de estrela. Na verdade, uma delas era estrangeira, e das mais reles. A exemplo do governador a quem viera julgar, considerava-se progressista e, embora já fosse um homem poderoso, não se assemelhava à maior parte dos homens poderosos. Tinha a si mesmo em alta conta; sua vaidade ignorava fronteiras, mas ele se conduzia com simplicidade, olhava com ar de aprovação, ouvia

com indulgência e ria de modo tão bonachão que, nos primeiros tempos, conseguiu até ganhar fama de "rapaz formidável". Nos casos mais importantes, porém, ele conseguia, como dizem, levantar poeira. "É necessário energia", dizia ele, então, "*l'énergie est la première qualité d'un homme d'état*";[1] apesar disso, em geral o faziam de bobo e qualquer funcionário experiente o tinha na palma da mão. Matviéi Ilitch manifestava um grande respeito por Guizot,[2] e esforçava-se para convencer toda gente de que não pertencia à classe dos burocratas rotineiros e retrógrados, de que não deixaria passar sem um exame atento qualquer manifestação importante da vida social… Todas as expressões desse tipo lhe eram bem conhecidas. Até acompanhava, se bem que com uma soberba displicente, o desenvolvimento da literatura contemporânea, assim como um homem adulto, ao encontrar na rua um cortejo de meninos, às vezes se junta a ele. No fundo, Matviéi Ilitch não fora muito além daqueles homens de Estado do tempo do tsar Alexandre que, preparando-se para uma recepção, à noite, em casa de Madame Sviétchina, que na época morava em São Petersburgo, liam atentamente, pela manhã, uma página de Condillac;[3] mas suas técnicas eram diversas, mais modernas. Era um hábil cortesão, um grande espertalhão, e nada mais; nada entendia de negócios, não tinha inteligência, mas sabia cuidar de si mesmo: nesse ponto, ninguém poderia levar a melhor sobre ele, e, no final, isso é o que mais importa.

Matviéi Ilitch recebeu Arkádi com a benevolência própria de um dignitário esclarecido, digamos até com um ânimo brincalhão. No entanto admirou-se ao saber que os parentes convidados por ele haviam ficado na fazenda.

— Seu pai sempre foi um tipo excêntrico — comentou, balançando as borlas do seu magnífico roupão de veludo e, de repente, voltando-se para um jovem funcionário de uniforme abotoado e absolutamente impecável,

gritou, com uma expressão preocupada: — O que foi? — O jovem, cujos lábios estavam colados devido ao contínuo silêncio, levantou-se e, atônito, olhou fixamente para o seu superior. Porém, depois de deixar perplexo o subordinado, Matviéi Ilitch não lhe deu mais nenhuma atenção. Os nossos altos funcionários, em geral, gostam de deixar os subalternos perplexos; os meios que usam para alcançar esse objetivo são bastante variados. Entre outros, o seguinte método tem largo emprego, ou, como dizem os ingleses, *is quite a favorite*:[4] de repente, o alto funcionário deixa de compreender as palavras mais simples, tem um ataque de surdez. Pergunta, por exemplo: "Que dia é hoje?".

Respondem-lhe, da forma mais reverente:

— Hoje é sexta-feira, vossa excelência, magnificência, eminência… etc.

— Hem? O quê? Como? O que disse? — retruca, com voz tensa, o alto funcionário.

— Sexta-feira, vossa excelência.

— Como? O quê? Como assim, sexta-feira? Que sexta-feira?

— Sexta-feira, vossa excelência. O dia da semana.

— Ora, ora, está querendo me ensinar?

Matviéi Ilitch, apesar de tudo, era um alto funcionário, embora também se julgasse um liberal.

— Aconselho-o, meu amigo, a fazer uma visita ao governador — disse para Arkádi. — Entenda bem, dou esse conselho não porque eu siga ideias antigas sobre a necessidade de render homenagens às autoridades, mas apenas porque o governador é uma pessoa digna; de mais a mais, você, provavelmente, deseja travar conhecimento com a sociedade local… Pois você, espero, não é nenhum urso, é? E depois de amanhã o governador dará um grande baile.

— O senhor estará no baile? — perguntou Arkádi.

— Ele dará o baile em minha homenagem — declarou Matviéi Ilitch, quase com pesar. — Você dança?

— Danço, mas mal.

— É pena. Há aqui algumas beldades e é uma vergonha um jovem não saber dançar. Também digo isso não por força de ideias antigas; não creio de modo algum que a inteligência deva estar nas pernas, mas o byronismo é ridículo, *il a fait son temps*.[5]

— Sim, tio, a mim o byronismo absolutamente não…

— Vou apresentá-lo às senhoras daqui, vou tomá-lo sob a minha asa — interrompeu Matviéi Ilitch, e riu, satisfeito consigo mesmo. — Ficará bem agasalhado, hem?

Um criado entrou e comunicou a chegada do presidente da Câmara Fiscal, um ancião de olhar doce e lábios enrugados, que amava entusiasticamente a natureza, sobretudo nos dias de verão, quando, segundo suas palavras, "cada abelhinha recebe o seu subornozinho de cada florzinha…". Arkádi se retirou.

Encontrou Bazárov no hotel em que haviam se hospedado e, por longo tempo, tentou convencê-lo a ir visitar o governador.

— O que se há de fazer? — exclamou Bazárov, enfim. — Já que comecei, é melhor ir até fim! Não vim para ver como são os senhores de terra? Então vamos vê-los!

O governador recebeu os jovens com amabilidade, mas não os convidou para sentar, nem ele mesmo se sentou. Vivia eternamente apressado e atarefado; desde a manhã, vestia um uniforme justo e uma gravata apertadíssima, não comia nem bebia até o fim o que lhe era servido e dava ordens o tempo todo. Na província, chamavam-no de Bourdalou, numa alusão não ao famoso pregador francês, mas à palavra russa *burdá*, que significa uma comida intragável. Ele convidou Kirsánov e Bazárov para o

seu baile e, dois minutos depois, convidou-os de novo, já os considerando irmãos e chamando ambos de Kirsánov.

Após ter deixado o governador, os dois caminhavam rumo ao hotel quando, de repente, de uma carruagem que passava, saltou um homem de baixa estatura e com um casaco húngaro, característico dos eslavófilos, e que se atirou na direção de Bazárov com um grito de “Evguiêni Vassílitch!”.

— Ah! É o senhor, Herr Sítnikov — exclamou Bazárov, continuando a andar pelo passeio. — Que ventos o trazem aqui?

— Imagine só, um puro acaso — respondeu o homem e, virando-se para a carruagem, acenou umas cinco vezes com a mão e gritou: — Siga-nos, siga-nos! Meu pai tem negócios por aqui — prosseguiu ele, pulando sobre uma valeta —, e tanto me pediu que… Eu soube hoje da sua vinda para cá e já estive no hotel dos senhores… — na verdade, quando os dois amigos voltaram ao seu quarto, encontraram ali um cartão, com os cantinhos dobrados e com o nome de Sítnikov, de um lado em francês e do outro em floreados caracteres eslavos. — Espero que os senhores não estejam vindo de uma visita ao governador.

— Não espere, pois estamos justamente vindo de lá.

— Ah! Nesse caso, também irei vê-lo… Evguiêni Vassílitch, apresente-me ao seu… ao senhor…

— Sítnikov, Kirsánov — resmungou Bazárov, sem se deter.

— Estou muito lisonjeado — começou Sítnikov, andando de lado, dando risinhos e arrancando às pressas suas luvas excessivamente elegantes. — Ouvi falar muito do senhor… Sou um velho conhecido de Evguiêni Vassílitch e posso até dizer que sou seu discípulo. Devo a ele a minha transformação…

Arkádi observou o discípulo de Bazárov. Uma expressão alarmada e obtusa refletia-se nos traços pequenos e, a bem dizer, agradáveis do seu rosto liso; os olhos pequenos, como que afundados, miravam fixos e inquietos, e ele ria, também inquieto, um riso curto e duro.

— Creia-me — prosseguiu —, quando Evguiêni Vassílievitch me disse, pela primeira vez, que não se devia reconhecer as autoridades, senti uma admiração tão grande… foi como se meus olhos se abrissem! “Aí está”, pensei, “enfim encontrei um homem!” A propósito, Evguiêni Vassílievitch, o senhor precisa sem falta visitar certa dama local, que tem perfeita condição de compreendê-lo e para quem uma visita do senhor será uma verdadeira festa; o senhor, quero crer, já terá ouvido falar dela.

— Quem é? — perguntou Bazárov.

— Kúkchina, *Eudoxie*, Evdoksia Kúkchina. Um caráter notável, *emancipée*,[6] no verdadeiro sentido da palavra, uma mulher avançada. Sabe de uma coisa? Vamos todos juntos agora mesmo à casa dela. Mora a dois passos daqui. Vamos almoçar lá. Pois os senhores ainda não comeram, não é verdade?

— Ainda não.

— Mas que ótimo. Ela, o senhor entende, separou-se do marido, não depende de ninguém.

— É bonita? — cortou Bazárov.

— N… não, não se pode dizer isso.

— Então para que diabo nos chama para ir lá?

— Ora, que brincalhão, que brincalhão… Ela vai nos servir uma garrafa de champanhe.

— Agora sim! Um homem prático nunca se engana. Aliás, seu pai ainda vive daquela concessão exclusiva para vender bebidas?

— Sim, vive dessa concessão exclusiva — respondeu Sítnikov, às pressas, e deu um riso esganiçado. — E então? Vamos?

— Não sei, na verdade.

— Você queria observar as pessoas, então deve ir — argumentou Arkádi, a meia-voz.

— E o senhor também, sr. Kirsánov — emendou Sítnikov. — Por favor, sem o senhor é impossível.

— Mas como poderemos chegar todos juntos, de surpresa?

— Não importa! Kúkchina é uma pessoa maravilhosa.

— Haverá uma garrafa de champanhe? — perguntou Bazárov.

— Três! — exclamou Sítnikov. — Isso eu garanto.

— De que modo?

— Dou minha palavra de honra.

— Seria melhor a carteira do seu pai. Pois bem, vamos.

---

1. Francês: “A energia é a primeira virtude de um homem de Estado”.

2. François Pierre Guizot (1787-1874), político conservador francês.

3. Sófia Petróvna Sviétchina (1782-1859), escritora russa de tendências místicas que promovia encontros de escritores em sua casa. Condillac (1715-80), filósofo francês.

4. Inglês: “É muito popular”.

5. Francês: “Seu tempo já passou”.

6. Francês: “Livre”.

13.

A pequena casa de fidalgo, ao estilo moscovita, onde morava Avdótia Nikítichna (ou Evdoksia) Kúkchina situava-se em uma das ruas que, pouco antes, tinham sido destruídas por um incêndio na cidade de ***; como se sabe, nossas cidades de província pegam fogo de cinco em cinco anos. Na porta, sobre um cartão de visita pregado em posição oblíqua, via-se o puxador de uma sineta e, na antessala, os visitantes eram recebidos por uma mulher de touca que não parecia uma criada, nem uma dama de companhia — claros indícios de uma proprietária de tendências progressistas. Sítnikov perguntou se Avdótia Nikítichna estava em casa.

— É o senhor, Victor? — ouviu-se uma voz aguda, no cômodo vizinho. — Entre.

A mulher de touca imediatamente desapareceu.

— Não estou sozinho — declarou Sítnikov, despindo com um gesto atrevido o seu casaco húngaro, sob o qual havia algo semelhante a um paletó-saco, e lançou um olhar expressivo para Arkádi e Bazárov.

— Não faz mal — respondeu a voz. — *Entrez*.

Os jovens entraram. O cômodo em que então se encontraram mais parecia um escritório de trabalho do que uma sala de estar. Papéis, cartas, grossos exemplares de revistas russas, na maior parte ainda intocadas,

espalhavam-se pelas mesas poeirentas; por toda parte, viam-se pontas brancas de cigarro jogadas no chão. Num sofá de couro, estava semirreclinada uma senhora ainda jovem, loura, um pouco despenteada, com um vestido de seda não muito limpo, braceletes volumosos nos braços curtinhos e um lenço de renda na cabeça. Ela se levantou do sofá e, num gesto negligente, puxando sobre os ombros um manto de veludo forrado com pele de arminho amarelecida, declarou com voz lânguida:

— Bom dia, Victor — e apertou a mão de Sítnikov.

— Bazárov, Kirsánov — disse ele, com voz entrecortada, num arremedo da voz de Bazárov.

— Sejam bem-vindos — respondeu Kúkchina e, cravando em Bazárov os olhos redondos, entre os quais, como um órfão, se destacava o narizinho miúdo, arrebitado e vermelho, acrescentou: — Conheço o senhor — e apertou a mão dele também.

Bazárov franziu a testa. Na figura pequenina e sem beleza da mulher emancipada, nada havia de repulsivo; mas a expressão de seu rosto produzia um efeito desagradável em quem o olhasse. Involuntariamente, sentia-se um impulso de perguntar: “O que tem você, está com fome? Entediada? Acanhada? O que quer esconder?”. E, assim como em Sítnikov, havia uma aflição constante em sua alma. Ela falava e se movia com muita desenvoltura e, ao mesmo tempo, com um certo desconforto: era evidente que se considerava uma criatura bondosa e simples mas, não importava o que fizesse, tinha-se a constante impressão de que fazia exatamente aquilo que não queria fazer; tudo nela, como dizem as crianças, era de propósito, ou seja, sem simplicidade, sem naturalidade.

— Sim, sim, conheço o senhor, Bazárov — repetiu ela. Seguia o costume, peculiar a muitas senhoras da província e também de Moscou, de

tratar um homem pelo sobrenome de família desde o primeiro dia em que eram apresentados. — Quer um charuto?

— Um charutinho não iria mal — respondeu Sítnikov, que já tratara de se esparramar numa poltrona e pôr uma perna para o alto. — E sirva-nos também o almoço, estamos terrivelmente esfomeados; e mande trazer uma garrafinha de champanhe.

— Sibarita — disse Evdoksia, e riu. Quando ria, a gengiva superior se punha à mostra acima dos dentes. — Não é verdade, Bazárov, que ele é um sibarita?

— Amo os prazeres da vida — declarou Sítnikov, com ar solene. — Isso não me impede de ser um liberal.

— Impede, impede sim! — exclamou Evdoksia e, no entanto, mandou sua criada tomar as providências relativas ao almoço e ao champanhe. — O que pensa o senhor a respeito disso? — acrescentou, dirigindo-se a Bazárov. — Estou segura de que o senhor compartilha a minha opinião.

— Na verdade, não — retrucou Bazárov. — Um pedaço de carne é melhor do que um pedaço de pão, mesmo do ponto de vista da química.

— O senhor se interessa por química? É a minha paixão. Eu mesma inventei uma cera.

— Uma cera? A senhora?

— Eu mesma. E sabe com que finalidade? Fazer cabecinhas de bonecas que não quebrem. Pois também sou uma pessoa prática. Mas nem tudo está pronto. Ainda preciso ler Liebig. Aliás, o senhor leu o artigo de Kisliakov sobre o trabalho feminino publicado em *Notícias de Moscou*? Leia com atenção, por favor. Pois o senhor certamente se interessa pela questão feminina, não é mesmo? Pela questão das escolas também? Do que se ocupa o seu colega? Como se chama?

A sra. Kúkchina disparava suas perguntas ora para um, ora para outro, com uma requintada displicência, sem esperar resposta; crianças mimadas falam assim com suas babás.

— Meu nome é Arkádi Nikolaitch Kirsánov — respondeu. — E não me ocupo de coisa nenhuma.

Evdoksia deu uma gargalhada.

— Essa é boa! E então, o senhor não fuma? Victor, francamente, estou zangada com o senhor.

— E por quê?

— Dizem que o senhor voltou a elogiar George Sand. Não passa de uma mulher atrasada! Como é possível compará-la a Emerson? Ela não tem ideia nenhuma sobre educação, sobre fisiologia, sobre nada. Estou convencida de que nunca ouviu falar de embriologia e, em nossa época, como se pode passar sem isso? — Evdoksia até abriu os braços. — Ah, que artigo extraordinário escreveu Elíssievitch a esse respeito! É um cavalheiro genial! — Evdoksia empregava constantemente a palavra "cavalheiro" em lugar de "homem". — Bazárov, sente-se ao meu lado no sofá. O senhor talvez não saiba, mas tenho um medo terrível do senhor.

— E por quê? Permita que lhe pergunte.

— O senhor é um cavalheiro perigoso; é demasiado crítico. Ah, meu Deus! Como sou ridícula, falo como uma proprietária de terras na estepe. Pensando bem, sou mesmo uma proprietária. Administro eu mesma a minha propriedade e, imagine o senhor, tenho lá um estaroste chamado Erofei, um tipo admirável, exatamente como o Pathfinder de Cooper: há nele algo de tão espontâneo! Eu me instalei aqui em definitivo; uma cidade insuportável, não é verdade? Mas o que fazer?

— Uma cidade como qualquer outra — comentou Bazárov, friamente.

— Tantos interesses mesquinhos, eis o que me dá horror! Antigamente, eu passava o inverno em Moscou… mas agora meu esposo mora lá, Monsieur Kúkchin. Além disso, Moscou, agora… não sei, já não é mais o que era. Estou pensando em viajar para o exterior; no ano passado, eu já tinha tudo preparado.

— Paris, naturalmente? — perguntou Bazárov.

— Paris ou Heidelberg.

— Por que Heidelberg?

— Ora, Bunsen está lá![1]

Para isso, Bazárov não encontrou resposta.

— Pierre Sapójnikov… o senhor o conhece?

— Não, não conheço.

— Puxa, Pierre Sapójnikov… ele está sempre com Lídia Khostátova, ainda.

— Não a conheço.

— Bem, pois ele se encarregou de me acompanhar. Graças a Deus sou livre, não tenho filhos… Mas o que foi mesmo que eu falei: graças a Deus? Pensando bem, isso não importa.

Evdoksia enrolou um cigarro com seus dedos pardacentos por causa do tabaco, correu por ele a ponta da língua, sugou o cigarro, acendeu-o e pôs-se a fumar. Entrou uma criada com uma bandeja.

— Ah, aí está o almoço! Querem beliscar um pouco? Victor, abra a garrafa; é a sua especialidade.

— Minha especialidade — murmurou Sítnikov e, de novo, deu um riso esganiçado.

— Há belas mulheres por aqui? — perguntou Bazárov, esvaziando seu terceiro cálice.

— Há, sim — respondeu Evdoksia —, embora sejam todas muito vazias. Por exemplo, *mon amie* Odintsova não é nada feia. Pena que possua uma reputação tão ruim… Pensando bem, isso não teria importância, mas ela não tem nenhuma liberdade de espírito, nenhuma largueza de visão, nada… disso. É preciso mudar todo o sistema educacional. Já pensei bastante sobre o assunto: nossas mulheres recebem uma educação muito precária.

— Não se pode fazer nada por elas — disse Sítnikov. — São dignas de desprezo, e eu as desprezo, completa e absolutamente! — A possibilidade de desprezar e de expressar o seu desprezo era a mais agradável das sensações para Sítnikov; atacava especialmente as mulheres, sem desconfiar que, alguns meses depois disso, haveria de arrojar-se aos pés da sua esposa, só porque ela nascera princesa Durdoleóssova. — Nenhuma estaria em condições de compreender nossa conversa; nenhuma vale aquilo que nós, homens, falamos a respeito delas!

— E elas não têm mesmo a menor necessidade de compreender a nossa conversa — disse Bazárov.

— De quem o senhor está falando? — interveio Evdoksia.

— Das mulheres bonitas.

— O quê? Será que o senhor compartilha a opinião de Proudhon?

Bazárov aprumou-se com ar soberbo.

— Não compartilho a opinião de ninguém, tenho as minhas próprias opiniões.

— Abaixo as autoridades! — gritou Sítnikov, alegre com a oportunidade de se expressar de modo enérgico em presença do homem a quem se mostrava servil.

— Mas o próprio Macaulay… — começou Kúkchina.

— Abaixo Macaulay! — gritou Sítnikov. — A senhora defende essas mulherezinhas?

— Não as mulherezinhas, mas os direitos da mulher, que eu juro defender até a última gota do meu sangue.

— Abaixo! — Porém, aqui, Sítnikov deteve-se. — Mas eu não nego os direitos da mulher — disse ele.

— Não, estou vendo, o senhor é um eslavófilo!

— Não, não sou eslavófilo, se bem que, na verdade…

— Deixe disso! O senhor é eslavófilo. É um seguidor do *Domostroi*.[2] O senhor gostaria de ter um açoite nas mãos!

— Um açoite até que não seria mau — comentou Bazárov —, só que chegamos à última gota…

— De quê? — cortou Evdoksia.

— Do champanhe, respeitabilíssima Avdótia Nikítichna, do champanhe, não do seu sangue.

— Não consigo ficar indiferente quando atacam as mulheres — prosseguiu Evdoksia. — É horrível, horrível. Em lugar de atacá-las, seria melhor os senhores lerem *De l'Amour*, de Michelet. É maravilhoso! Senhores, vamos falar sobre o amor — acrescentou Evdoksia, deixando cair a mão, languidamente, na almofada amarrotada do sofá.

Seguiu-se um súbito silêncio.

— Não, para que falar sobre o amor? — retrucou Bazárov. — A senhora acabou de se referir a Odintsova… Este, creio eu, é o seu nome. Quem é essa nobre senhora?

— Um encanto! Um encanto! — pôs-se a piar Sítnikov. — Vou apresentar ao senhor. Inteligente, rica, viúva. Infelizmente, ainda não está bastante instruída: precisaria manter contato mais estreito com a nossa Evdoksia. Bebo à saúde da senhora, Eudoxie! Brindemos! *Et toc, et toc, et tin-tin-tin! Et toc, et toc, et tin-tin-tin!*

— Victor, o senhor é um moleque.

O almoço prolongou-se. À primeira garrafa de champanhe, seguiu-se outra, uma terceira e até uma quarta… Evdoksia tagarelava sem parar; Sítnikov fazia eco à dona da casa. Debateram muito sobre o sentido do matrimônio — um preconceito ou um crime? — e sobre como nascem as pessoas — iguais ou não? E também em que consiste propriamente a individualidade. Por fim, tudo isso culminou quando Evdoksia, vermelha por causa da bebida e batendo com as unhas curtas nas teclas de um piano desafinado, desatou a cantar com voz roufenha, primeiro, canções ciganas, e depois, uma romança de Seymour-Schiff, *Dorme, sonolenta Granada*, enquanto Sítnikov enrolava uma echarpe na cabeça e representava o papel do amante agoniado, ao som das palavras:

E teus lábios nos meus
Fundir num beijo ardente.

Arkádi, enfim, não suportou mais.

— Cavalheiros, isto aqui mais parece um hospício — comentou em voz alta.

Bazárov, que só de vez em quando intervinha na conversa com uma ou outra zombaria — ocupava-se antes com o champanhe —, deu um sonoro bocejo, levantou-se e, sem se despedir da dona da casa, saiu direto pela porta, em companhia de Arkádi. Sítnikov saltou atrás deles.

— E então? E então? — perguntou, lançando-se servilmente, ora para a direita, ora para a esquerda. — Eu bem que disse aos senhores: uma personalidade notável. Seria muito melhor se nossas mulheres fossem assim! Ela, ao seu modo, é um fenômeno de elevação moral.

— E aquele estabelecimento comercial do seu pai, também é um fenômeno moral? — emendou Bazárov, apontando o dedo para uma taberna pela qual passavam naquele momento.

Sítnikov soltou de novo um riso esganiçado. Envergonhava-se muito de sua origem e não sabia se devia se sentir lisonjeado ou ofendido com a inesperada intimidade no modo de falar de Bazárov.

---

1. R. W. Bunsen (1811- 99), químico alemão.

2. *Domostroi* ou *O construtor de casas*, manual russo escrito pelo padre Silvestre no século XVI, sobre a organização familiar e doméstica.

14.

Dias depois, realizou-se o baile na casa do governador. Matviéi Ilitch foi o verdadeiro “herói da festa”, o mandatário da nobreza da província declarava a todos que viera unicamente em respeito a ele, ao passo que o governador, mesmo durante o baile, e mesmo imóvel, não parava de “dar ordens”. A delicadeza de trato de Matviéi Ilitch só era igualada pela sua imponência. Mostrava-se atencioso com todos — ora com uma nuança de asco, ora com uma nuança de consideração; derramava-se diante das damas *en vrai chevalier français* [1] e ria continuamente, com risadas fortes, sonoras e sempre iguais, como convém a um alto funcionário. Deu palmadinhas nas costas de Arkádi e chamou-o, bem alto, de “querido sobrinho”, concedeu a Bazárov, que envergava um fraque surrado, uma olhadela distraída mas indulgente e um mugido vago mas cordial, em que se podiam apenas distinguir as palavras “eu…” e “deveras”; estendeu um dedo para Sítnikov e sorriu para ele mas, no mesmo instante, virou a cabeça; e até para a própria Kúkchina, que viera ao baile sem crinolina, de luvas sujas mas com uma ave-do-paraíso nos cabelos, até para Kúkchina ele disse: “*Enchanté*”. Havia uma multidão e não faltavam cavalheiros para dançar; os civis aglomeravam-se junto às paredes e os militares dançavam com afinco, em especial um deles, que passara cerca de seis semanas em Paris, onde

aprendera diversas exclamações de fanfarrão, como: *Zut*, *Ah fichtrrre*, *Pst, pst*, *mon bibi* [2] etc. Ele as pronunciava com perfeição, com um genuíno requinte parisiense, e ao mesmo tempo dizia: *si j'aurais* em vez de *si j'avais*,[3] *absolument* no sentido de "necessariamente", em suma, exprimia-se naquele dialeto grão-russo-francês, do qual tanto riem os franceses quando não se veem obrigados a persuadir nossos compatriotas de que falamos a língua deles como anjos, "*comme des anges*".

Arkádi dançava mal, como já sabemos, e Bazárov não dançava de jeito nenhum: os dois instalaram-se num canto, Sítnikov juntou-se a eles. Com um sorriso de desdém estampado no rosto e disparando comentários venenosos, deslizava em redor um olhar petulante e parecia experimentar um autêntico deleite. De repente, seu rosto alterou-se e, voltando-se para Arkádi, como que embaraçado, anunciou:

— Odintsova chegou.

Arkádi olhou em redor e avistou uma mulher alta, de vestido preto, parada de pé na entrada do salão. Ela o impressionou pela dignidade da postura. Braços nus estendiam-se graciosos ao longo do talhe do corpo; leves ramos de fúcsia pendiam graciosos do cabelo brilhante sobre os ombros torneados; olhos serenos e inteligentes, serenos mas não sonhadores, fitavam radiantes sob a testa branca ligeiramente abaixada, e os lábios esboçavam um sorriso quase imperceptível. Uma força suave e meiga emanava do seu rosto.

— O senhor a conhece? — perguntou Arkádi para Sítnikov.

— Intimamente. Quer que eu apresente o senhor?

— Por favor… depois desta quadrilha.

Bazárov também prestou atenção em Odintsova.

— De onde saiu essa figura? — disse ele. — Não se parece com as outras mulheres.

Depois de esperar o fim da quadrilha, Sítnikov levou Arkádi até Odintsova; mas estava longe de conhecê-la intimamente: embaralhou-se nas próprias palavras e ela o olhou com certo espanto. Porém seu rosto adquiriu uma expressão cordial quando ouviu o sobrenome de família de Arkádi. Perguntou se não era filho de Nikolai Petróvitch.

— Exatamente.

— Estive com seu pai duas vezes e ouvi falar muito dele — prosseguiu. — Estou muito contente de conhecer o senhor.

Nesse momento, acercou-se dela um certo ajudante de ordens e convidou-a para a quadrilha. Ela aceitou.

— A senhora também dança? — perguntou respeitosamente Arkádi.

— Danço. Por que o senhor pensa que não danço? Ou será que lhe pareço velha demais?

— Perdão, de maneira nenhuma… Mas, nesse caso, permita que a convide para dançar a mazurca.

Odintsova sorriu com indulgência.

— Pois não — respondeu e olhou para Arkádi não propriamente com um ar arrogante, mas assim como as mulheres casadas olham para seus irmãos muito mais jovens.

Odintsova era só um pouco mais velha do que Arkádi, tinha vinte e nove anos, mas em sua presença ele se sentia um estudante, um universitário, como se a diferença de idade entre ambos fosse bem mais considerável. Matviéi Ilitch aproximou-se dela com ar majestoso e palavras servis. Arkádi apartou-se, mas continuou a observá-la: não desviou os olhos dela, mesmo durante a quadrilha. Odintsova conversava com seu par sem nenhum constrangimento, como fizera antes com o alto funcionário, movia a cabeça e os olhos de um modo sereno e, por uma ou duas vezes, riu baixinho. Seu nariz era um pouco largo, como o de quase todos os russos, e a cor da pele

não era totalmente clara; apesar de tudo isso, Arkádi concluiu que jamais vira outra mulher tão encantadora. O som da sua voz não saía dos ouvidos de Arkádi; até as pregas do seu vestido pareciam assentar de um modo diferente do que se via nas outras mulheres, com mais harmonia e mais desenvoltura, e seus movimentos eram excepcionalmente fluidos e naturais ao mesmo tempo.

Arkádi sentiu um certo acanhamento no coração quando, aos primeiros sons da mazurca, tomou assento ao lado da sua dama e, preparando-se para travar uma conversa, limitou-se a passar a mão pelo cabelo, sem encontrar uma única palavra. Mas seu acanhamento e sua agitação duraram pouco; a serenidade de Odintsova contagiou também a ele: em menos de quinze minutos, Arkádi já discorria livremente sobre seu pai, seu tio, sobre a vida em São Petersburgo e no campo. Odintsova escutava-o com um interesse educado, abrindo e fechando de leve o leque; a tagarelice dele se interrompia quando cavalheiros vinham tirá-la para dançar; Sítnikov, aliás, tirou-a duas vezes. Ela voltava, sentava-se outra vez, empunhava o leque, sem que seu peito de forma alguma respirasse mais depressa, e Arkádi logo recomeçava a falar, profundamente impregnado da felicidade de estar perto dela, conversar com ela, ver seus olhos, sua testa maravilhosa, todo o seu rosto gracioso, altivo e inteligente. Ela mesma falava pouco, mas suas palavras denotavam conhecimento da vida; por certas observações de Odintsova, Arkádi concluiu que aquela mulher ainda jovem já tivera oportunidade de viver e de pensar bastante…

— Quem é aquele que estava com o senhor — perguntou para Arkádi —, quando o sr. Sítnikov veio apresentá-lo a mim?

— A senhora o notou? — perguntou Arkádi, por sua vez. — Tem um rosto simpático, não acha? Chama-se Bazárov, é meu amigo.

Arkádi pôs-se a falar sobre o “meu amigo”.

Falou com tantos pormenores e com tamanho entusiasmo que Odintsova se voltou para ele e o observou com atenção. Nesse meio-tempo, a mazurca aproximava-se do fim. Arkádi lamentou separar-se de sua dama: passara com ela uma hora tão boa! Na verdade, durante todo esse tempo, teve a constante sensação de que Odintsova o tratava de forma condescendente, de que era sua obrigação sentir-se grato a ela… mas os corações jovens não se incomodam com esse sentimento.

A música cessou.

— *Merci* — disse Odintsova, levantando-se. — O senhor prometeu vir me visitar, traga também o seu amigo. Vou achar muito interessante conhecer um homem que tem a coragem de não acreditar em nada.

O governador aproximou-se de Odintsova, comunicou que o jantar estava servido e, com um rosto preocupado, estendeu-lhe o braço. Enquanto se retirava, ela se voltou a fim de, pela última vez, sorrir e menear a cabeça para Arkádi. Este inclinou-se bastante, numa reverência, seguiu-a com o olhar (como seu talhe parecia bem desenhado, imerso no brilho acinzentado da seda preta!) e, pensando que “neste momento, ela já se esqueceu da minha existência”, experimentou na alma uma refinada resignação…

— E então? — perguntou Bazárov para Arkádi, assim que este voltou para o canto do salão. — Aproveitou bastante? Ainda há pouco, um fidalgo me contava que essa senhora é… opa-opa; é bem verdade que o tal fidalgo parecia um palerma. Mas e você, o que diz dela… opa-opa?

— Não compreendo absolutamente essa definição — respondeu Arkádi.

— Essa não! Que inocente!

— Nesse caso, não compreendo o fidalgo que falou com você. Odintsova é muito gentil, isso nem se discute, mas é tão fria e se porta com tanta sobriedade que…

— No poço silencioso se esconde o diabo,[4] você sabe! — cortou Bazárov. — Parece que ela é fria. Mas mesmo nisso há uma sedução. Você não gosta de sorvete?

— Talvez — murmurou Arkádi. — Não posso emitir julgamentos a respeito. Odintsova quer conhecer você e me pediu que o leve à casa dela.

— Posso imaginar como você me descreveu! Mas, na verdade, procedeu bem. Leve-me. Seja ela quem for, uma simples sedutora da província ou uma *emancipée* ao estilo de Kúkchina, o fato é que tem uns ombros como eu havia muito tempo não via.

Arkádi chocou-se com o cinismo de Bazárov, mas — como acontece com frequência — repreendeu o amigo não exatamente por aquilo que lhe desagradava…

— Por que você não quer admitir a liberdade de pensamento nas mulheres? — perguntou à meia-voz.

— Porque, meu caro, segundo as minhas observações, as únicas mulheres que pensam de forma livre são as monstruosas de tão feias.

A conversa interrompeu-se nesse ponto. Os dois jovens retiraram-se logo depois do jantar. Kúkchina riu pelas costas deles, de forma nervosa e malévola, mas não sem certo receio: seu amor-próprio ficou profundamente ferido porque nem um nem outro lhe haviam concedido qualquer atenção. Demorou-se no baile mais tempo do que todos os demais e já passava das três da madrugada quando dançou uma polca-mazurca inteira com Sítnikov, à moda parisiense. Com esse espetáculo instrutivo, chegou ao fim a festa do governador.

---

1. Francês: “Como um verdadeiro cavalheiro francês”.
2. Francês: “Merda”, “cala a boca”, “psiu, minha boneca”.
3. Francês: “Se eu tivesse”.
4. Provérbio russo.

15.

— Vejamos a que categoria de mamíferos pertence essa fulana — disse Bazárov para Arkádi, no dia seguinte, subindo ao seu lado a escada do hotel em que Odintsova estava hospedada. — O meu faro sente que há aqui alguma coisa anormal.

— Você me surpreende! — exclamou Arkádi. — Como pode? Você, Bazárov, acata essa moral estreita segundo a qual…

— Como você é engraçado! — cortou Bazárov, com desdém. — Acaso ignora que, no nosso dialeto e para os nossos irmãos, “anormal” significa “normal”? É uma vantagem. Você mesmo me disse, hoje, que ela se casou de uma forma estranha, se bem que, na minha opinião, casar-se com um velho rico nada tem de estranho, ao contrário, é bastante prudente. Não creio nos boatos que correm numa cidade; mas gosto de pensar, como diz o nosso instruído governador, que eles são justos.

Arkádi não respondeu nada e bateu à porta do quarto. Um criado jovem, de libré, conduziu os dois amigos para o interior de um amplo aposento, mal mobiliado, como todos os quartos dos hotéis russos, mas repleto de flores. Logo surgiu Odintsova, num vestido matutino simples. Parecia ainda mais jovem à luz do sol da primavera. Arkádi apresentou-lhe Bazárov e, com uma surpresa dissimulada, notou que o amigo parecia desconcertado,

enquanto Odintsova se mantinha perfeitamente calma, como no dia anterior. O próprio Bazárov sentiu que estava desconcertado e irritou-se. “Essa é boa! Com medo de uma mulher!”, pensou ele e, esparramando-se numa poltrona de modo tão desagradável quanto Sítnikov, pôs-se a falar com desembaraço exagerado, enquanto Odintsova não desviava dele seus olhos claros.

Anna Serguêievna Odintsova era filha de Serguei Nikoláievitch Lóktiev, homem célebre pela beleza, aventureiro e jogador que, depois de permanecer quinze anos em São Petersburgo e em Moscou, onde ganhou fama, acabou perdendo tudo no jogo e se viu obrigado a ir morar no campo, onde, aliás, veio a morrer bem depressa, deixando as migalhas de seus bens para as duas filhas, Anna — de vinte anos — e Katierina — de doze. A mãe delas, descendente da empobrecida família do príncipe Kh…, havia falecido em São Petersburgo quando o marido ainda estava na plenitude de suas forças. A situação de Anna após a morte do pai tornou-se muito difícil. A educação sofisticada que recebera em São Petersburgo não a havia preparado para a carga de preocupações de quem deve cuidar de uma propriedade rural e administrar uma casa — nem para uma vida obscura e rústica no campo. Ela não conhecia absolutamente ninguém em toda a região e não tinha a quem pedir conselhos. Seu pai cuidara de evitar qualquer relação com os vizinhos; desprezava-os e eles também o desprezavam, cada um ao seu modo. Anna, porém, não se deixou abater e rapidamente tratou de chamar para sua casa a irmã de sua mãe, a princesa Avdótia Stiepánovna Kh…, uma velhinha malévola e arrogante que, uma vez instalada na casa da sobrinha, tomou para si todos os melhores cômodos, resmungava e rosnava da manhã à noite e só passeava pelo jardim em companhia do seu único servo, um lacaio carrancudo, de libré surrada, cor de ervilha e com galões azuis, e um chapéu de três pontas. Anna

suportava pacientemente todas as extravagâncias da tia, cuidava, aos poucos, da educação da irmã e já parecia resignar-se à ideia de definhar naquele fim de mundo… Mas o destino lhe reservava outra sorte. Viu-a, por acaso, um certo Odintsov, homem muito rico, de quarenta e seis anos, excêntrico, hipocondríaco, gorducho, pesado e azedo, mas que não era tolo nem mau; apaixonou-se por ela e pediu sua mão em casamento. Anna aceitou ser sua esposa — Odintsov viveu com ela durante seis anos e, ao morrer, deixou-lhe todos os seus bens. Anna Serguêievna não se afastou de sua propriedade por cerca de um ano após a morte do marido; depois disso, partiu para o exterior, em companhia da irmã, mas só esteve na Alemanha; sentiu saudades e voltou para residir na sua amada Nikólskoie, situada a quarenta verstas da cidade de ***. Lá, possuía uma casa magnífica, muito bem instalada, e um lindo jardim com estufas: o falecido Odintsov não se privava de conforto. Anna Serguêievna raramente era vista na cidade, aonde em geral ia a negócios e, mesmo nesse caso, por pouco tempo. Não era querida na província, diziam coisas horríveis sobre o seu casamento com Odintsov, inventavam a respeito dela todas as histórias possíveis, acreditavam que Anna ajudara o pai em suas trapaças no jogo, diziam que não fora para o exterior por acaso, mas pela necessidade de ocultar certas consequências desagradáveis… “O senhor entende o que digo?”, faziam questão de concluir os indignados boateiros. “Comeu o pão que o diabo amassou”, diziam a respeito dela, e um conhecido gozador da província costumava acrescentar: “e os bolinhos também”. Todos esses rumores chegavam a Anna, mas ela deixava que entrassem por um ouvido e saíssem pelo outro: tinha um caráter independente e bastante determinado.

Odintsova sentou-se, recostou-se no espaldar da poltrona e, pondo uma mão sobre a outra, escutou Bazárov. Contra seus hábitos, ele falou muito e obviamente procurava atrair o interesse da sua interlocutora, o que também

surpreendeu Arkádi. Este não conseguia concluir se Bazárov estava ou não conseguindo alcançar seu propósito. Pelo rosto de Anna Serguêievna, era difícil adivinhar que impressões ela experimentava: conservava a mesma expressão amável, delicada, seus lindos olhos cintilavam de atenção, mas era uma atenção serena. A afetação de Bazárov, nos primeiros minutos da visita, produziu sobre ela um efeito desagradável, como um cheiro ruim ou um gosto cortante; mas logo Anna compreendeu que ele se sentia desconcertado e isso até a lisonjeou. Só a banalidade a repelia e ninguém poderia acusar Bazárov de banal. Arkádi, nesse dia, não parava de se surpreender. Esperava que Bazárov se pusesse a falar com Odintsova como se fala com uma mulher inteligente, sobre suas convicções e pontos de vista: ela mesma expressara seu desejo de ouvir o homem "que tem a coragem de não acreditar em nada", mas em lugar disso Bazárov discursou sobre medicina, homeopatia, botânica. Verificou-se que Odintsova não desperdiçava o seu tempo de solidão: lera vários bons livros e exprimia-se em russo correto. Orientou a conversa para a música mas, percebendo que Bazárov não apreciava a arte, retornou discretamente para a botânica, embora Arkádi já tivesse começado a falar sobre o significado das melodias populares. Odintsova continuava a tratá-lo como a um irmão mais novo: parecia estimar em Arkádi a bondade e a ingenuidade da juventude — e nada mais. A palestra se prolongou por mais de três horas, lenta, variada e vivaz.

Os dois amigos, enfim, se levantaram para se despedir. Anna Serguêievna fitou-os com carinho, estendeu para ambos sua bela mão branca e, depois de um instante de reflexão, com um sorriso indeciso mas bondoso, propôs:

— Cavalheiros, se os senhores não receiam o tédio, venham um dia me visitar em Nikólskoie.

— Longe disso, Anna Serguêievna — exclamou Arkádi. — Seria para mim uma felicidade e uma honra extraordinária se…

— E o senhor, Monsieur Bazárov?

Bazárov limitou-se a curvar-se em uma reverência — e Arkádi, ainda uma vez, se surpreendeu: notou que seu amigo ficara ruborizado.

— E então? — perguntou para Bazárov, na rua. — Continua com a opinião de que ela é… opa-opa?

— Quem pode saber o que ela é? Você viu como ela se congelou! — retrucou Bazárov e, após um breve silêncio, acrescentou: — Uma duquesa, uma grande dama poderosa. Só falta uma cauda real para ela arrastar atrás de si e uma coroa na cabeça.

— Nossas duquesas não falam russo dessa forma — observou Arkádi.

— Ela já passou por muitos apertos, meu irmãozinho, já comeu do mesmo pão que nós.

— Mesmo assim, é encantadora — interrompeu Arkádi.

— Um corpo espetacular! — continuou Bazárov. — Quem dera estivesse agora no anfiteatro da aula de anatomia.

— Pare com isso, Evguiêni, pelo amor de Deus! Assim já é demais!

— Puxa, não fique zangado, seu maricas. É claro que ela é de primeira classe. Teremos de ir à casa dela.

— Quando?

— Que tal depois de amanhã? Afinal, o que há para fazer aqui? Beber champanhe com Kúkchina? Ouvir as conversas do seu parente, o alto funcionário liberal? Portanto, depois de amanhã, vamos embora. Por falar nisso, a propriedade do meu pai não fica longe de lá. Essa tal de Nikólskoie não fica na estrada para ***?

— Sim.

— *Optime*.[1] Não percamos tempo, só perdem tempo os tolos… e os sabichões. Só lhe digo uma coisa: que corpo espetacular!

Três dias depois, os dois amigos rodavam pela estrada rumo a Nikólskoie. O dia estava radiante, mas não quente demais, os cavalos de posta bem nutridos corriam com ímpeto, sacudindo de leve suas caudas torcidas e trançadas. Arkádi olhava para a estrada e sorria, sem saber por quê.

— Dê-me os parabéns — exclamou Bazárov, de repente. — Hoje é 22 de junho, dia do meu santo onomástico.[2] Vejamos como ele cuida de mim. Hoje, na casa dos meus pais, estão à minha espera — acrescentou, baixando a voz. — Ora, azar, que esperem!

---

1. Latim: “Ótimo”.

2. Na Rússia, as pessoas comemoram como aniversário o dia do santo que tem o seu nome.

16.

A propriedade em que morava Anna Serguêievna ficava na encosta nua de uma colina, a curta distância de uma igreja amarela de pedra, com telhado verde, colunas brancas e um afresco pintado acima da entrada principal, que representava a ressurreição de Cristo ao estilo “italiano”. Era especialmente digno de nota, por seus contornos arredondados, um guerreiro de elmo e pele morena, bem visível em primeiro plano. Atrás da igreja, um vilarejo comprido se estendia em duas fileiras de casas, com chaminés que cintilavam, aqui e ali, sobre os telhados de palha. A casa senhorial fora construída no mesmo estilo da igreja, conhecido entre nós pelo nome de alexandrino; essa casa também era pintada de amarelo, também tinha telhado verde, colunas brancas e um frontão com o brasão da família. O arquiteto da província erguera ambos os prédios com a aprovação do falecido Odintsov, que não tolerava nenhuma inovação oca e voluntariosa, como ele dizia. Junto à casa, de ambos os lados, erguiam-se as árvores escuras de um antigo pomar, e uma alameda de abetos podados conduzia à entrada principal.

Nossos amigos encontraram na antessala dois lacaios altos, de libré; um deles imediatamente correu para chamar o mordomo. Este, um homem gordo e de fraque preto, apareceu sem demora e conduziu os visitantes por

uma escada atapetada até um quarto reservado, onde já havia dois leitos prontos, com todos os apetrechos de toalete. Era evidente que, na casa, reinava a ordem: tudo estava limpo, de toda parte vinha um aroma agradável, como nas salas de recepção dos ministérios.

— Anna Serguêievna pede que os senhores lhe deem a honra de uma visita daqui a meia hora — comunicou o mordomo. — Nesse meio-tempo, os senhores teriam alguma ordem?

— Nenhuma ordem, respeitabilíssimo senhor — respondeu Bazárov. — Mas quem sabe o senhor não se dignaria a nos trazer um cálice de vodca?

— Perfeitamente, senhor — disse o mordomo, não sem perplexidade, e retirou-se, com as botas guinchando.

— Que *grand genre*! —[1] comentou Bazárov. — Parece que é assim que chamam isso entre vocês, não é? Uma perfeita duquesa, sem tirar nem pôr.

— Boa duquesa, esta — replicou Arkádi —, que convida para sua casa dois aristocratas, como eu e você, logo na primeira vez que nos vê.

— Especialmente eu, um futuro médico, filho de médico e neto de sacristão… Sabia que sou neto de um sacristão? Como Speránski —[2] acrescentou Bazárov, após um breve silêncio e depois de crispar os lábios. — De todo modo, ela se mimou demais. Ah, como essa grande dama mimou a si mesma! Será que teremos de vestir fraques?

Arkádi limitou-se a encolher os ombros… Mas ele também sentia um certo embaraço.

Após meia hora, Bazárov e Arkádi adentraram a sala de estar. Era um cômodo amplo, alto, decorado com muito luxo, mas sem bom gosto especial. Móveis pesados e caros dispunham-se, na maneira afetada de costume, ao longo das paredes revestidas de papel castanho, com desenhos dourados; o falecido Odintsov mandara vir de Moscou essa mobília, por intermédio de um amigo, seu representante comercial, que era vendedor de

vinhos. Acima do sofá do meio, pendia o retrato de um homem louro e obeso — que parecia fitar os convidados com animosidade.

— Deve ser o próprio — sussurrou Bazárov para Arkádi e, torcendo o nariz, acrescentou: — Não é melhor batermos em retirada?

Mas, nesse instante, entrou a dona da casa. Trajava um vestido leve, de lã; os cabelos lisos, penteados para trás das orelhas, davam ao seu rosto fresco e limpo um ar de menina.

— Agradeço aos senhores por haverem cumprido sua palavra — começou ela — e terem vindo hospedar-se comigo: não é aborrecido ficar aqui. Vou apresentá-los à minha irmã, ela toca piano bem. Para o senhor, Monsieur Bazárov, isso não faz diferença; mas o senhor, Monsieur Kirsánov, gosta de música, ao que parece. Além da minha irmã, mora comigo uma tia idosa, e há um vizinho que aparece de vez em quando para jogar cartas: eis aí toda a nossa sociedade. Agora, vamos sentar.

Odintsova pronunciou todo esse pequeno discurso com uma clareza singular, como se o tivesse decorado; em seguida, dirigiu a palavra a Arkádi. Acontece que a mãe dela conhecera a mãe de Arkádi e fora até confidente do seu amor por Nikolai Petróvitch. Arkádi começou a falar com ardor sobre a sua falecida mãe; enquanto isso, Bazárov pôs-se a examinar os álbuns. “Que carneirinho manso eu virei”, pensou consigo mesmo.

Um bonito galgo com uma coleira azul entrou correndo na sala, batendo as unhas no chão, e atrás dele veio uma moça de dezoito anos, de cabelos pretos, pele morena, rosto um pouco arredondado mas agradável, de olhos pequenos e escuros. Trazia nas mãos uma cesta, cheia de flores.

— Senhores, esta é a minha Kátia — anunciou Odintsova, apontando para ela com um movimento de cabeça.

Kátia fez uma ligeira reverência, instalou-se ao lado da irmã e pôs-se a selecionar flores. Abanando a cauda, o galgo, cujo nome era Fifi,

aproximou-se dos dois visitantes e enfiou o focinho gelado na mão de cada um deles.

— Você mesma colheu essas flores? — perguntou Odintsova.

— Eu mesma — respondeu Kátia.

— E a titia vem para o chá?

— Vem.

Quando Kátia falava, sorria de forma muito meiga, acanhada e honesta, e olhava de um modo ao mesmo tempo alegre e severo, de baixo para cima. Tudo nela era ainda jovem e imaturo: a voz, a penugem em todo seu rosto, as mãos rosadas com um círculo esbranquiçado na palma, os ombros um pouquinho encolhidos… Ela ruborizava-se a todo instante e respirava depressa.

Odintsova voltou-se para Bazárov.

— É por mera cortesia que o senhor examina essas estampas, Evguiêni Vassílitch — disse ela. — O senhor não se interessa por isso. Por gentileza, mude de lugar, venha para perto de nós e vamos debater algum assunto.

Bazárov aproximou-se.

— Que assunto a senhora deseja? — perguntou ele.

— O que o senhor quiser. Previno-o de que sou uma debatedora formidável.

— A senhora?

— Eu. Parece que isso surpreende o senhor. Por quê?

— Porque, até onde posso julgar, a senhora é de índole serena e fria e, para travar um debate, é preciso fervor.

— Como o senhor conseguiu me conhecer tão depressa? Em primeiro lugar, sou impaciente e pertinaz, pergunte para Kátia; em segundo lugar, me deixo entusiasmar com muita facilidade.

Bazárov fixou os olhos em Anna Serguêievna.

— Pode ser, a senhora deve saber melhor do que eu. Pois bem, se lhe agrada debater, assim seja. Eu observava, há pouco, paisagens da Saxônia suíça no seu álbum e a senhora comentou que isso não poderia ser do meu interesse. A senhora fez esse comentário porque supôs não haver em mim um sentido artístico, e de fato não existe em mim tal coisa; porém essas paisagens poderiam me interessar do ponto de vista geológico, do ponto de vista da formação das montanhas, por exemplo.

— Perdoe-me; como geólogo, o senhor deveria, antes, fazer uso de um livro, de uma obra especializada, e não de desenhos.

— Um desenho me apresenta de forma visível aquilo que, num livro, vem exposto em dez páginas.

Anna Serguêievna permaneceu calada.

— E mesmo assim o senhor não possui nem um pingo de sentido artístico? — insistiu ela, apoiando os cotovelos sobre a mesa e, com esse movimento, aproximando seu rosto de Bazárov. — Como o senhor consegue viver sem isso?

— E para que é necessário, se me permite a pergunta?

— No mínimo, para poder conhecer e estudar as pessoas.

Bazárov sorriu.

— Em primeiro lugar, para isso existe a experiência da vida; em segundo lugar, garanto à senhora que estudar as personalidades individualmente não vale a pena. Todas as pessoas se parecem no corpo e também na alma; todos temos cérebro, baço, coração, pulmões, tudo constituído da mesma forma; assim também as chamadas qualidades morais são exatamente iguais em todos: pequenas alterações nada significam. Basta um exemplar humano para julgar todos os demais. Pessoas são como árvores na floresta; botânico algum se daria ao trabalho de estudar cada bétula em separado.

Kátia, que sem nenhuma pressa escolhia uma flor de cada vez, ergueu os olhos para Bazárov, espantada — e, ao dar com o olhar rápido e desdenhoso do rapaz, ruborizou-se toda, até as orelhas. Anna Serguêievna balançou a cabeça.

— Árvores na floresta — repetiu ela. — Quer dizer que, para o senhor, não existe diferença entre homens tolos e inteligentes, entre bons e maus?

— Existe: como entre saudáveis e doentes. Os pulmões de um tuberculoso não se encontram nas mesmas condições que os pulmões da senhora, embora sejam igualmente constituídos. Conhecemos aproximadamente as causas das enfermidades do corpo; e as doenças morais advêm da educação precária, de todas as bobagens com que, desde a infância, atulham as cabeças das pessoas, em suma, da situação revoltante da sociedade. Corrijam a sociedade e não haverá doenças.

Bazárov declarou tudo isso com a expressão de quem, ao mesmo tempo, pensava consigo mesmo: “Creia ou não no que digo, para mim tanto faz!”. Passava lentamente os dedos compridos pelas suíças e os olhos se esquivavam, voltando-se para os cantos da sala.

— E o senhor supõe — disse Anna Serguêievna — que, quando a sociedade for corrigida, não haverá mais tolos nem pessoas más?

— Pelo menos, numa ordenação social correta, será absolutamente indiferente o fato de a pessoa ser tola ou inteligente, má ou boa.

— Sim, entendo; todos terão um baço exatamente igual.

— Exatamente isso, nobre senhora.

Odintsova voltou-se para Arkádi.

— E qual a opinião do senhor, Arkádi Nikoláievitch?

— Concordo com Evguiêni — respondeu.

Kátia olhou para ele de soslaio.

— Os senhores me surpreendem, cavalheiros — disse Odintsova —, mas depois voltaremos a palestrar. Agora, ouço que a titia vem vindo para tomar chá; devemos poupar os ouvidos dela.

A tia de Anna Serguêievna, a princesa Kh…ia, mulher magra e miúda, de rosto contraído como um punho cerrado e de olhos imóveis e malignos sob uma peruca grisalha, entrou e, depois de mal ter feito uma reverência aos visitantes, deixou-se cair numa larga poltrona de veludo, onde ninguém senão ela tinha direito de se sentar. Kátia colocou um banquinho sob seus pés; a velha não lhe agradeceu, nem sequer olhou para ela, apenas revolveu as mãos sob o xale amarelo, que recobria quase todo seu corpo mirrado. A princesa adorava a cor amarela: até na touca tinha fitas amarelo-claras.

— A senhora dormiu bem, titia? — perguntou Odintsova, elevando a voz.

— Esse cachorro está aqui de novo — resmungou a velha em resposta e, notando que Fifi dera dois passos hesitantes na sua direção, exclamou: — Xô! Xô!

Kátia chamou Fifi e abriu a porta para ele sair.

Fifi lançou-se para fora, alegremente, na esperança de que o fossem levar para um passeio mas, vendo-se sozinho atrás da porta, pôs-se a arranhar a madeira e a ganir. A princesa franziu o rosto, Kátia fez menção de sair…

— Creio que o chá está pronto — disse Odintsova. — Cavalheiros, venham; titia, por gentileza, venha tomar chá.

A princesa levantou-se da poltrona em silêncio e foi a primeira a sair da sala de estar. Todos a seguiram rumo à sala de jantar. Um menino de libré afastou ruidosamente da mesa uma poltrona também de uso exclusivo e coberta de almofadas, onde a princesa se sentou; Kátia, ao servir o chá, deu primeiro a ela a xícara com o brasão pintado. A velha pôs mel na xícara (pensava que tomar chá com açúcar era um pecado, além de custar caro,

embora ela mesma não gastasse nem um copeque com coisa alguma) e de repente perguntou, com voz rouca:

— E o que escreve o príncipe Ivan?

Ninguém lhe respondeu. Bazárov e Arkádi logo adivinharam que não lhe davam atenção, embora a tratassem com deferência. “Só para se darem um ar de importância, porque é filha de um príncipe”, pensou Bazárov… Após o chá, Anna Serguêievna propôs irem passear; mas começou a chuviscar e todos, com a exceção da princesa, voltaram para a sala de estar. Chegou o vizinho, um amante do jogo de cartas, chamado Porfíri Platónitch, homem gorducho e grisalho, de perninhas curtas, como se tivessem sido roídas, muito educado e risonho. Anna Serguêievna, que conversava cada vez mais com Bazárov, perguntou-lhe se não gostaria de disputar contra eles uma partida de um antigo jogo de cartas chamado preferência. Bazárov aceitou, dizendo que precisava, desde já, preparar-se para o seu futuro ofício de médico de província.

— Tome cuidado — preveniu Anna Serguêievna. — Eu e Porfíri Platónitch vamos lhe dar uma surra, no jogo. E você, Kátia — acrescentou —, toque alguma coisa para Arkádi Nikoláievitch; ele adora música, e nós aproveitaremos para escutar, também.

Kátia, a contragosto, aproximou-se do piano; e Arkádi, embora de fato gostasse de música, seguiu-a a contragosto: teve a impressão de que Odintsova o mandara embora e, no seu coração, como ocorre com todos os jovens dessa idade, já se acumulava alguma sensação confusa e aflitiva, semelhante a um pressentimento de amor. Kátia levantou a tampa do piano e, sem olhar para Arkádi, disse a meia-voz:

— O que vou tocar para o senhor?

— O que quiser — respondeu Arkádi, com indiferença.

— Que música o senhor prefere? — repetiu Kátia, sem mudar de posição.

— Clássica — respondeu Arkádi, no mesmo tom de voz.

— O senhor gosta de Mozart?

— Gosto de Mozart.

Kátia escolheu a “Sonata Fantasia em dó menor”, de Mozart. Tocava muito bem, embora de modo um pouco severo e seco. Sem desviar os olhos da partitura e de lábios estreitamente cerrados, ela se manteve imóvel e reta em seu lugar, e só no fim da sonata seu rosto se afogueou e uma pequenina mecha, que se destrançara do cabelo, tombou na sobrancelha escura.

Arkádi ficou admirado, em especial, com a última parte da sonata, quando, em meio à alegria cativante de uma melodia descontraída, irrompem subitamente rajadas de mágoas amargas, quase trágicas… Mas os pensamentos, arrebatados por esses sons de Mozart, não incluíam Kátia. Olhando para ela, Arkádi limitava-se a pensar: “Ora, essa senhorita não toca nada mal, e ela mesma nada tem de feia”.

Terminada a sonata, Kátia, sem afastar as mãos do teclado, perguntou: “Basta?”. Arkádi declarou que não tinha o direito de incomodá-la mais e pôs-se a conversar sobre Mozart; perguntou se ela mesma havia escolhido aquela sonata ou se alguém lhe havia recomendado. Mas Kátia respondeu de modo lacônico: retraiu-se, fugiu para dentro de si mesma. Quando isso lhe acontecia, só muito lentamente ela voltava a se expor; até o seu rosto adquiria, então, uma expressão fechada, quase apática. Kátia não era propriamente tímida, mas sim desconfiada e um pouco intimidada pela irmã que a educara e que, com certeza, nem imaginava tal coisa. Arkádi pôs fim a isso chamando Fifi, que estava de volta, e, para manter a *contenance*,[3] afagou-lhe a cabeça com um sorriso bondoso. Kátia voltou a ocupar-se das flores.

Enquanto isso, Bazárov perdia uma partida após a outra. Anna Serguêievna jogava cartas com maestria, Porfíri Platónitch também sabia se defender. Bazárov sofria perdas que, embora insignificantes, não eram nada agradáveis para ele. Após o jantar, Anna Serguêievna mais uma vez conduziu a conversa para a botânica.

— Vamos passear, amanhã de manhã — disse para Bazárov. — Quero que o senhor me ensine os nomes em latim das plantas do campo e de suas espécies.

— E para que a senhora deseja saber os nomes em latim? — perguntou Bazárov.

— Em tudo precisa haver uma ordem — respondeu ela.

— Que mulher maravilhosa é Anna Serguêievna — exclamou Arkádi, ao ficar sozinho com seu amigo, no quarto reservado para eles.

— Sim — respondeu Bazárov —, a mulherzinha tem um cérebro. E também muita experiência.

— Em que sentido diz isso, Evguiêni Vassílitch?

— No bom sentido, no bom sentido, meu camaradinha Arkádi Nikolaitch! Estou convencido de que ela administra muito bem sua propriedade. Mas o maravilhoso mesmo não é ela, e sim a irmã.

— O quê? Aquela moreninha?

— Pois é, aquela moreninha. Tem um frescor, uma pureza, uma timidez, uma reticência, e o que mais você quiser. Eis alguém que se pode trabalhar. Dessa, ainda é possível fazer aquilo que você imaginar; a outra é sabida demais.

Arkádi nada respondeu e ambos se deitaram para dormir, cada um com seus próprios pensamentos.

Anna Serguêievna, nessa noite, também pensava nos seus hóspedes. Gostou de Bazárov — pela ausência de afetação e pela própria crueza de

suas opiniões. Viu nele algo novo, algo que ainda não havia encontrado, e ficou curiosa.

Anna Serguêievna era uma criatura bastante estranha. Destituída de qualquer preconceito, e até mesmo de quaisquer convicções fortes, ela não recuava diante de nada e nunca dava o braço a torcer. Percebia muita coisa com clareza, interessava-se por muitos assuntos e nada a satisfazia inteiramente; é pouco provável que desejasse uma satisfação total. Tinha um espírito ao mesmo tempo indagador e indiferente: suas dúvidas nunca esmoreciam a ponto de serem esquecidas e nunca cresciam a ponto de se tornarem uma angústia. Não fosse ela rica e independente, se lançaria talvez à luta, iria conhecer de perto a paixão… Mas tinha uma vida fácil e, apesar de às vezes se entediar, continuava a viver um dia após o outro, sem pressa, e só raramente experimentava alguma inquietação. De tempos em tempos, cores irisadas chamejavam diante dos seus olhos, mas ela se sentia repousada quando esse brilho se extinguia, e não se lamentava. A imaginação a levava além dos limites daquilo que se considera permitido pelas leis da moral comum; mas, mesmo nesses momentos, o sangue corria sereno como antes pelo seu corpo encantadoramente bem-proporcionado e tranquilo. Por vezes, ao sair de um banho aromático, bem aquecida e descansada, ela se punha a refletir sobre a insignificância da vida, sobre a infelicidade, o trabalho, o mal… Sua alma se enchia de uma coragem repentina, punha-se a ferver com aspirações nobres; mas uma corrente de ar soprava através da janela entreaberta e, então, Anna Serguêievna encolhia-se toda, queixava-se, quase se zangava e, nesse momento, só queria saber de uma coisa: que aquele vento horroroso parasse de soprar sobre ela.

Como todas as mulheres que não conseguiram apaixonar-se, desejava algo que ela mesma não sabia exatamente o que era. No fundo, não desejava coisa alguma, embora tivesse a impressão de desejar tudo.

Suportara com muita dificuldade o falecido Odintsov (casara com ele por interesse, mas é improvável que admitisse tornar-se sua esposa se não o julgasse um homem bom) e adquiriu uma secreta aversão a todos os homens, que lhe pareciam nada menos que desmazelados, pesados e indolentes, criaturas debilmente maçantes. Certa vez, em algum lugar no exterior, conheceu um sueco jovem e bonito, com uma expressão cavalheiresca no rosto, de olhos azuis e honestos sob uma testa alta; despertou nela uma forte impressão, mas nem isso a impediu de voltar para a Rússia.

“Homem curioso, esse médico”, pensou ela, deitada em sua cama magnífica, sobre travesseiros rendados, sob leves cobertas de seda… Anna Serguêievna herdara do pai uma parcela do seu pendor para o luxo. Ela adorava seu pai, homem pecador, mas bom, e ele por sua vez a idolatrava, gracejava com ela amistosamente, como um igual, e tinha inteira confiança na filha, aconselhava-se com ela. Da mãe, Anna Serguêievna mal se lembrava.

“Curioso, esse médico!”, repetiu consigo mesma. Espreguiçou-se, sorriu, cruzou as mãos sob a cabeça, em seguida correu os olhos por uma ou duas páginas de um tolo romance francês, deixou cair o livro — e adormeceu, muito limpa e fria, em roupas de cama frescas e perfumadas.

Na manhã seguinte, logo após o desjejum, Anna Serguêievna saiu em companhia de Bazárov para uma expedição botânica, da qual ambos voltaram na hora do almoço; Arkádi não foi a parte alguma e passou cerca de uma hora com Kátia. Não sentiu enfado em sua companhia, ela mesma se ofereceu para tocar de novo a sonata do dia anterior; mas, quando Odintsova enfim retornou, quando ele a viu — o coração de Arkádi no mesmo instante se encolheu… Ela caminhava pelo jardim num passo um tanto cansado; suas faces estavam ruborizadas e os olhos brilhavam mais

claros que de costume, sob o chapéu de palha redondo. Girava entre os dedos a fina hastezinha de uma flor do campo, a leve mantilha havia caído até os cotovelos e as largas fitas cinzentas do chapéu desciam até tocar o peito. Bazárov caminhava atrás dela, com ar confiante e descuidado, como sempre, mas a expressão do seu rosto, embora alegre e até afetuosa, não agradou a Arkádi. Depois de murmurar entre os dentes: “Bom dia!”, Bazárov dirigiu-se para o quarto e Odintsova apertou distraidamente a mão de Arkádi, também sem se deter.

“Bom dia?”, pensou Arkádi… “Mas já não nos cumprimentamos hoje?”

---

1. Francês: “Grande figura”.

2. M. M. Speránski (1772-1839), primeiro plebeu a ocupar um alto cargo de governo na Rússia.

3. Francês: “Para manter as aparências”.

17.

O tempo (como se sabe) às vezes voa como um pássaro, outras vezes se arrasta como um verme; mas, para o homem, o melhor é que nem repare se o tempo passa rápido ou devagar. Exatamente desse modo, Arkádi e Bazárov passaram cerca de quinze dias na propriedade de Odintsova. Para isso contribuiu, em parte, a ordem que ela fazia vigorar em sua casa e em sua vida. Aferrava-se com rigor a essa ordem e obrigava os outros a submeter-se a ela. Tudo, no decorrer do dia, se cumpria numa hora determinada. De manhã cedo, às oito horas, todos se reuniam para o chá; do chá até o almoço, todos faziam o que desejavam e a dona da casa tratava de negócios com o administrador (em suas terras, os camponeses pagavam tributo à proprietária, pelo uso da terra), com o mordomo e com a governanta-chefe. Antes do jantar, todos se reuniam de novo para conversar ou ouvir uma leitura em voz alta; a tarde era consagrada a um passeio, a um jogo de cartas, à música; às dez e meia, Anna Serguêievna se retirava para o seu quarto, dava ordens para o dia seguinte e deitava-se para dormir. Bazárov não gostava dessa pontualidade cadenciada e um pouco solene na vida diária; “como rodar sobre trilhos”, sentenciava ele: lacaios de libré e mordomos cerimoniosos insultavam o seu sentimento democrático. Achava que, seguindo essa lógica, em breve estariam almoçando à moda inglesa, de

fraque e gravata branca. Certa vez, tratou desse assunto com Anna Serguêievna. Ela se conduzia de tal modo que ninguém sentia medo de lhe revelar francamente suas opiniões. Ouviu Bazárov até o fim e disse:

— Do seu ponto de vista, o senhor está certo e, talvez, neste caso, eu seja uma dama da aristocracia; mas no campo não se pode viver sem ordem, o tédio a tudo vence. — E continuou a agir ao seu modo. Bazárov resmungava, mas para ele, assim como para Arkádi, a vida corria daquela maneira tranquila nos domínios de Odintsova justamente porque tudo em sua casa parecia "rodar sobre trilhos". Além do mais, desde os primeiros dias de sua estada em Nikólskoie, ocorrera nos dois jovens uma transformação. Em Bazárov, por quem Odintsova demonstrava uma flagrante simpatia, apesar de poucas vezes concordar com ele, começou a manifestar-se uma inquietude até então desconhecida, ele se irritava com facilidade, falava a contragosto, olhava com raiva e não conseguia ficar parado num lugar, como se tivesse ganas de fazer alguma coisa; já Arkádi, que decidira definitivamente estar apaixonado por Odintsova, começou a se entregar a uma serena melancolia. Mas, na verdade, essa melancolia não o impedia de se aproximar de Kátia; até o ajudava a estabelecer com ela relações amigáveis e afetuosas. "Ela não me estima! E daí? Há uma criatura boa que não me rejeita", pensou Arkádi, e de novo seu coração saboreou a doçura de sentimentos generosos. Kátia compreendeu vagamente que ele procurava algum consolo na sua companhia e não recusou, nem a ele nem a si mesma, o inocente prazer de uma amizade não de todo tímida, nem de todo confiante. Na presença de Anna Serguêievna, os dois não conversavam entre si: Kátia sempre se retraía sob o olhar penetrante da irmã, e Arkádi, como convém a um homem apaixonado, não conseguia prestar atenção em nenhuma outra coisa diante da mulher amada; mas sentia-se bem quando estava a sós com Kátia. Percebia que despertar o interesse de Odintsova era

algo além de suas forças; acanhava-se, confundia-se, quando se via a sós com ela; por sua vez, Odintsova não sabia o que lhe dizer: era jovem demais para ela. Ao contrário, com Kátia, Arkádi sentia-se como em sua casa; tratava-a com certa superioridade, não a tolhia quando ela queria exprimir as impressões, os arroubos que lhe causavam a música, a leitura de romances, de poemas e outras banalidades, sem que Arkádi percebesse, ou admitisse, que essas banalidades também lhe interessavam. Kátia, por seu lado, não criava embaraços para a tristeza dele. Arkádi sentia-se bem com Kátia, Odintsova, com Bazárov, e por isso geralmente acontecia o seguinte: os dois pares, depois de permanecerem um pouco juntos, separavam-se e seguiam cada um para o seu lado, sobretudo na hora do passeio. Kátia adorava a natureza e Arkádi também a amava, embora não ousasse reconhecê-lo; Odintsova mostrava-se indiferente, assim como Bazárov. A separação quase constante de nossos dois amigos não deixou de ter uma consequência: a relação entre ambos começou a mudar. Bazárov parou de falar com Arkádi a respeito de Odintsova, parou até de censurar as "maneiras aristocráticas" da sua anfitriã; na verdade, elogiava Kátia como antes e apenas aconselhava refrear as inclinações sentimentais da jovem, mas seus elogios eram apressados, os conselhos eram secos e, no geral, conversava com Arkádi muito menos do que antes… como se fugisse, como se sentisse vergonha…

Arkádi percebia tudo isso, mas guardava para si suas observações.

A verdadeira causa de todas essas "novidades" era o sentimento que Odintsova incutia em Bazárov — sentimento que o atormentava e o enfurecia e que ele teria imediatamente contestado com uma gargalhada desdenhosa e uma grosseria cínica, caso alguém aludisse, ainda que de forma remota, à possibilidade do que se passava em seu íntimo. Bazárov era um grande apreciador das mulheres e da beleza feminina, mas considerava

o amor, no sentido ideal ou, conforme ele dizia, romântico, um disparate, uma insensatez imperdoável, considerava os sentimentos cavalheirescos uma espécie de aberração ou doença, e mais de uma vez manifestou seu espanto: por que não internavam Toggenburg[1] num manicômio junto com todos os trovadores e menestréis? “Se uma mulher lhe agrada”, dizia ele, “tente tirar algum proveito; se não for possível, bem, não importa, dê as costas para ela e pé na estrada: o mundo é grande.” Odintsova lhe agradava: os rumores que corriam a respeito dela, a liberdade e a independência do seu pensamento, a indubitável simpatia que tinha por ele — tudo parecia estar a seu favor; porém Bazárov logo compreendeu que, no caso de Odintsova, não conseguiria “tirar algum proveito” e, no entanto, para sua própria surpresa, não tinha forças para lhe dar as costas. Seu sangue fervia só de pensar nela; poderia facilmente dominar seu sangue, porém uma outra coisa criava raízes dentro dele, algo que ele não admitia de maneira alguma, algo de que sempre zombava, algo que punha todo o seu orgulho em pé de guerra. Nas conversas com Anna Serguêievna, Bazárov manifestava, ainda mais do que antes, seu inabalável desprezo por todo e qualquer romantismo; quando sozinho, porém, indignava-se ao reconhecer um romântico em si mesmo. Então seguia para a floresta e caminhava a passos largos, quebrando ramos caídos e praguejando a meia-voz, contra ela e contra si mesmo; ou metia-se num palheiro, num galpão e, mantendo os olhos obstinadamente fechados, obrigava-se a dormir, o que, é claro, nem sempre conseguia. De repente lhe vinha a impressão de que aquelas mãos castas algum dia haveriam de se enlaçar ao redor do seu pescoço, que aqueles lábios orgulhosos responderiam ao seu beijo, que aqueles olhos inteligentes, cheios de ternura — sim, de ternura —, pousariam atentos nos seus olhos, e a cabeça de Bazárov se punha a rodar e por um instante ele perdia o controle de si mesmo, até que a indignação mais uma vez se inflamava

dentro dele. Bazárov surpreendia a si mesmo em todo tipo de pensamentos “vergonhosos”, como se um demônio o provocasse. Às vezes lhe parecia que Odintsova também passava por uma transformação, que na expressão do seu rosto se revelava algo diferente, que talvez… Mas então, em geral, ele se punha a bater os pés no chão ou a ranger os dentes, e ameaçava a si mesmo com o punho cerrado.

No entanto, Bazárov não estava de todo enganado. Ele havia causado uma forte impressão na imaginação de Odintsova; ele lhe despertava o interesse, ela pensava muito em Bazárov. Na sua ausência, Odintsova não se entediava, não ansiava a sua presença, mas a sua aparição imediatamente a animava; a sós com ele, sentia-se muito bem e conversava com prazer, mesmo quando ele a irritava ou desacatava o seu gosto, os seus hábitos sofisticados. Ela parecia pôr Bazárov à prova e, ao mesmo tempo, experimentar a si mesma.

Certa vez, passeando com ela pelo jardim, Bazárov de súbito declarou, com voz soturna, que tinha intenção de ir embora, em breve, para a casa do pai, no campo… Ela empalideceu, como se o coração sentisse uma fisgada, sim, uma fisgada, o que a deixou surpresa e depois ainda a fez refletir por muito tempo sobre o significado daquilo. Bazárov anunciou sua partida não com a ideia de pôr Odintsova à prova, verificar o que resultaria: ele nunca “representava”. Na manhã daquele dia, Bazárov se encontrara com o administrador da propriedade do pai, Timofêitch, seu antigo preceptor. Esse Timofêitch, velhinho curtido e vivaz, de cabelos amarelos desbotados, rosto desgastado e vermelho e lágrimas minúsculas nos olhos enrugados, surgiu inesperadamente diante de Bazárov, com seu capote curto de feltro grosso, cinza-azulado, cingido por uma tira de couro, e com botas revestidas de breu.

— Ah, meu velho, bom dia! — exclamou Bazárov.

— Bom dia, patrãozinho Evguiêni Vassílievitch — começou o velhinho, e sorriu com alegria, o que, de repente, fez todo seu rosto se cobrir de rugas.

— A que devo a honra? Será que o mandaram vir atrás de mim?

— Perdoe, patrãozinho, mas que ideia! — balbuciou Timofêitch (lembrou-se da ordem severa, recebida do patrão, na hora da partida). — Estava indo à cidade cuidar de negócios do patrão quando ouvi falar que a vossa graça estava aqui e então me desviei do caminho para ver como anda a vossa graça… mas nem em sonho quero incomodar!

— Ora, deixe de conversa — cortou Bazárov. — Por acaso esta estrada é o seu caminho para a cidade?

Timofêitch titubeou e não respondeu.

— Papai está bem de saúde?

— Graças a Deus.

— E mamãe?

— Arina Vlássievna também, Deus seja louvado.

— E, na certa, estão à minha espera.

O velhinho inclinou para o lado a cabecinha miúda.

— Ah, Evguiêni Vassílievitch, como poderia ser de outro modo? Deus é testemunha, é de cortar o coração ver como seus pais sofrem.

— Ora, está bem, está bem! Não faça drama. Diga a eles que logo estarei lá.

— Perfeitamente, senhor — respondeu Timofêitch, com um suspiro.

Ao sair da casa, Timofêitch enterrou o quepe na cabeça, usando as duas mãos, embarcou numa charrete miserável, que ele deixara na porteira, e partiu a trote, mas não na direção da cidade.

Naquela noite, Odintsova ficou em seu quarto, em companhia de Bazárov, enquanto Arkádi vagava de um lado para outro da sala e ouvia Kátia tocar piano. A princesa subira para o seu quarto; em geral, não

conseguia suportar nenhum hóspede, muito menos aqueles dois “jovens desvairados”, como os chamava. Nos cômodos pomposos, ela apenas se irritava; mas no seu quarto, diante da criada, desatava a praguejar de tal modo que a touca saltava da sua cabeça, junto com a peruca. Odintsova sabia de tudo isso.

— Mas como pode o senhor estar se preparando para nos deixar? — começou ela. — E a sua promessa?

Bazárov sobressaltou-se.

— Que promessa, senhora?

— O senhor esqueceu? O senhor queria me dar algumas aulas de química.

— O que posso fazer? Meu pai me espera; não é possível me demorar mais. E, na verdade, a senhora pode perfeitamente estudar o livro de Pelouse *et* Fremy, *Notions générales de chimie*; um bom livro, e escrito com clareza. Nele, a senhora encontrará tudo de que precisa.

— Mas lembre-se: o senhor me assegurou que um livro não pode substituir… esqueci como o senhor se expressou, mas sabe o que quero dizer… lembra?

— O que posso fazer, senhora? — repetiu Bazárov.

— Para que partir? — disse Odintsova, baixando a voz.

Ele a olhou de relance. Ela inclinou a cabeça para trás, contra o espaldar da poltrona, e cruzou sobre o peito os braços nus até o cotovelo. Parecia mais pálida à luz do único lampião, envolto por um papel recortado em forma de rede. O largo vestido branco a recobria por completo, com suas pregas macias; mal se viam as pontinhas dos pés, também cruzados.

— E para que ficar? — respondeu Bazárov.

Odintsova virou ligeiramente a cabeça.

— Como para quê? Não se sente alegre em minha casa? Ou o senhor pensa que não deixará saudades aqui?

— Disso estou convicto.

Odintsova calou-se por um tempo.

— Não há razão para pensar assim. Na verdade, não acredito no senhor. Não pode estar falando a sério. — Bazárov continuou imóvel. — Evguiêni Vassílievitch, por que não diz nada?

— E o que posso dizer à senhora? Não vale a pena sentir saudades das pessoas, de um modo geral, e de mim, menos ainda.

— Mas por quê?

— Sou um homem objetivo, desinteressante. Não sei falar.

— O senhor quer ouvir de mim palavras elogiosas, Evguiêni Vassílievitch.

— Isso não faz parte dos meus hábitos. Acaso a senhora mesma não sabe que o lado elegante da vida me é inacessível, justamente esse lado que a senhora tanto estima?

Odintsova deu uma mordida no canto do seu lenço.

— Pense o que quiser, mas para nós será triste quando os senhores forem embora.

— Arkádi vai ficar — observou Bazárov.

Odintsova encolheu ligeiramente os ombros.

— Para mim, será triste — repetiu ela.

— É mesmo? Em todo caso, não ficará triste por muito tempo.

— Por que supõe tal coisa?

— Porque a senhora mesma me disse que só se aborrece quando a sua ordem é perturbada. A senhora organizou sua vida com uma regularidade tão infalível que nela não há lugar nem para a tristeza, nem para a saudade… nem para qualquer sentimento penoso.

— E o senhor acha que sou infalível… ou seja, que organizei minha vida com tanta regularidade assim?

— É claro! Veja isto, por exemplo: daqui a alguns minutos, vão dar dez horas e sei, de antemão, que a senhora me mandará sair.

— Não, não o mandarei sair, Evguiêni Vassílitch. O senhor pode ficar. Abra essa janela… está um pouco abafado.

Bazárov levantou-se e empurrou a janela. Com um baque, de um só golpe, a janela escancarou-se… Bazárov não esperava que ela abrisse tão facilmente; além do mais, suas mãos tremiam. A noite escura e suave devassou o quarto, com um céu quase negro, com as árvores que rumorejavam de leve e com o odor ameno do ar puro e fresco.

— Baixe a persiana e venha sentar-se — disse Odintsova. — Quero conversar com o senhor antes da sua partida. Conte-me alguma coisa a seu respeito; o senhor nunca fala de si.

— Tento sempre conversar com a senhora sobre assuntos úteis, Anna Serguêievna.

— O senhor é muito modesto… Mas eu gostaria de conhecer algo sobre o senhor, a sua família, o seu pai, por quem o senhor nos abandona.

“Por que ela me diz estas palavras?”, pensou Bazárov.

— Não há nada de interessante em tudo isso — retrucou em voz alta. — Ainda mais para a senhora; somos pessoas insignificantes…

— E eu, para o senhor, sou uma aristocrata?

Bazárov ergueu os olhos para Odintsova.

— Sim — respondeu, com uma rispidez exagerada.

Ela riu.

— Vejo que o senhor me conhece pouco, apesar de crer que todas as pessoas se parecem e que não vale a pena estudá-las individualmente. Um dia, contarei a minha vida para o senhor… mas, antes, conte-me a sua.

— Conheço pouco a senhora — repetiu Bazárov. — Talvez tenha razão; talvez, de fato, cada pessoa seja um enigma. Vejamos a senhora, por exemplo: evita a sociedade, incomoda-se com ela, mas convida dois estudantes para se hospedarem em sua casa. Por que a senhora, com a sua inteligência, com a sua beleza, mora no campo?

— O quê? O que o senhor disse? — replicou Odintsova, com vivacidade. — Com a minha… beleza?

Bazárov se fez carrancudo.

— Isso não faz diferença — murmurou ele. — Quis dizer que não compreendo muito bem por que a senhora se estabeleceu no campo.

— O senhor não compreende… No entanto explica esse fato para si mesmo de algum modo?

— Sim… suponho que a senhora reside de forma permanente em um lugar porque se deixou mimar demais, porque aprecia muito o conforto, a comodidade, e é bastante indiferente a tudo o mais.

Odintsova riu de novo.

— O senhor, decididamente, não quer acreditar que sou capaz de me apaixonar?

Bazárov olhou-a de soslaio.

— Por curiosidade, pode ser; de outro modo, não.

— De fato? Bem, agora compreendo por que nos unimos; o senhor é igual a mim.

— Por que nos unimos… — disse Bazárov, com voz abafada.

— Sim! Mas esqueci que o senhor deseja partir.

Bazárov levantou-se. O lampião irradiava uma luz baça no centro do quarto escurecido, perfumado, isolado; através da persiana, que oscilava de vez em quando, penetrava o provocante frescor da noite, ouvia-se o seu sussurrar misterioso. Odintsova não movia um dedo, mas uma comoção

secreta se apoderava dela, aos poucos… Isso contagiou Bazárov. De repente, se deu conta de estar a sós com uma mulher jovem e linda…

— Aonde vai? — pronunciou ela, lentamente.

Bazárov nada respondeu e deixou-se cair na poltrona.

— Pois então o senhor me considera uma criatura impassível, protegida, mimada — prosseguiu ela no mesmo tom de voz, sem baixar os olhos da janela. — Mas, quanto a mim, sei também que sou muito infeliz.

— A senhora, infeliz? Por quê? Será que a senhora dá alguma importância a mexericos maledicentes?

Odintsova franziu o rosto. Ficou aborrecida ao ver que ele a entendera desse modo.

— Esses mexericos nem mesmo me fazem rir, Evguiêni Vassílievitch, e sou orgulhosa demais para permitir que eles me incomodem. Sou infeliz porque… porque não tenho vontade, gana de viver. O senhor me observa com desconfiança e pensa: assim fala uma “aristocrata”, toda coberta de rendas, sentada numa poltrona de veludo. Não me esquivo: amo isto que o senhor chama de conforto e, ao mesmo tempo, sinto pouca vontade de viver. Concilie essa contradição como bem entender. Ademais, para o senhor, tudo isso não passa de romantismo.

Bazárov balançou a cabeça.

— A senhora é saudável, independente, rica; o que ainda falta? O que quer?

— O que quero… — repetiu Odintsova, e suspirou. — Estou muito cansada, estou velha, tenho a impressão de viver há muito tempo. Sim, estou velha — acrescentou, puxando de leve as pontas da mantilha sobre seus braços nus. Seus olhos se encontraram com os olhos de Bazárov e ela ruborizou-se muito ligeiramente. — Atrás de mim, já existem muitas recordações: a vida em São Petersburgo, a riqueza, depois a pobreza, depois

a morte do meu pai, o casamento, em seguida a viagem para o exterior, como é de praxe… As recordações são muitas, mas é inútil recordar e, à minha frente, há uma estrada muito longa, sem fim… E não sinto vontade de caminhar.

— Está tão desiludida assim? — perguntou Bazárov.

— Não — disse Odintsova, com determinação. — Mas não estou satisfeita. Creio que se eu pudesse apegar-me com firmeza a alguma coisa…

— A senhora quer se apaixonar — cortou Bazárov —, mas não pode: eis a sua infelicidade.

Odintsova pôs-se a examinar as pontas da sua mantilha.

— Será que não posso me apaixonar? — disse ela.

— Dificilmente! Só que não vejo motivo para chamar isso de infelicidade. Ao contrário, merece pena aquele a quem acontece tal coisa.

— A quem acontece o quê?

— Apaixonar-se.

— E como o senhor sabe?

— De ouvir falar — respondeu Bazárov, com rispidez.

“Você se faz de sedutora”, pensou ele, “me irrita, me provoca, por não ter mais o que fazer, mas eu…” Na verdade, o coração de Bazárov se fazia em pedaços.

— De mais a mais, a senhora talvez seja demasiado exigente — disse ele, inclinando o corpo todo para a frente e brincando com a franja da poltrona.

— Talvez. Para mim, é tudo ou nada. Uma vida custa uma vida. Tomou a minha, entregue a sua, sem remorso e sem recompensa. Do contrário, é melhor deixar de lado.

— Pois muito bem — respondeu Bazárov. — É uma condição justa e me admira que a senhora até hoje… não tenha encontrado o que deseja.

— Acaso o senhor pensa que é fácil entregar-se completamente a seja lá o que for?

— Não é fácil, se a pessoa começar a refletir, se esperar a hora certa, e se der valor a si mesma, ou seja, se tiver apreço a si mesma; mas, sem refletir, entregar-se é muito fácil.

— Como é possível não ter apreço a mim mesma? Se eu não tivesse nenhum valor, quem precisaria da minha devoção?

— Isso já não é da minha conta; cabe aos outros determinar o meu valor. O principal é que é preciso saber entregar-se.

Odintsova separou-se do espaldar da poltrona.

— O senhor fala — começou ela — como se tivesse experimentado tudo isso.

— Só de ouvir falar, Anna Serguêievna: a senhora sabe, essas coisas não são da minha seara.

— Mas o senhor soube se entregar?

— Não sei dizer, não quero me gabar.

Odintsova nada disse e Bazárov manteve silêncio. Sons de piano vinham da sala até eles.

— Kátia está tocando até esta hora — observou Odintsova.

Bazárov levantou-se.

— Sim, é tarde, de fato, é hora de a senhora ir dormir.

— Espere, por que tanta pressa? Preciso lhe dizer uma coisa.

— O quê?

— Espere — sussurrou Odintsova.

Seus olhos detiveram-se em Bazárov; parecia examiná-lo atentamente.

Ele deu alguns passos pelo quarto e em seguida, de repente, aproximou-se dela, disse às pressas “adeus”, apertou sua mão de tal modo que Odintsova por pouco não deu um grito, e saiu. Ela levou os dedos unidos

até os lábios, soprou-os e, de súbito, levantando-se da poltrona num ímpeto, dirigiu-se a passos rápidos para a porta, como se quisesse chamar Bazárov de volta… A criada entrou com uma garrafa numa bandeja de prata. Odintsova deteve-se, mandou-a sair, de novo sentou-se e, de novo, pôs-se a refletir. Sua trança se desamarrara e caíra, como uma serpente escura, sobre o ombro. O lampião ainda ardeu por muito tempo no quarto de Anna Serguêievna e ela, por muito tempo, permaneceu imóvel, limitando-se a, de quando em quando, correr os dedos pelos braços, que o frio da noite mordiscava.

Bazárov, duas horas depois, voltou ao seu quarto com as botas molhadas de orvalho, o cabelo eriçado e o rosto sombrio. Surpreendeu Arkádi na escrivaninha, com um livro nas mãos e a sobrecasaca abotoada até em cima.

— Ainda não foi dormir? — exclamou Bazárov, como que contrariado.

— Você hoje ficou muito tempo com Anna Serguêievna — disse Arkádi, sem responder à pergunta do amigo.

— Sim, fiquei com ela todo o tempo, enquanto você e Katierina Serguêievna tocavam piano.

— Eu não toquei… — começou Arkádi e calou-se. Sentiu que lágrimas vinham aos seus olhos, mas não queria começar a chorar na frente do amigo zombeteiro.

---

1. Toggenburg, herói da balada “Cavalheiro Toggenburg”, escrita pelo alemão Friedrich Schiller em 1787. Seu tema é o amor impossível.

18.

No dia seguinte, quando Odintsova chegou para o chá, Bazárov estava sentado já havia tempo, curvado sobre a sua xícara, e de repente voltou os olhos para ela… Odintsova virou-se para ele, como se Bazárov a tivesse empurrado, e ele teve a impressão de que o rosto dela empalidecera ligeiramente durante a noite. Odintsova retirou-se depressa para o quarto e só reapareceu para o almoço. Desde a manhã, o tempo esteve chuvoso e não foi possível passear. Todos se reuniram na sala de estar. Arkádi apanhou o número mais recente de uma revista e pôs-se a ler. A princesa, como era seu costume, primeiro manifestou no rosto sua surpresa, como se Arkádi tivesse tentado fazer algo inconveniente, em seguida cravou maldosamente os olhos nele; mas Arkádi não lhe deu a menor atenção.

— Evguiêni Vassílievitch — disse Anna Serguêievna —, venha até o meu quarto… Quero perguntar ao senhor… Ontem à noite o senhor mencionou um certo manual…

Ela se levantou e tomou a direção da porta. A princesa olhou em redor com uma expressão que parecia querer dizer: “Vejam, vejam como estou espantada!”. E de novo cravou os olhos em Arkádi, mas ele ergueu a voz e, depois de trocar olhares com Kátia, diante da qual estava sentado, prosseguiu a leitura.

Odintsova, a passos rápidos, foi para o seu escritório. Bazárov a seguiu com presteza, sem levantar os olhos, apenas captando com o ouvido o sibilo sutil e o roçar do vestido de seda que deslizava à sua frente. Odintsova deixou-se cair na mesma poltrona onde estivera na véspera e Bazárov ocupou o mesmo lugar da noite anterior.

— Como se chama mesmo aquele livro? — começou ela, após um breve silêncio.

— Pelouse *et* Fremy, *Notions générales*… — respondeu Bazárov. — Além disso, também posso recomendar à senhora o livro de Ganot, *Traité elementaire de physique experimentale*. As ilustrações dessa obra são mais nítidas e, no geral…

Odintsova estendeu a mão.

— Evguiêni Vassílievitch, me perdoe, mas não o chamei aqui para discutir livros de estudo. Eu queria retomar nossa conversa de ontem. O senhor saiu de modo tão repentino… Seria maçante para o senhor?

— Estou ao seu dispor, Anna Serguêievna. Mas sobre o que mesmo conversávamos ontem?

Odintsova lançou um olhar oblíquo para Bazárov.

— Falávamos, quero crer, sobre a felicidade. Contei ao senhor algo a meu respeito. Aliás, acabei de mencionar a palavra “felicidade”. Diga-me por que, mesmo quando experimentamos um prazer, por exemplo, com uma música, com uma noite agradável, com uma conversa entre pessoas simpáticas, por que tudo isso parece antes uma alusão a alguma felicidade ilimitada, que existe não se sabe onde, do que a uma felicidade real, ou seja, aquela que nós mesmos desfrutamos? Por que é assim? Ou, quem sabe, o senhor não sente nada parecido?

— A senhora conhece o provérbio: “o melhor lugar é onde não estamos” — replicou Bazárov. — Além disso, a senhora mesma disse ontem que não

está satisfeita. Ideias como essas não entram na minha cabeça.

— Talvez elas lhe pareçam ridículas.

— Não, mas não entram na minha cabeça.

— Será mesmo? Sabe, eu gostaria muito de saber sobre o que o senhor pensa.

— O quê? Não a compreendo.

— Escute, há muito tempo desejo explicar-me com o senhor. Não é preciso dizer-lhe, pois o senhor mesmo sabe muito bem disso, que o senhor não é um homem comum; ainda é jovem, tem toda a vida à sua frente. Para que se prepara? Que futuro o aguarda? Quero dizer, que propósito deseja alcançar, para onde vai, o que tem na alma? Em suma, quem é, o que é o senhor?

— A senhora me surpreende, Anna Serguêievna. Sabe muito bem que me interesso pelas ciências naturais, mas quem eu…

— Sim, quem é o senhor?

— Já esclareci à senhora que serei médico de província.

Anna Serguêievna fez um gesto impaciente.

— Para que diz isso? O senhor não acredita em tal coisa. Arkádi poderia me responder dessa forma, mas não o senhor.

— E o que Arkádi…

— Pare! Será possível que o senhor se contente com uma atividade tão modesta, quando é o senhor mesmo que sempre reafirma que, no que lhe diz respeito, a medicina nem sequer existe? O senhor, com o seu orgulho, um médico de província! Responde-me desse modo para se livrar de mim, porque não tem nenhuma confiança em mim. Mas saiba, Evguiêni Vassílievitch, que eu talvez seja capaz de compreendê-lo: também fui pobre e orgulhosa, como o senhor; talvez eu tenha passado por experiências semelhantes às suas.

— Tudo isso é ótimo, Anna Serguêievna, mas a senhora queira me perdoar… não estou absolutamente acostumado a expressar meus sentimentos e entre nós existe uma distância tão grande…

— Que distância? Está, outra vez, me dizendo que sou uma aristocrata? Já basta, Evguiêni Vassílitch; creio que já lhe demonstrei…

— E, além do mais — cortou Bazárov —, de onde vem essa vontade de falar e pensar sobre o futuro, que na maior parte nem depende de nós? Se houver a oportunidade de fazer alguma coisa, ótimo; se não, pelo menos restará a satisfação de não ter tagarelado à toa.

— O senhor chama uma conversa amistosa de tagarelice… Ou, talvez, como sou mulher, não me julgue digna da sua confiança. Afinal, o senhor nos despreza a todas.

— Não a desprezo, Anna Serguêievna, e sabe disso.

— Não, não sei nada… mas vamos admitir que eu compreenda a sua má vontade de falar a respeito da sua atividade futura; no entanto, isso que se passa no senhor, agora…

— O que se passa em mim! — repetiu Bazárov. — Como se eu fosse um Estado ou uma sociedade! Em todo caso, não há nada de interessante; e, além do mais, será que uma pessoa sempre pode exprimir em voz alta o que “se passa” dentro dela?

— Não vejo por que não se possa exprimir tudo o que se traz na alma.

— A senhora pode? — perguntou Bazárov.

— Posso — respondeu Anna Serguêievna, depois de uma ligeira hesitação.

Bazárov inclinou a cabeça.

— A senhora é mais feliz do que eu.

Anna Serguêievna fitou-o com ar indagador.

— Como quiser — continuou ela. — Mas, quanto a mim, algo me diz que não nos conhecemos à toa, que havemos de ser bons amigos. Estou convencida de que esta sua, como poderei chamá-la, esta sua tensão, ou reserva, há de desaparecer, afinal.

— E a senhora percebeu em mim uma reserva… como disse… uma tensão?

— Sim.

Bazárov levantou-se e caminhou na direção da janela.

— E a senhora gostaria de saber o motivo dessa reserva, gostaria de saber o que se passa dentro de mim?

— Sim — repetiu Odintsova, com uma espécie de susto, que ela ainda não compreendia.

— E não se zangará?

— Não.

— Não? — Bazárov estava de pé, de costas para ela. — Então saiba que eu a amo, de um modo estúpido, louco… Aí está o que a senhora arranjou.

Odintsova estendeu as mãos para a frente e Bazárov apoiou a testa contra o vidro da janela. Ele arquejava; todo o seu corpo parecia tremer. Mas não era o tremor da timidez juvenil, não era o doce pavor da primeira confissão que se apoderava dele: era a paixão que se debatia em seu íntimo, uma paixão forte, penosa, semelhante ao ódio e, talvez, aparentada a ele… Odintsova sentiu pena e medo de Bazárov.

— Evguiêni Vassílitch — disse ela, e uma ternura involuntária ressoou na sua voz.

Ele se virou ligeiro, atirou sobre a mulher um olhar devorador — e, depois de agarrar suas mãos, puxou-a bruscamente de encontro ao peito.

Odintsova não se libertou de imediato do seu abraço; mas, após um instante, já estava longe, num canto, e de lá olhava para Bazárov. Ele se

atirou na direção dela…

— O senhor não me entendeu bem — murmurou Odintsova, com um pavor repentino. Parecia que, se Bazárov desse mais um passo, ela gritaria… Bazárov mordeu os lábios e saiu.

Após meia hora, a criada entregou a Anna Serguêievna um bilhete de Bazárov; consistia em uma única linha: “Devo partir hoje, ou posso ficar até amanhã?”. “Para que partir? Não o compreendo — o senhor não me entendeu”, respondeu-lhe Anna Serguêievna e pensou, consigo: “Nem eu entendi a mim mesma”.

Ela não apareceu até a hora do jantar, caminhava pelo quarto o tempo todo, de um lado para outro, com as mãos cruzadas nas costas, parando de vez em quando, ora diante da janela, ora diante do espelho, e lentamente esfregava um lenço no pescoço, onde tinha a sensação de haver uma nódoa cada vez mais quente. Perguntava-se o que a obrigara a “arranjar” aquilo, como dissera Bazárov, em sua franqueza, e se ela não havia suspeitado de alguma coisa… “Sou culpada”, disse em voz alta. “Mas eu não podia prever.” Pôs-se a refletir e ficou ruborizada ao lembrar-se do rosto quase feroz de Bazárov, no momento em que se atirou em sua direção…

“E se…?”, pronunciou ela, de repente, mas deteve-se, e sacudiu os cachos do cabelo… Olhou-se no espelho; a cabeça, inclinada para trás, com um sorriso enigmático nos olhos semicerrados e nos lábios entreabertos, parecia lhe dizer algo que a deixava confusa…

“Não”, decidiu, afinal. “Só Deus sabe aonde isso levaria, com essas coisas não se pode brincar e, apesar de tudo, a tranquilidade é o que há de melhor neste mundo.”

Sua tranquilidade não foi abalada; mas Odintsova se entristeceu, e até chorou por um momento, sem saber por quê, mas sem dúvida não por ter sofrido alguma ofensa. Não se sentia ofendida: sentia-se, antes, culpada.

Sob a influência de sentimentos vagos e instáveis, da consciência da vida que passa, da ânsia de novidades, ela se obrigou a chegar até um certo limite, obrigou-se a olhar além dali — e viu, não um abismo, mas o vazio… ou o horror.

19.

Por mais que Odintsova soubesse se dominar, por mais que se pusesse acima de quaisquer preconceitos, sentiu-se embaraçada ao entrar na sala de jantar. Apesar disso, o jantar transcorreu de modo bastante satisfatório. Porfíri Platónitch contou várias anedotas; acabara de voltar da cidade. Entre outras coisas, informou que o governador, Bourdalou, ordenara a seus funcionários em cargos especiais que usassem esporas, para o caso de ele ter de os enviar às pressas, a cavalo, a algum lugar. Arkádi, a meia-voz, trocava ideias com Kátia e, diplomaticamente, dava toda a atenção à princesa. Bazárov mantinha-se num silêncio obstinado e soturno. Odintsova, uma ou duas vezes — de forma direta, sem disfarces —, olhou para o seu rosto severo e irado, de olhos baixos, com a marca de uma resolução desdenhosa estampada em cada um de seus traços, e pensou: “Não… não… não…”. Após o jantar, ela se dirigiu ao jardim com todos os demais e, vendo que Bazárov queria falar com ela, deu alguns passos para o lado e parou. Ele se aproximou, mas sem levantar os olhos, e disse com voz abafada:

— Devo desculpas à senhora, Anna Serguêievna. Não tenha raiva de mim.

— Não, não estou irritada com o senhor, Evguiêni Vassílitch — respondeu Odintsova. — Mas estou amargurada.

— Pior ainda. Em todo caso, já fui bastante castigado. A minha posição, e com isto a senhora, certamente, há de concordar, é a mais estúpida possível. A senhora me escreveu: por que partir? Mas não posso e não quero ficar. Amanhã, não estarei aqui.

— Evguiêni Vassílitch, por que…

— Por que vou embora?

— Não, eu não queria perguntar isso.

— Não se podem mudar os rumos do passado, Anna Serguêievna… cedo ou tarde, isso havia de acontecer. Em consequência, tenho de ir embora. Para eu poder ficar, só imagino uma condição; mas essa condição nunca será atendida. Pois, perdoe meu atrevimento, não é verdade que a senhora não me ama e nunca me amará?

Os olhos de Bazárov reluziram, por um instante, por baixo das sobrancelhas escuras.

Anna Serguêievna não respondeu. "Tenho medo desse homem", passou-lhe pela mente.

— Adeus — disse Bazárov, como se tivesse adivinhado o pensamento dela, e se dirigiu para a casa.

Anna Serguêievna seguiu-o devagar e, depois de chamar Kátia, tomou-a pelo braço. Não se separou de Kátia até a noite. Não ficou para jogar cartas e ria muito, em total desacordo com o seu rosto pálido e perturbado. Arkádi estava desconcertado e a observava como fazem os jovens, ou seja, perguntava-se o tempo todo: o que isso pode significar? Bazárov trancou-se no seu quarto; na hora do chá, porém, voltou. Anna Serguêievna teve vontade de lhe dizer algo de bom, mas não sabia como dar início a uma conversa…

Um acaso inesperado a tirou desse apuro: o mordomo anunciou a chegada de Sítnikov.

É difícil expressar por meio de palavras a maneira como o jovem progressista voou sala adentro, como uma codorna. Depois de decidir, com a impertinência que lhe era peculiar, viajar para o campo, rumo à residência de uma mulher que ele mal conhecia, que nunca o convidara, mas em cuja casa, segundo as informações que obtivera, se hospedavam confrades tão inteligentes e tão próximos a ele, Sítnikov apesar disso acanhou-se até a medula dos ossos e, em lugar de pronunciar desculpas e saudações previamente decoradas, murmurou qualquer bobagem, que Evdoksia Kúkchina o enviara ali para saber da saúde de Anna Serguêievna e que Arkádi Nikoláievitch também sempre se referira a ela da forma mais elogiosa… Nesta palavra, Sítnikov titubeou e se perdeu, a ponto de se sentar em cima do próprio chapéu. No entanto, como ninguém o pôs para fora, e como Anna Serguêievna até lhe apresentou a tia e a irmã, ele bem depressa se recompôs e começou a tagarelar como nunca. A intervenção da banalidade não raro se revela bastante útil na vida: afrouxa as cordas afinadas num tom alto demais, faz voltar à lucidez sentimentos presunçosos ou demasiado modestos, lembrando o íntimo parentesco entre estes e ela mesma. Com a chegada de Sítnikov, tudo inexplicavelmente se tornou mais rasteiro — e mais simples; todos até jantaram com fartura e foram dormir meia hora antes do habitual.

— Posso agora repetir a você aquilo que me perguntou certa vez — disse Arkádi, deitado na cama, para Bazárov, que também já trocara de roupa: — “Por que está tão triste? Decerto cumpriu algum dever sagrado?”.

Entre os dois jovens, desde algum tempo, se estabelecera uma zombaria falsamente desembaraçada, que sempre assinala algum descontentamento oculto ou alguma desconfiança não declarada.

— Amanhã vou para a casa do meu pai — disse Bazárov.

Arkádi soergueu-se na cama e apoiou-se no cotovelo. Surpreendeu-se e, por alguma razão, alegrou-se.

— Ah! — exclamou. — E por isso está triste?

Bazárov bocejou.

— Quem sabe demais, envelhece cedo.

— E quanto a Anna Serguêievna? — continuou Arkádi.

— O que tem Anna Serguêievna?

— Quero dizer: ela vai deixá-lo partir?

— Não sou empregado dela.

Arkádi pôs-se a refletir e, enquanto isso, Bazárov se deitou e virou o rosto para a parede.

Passaram alguns minutos de silêncio.

— Evguiêni? — exclamou Arkádi, de repente.

— O quê?

— Amanhã, eu também vou partir com você.

Bazárov nada respondeu.

— Só que vou para minha casa — prosseguiu Arkádi. — Seguiremos juntos até o povoado de Khokhlóvski e lá você conseguirá cavalos com Fedot. Eu teria muito prazer de conhecer seus familiares mas temo criar constrangimentos, para eles e para você também. Depois, você voltará para nossa casa?

— Deixei minhas coisas todas lá — respondeu Bazárov, sem se virar.

“Por que ele não me pergunta o motivo de eu ir embora? Ainda mais desse modo repentino, como ele mesmo está fazendo?”, pensou Arkádi. “De fato, por que vou embora, e por que ele vai embora?”, prosseguiu em suas reflexões. Não conseguia responder de modo satisfatório a sua própria pergunta e seu coração enchia-se de alguma coisa causticante. Sentia que ia

ser penoso separar-se daquela vida, a que tanto se habituara; mas seria um tanto estranho permanecer ali sozinho. “O que terá ocorrido entre eles?”, raciocinava. “Para que hei de ficar aqui plantado na frente dela, depois da partida de Bazárov? Vou aborrecê-la de uma vez por todas; e perderei o pouco que me restou.” Pôs-se a imaginar a figura de Anna Serguêievna, mas depois, aos poucos, outros traços surgiram através das feições bonitas da jovem viúva.

“Também lamento por Kátia”, sussurrou Arkádi no travesseiro, onde já pingara uma lágrima… De repente, puxou os cabelos para trás e exclamou:

— Por que diabo esse palerma do Sítnikov veio para cá?

Bazárov primeiro remexeu-se na cama e, depois, declarou:

— Vejo que você, irmão, ainda é um tolo. Nós precisamos dos Sítnikov. Compreenda bem, são indispensáveis, para mim, idiotas como ele. Não cabe aos deuses assarem potes de barro!…

“Ah-ah!…”, pensou Arkádi consigo mesmo e só então se revelou, de repente, para ele, o insondável abismo da vaidade de Bazárov. “Quer dizer que nós somos deuses? Ou melhor, você é um deus e, quanto a mim, não serei, talvez, um idiota?”

— Sim — repetiu Bazárov. — Você ainda é um tolo.

Odintsova não manifestou nenhuma surpresa quando, no dia seguinte, Arkádi avisou que partiria com Bazárov; ela parecia desatenta e cansada. Kátia fitou-o em silêncio e com ar grave, a princesa até se benzeu por baixo do xale de um modo que ele não pôde deixar de notar; em compensação, Sítnikov ficou totalmente alvoroçado. Acabara de chegar para o almoço com uma roupa nova e elegante, dessa vez não à moda dos eslavófilos; na véspera, o criado escolhido para servi-lo ficou assombrado com a enorme quantidade de roupa de baixo que trouxera e agora, de uma hora para outra, seus confrades o abandonavam! Deu uns passinhos saltitantes, agitou-se

como uma lebre acuada na orla da floresta — e de repente, quase com um susto, quase com um grito, anunciou que tinha também a intenção de partir. Odintsova não tentou detê-lo.

— Minha caleche é muito confortável — acrescentou o jovem infeliz para Arkádi. — Posso levá-lo e Evguiêni Vassílitch pode usar a carruagem do senhor, assim será até mais cômodo.

— Perdoe-me, mas o caminho do senhor não é o mesmo que vou tomar e além do mais vou para longe.

— Não importa, não importa; tenho tempo de sobra, e na verdade tenho negócios a tratar nessa direção.

— O comércio de bebida? — perguntou Arkádi, com um desdém já exagerado.

Mas Sítnikov se encontrava em tal desespero que, ao contrário do costume, nem se pôs a rir.

— Asseguro ao senhor que a caleche é extremamente confortável — balbuciou —, e haverá lugar para todos.

— Não magoe o Monsieur Sítnikov com uma recusa — disse Anna Serguêievna…

Arkádi olhou para ela de relance e baixou a cabeça de modo significativo.

Os hóspedes saíram após o almoço. Ao despedir-se de Bazárov, Odintsova estendeu-lhe a mão e disse:

— Ainda nos veremos, não é mesmo?

— Como a senhora ordenar — respondeu Bazárov.

— Nesse caso, nos veremos.

Arkádi foi o primeiro a sair pela varanda; subiu na caleche de Sítnikov. O mordomo, com toda a reverência, ajudou-o a embarcar mas Arkádi poderia muito bem espancá-lo com a mesma satisfação com que desataria a chorar.

Bazárov instalou-se na carruagem. Depois de chegarem ao povoado de Khokhlóvski, Arkádi esperou enquanto Fedot, proprietário da estação de posta, atrelava os cavalos e, aproximando-se da carruagem, disse para Bazárov, com o seu sorriso de outros tempos:

— Evguiêni, leve-me com você; quero ir à sua casa.

— Sente-se — respondeu Bazárov, entre os dentes.

Sítnikov, que vagueava assobiando alegremente em torno das rodas do seu carro, ficou de boca aberta assim que ouviu essas palavras, e Arkádi, com a maior tranquilidade, retirou suas coisas da caleche de Sítnikov, sentou-se ao lado de Bazárov — e, depois de despedir-se de seu ex-companheiro de viagem com uma reverência educada, gritou: “Toque os cavalos!”. A carruagem arrancou e logo sumiu de vista… Sítnikov, totalmente desconcertado, olhou para o seu cocheiro, mas este brincava com o chicote acima da cauda do terceiro cavalo da troica. Então Sítnikov subiu de um salto na caleche e, depois de esbravejar para dois mujiques que passavam: “Ponham os gorros, seus idiotas!”, arrancou para a cidade, aonde chegou muito tarde e onde, no dia seguinte, na casa de Kúkchina, falou-se muito mal daqueles “dois orgulhosos despeitados e ignorantes”.

Ao sentar-se na carruagem ao lado de Bazárov, Arkádi apertou com firmeza a mão do amigo e ficou longo tempo sem falar. Ao que parece, Bazárov compreendeu e apreciou o aperto de mão e também o silêncio. Na noite anterior, ele não dormira, não havia fumado e já fazia alguns dias que quase não comia. O seu perfil emagrecido ressaltava, soturno e ríspido, sob o quepe enterrado na cabeça.

— Pois é, irmão — disse, afinal. — Vamos fumar um charutinho… Olhe aqui, será que estou com a língua amarela?

— Está amarela — respondeu Arkádi.

— Essa é boa… Nem o charuto tem um gosto bom. A máquina está desajustada.

— De fato, você anda mudado nos últimos dias — observou Arkádi.

— Não é nada! Vamos sarar logo. Há uma coisa enjoada: minha mãe é maternal demais. Se nossa barriga não crescer e não comermos dez vezes por dia, ela é capaz de se matar. Mas o meu pai não cria problema, já esteve em muitos lugares, viu muita coisa. Não, é impossível fumar — acrescentou, e atirou o charuto na poeira da estrada.

— Até a sua propriedade, são vinte e cinco verstas? — perguntou Arkádi.

— Vinte e cinco. Mas pergunte a este sábio, aqui.

Apontou para o mujique sentado na boleia, o empregado de Fedot.

Mas o sábio respondeu que “saber, ninguém sabe, não mediram as verstas por estas bandas”, e continuou a xingar a meia-voz o cavalo do meio da troica, porque ele “escoiceava de cabeçada”, ou seja, dava solavancos com a cabeça.

— Sim, sim — disse Bazárov. — Uma lição para o senhor, meu jovem amigo, um verdadeiro exemplo instrutivo. Que diabo, quanto absurdo! Todo homem vive pendurado por um fiozinho, a qualquer momento pode abrir-se um abismo embaixo dos seus pés e ele, ainda assim, trata de inventar todo tipo de coisa desagradável para si mesmo, estraga sua própria vida.

— O que você está querendo sugerir? — perguntou Arkádi.

— Nada: estou dizendo de forma bem direta que nós dois nos comportamos de uma maneira estúpida um com o outro. Não há motivo para desentendimento! Aliás, já percebi uma coisa, na clínica médica: quem tem raiva da sua dor sempre triunfa sobre ela.

— Não o compreendo, absolutamente — disse Arkádi. — Você, pelo visto, não tem do que se queixar.

— Se você não me compreende absolutamente, então acrescentarei o seguinte: para mim, é melhor quebrar pedras na calçada do que permitir que uma mulher domine sequer a pontinha do meu dedo. Tudo isso é… — Bazárov por pouco não pronunciou a sua palavra favorita, “romantismo”, mas conteve-se e falou: —… absurdo. Você agora não acredita em mim mas lhe digo uma coisa: nós dois caímos no meio de uma sociedade feminina, e gostamos; mas abandonar essa sociedade é o mesmo que, num dia de calor, tomar um banho de água fria. Um homem nunca deveria se ocupar com essas bobagens; o homem deve ser feroz, diz um ótimo ditado espanhol. E quanto a você — acrescentou Bazárov, dirigindo-se para o mujique, sentado na boleia —, você, grande sábio, acaso tem mulher?

O mujique virou o rosto míope e achatado para os dois amigos.

— Mulher? Tenho, sim. Como é que não ia ter mulher?

— Você bate nela?

— Na minha mulher? Depende. Sem motivo, não bato.

— Que ótimo. E ela bate em você?

O mujique deu uns puxões bruscos nas rédeas.

— Ora, não diga uma coisa dessas, patrão. Deve estar brincando comigo… — Estava claro que se ofendera.

— Ouviu bem, Arkádi Nikoláievitch? E nós dois levamos uma surra… eis o que dá ser gente instruída.

Arkádi soltou um riso forçado, Bazárov virou-se e, por todo o caminho, não abriu mais a boca.

As vinte e cinco verstas pareceram cinquenta para Arkádi. Mas, ao descerem a encosta de uma colina, surgiu afinal a pequena aldeia onde moravam os pais de Bazárov. Ao lado, num pequeno bosque de bétulas ainda jovens, via-se a pequena casa senhorial, com telhado de palha. Numa primeira isbá, dois mujiques de gorro discutiam.

— Você é um grande porco — disse um para o outro. — Mas não vale um leitão.

— E a sua mulher é uma bruxa — replicou o outro.

— Pelo desembaraço do tratamento — observou Bazárov para Arkádi — e pelas expressões jocosas, pode-se concluir que os mujiques do meu pai não são muito oprimidos. E lá está ele, saindo para a varanda da sua morada. Deve ter ouvido os guizos. É ele, ele mesmo, reconheço sua figura. Ah-ah! Mas como seu cabelo embranqueceu, coitado!

20.

Bazárov inclinou-se para fora da carruagem, Arkádi esticou a cabeça por trás do amigo e avistou, na varandinha da pequena casa senhorial, um homem alto e magricelo, de cabelos eriçados, nariz fino e aquilino, vestindo uma velha sobrecasaca militar desabotoada. Estava de pé, com as pernas separadas, fumava um cachimbo comprido e contraía os olhos por causa do sol.

Os cavalos pararam.

— Enfim, veio nos visitar — disse o pai de Bazárov, sem parar de fumar, embora o cachimbo turco tremesse entre seus dedos. — Ora, desça, desça, e vamos nos beijar.

Deu um abraço no filho…

— Eniúchka, Eniúchka — ouviu-se uma voz trêmula de mulher. Uma porta escancarou-se e surgiu, no limiar, uma velhinha rechonchuda, baixinha, de touca branca e com uma blusinha curta estampada. Soltou uma exclamação de surpresa, cambaleou e na certa teria caído se Bazárov não a amparasse. No mesmo instante, suas mãozinhas roliças enlaçaram o pescoço do filho, a cabeça afundou de encontro ao peito dele e todos se calaram. Ouviam-se apenas os soluços entrecortados da mãe.

O velho Bazárov respirava profundamente e contraía os olhos ainda mais do que antes.

— Ora, já chega, já chega, Aricha! Pare — disse, enfim, o pai, depois de trocar um rápido olhar com Arkádi, que se mantinha imóvel junto à carruagem, enquanto o mujique, na boleia, tinha até virado o rosto para o outro lado. — Não é preciso tudo isso! Por favor, já chega.

— Ah, Vassíli Ivánitch — balbuciou a velhinha. — Há quantos anos, meu querido, meu adorado, Eniúchenka… — E, sem soltar sua mão, separou-se de Bazárov, com o rosto molhado de lágrimas, amassado e enternecido, e fitava o filho com um olhar ao mesmo tempo de beatitude e de riso, e mais uma vez apertou-se de encontro a ele.

— Ora, está tudo bem, é natural, isto é da natureza das coisas — disse Vassíli Ivánitch —, só que é melhor entrarmos em casa. Olhe aqui, Evguiêni trouxe uma visita. O senhor nos desculpe — acrescentou, dirigindo-se para Arkádi, e fez um rapapé. — O senhor entende, é a fraqueza feminina; e um coração de mãe…

Mas seus próprios lábios e sobrancelhas se torciam, o queixo estremecia… era óbvio que desejava dominar-se e mostrar-se quase indiferente. Arkádi fez uma reverência.

— Vamos lá, mãezinha, vamos — disse Bazárov e conduziu a velhinha enfraquecida para dentro de casa. Depois de acomodá-la numa poltrona confortável, abraçou o pai outra vez e apresentou-lhe Arkádi.

— Minha alma se alegra em conhecê-lo — disse Vassíli Ivánovitch. — Mas o senhor não repare: aqui na minha casa, tudo é com simplicidade, ao estilo militar. Arina Vlássievna, acalme-se, por obséquio: que descontrole é esse? Assim o nosso nobre hóspede vai ter uma impressão ruim de você.

— Patrãozinho — disse, entre lágrimas, a velhinha —, não tenho a honra de conhecer seu nome e seu patronímico…

— Arkádi Nikolaitch — soprou a resposta Vassíli Ivánovitch, a meia-voz, em tom solene.

— Desculpe, sou uma tonta. — A velhinha assoou o nariz e, inclinando a cabeça, ora para a direita, ora para a esquerda, enxugou cuidadosamente primeiro um olho, depois o outro. — O senhor me perdoe. Pois eu até pensei que ia morrer sem ver de novo o meu… o meu… queridinho.

— Mas, enfim, a senhora o viu de novo — emendou logo Vassíli Ivánovitch. — Taniuchka — disse para uma mocinha descalça, de uns treze anos, de vestido de chita vermelho-claro, que espiava assustada por trás da porta. — Traga um copo de água para a senhora, e numa bandeja, ouviu bem? E quanto aos senhores, cavalheiros — acrescentou, num espírito jocoso um tanto antiquado —, eu os convido a visitar o escritório de um militar veterano reformado.

— Mas deixe-me abraçar você só mais uma vezinha, Eniúchetchka — gemeu Arina Vlássievna. Bazárov inclinou-se na direção dela. — Mas como você cresceu e ficou bonito!

— Bem, bonito ou não — observou Vassíli Ivánovitch —, está um homem, como dizem: um *homme fait*.[1] E agora, Arina Vlássievna, uma vez saciado o seu coração maternal, espero que você se encarregue de saciar os seus queridos hóspedes, porque, como sabe, não convém alimentar os rouxinóis com fábulas.

A velhinha ergueu-se da poltrona.

— A mesa será posta num instante, Vassíli Ivánitch, eu mesma vou correndo à cozinha e mandarei preparar o samovar, vou aprontar tudo, tudinho. Ora, faz três anos que eu não o via, que eu não lhe dava de comer ou de beber, acham que é fácil?

— Mas veja lá, patroa, cuide de tudo, não vá passar vergonha; e os senhores, cavalheiros, peço que me acompanhem. Aí está o Timofêitch que

veio cumprimentá-lo, Evguiêni. Acho que ele também está contente, o velho cão de guarda. E então? Não está contente, velho cão de guarda? Por favor, me acompanhem.

E Vassíli Ivánitch, agitado, seguiu adiante, arrastando e batendo as surradas chinelas no chão.

A casa inteira consistia em seis cômodos minúsculos. Um deles, para onde Vassíli Ivánitch conduziu nossos dois colegas, era chamado de escritório. Uma mesa de pernas grossas, atulhada de papéis enegrecidos de poeira velha, como que encardidos de fumaça, ocupava todo o espaço entre duas janelas; nas paredes, pendiam espingardas turcas, nagaicas, sabres, dois mapas, alguns desenhos de anatomia, um retrato de Hufeland,[2] um monograma feito de fios de cabelo numa moldura preta e um diploma por trás de um vidro; um divã de couro, um pouco afundado e roto, ficava entre dois enormes armários feitos de madeira de bétula da Carélia; nas prateleiras, aglomeravam-se em desordem livros, caixinhas, pássaros empalhados, latas e garrafinhas; num canto, havia uma máquina elétrica quebrada.

— Já preveni o senhor, meu caro hóspede — começou Vassíli Ivánitch —, de que aqui vivemos, por assim dizer, como em um acampamento militar…

— Basta, do que se desculpa? — cortou Bazárov. — Kirsánov sabe muito bem que nós não somos o rei Creso e que nossa casa não é nenhum palácio. A questão é: onde vamos acomodá-lo?

— Perdoe, Evguiêni; tenho um quarto ótimo, na casinha que fica nos fundos: lá ele ficará muito bem instalado.

— Quer dizer que arranjou uma casinha nos fundos?

— Mas é claro, senhor; lá onde fica a cabine de banhos — interveio Timofêitch.

— Melhor dizendo, ao lado da cabine de banhos — emendou depressa Vassíli Ivánitch. — Já estamos no verão… Agora vou correndo até lá para dar as ordens necessárias; e você, Timofêitch, enquanto isso, podia trazer a bagagem deles. E quanto a você, Evguiêni, é claro, ponho o meu escritório à sua inteira disposição. *Suum cuique*.[3]

— Está vendo só? Que velhote divertido e bonachão — acrescentou Bazárov, assim que Vassíli Ivánitch saiu. — Um tipo singular, tal como o seu pai, só que de uma outra espécie. Tagarela demais.

— E a sua mãe me pareceu uma mulher excelente — observou Arkádi.

— Sim, é livre de todo artifício. Você vai ver que jantar ela vai nos servir.

— Eles não esperavam o senhor hoje, patrãozinho, ninguém mandou trazer carne de vaca — disse Timofêitch, que acabara de arrastar para dentro de casa a mala de Bazárov.

— Então jantaremos sem carne de vaca: o que não tem jeito, remediado está. Como dizem, a pobreza não é defeito.

— Quantos servos possui o seu pai? — perguntou Arkádi, de repente.

— A propriedade não é dele, e sim da minha mãe; que eu me lembre, são cinquenta almas.

— Ao todo, vinte e duas almas — observou Timofêitch, descontente.

Ouviu-se o ruído de chinelas e de novo surgiu Vassíli Ivánitch.

— Daqui a alguns minutos, o quarto do senhor estará pronto para recebê-lo — exclamou em tom solene —, Arkádi… Nikolaitch? Não é assim que o senhor se chama? O senhor também terá um criado — acrescentou, apontando para um menino que entrara com ele, de cabelos muito curtos, com uma túnica azul rasgada nos cotovelos e botas de outra pessoa. — O nome dele é Fiedka. Repito mais uma vez, embora meu filho me proíba: por favor, o senhor não repare. A propósito, Fiedka sabe encher um cachimbo. O senhor fuma?

— Prefiro fumar charutos — respondeu Arkádi.

— Pois o senhor procede com absoluto bom senso. Eu mesmo dou preferência aos charutos mas, nesta nossa região isolada, é extremamente difícil obtê-los.

— Ora, já chega de bancar o pobre coitado — interrompeu Bazárov, de novo. — Em vez disso, sente-se aqui no divã e deixe-me dar uma boa olhada em você.

Vassíli Ivánitch riu e sentou-se. Seu rosto se parecia muito com o do filho, apenas a testa era mais baixa e estreita, e a boca, um pouco mais larga, e ele não parava de se mexer e de encolher os ombros, como se a roupa machucasse suas axilas, e piscava, tossia e remexia os dedos, enquanto o filho se distinguia por uma certa imobilidade displicente.

— Bancar o pobre coitado! — repetiu Vassíli Ivánovitch. — Você, Evguiêni, não pense que quero causar pena no hóspede, como se dissesse: veja em que fim de mundo nós vivemos. Ao contrário, sou da opinião de que, para um homem de boa cabeça, não existe fim de mundo. Pelo menos eu me esforço, na medida do possível, para não criar mofo, como dizem, para não me atrasar em relação ao meu tempo.

Vassíli Ivánovitch puxou para fora do bolso um lenço novo de seda amarela, que conseguiu apanhar ao correr até o quarto reservado para Arkádi, e prosseguiu, agitando-o no ar:

— Não me refiro, por exemplo, ao fato de eu, com sensíveis sacrifícios para mim mesmo, haver estabelecido para os mujiques um sistema de arrendamento e de ter cedido a eles minhas terras a meias. Julguei que esse era o meu dever, o próprio bom senso o determina, nesse caso, embora outros proprietários de terra nem sonhem fazer tal coisa: refiro-me, isto sim, à ciência, à educação.

— Sim, vejo que você tem aqui *O Amigo da Saúde*, do ano de 1855 — observou Bazárov.

— Um velho companheiro me envia esse periódico por amizade — disse às pressas Vassíli Ivánovitch. — Mas nós, por exemplo, também temos noções de frenologia — acrescentou, dirigindo-se sobretudo para Arkádi e mostrando uma cabecinha de gesso, dividida em quadrados numerados, que estava na estante. — Não estamos, tampouco, desinformados acerca de Schönlein, ou de Rademacher.[4]

— E ainda acreditam em Rademacher na província? — perguntou Bazárov.

Vassíli Ivánovitch teve um acesso de tosse.

— Na província… Naturalmente, cavalheiros, os senhores conhecem melhor as coisas; como poderíamos alcançá-los? De fato, os senhores vieram nos substituir. No meu tempo, um humoralista como Hoffman, um Brown [5] qualquer com o seu vitalismo pareciam bastante ridículos, mas tempos antes também eles haviam feito grande alarde. Para os senhores, alguém novo substituiu Rademacher, os senhores o adoram mas, daqui a vinte anos, talvez, rirão dele também.

— Direi a você, a título de consolo — declarou Bazárov —, que nós agora rimos da medicina, em geral, e não prestamos reverência a ninguém.

— Como assim? Você não quer ser médico?

— Quero, mas uma coisa não impede a outra.

Vassíli Ivánovitch enfiou o dedo médio no cachimbo, onde ainda havia algumas cinzas acesas.

— Bem, pode ser, pode ser, não vou discutir. Quem sou eu? Um médico aposentado do Exército, *voilà tout*;[6] agora, virei agrônomo. Servi na brigada do avô do senhor — dirigiu-se, de novo, a Arkádi. — Sim, sim; já vivi muita coisa nesta vida. E que círculos sociais frequentei, que pessoas tive

oportunidade de conhecer! Eu, este mesmo que está aqui, e que os senhores agora se dignam a ver diante de si, eu mesmo tomei o pulso do príncipe Wittgenstein e de Jukóvski![7] E aqueles homens do Exército do sul, do dia 14,[8] os senhores compreendem (nesse ponto, Vassíli Ivánovitch cerrou os lábios de modo significativo), eu conhecia todos eles, sem exceção. É claro, aquilo não era da minha seara; conhece a tua lanceta, e basta! Mas o avô do senhor era um homem muito respeitável, um verdadeiro militar.

— Confesse, o homem era um tremendo cabeça-dura — disse Bazárov com displicência.

— Ora, Evguiêni, como pode expressar-se desse modo? Tenha dó… Naturalmente o general Kirsánov não pertencia ao tipo de…

— Está bem, deixe o homem de lado — cortou Bazárov. — Na viagem para cá, fiquei contente de ver o seu bosquezinho de bétulas, cresceu que é uma beleza.

Vassíli Ivánovitch animou-se.

— Então você vai ver que pomarzinho tenho aqui agora! Eu mesmo plantei cada uma das árvores. E que frutas, e também uvas, e todo tipo de ervas medicinais. Por maior que seja a astúcia dos senhores, jovens cavalheiros, o velho Paracelso enunciou uma verdade sagrada: *in herbis, verbis et lapidibus*…[9] Pois, você sabe, não pratico mais a medicina mas, uma ou duas vezes por semana, sou obrigado a recordar os velhos tempos. As pessoas vêm pedir conselho, e não se pode pôr essa gente para correr. Acontece de pessoas pobres virem pedir ajuda. E por aqui não existe médico. Imagine que um dos meus vizinhos, um major reformado, também trata dos doentes. Pergunto para ele: você estudou medicina?… Ele responde: não, não estudei, faço isso por filantropia… Ha! Ha! Por filantropia, hem? Essa é boa! Ha! Ha! Ha! Ha!

— Fiedka! Encha o meu cachimbo! — disse Bazárov, com severidade.

— Um outro médico por aqui foi visitar um paciente — continuou Vassíli Ivánovitch, com um certo desespero — que já estava indo *ad patres*;[10] um homem não quis deixar o médico entrar e disse: agora já não precisa mais. O médico não contava com isso, ficou confuso e perguntou: "Mas, antes de morrer, o patrão soluçou?". "Soluçou, sim senhor." "E soluçou muito?" "Muito." "Ah, então está bem." Deu as costas e foi embora. Ha! Ha! Ha!

O velho riu sozinho; Arkádi fez menção de sorrir. Bazárov apenas tirou uma baforada. A conversa prosseguiu dessa forma por cerca de uma hora; Arkádi aproveitou uma chance para ir conhecer o seu quarto, que era na verdade a antessala da cabine de banhos, mas muito confortável e limpo. Enfim, Taniucha veio avisar que o jantar estava servido.

Vassíli Ivánovitch foi o primeiro a se levantar.

— Vamos lá, senhores! Queiram me perdoar se eu os aborreci. Talvez a senhora da casa os satisfaça melhor do que eu.

O jantar, embora preparado às pressas, ficou muito bom, e até farto; só o vinho era um pouco, como se diz, ordinário: um xerez quase preto, que Timofêitch comprara na cidade, na casa de um comerciante conhecido, e que parecia ter gosto de cobre ou de piche; e as moscas também incomodavam. Em ocasiões comuns, um menino da criadagem as espantava com a ajuda de um grande ramo verde; mas dessa vez Vassíli Ivánitch o dispensou, com medo da censura da nova geração. Arina Vlássievna ainda arranjara tempo de se enfeitar; vestiu uma touca alta com fitas de seda e um xale azul com desenhos. De novo, pôs-se a chorar assim que viu o seu Eniucha, mas o marido não precisou fazê-la voltar à razão: ela mesma enxugou as lágrimas rapidamente, para não manchar o xale. Os jovens comeram sozinhos: os donos da casa haviam jantado muito antes. Fiedka os servia, obviamente incomodado com os sapatos, que não faziam parte dos seus hábitos, mas recebia ajuda de uma mulher, de rosto viril e caolha,

chamada Anfíssuchka, que cumpria as funções de governanta, tratadora de aves e lavadeira. Vassíli Ivánitch, durante todo o tempo do jantar, perambulava pela sala e, com um aspecto de perfeita felicidade e até de beatitude, falou sobre os graves receios que lhe inspiravam a política napoleônica e o imbróglio da questão italiana.[11] Arina Vlássievna nem reparava a presença de Arkádi, não o servia; apoiando no punho seu rosto redondo, ao qual os beicinhos inchados, cor de cereja, e as marcas de nascença, nas faces e sob as sobrancelhas, davam uma expressão de muita bondade, ela não desviava os olhos do filho e não parava de suspirar; morria de vontade de saber por quanto tempo ele ficaria ali, mas tinha medo de perguntar. "Puxa, e se responder que é por dois dias?", pensava ela, e seu coração ameaçava parar. Depois do assado, Vassíli Ivánitch se retirou por alguns momentos e voltou com uma garrafa de champanhe desarrolhada e cheia até a metade. "Aqui está", exclamou ele, "embora moremos neste fim de mundo, em ocasiões solenes temos com que nos alegrar!" Encheu três taças e um cálice, brindou à saúde "dos inestimáveis visitantes" e, de uma só vez, à moda militar, esvaziou sua taça e obrigou Arina Vlássievna a beber seu cálice até a última gota. Quando chegou a hora do doce de frutas, Arkádi, que não suportava nada doce, julgou entretanto ter a obrigação de provar quatro doces diferentes, cozidos pouco antes, ainda mais porque Bazárov recusou categoricamente a sobremesa e tratou logo de fumar um charuto. Depois entrou em cena o chá com leite, manteiga e rosquinhas; em seguida Vassíli Ivánovitch conduziu todos ao jardim para admirarem a beleza do anoitecer. Ao passar diante de um banco, sussurrou para Arkádi:

— Neste lugar, eu gosto de filosofar, olhando para o sol poente: convém a um ermitão. E lá, adiante, plantei algumas árvores que eram muito caras a Horácio.

— Que árvores? — perguntou Bazárov, que escutara.

— Ora essa… acácias.

Bazárov pôs-se a bocejar.

— Creio que já é hora de os viajantes irem para os braços de Morfeu — observou Vassíli Ivánovitch.

— Ou seja, está na hora de dormir! — emendou Bazárov. — É uma opinião justa. Está na hora, de fato.

Ao despedir-se da mãe, Bazárov beijou-a na testa, ela o abraçou e, num gesto furtivo, pelas costas, benzeu o filho três vezes. Vassíli Ivánitch levou Arkádi ao seu quarto e lhe desejou "um repouso tão benéfico como também eu desfrutei na idade feliz do senhor". E, de fato, Arkádi dormiu esplendidamente na sua antessala da cabine de banhos: ali, cheirava a hortelã e dois grilos piavam, numa disputa sonolenta, atrás da estufa. Vassíli Ivánovitch seguiu do quarto de Arkádi para o seu escritório e, depois de se apoiar no sofá aos pés do filho, preparou-se para ter uma conversa com ele, mas Bazárov o mandou embora imediatamente, dizendo que queria dormir, no entanto ficou acordado até de manhã. De olhos escancarados, fitava com raiva a escuridão: as recordações da infância não tinham poder sobre ele e, além disso, ainda não conseguira livrar-se das últimas impressões amargas. Arina Vlássievna primeiro rezou até fartar, depois conversou demoradamente com Anfíssuchka, que, como que pregada ao chão diante da patroa, cravava nela seu único olho e lhe transmitia, num sussurro misterioso, todas as suas observações e reflexões a respeito de Evguiêni Vassílievitch. Por causa da alegria, do vinho, da fumaça dos charutos, a cabeça da velhinha rodava; o marido tentou falar com ela, mas desistiu.

Arina Vlássievna era uma autêntica fidalga russa dos velhos tempos; poderia perfeitamente ter nascido duzentos anos antes, no antigo período moscovita. Era muito devota e sentimental, acreditava em toda sorte de crendices, adivinhações, palavras mágicas, sonhos; acreditava em videntes,

em duendes, em silvanos, em maus agouros, em feitiçarias, em remédios caseiros, no sal das quintas-feiras santas, no iminente fim do mundo; acreditava que se, na cerimônia das vésperas no domingo de Páscoa, as velas não apagassem, o trigo-sarraceno cresceria bem, e que os cogumelos não cresceriam mais se fossem vistos por olhos humanos; acreditava que o diabo gosta de ficar onde há água e que todo judeu tem uma mancha de sangue no peito; tinha medo de ratos, cobras, rãs, pardais, sanguessugas, trovões, água fria, vento encanado, cavalos, bodes, gente ruiva, gatas pretas e considerava grilos e cães animais impuros; não comia carne de vitela, de pombo, de lagostim, nem queijo, aspargo, tupinambo, lebres ou melancia, porque uma melancia cortada lembrava a cabeça de são João Batista; e não falava de ostras sem experimentar tremores; gostava de comer bem — e jejuava com rigor; dormia dez horas por dia — e não se deitava, de maneira alguma, caso Vassíli Ivánovitch tivesse dor de cabeça; não lera nenhum livro, exceto *Alexis, ou a cabana na floresta*,[12] escrevia uma ou, no máximo, duas cartas por ano e, em casa, era perita no preparo de doces em conserva e de frutas secas, embora não tocasse em nada com as próprias mãos e, em geral, só se mexesse a contragosto. Arina Vlássievna era muito bondosa e, à sua maneira, nada tinha de tola. Sabia que, no mundo, havia os senhores, a quem cabia mandar, e o povo simples, a quem cabia servir — e portanto não tinha aversão nem ao servilismo nem às reverências exageradas; mas se mostrava afetuosa e dócil com os subordinados, nunca deixava de dar esmola aos mendigos e nunca repreendia quem quer que fosse, embora às vezes falasse mal da vida alheia. Na mocidade, fora muito bonita, tocava clavicórdio e sabia falar um pouco de francês; mas, durante as demoradas peregrinações em companhia do marido, com quem casara a contragosto, ela engordara e esquecera a música e a língua francesa. Amava seu filho e tinha dele um medo indefinível; deixava a administração da propriedade a

cargo de Vassíli Ivánovitch — e já não se inteirava de nada sobre esse assunto: gemia, se abanava com um lenço e, assustada, levantava as sobrancelhas cada vez mais alto toda vez que o velho começava a falar sobre as reformas necessárias e sobre seus planos. Era cismada, vivia sempre à espera de uma grande desgraça e chorava toda vez que se lembrava de alguma infelicidade… Hoje, mulheres desse tipo já não existem mais. Só Deus sabe se isso é motivo de alegria!

---

1. Francês: "Um homem-feito".
2. Christoph Wilhelm Friedrich Hufeland (1762-1836), médico alemão.
3. Latim: "A cada um o que é seu".
4. Johann Lukas Schönlein (1793-1864), professor de medicina alemão, e Johann Gottfried Rademacher (1772-1849), médico e pesquisador alemão, seguidor de Paracelso.
5. Friedrich Hoffmann (1660-1742), médico alemão, e John Brown (1735-88), médico inglês.
6. Francês: "Nada mais que isso".
7. Wittgenstein, marechal do Exército russo. Jukóvski, poeta. Ambos lutaram na campanha contra Napoleão.
8. Alusão à revolta dos decabristas (14 de dezembro de 1825), promovida por militares da nobreza e sufocada pelo tsar Nicolau I.
9. Latim: "Nas ervas, palavras e pedras".
10. Latim: "Ao encontro dos antepassados".
11. Trata-se da luta da Itália para se libertar do domínio austríaco. A passagem refere-se a Napoleão III, imperador da França entre 1851 e 1870 (o chamado Segundo Império), que inicialmente defendeu a unificação da Itália, contra os austríacos. Na Rússia, os periódicos revolucionários democráticos se batiam em favor da libertação nacional italiana.
12. Romance do escritor francês François Guillaume Ducray-Duminil (1761-1819), muito popular no início do século XIX na Rússia.

21.

Depois de se levantar da cama, Arkádi abriu a janela — e a primeira coisa que lhe chamou a atenção foi Vassíli Ivánovitch. Vestindo um casacão à moda de Bukhará, com um lenço cingido à cintura, o velho revolvia a terra da horta com desvelo. Ele percebeu o seu jovem hóspede e, apoiando-se na pá, exclamou:

— Muito bom dia! O senhor dormiu bem?

— Dormi muito bem — respondeu Arkádi.

— E eu, como o senhor vê, como um verdadeiro Cincinato,[1] colho do canteiro os nabos tardios. Agora chegou o tempo, graças a Deus, em que cada homem deve obter o seu sustento com as próprias mãos e não esperar nada dos outros: é preciso trabalhar para si mesmo. Assim, Jean-Jacques Rousseau tem razão. Meia hora atrás, o meu caríssimo senhor poderia ter me visto em uma situação completamente diferente. Uma camponesa se queixava de uma opressão, assim chamam o que nós chamamos de disenteria, e eu… como poderia me expressar melhor… eu lhe introduzi uma dose de ópio; e, de uma outra camponesa, arranquei um dente. Propus uma anestesia com éter… mas ela não concordou. Fiz tudo *gratis, en amateur*.[2] Na verdade, isso não me causa admiração: pois sou um plebeu, *homo novus*,[3] não sou um fidalgo de sangue azul, como a minha esposa…

Mas o senhor não gostaria de vir aqui, à sombra, respirar o frescor matinal antes do chá?

Arkádi saiu ao encontro dele.

— Seja bem-vindo, mais uma vez! — disse Vassíli Ivánovitch, tocando a mão no barrete imundo sobre a cabeça, à maneira de uma continência militar. — O senhor, eu entendo, está habituado ao luxo, aos prazeres, mas também os grandes deste mundo não desdenham de passar um breve tempo sob o teto de uma choupana.

— Mas pelo amor de Deus — exclamou Arkádi. — Desde quando eu sou um dos grandes deste mundo? E também não estou habituado ao luxo.

— Perdoe, perdoe — retrucou Vassíli Ivánovitch, com um trejeito amável. — Embora eu hoje já esteja entregue aos arquivos, também rodei bastante por este mundo afora, sei identificar um pássaro pelo voo. Sou também um psicólogo por conta própria, e um fisionomista. Caso eu não tivesse esse dom, se posso chamá-lo assim, há muito eu já teria sucumbido; haveria sido eliminado, como uma pessoa insignificante. Digo ao senhor, e não por cortesia: a amizade que observo entre o senhor e o meu filho me alegra sinceramente. Acabei de falar com ele: como é de seu costume, conforme o senhor por certo já sabe, meu filho levantou muito cedo e percorreu os arredores. Perdoe minha curiosidade, mas o senhor conhece o meu Evguiêni há muito tempo?

— Desde o último inverno.

— Sei. E permita que também lhe pergunte… mas o senhor não prefere sentar? Permita que lhe pergunte, como pai, com toda a franqueza: qual a sua opinião sobre o meu Evguiêni?

— O filho do senhor é uma das pessoas mais notáveis que já conheci — respondeu Arkádi, com entusiasmo.

Os olhos de Vassíli Ivánovitch de repente se arregalaram e suas faces ruborizaram-se ligeiramente. A pá caiu da sua mão.

— Portanto o senhor supõe… — começou.

— Estou convencido — emendou Arkádi — de que o filho do senhor terá um grande futuro, que ele honrará o nome do senhor. Tive certeza disso desde o nosso primeiro encontro.

— Como… como foi esse encontro? — mal conseguiu falar Vassíli Ivánovitch. Um sorriso extasiado abriu seus lábios largos e não os deixou mais.

— O senhor deseja saber como nos conhecemos?

— Sim… e tudo o mais…

Arkádi começou a falar sobre Bazárov com ainda mais ardor e admiração do que na noite em que dançou a mazurca com Odintsova.

Vassíli Ivánovitch ouviu-o longamente, assoou o nariz, retorceu o lenço nas duas mãos, tossiu, despenteou os cabelos — e, por fim, não se conteve: inclinou-se diante de Arkádi e beijou seu ombro.

— O senhor fez de mim um homem completamente feliz — declarou, sem parar de sorrir. — Devo dizer-lhe que eu… venero o meu filho; da minha velha, nem lhe falo, o senhor já sabe: é a mãe! Mas não me atrevo a expressar meus sentimentos diante de Evguiêni, porque ele não gosta. É inimigo de qualquer expansão de afeto; muitos até o condenam por essa dureza do seu caráter e veem nisso um sinal de orgulho ou de insensibilidade; mas não se podem medir pessoas como ele com o metro comum, não é verdade? Veja isto, por exemplo: outro, em seu lugar, não deixaria de tirar dos pais todo o dinheiro que pudesse; mas, de nós, acredite-me, ele nunca tomou um copeque além do necessário, palavra de honra!

— É um homem abnegado e honesto — comentou Arkádi.

— Exatamente isto: abnegado. E eu, Arkádi Nikolaitch, não só tenho veneração por ele, como me orgulho dele, e toda minha ambição se resume em que, no futuro, na sua biografia, constem as seguintes palavras: “Filho de um modesto médico do Exército que, no entanto, bem cedo soube adivinhar seu talento e nada poupava para a sua educação…”. — A voz do velho se partiu.

Arkádi apertou sua mão.

— Pensa o senhor — perguntou Vassíli Ivánovitch, após um breve silêncio — que ele não alcançará, no campo da medicina, a fama que o senhor profetiza?

— Não na medicina, naturalmente, embora também nessa área de estudos ele vá se tornar um dos maiores sábios.

— Então, em que campo, Arkádi Nikolaitch?

— É difícil dizer, por enquanto, mas ele será célebre.

— Será célebre! — repetiu o velho e mergulhou em pensamentos.

— Arina Vlássievna mandou convidar para o chá — anunciou Anfíssuchka, que veio até eles com uma enorme travessa de framboesas maduras.

Vassíli Ivánovitch sobressaltou-se.

— E há coalhada fria para pôr na framboesa?

— Sim, senhor.

— Bem fria, veja bem! Não faça cerimônia, Arkádi Nikolaitch, pegue mais. E esse Evguiêni, por que não aparece?

— Estou aqui — ressoou a voz de Bazárov, vinda do quarto de Arkádi.

Vassíli Ivánovitch virou-se depressa.

— Ah-ha! Quis visitar seu amigo; mas chegou tarde, *amice*, e já tive uma prolongada conversa com ele. Agora temos de ir tomar chá: mamãe está chamando. Aliás, preciso falar com você.

— Sobre o quê?

— Há aqui um mujique que sofre do mal amarelo…

— Quer dizer, icterícia?

— Sim, uma icterícia crônica e muito resistente. Receitei as ervas medicinais centáurea e milfurada, mandei comer cenoura, dei bicarbonato de sódio; mas tudo isso são remédios paliativos; é preciso alguma coisa definitiva. Apesar de você zombar da medicina, estou convicto de que pode me dar algum conselho útil. Mas deixemos essa conversa para depois. Agora vamos tomar o chá.

Vassíli Ivánovitch ergueu-se do banco de um salto e começou a cantar um trecho da ópera *Robert*:[4]

A lei, a lei, a lei, nós a criamos,
Para vi… vi… viver na alegria!

— Que vitalidade extraordinária! — exclamou Bazárov, afastando-se da janela.

Chegou o meio-dia. O sol ardia por trás da fina cortina de nuvens compactas e esbranquiçadas. Tudo estava em silêncio, só os galos se interpelavam em tom de desafio, provocando em quem os ouvia uma estranha sensação de sonolência e de tédio; e em algum ponto elevado, no cume das árvores, o pio incessante de um filhote de gavião soava como um apelo choroso. Arkádi e Bazárov haviam deitado à sombra de uma pequena meda de feno, depois de terem estendido sobre o chão duas ou três braçadas de capim seco e crepitante, mas ainda verde e cheiroso.

— Aquele álamo — disse Bazárov — me lembra a minha infância; cresce na beira de um fosso, que restou de um depósito de tijolos, e eu naquele tempo estava convencido de que esse fosso e esse álamo tinham o poder de um talismã especial: perto deles, eu nunca me sentia triste. Não

entendia, na época, que eu não me sentia triste justamente porque era criança. Pois bem, agora sou adulto e o talismã não faz mais efeito.

— Ao todo, quanto tempo passou aqui? — perguntou Arkádi.

— Uns dois anos corridos; depois, vínhamos para cá a intervalos. Levávamos uma vida nômade; na maior parte do tempo, vagávamos de uma cidade para outra.

— E essa casa existe há muito tempo?

— Sim. Meu avô a construiu, o pai da minha mãe.

— Como era o seu avô?

— Só o diabo sabe. Um segundo major qualquer. Serviu o Exército sob o comando de Suvórov e vivia contando histórias sobre a marcha através dos Alpes. Um mentiroso, na certa.

— Então é por isso que na parede da sala de vocês há um retrato de Suvórov. Gosto das casinhas como a sua, antiga e aconchegante; nelas, até o cheiro tem algo de especial.

— Um ranço de óleo de lamparina e trevo-cheiroso — explicou Bazárov, com um bocejo. — E quanta mosca tem nessas casinhas simpáticas… Ufa!

— Diga-me — começou Arkádi, após um breve silêncio —, não maltrataram você na infância?

— Você está vendo como são meus pais. Pessoas nada severas.

— Você tem amor por seus pais, Evguiêni?

— Tenho, Arkádi.

— Eles o adoram!

Bazárov ficou calado.

— Sabe no que estou pensando? — disse, enfim, cruzando as mãos por baixo da cabeça.

— Não sei. Em quê?

— Penso no seguinte: como é bom que meus pais existam! Meu pai, aos sessenta anos de idade, vive atarefado, fala em “remédios paliativos”, trata dos doentes, é generoso com os camponeses, em suma, aproveita a vida. E minha mãe está muito bem: seu dia é tão cheio de afazeres, e de tantos ahs! e ufas!, que nunca tem tempo de parar e pensar; já eu…

— E você?

— Penso o seguinte: aqui estou eu deitado junto a uma meda de feno… O lugarzinho estreito que ocupo é tão minúsculo em comparação com o espaço onde eu não estou e onde as coisas não me dizem respeito; e a parcela de tempo que me foi dada para viver é tão ínfima ao lado da eternidade, onde não estive e nunca estarei… Mas neste átomo, neste ponto matemático, o sangue circula, o cérebro trabalha, também ele quer alguma coisa… Mas que vergonha! Que disparate!

— Deixe-me observar uma coisa: isso que você diz se aplica, em geral, a todas as pessoas…

— Tem razão — cortou Bazárov. — Eu queria dizer que eles, os meus pais, vivem atarefados e não se incomodam com a própria nulidade, não sentem esse mau cheiro… enquanto eu… sinto apenas enfado e raiva.

— Raiva? Por que raiva?

— Por quê? Como por quê? Será que você esqueceu?

— Lembro-me de tudo, mas mesmo assim não considero que você tenha o direito de se enraivecer. Concordo que você está infeliz, mas…

— Ah! Então você, Arkádi Nikoláievitch, compreende o amor como todos os jovens modernos: có-có-có, vem cá, galinhazinha; mas assim que ela começa a se aproximar, pernas, para que te quero! Não sou assim. Agora chega dessa conversa. O que não adianta falar é melhor não dizer. — Virou-se de lado. — Ah! Olhe essa brava formiga que arrasta uma mosca moribunda. Vamos, meu irmão, força! Não dê atenção se a mosca resistir,

aproveite que você, na condição de animal, tem o direito de ignorar qualquer sentimento de compaixão, ao contrário deste nosso irmão aqui, que se autodestruiu!

— Não devia falar assim, Evguiêni! Quando você se destruiu?

Bazárov levantou a cabeça.

— É a única coisa de que me orgulho. Não destruí a mim mesmo, e não será uma mulher que vai me destruir. Amém! E ponto-final! Você não ouvirá mais nenhuma palavra de mim sobre esse assunto.

Os dois amigos ficaram deitados em silêncio por um tempo.

— Sim — começou Bazárov —, o homem é uma criatura estranha. Quando observamos, de fora e de longe, a vida rústica que os “pais” levam aqui: o que pode haver de melhor? Comer, beber e saber que vivemos da maneira mais justa e mais razoável. Mas não: o tédio vence. Vem a vontade de se relacionar com as pessoas, ainda que para insultá-las, mas mesmo assim relacionar-se com elas.

— É preciso construir nossa vida de modo que cada momento seja significativo — declarou Arkádi, pensativo.

— Perfeito! O que é significativo tem um gosto doce, mesmo quando é falso, mas também é possível resignar-se ao que não tem significado… porém as brigas por mesquinharias… isso sim é uma desgraça.

— Não existem brigas por mesquinharias para o homem que não quiser dar importância a elas.

— Hm… isso que você disse é um lugar-comum invertido.

— Como? O que você entende por essa expressão?

— É o seguinte: dizer, por exemplo, que a instrução é útil, isso é um lugar-comum; mas dizer que a instrução é perniciosa constitui um lugar-comum invertido. Parece mais sofisticado, mas no fundo é a mesma coisa.

— E a verdade, então, onde está, de que lado?

— Onde? Respondo como o eco: onde?

— Você está com um ânimo melancólico hoje, Evguiêni.

— É mesmo? Talvez o sol tenha me amolecido, e também não posso comer muitas framboesas.

— Nesse caso, não seria nada mau tirar um cochilo — observou Arkádi.

— Pode ser; só não vá ficar olhando para mim: todo homem, quando dorme, tem cara de bobo.

— Mas para você não é indiferente o que pensam a seu respeito?

— Não sei o que lhe dizer. Um homem de verdade não deve preocupar-se com isso; um homem de verdade é aquele sobre o qual não há o que pensar, é aquele a quem se deve obedecer ou odiar.

— Que estranho! Pois eu não odeio ninguém — disse Arkádi, depois de refletir.

— Mas eu odeio muitos. Você é uma alma delicada, ingênua, como poderia odiar?… Você é tímido, não confia muito em si mesmo…

— E você — interrompeu Arkádi —, confia em si mesmo? Tem a si mesmo em alta conta?

Bazárov ficou calado.

— Quando eu encontrar um homem que não recue diante de mim — respondeu com voz pausada —, mudarei a opinião que tenho a meu respeito. Odiar! Veja, por exemplo, hoje mesmo, ao passar pela isbá do nosso estaroste Filip, você disse: que casinha branca e decente. E então você disse que a Rússia atingirá a perfeição quando o mais humilde dos mujiques tiver uma habitação como aquela e que todos devemos contribuir para isso… Pois eu me enchi de ódio contra esse mujique, o mais humilde dos mujiques, seja Filip, seja Sídor, em cujo benefício devo suar sangue e que nem me dirá sequer um obrigado… mas, também, para que me serviria

o obrigado dele? Ora, ele estará vivendo numa isbá branca enquanto sobre mim vai crescer a grama; pois bem, e daí?

— Chega, Evguiêni… quem escutar você, hoje, será forçado a concordar com quem nos acusa de ausência de princípios.

— Está falando como o seu tio. Princípios não existem absolutamente, será que você não percebeu isso até agora? Só existem sensações. Tudo depende delas.

— Como assim?

— Muito simples. Eu, por exemplo: adoto uma atitude de negação por causa da sensação. Tenho prazer em negar, o meu cérebro está constituído desse modo, e *basta*! Por que gosto de química? Por que você gosta de maçãs? Também por causa da sensação. É tudo igual. As pessoas nunca conseguirão penetrar mais fundo do que isso. Não é qualquer um que vai lhe dizer tal coisa e eu mesmo, de outra vez, não o direi mais.

— Como? Também a honestidade é uma sensação?

— Claro!

— Evguiêni! — começou Arkádi, com voz abatida.

— Então? O que foi? Não gostou? — interrompeu Bazárov. — Não, irmão! Se você resolveu passar a foice no terreno todo, trate de levantar também seus pezinhos!… Mas já filosofamos bastante. “A natureza inspira o silêncio do sono”, disse Púchkin.

— Ele nunca disse nada semelhante — contestou Arkádi.

— Bem, se não disse, poderia e deveria ter dito, como poeta que era. Aliás, ele deve ter servido o Exército.

— Púchkin nunca foi militar!

— Ora, mas toda página dele tem: às armas! às armas! pela honra da Rússia!

— De onde você foi tirar essas invencionices? Isso não passa de uma calúnia.

— Calúnia? Grande coisa! Está querendo meter medo com uma palavra dessas? Não importa a calúnia que levantarem contra um homem, pois na realidade ele merecerá algo vinte vezes pior.

— É melhor dormir! — disse Arkádi, irritado.

— Terei imenso prazer — respondeu Bazárov.

Mas nem um nem outro dormiu. Após uns cinco minutos, abriram os olhos e se entreolharam em silêncio.

— Veja — disse Arkádi, de repente —, uma folha de bordo seca se desprende e cai sobre a terra; seu movimento é exatamente igual ao voo de uma borboleta. Não é estranho? A mais triste e morta é idêntica à mais alegre e viva.

— Oh, meu amigo Arkádi Nikolaitch! — exclamou Bazárov. — Só lhe peço uma coisa: não fale bonito.

— Eu falo como posso… E, além do mais, isso é despotismo. Um pensamento me veio à cabeça: por que não expressá-lo?

— Certo; mas por que também eu não devo expressar meus pensamentos? Acho que falar bonito é indecente.

— E o que é decente? Praguejar?

— Ah-ha! Vejo que você está mesmo resolvido a seguir os passos do seu tio. Como aquele idiota se alegraria, se ouvisse você!

— Como foi que você chamou Pável Petróvitch?

— Eu o chamei da forma devida: idiota.

— Isto já é intolerável! — exclamou Arkádi.

— Ah-ha! Falou a voz do sentimento familiar — disse Bazárov, com toda a calma. — Eu notei: esse sentimento persiste com muita tenacidade entre as pessoas. Um homem é capaz de abandonar tudo, abrir mão de todos os

preconceitos; mas admitir que, por exemplo, o irmão, que rouba os lenços dos outros, é um ladrão, isso está acima das suas forças. Sim, sim: será que o *meu* irmão, o *meu*, não é um gênio… como é possível?

— Em mim, falou o simples sentimento de justiça e não, em absoluto, o sentimento familiar — retrucou Arkádi, com veemência. — Mas como você não compreende esse sentimento, não experimenta essa sensação, não pode julgá-lo.

— Em outras palavras: Arkádi Kirsánov é elevado demais para o meu entendimento; eu me ajoelho e me calo.

— Chega, por favor, Evguiêni; vamos acabar brigando.

— Ah, Arkádi! Faça-me essa gentileza, vamos ter uma boa briga, dessa vez, até as últimas consequências, até o aniquilamento.

— Mas, desse jeito, certamente acabaremos…

—… nos atracando? — interrompeu Bazárov. — E por que não? Aqui, sobre o feno, neste cenário idílico, longe do mundo e do olhar das pessoas, não faria mal nenhum. Mas você não pode me vencer. Agora, vou agarrá-lo pelo pescoço…

Bazárov abriu seus dedos compridos e rijos… Arkádi virou-se e, como que de brincadeira, tomou posição de combate… Mas o rosto do amigo se mostrou tão sinistro, pareceu haver uma ameaça tão séria na curva do sorriso do lábio e nos olhos em fogo, que ele sentiu um temor involuntário.

— Ah! Aí está onde os senhores foram se meter! — ressoou, nesse instante, a voz de Vassíli Ivánovitch, e o velho médico do Exército surgiu diante dos jovens, vestindo um casaco de linho feito em casa e, na cabeça, um chapéu de palha também feito em casa. — Procurei os senhores por muito tempo… Mas escolheram um lugar ótimo e se entregam a uma ocupação excelente. Deitar na “terra”, olhar para o “céu”… Sabem, há nisso algum significado especial!

— Só olho para o céu quando tenho vontade de espirrar — resmungou Bazárov e, voltando-se para Arkádi, acrescentou a meia-voz: — Que pena que ele nos interrompeu.

— Ora, já chega — sussurrou Arkádi e, furtivamente, apertou a mão do amigo. Mas nenhuma amizade resiste por muito tempo a tais desavenças.

— Olho para os senhores, meus jovens interlocutores — dizia Vassíli Ivánovitch, enquanto isso, balançando a cabeça e apoiando-se com as mãos entrecruzadas sobre uma bengala entalhada com habilidade por ele mesmo, com a cabeça de um turco no lugar do castão —, olho e não consigo conter minha admiração. Quanta força há nos senhores, quanta juventude em pleno viço, quanta capacidade, talento! Numa palavra… Cástor e Pólux!

— Onde isso vai parar? Já entrou no terreno da mitologia — disse Bazárov. — Vê-se logo que, no seu tempo, você foi um exímio latinista! Pois, se bem me lembro, você ganhou até uma medalha de prata por um texto que escreveu, não foi?

— Diôscuros, Diôscuros! — repetia Vassíli Ivánovitch.

— Mas já chega, pai, não exagere os carinhos.

— Uma vezinha na vida não faz mal nenhum — murmurou o velho. — Mas na verdade, senhores, vim à sua procura não para lhes dizer elogios, e sim, em primeiro lugar, para avisar que daqui a pouco vamos jantar; em segundo lugar, eu quis preveni-lo, Evguiêni… Você é um homem inteligente, conhece os homens, e as mulheres também e, por consequência, saberá desculpar… Sua mãe quis celebrar uma missa em ação de graças pela sua volta. Não pense que estou convidando você para presenciar essa missa: ela já terminou; mas o padre Aleksei…

— O pope?

— Ora, sim, o sacerdote; está em nossa casa… vai fazer uma boquinha… Eu não esperava por isso e nem mesmo achei recomendável… mas, de um

jeito ou de outro, aconteceu… ele não me compreendeu… Além do mais, Arina Vlássievna… Mas o padre é um homem muito bom e sensato.

— Será que ele não vai comer a minha parte do jantar? — perguntou Bazárov.

Vassíli Ivánovitch riu.

— Meu Deus, que ideia!

— Pois não exijo nada além disso. Estou pronto para sentar-me à mesa em companhia de qualquer pessoa.

Vassíli Ivánovitch corrigiu a posição do seu chapéu.

— Eu estava convencido de antemão — disse ele — de que você está acima de todos os preconceitos. Mas olhe para mim: um velho, já vivi sessenta e dois anos, e também não tenho preconceitos. (Vassíli Ivánovitch não podia admitir que ele mesmo quisera a missa em ação de graças… Não era menos devoto do que a esposa.) O padre Aleksei deseja muito conhecê-lo. Você vai gostar dele, vai ver só. O padre não é contra jogar cartas e até… mas isso, cá entre nós… ele até fuma seu cachimbozinho.

— Pois bem. Depois do jantar, vamos formar uma rodinha de jogo e eu vou dar uma surra nele.

— He, he, he! Vejam só! Falar é fácil.

— Por quê? Você vai jogar como nos bons tempos? — disse Bazárov, com uma ênfase especial.

As faces cor de bronze de Vassíli Ivánovitch ruborizaram-se ligeiramente.

— Como não se envergonha, Evguiêni… O que passou, passou. Mas estou pronto a reconhecer, diante deles, que tive essa paixão na mocidade, de fato; e até paguei caro por ela! Mas como está calor. Permitam que me sente junto de vocês. Não atrapalho?

— Nem um pouco — respondeu Arkádi.

Vassíli Ivánovitch deixou-se cair sobre o feno, com um gemido.

— O leito onde vocês estão agora, meus senhores, me faz recordar — começou ele — minha vida passada em acampamentos militares, as enfermarias de campanha instaladas também perto de medas de feno como esta, e isso quando tínhamos sorte. — Suspirou. — Já vi muita, muita coisa neste mundo. Por exemplo, se me permitirem, vou lhes contar o curioso episódio da peste na Bessarábia.

— Pelo qual ganhou a condecoração de são Vladímir? — disse Bazárov. — Conheço, conheço… Aliás, por que você não a usa?

— Como eu lhe disse, não tenho preconceitos — murmurou Vassíli Ivánovitch (só na véspera ele mandara descosturar a fitinha vermelha da sobrecasaca) e em seguida passou a contar o episódio da peste. — Ora, mas ele pegou no sono — sussurrou de repente para Arkádi, apontando para Bazárov e piscando o olho com bom humor. — Evguiêni! Levante! — acrescentou em voz bem alta. — Vamos jantar…

O padre Aleksei, homem gordo, bem-apessoado, de cabelos espessos e cuidadosamente penteados, com um cinto bordado em torno da batina de seda lilás, revelou-se um homem muito hábil e com muita presença de espírito. Primeiro, apressou-se em apertar a mão de Arkádi e de Bazárov, como se já tivesse de antemão entendido que eles não precisavam da sua bênção, e portou-se com total desembaraço. Ele não sobressaía e tampouco rebaixava os demais; de passagem, riu do latim que se usava no seminário e defendeu o seu bispo; bebeu dois cálices de vinho até o fim e recusou o terceiro; aceitou um charuto de Arkádi mas não fumou, dizendo que o levaria para casa. A única coisa não muito agradável no padre era que, a todo momento, levantava a mão, devagar e com cuidado, para capturar moscas no próprio rosto e, em seguida, esmagá-las. Sentou-se à mesa de jogar cartas com uma comedida manifestação de prazer e terminou por

ganhar de Bazárov dois rublos e cinquenta copeques, em cédulas: na casa de Arina Vlássievna, não se sabia contar o valor das moedas… Como antes, a mãe sentou-se ao lado do filho (ela não jogava cartas), como antes, apoiou a face no punho fechado e só se levantava para mandar servir alguma iguaria nova. Temia fazer carinhos em Bazárov e ele não a incentivava, não aliciava seus carinhos; além disso, Vassíli Ivánovitch recomendara à esposa que não “perturbasse” muito o filho. “Os moços não o apreciam”, repetia sempre para a esposa (nem é preciso relatar como foi o jantar: Timofêitch em pessoa saltou da cama ao raiar do dia para conseguir carne de vaca especial da Circássia; o estaroste partiu em outra direção em busca de percas, acerinas e lagostins; por alguns cogumelos, os camponeses cobraram quarenta e dois copeques em moedas de cobre); mas os olhos de Arina Vlássievna, ininterruptamente voltados para Bazárov, expressavam não só devoção e ternura: via-se neles também tristeza, misturada com curiosidade e medo, e via-se uma espécie de censura resignada.

Bazárov, por seu lado, tinha outras coisas em que pensar, em vez de decifrar o que exatamente expressavam os olhos de sua mãe; raramente se dirigia a ela e, mesmo então, só com perguntas breves. Uma vez, pediu à mãe que lhe desse a mão, para dar sorte no jogo; com timidez, ela pôs a mão macia sobre a rude e larga palma da mão do filho.

— E então — perguntou ela, pouco depois —, ajudou?

— Foi pior ainda — respondeu, com um sorriso displicente.

— O senhor se arrisca demais — disse o padre Aleksei, como que com pena, e acariciou sua bela barba.

— É uma regra de Napoleão, padre, de Napoleão — interveio Vassíli Ivánovitch, e baixou um ás.

— Foi essa regra que o levou para a ilha de Santa Helena — disse Aleksei e, com um trunfo, venceu o ás.

— Não quer um pouco de água de groselha, Eniúchetchka? — perguntou Arina Vlássievna.

Bazárov limitou-se a encolher os ombros.

— Não! — disse ele para Arkádi, no dia seguinte. — Vou embora daqui amanhã. É maçante; tenho vontade de trabalhar, mas aqui é impossível. Vou de novo para a casa do seu pai; deixei lá todas as minhas lâminas de microscópio. Na casa do seu pai posso, pelo menos, me trancar no quarto. Mas aqui, meu pai não para de repetir para mim: "O meu escritório está à sua disposição, ninguém irá incomodá-lo"; só que ele mesmo não se afasta nem um passo. E, de um jeito ou de outro, não fica bem eu me trancar e deixar meu pai do lado de fora. E a mamãe também. Ouço como suspira por trás da parede mas, quando vou falar com ela, nada tenho para dizer.

— Vai ficar amargurada — disse Arkádi. — E seu pai também.

— Depois voltarei a estar com eles.

— Quando?

— Ora, quando eu estiver a caminho de São Petersburgo.

— Sinto pena especialmente da sua mãe.

— Mas o que é isso? Ela amaciou você com uma porção de amoras?

Arkádi baixou os olhos.

— Você não conhece sua mãe, Evguiêni. Não é só uma mulher excelente, é também muito inteligente, acredite. Hoje de manhã, conversou comigo por meia hora, e de forma tão interessante, tão perspicaz.

— Sem dúvida, ela falou muito a meu respeito, não foi?

— A conversa não tratou só de você.

— É possível; você, que está de fora, pode ver melhor. Já é um bom sinal quando uma mulher consegue manter uma conversa durante meia hora. Mesmo assim, vou embora daqui.

— Não vai ser fácil, para você, dar a eles essa notícia. Não param de discutir a respeito do que nós dois vamos fazer daqui a duas semanas.

— Não vai ser fácil. O diabo me levou, hoje, a provocar meu pai; um dia desses, ele mandou chicotear um servo a quem ele arrenda a terra, e fez muito bem; sim, não olhe para mim com tanto horror: fez muito bem, porque se trata de um bêbado e um ladrão da pior espécie; só que o papai não esperava, de forma alguma, que eu estivesse, digamos, informado a respeito. Ele ficou muito constrangido e agora me vejo obrigado a lhe causar ainda mais esse desgosto… Não importa! Isso passa.

Bazárov disse: "Não importa!", mas passou-se um dia inteiro antes de ele se decidir a comunicar sua intenção a Vassíli Ivánovitch. Afinal, quando já se despedia do pai, no escritório, Bazárov disse, com um bocejo forçado:

— Sim… quase ia me esquecendo de dizer… Mande uma muda de cavalos amanhã para Fedot.

Vassíli Ivánovitch ficou espantado.

— Então o sr. Kirsánov vai nos deixar?

— Sim; e eu vou com ele.

Vassíli Ivánovitch teve um sobressalto.

— Você vai partir?

— Sim… eu preciso. Por favor, dê as ordens relativas aos nossos cavalos.

— Está bem… — pôs-se a balbuciar o velho. — Uma muda de cavalos… está bem… mas… mas… por quê?

— Eu preciso ir à casa do pai dele por um breve tempo. Depois virei aqui outra vez.

— Sim! Por um breve tempo… Está bem. — Vassíli Ivánovitch puxou um lenço e, assoando o nariz, curvou o corpo até quase tocar o chão. — Como é possível? Tudo… tudo será arranjado. Pensei que você ficaria

aqui… mais tempo. Três dias… E isso, isso, depois de três anos, é muito pouco, Evguiêni!

— Mas eu já lhe disse que voltarei em breve. É indispensável que eu vá.

— Indispensável… O que se há de fazer? Antes de tudo, é preciso cumprir o dever… Quer uma muda de cavalos? Muito bem. Eu, naturalmente, e Arina não contávamos com isso. Ela, depois de muito pedir, conseguiu de uma vizinha as flores com que queria enfeitar o seu quarto. — Vassíli Ivánovitch, porém, não mencionou que, toda manhã, ao romper do dia, de chinelo e sem meias, ia confabular com Timofêitch e, tirando com os dedos trêmulos uma cédula após a outra, encarregava-o de várias compras, com ênfase especial nos produtos alimentícios e no vinho tinto, que, pelo que se podia perceber, muito agradava aos dois rapazes. — O principal é a liberdade; este é o meu lema… é preciso não criar constrangimentos… não…

Calou-se de repente e tomou a direção da porta.

— Em breve nos veremos de novo, pai, eu garanto.

Mas Vassíli Ivánovitch, sem se voltar, limitou-se a acenar com a mão e saiu. De regresso ao quarto de dormir, encontrou a esposa na cama e começou a rezar em sussurros, para não acordá-la. No entanto, ela despertou.

— É você, Vassíli Ivánitch? — perguntou.

— Sou eu, mãezinha!

— Falou com o Eniucha? Sabe, estou com medo: será que está conseguindo dormir bem no sofá? Mandei Anfíssuchka pôr à disposição dele o seu colchão de campanha e travesseiros novos; eu lhe daria o nosso colchão mas, lembra, ele não gosta de dormir no macio.

— Não importa, mãezinha, não se preocupe. Ele está bem. Deus, perdoe os nossos pecados — prosseguiu sua prece a meia-voz. Vassíli Ivánovitch

teve pena da sua velha; não quis contar a ela, de noite, o desgosto que a aguardava.

Bazárov e Arkádi partiram no dia seguinte. Desde a manhã, tudo na casa entristeceu; a louça caía da mão de Anfíssuchka; até Fiedka ficou atônito e terminou por descalçar as botas. Vassíli Ivánovitch agitou-se mais do que nunca em mil afazeres: era óbvio que tentava mostrar-se corajoso, falava alto e batia firme com os pés no chão, mas seu rosto murchou e seu olhar, o tempo todo, desviava-se do filho. Arina Vlássievna chorava sem fazer barulho; teria se desnorteado completamente e não conseguiria controlar-se caso o marido não a tivesse persuadido, de manhã cedo, após duas horas inteiras de conversa. Quando Bazárov, após repetidas promessas de voltar antes de um mês, enfim se livrou do abraço que o retinha e ocupou seu lugar na carruagem; quando os cavalos deram partida, os guizos tilintaram e as rodas começaram a girar — e quando já não havia mais razão para olhar para a estrada, e a poeira ia baixando, e Timofêitch, todo curvado e oscilante em sua afobação, caminhou a custo de volta para o seu cubículo; quando os velhinhos ficaram sós em sua casa, também ela como que subitamente enrugada e envelhecida — Vassíli Ivánovitch, que alguns momentos antes havia sacudido o lenço com garbo na varanda, deixou-se cair na cadeira e afundou o queixo contra o peito.

— Ele nos abandonou, nos abandonou — pôs-se a balbuciar —, abandonou; achou maçante ficar conosco. Agora está sozinho, sozinho como um dedo sem os outros! — repetiu algumas vezes e sempre levantava a mão para a frente, com o dedo indicador esticado. Então, Arina Vlássievna aproximou-se dele e, apoiando sua cabeça grisalha na cabeça grisalha do marido, disse:

— O que se há de fazer, Vássia? Um filho é um pedaço cortado de nós. Ele é um falcão: sentiu vontade, voou para cá; sentiu vontade, voou para

longe; mas eu e você, como cogumelos no oco de uma árvore, ficamos pertinho um do outro, sem sair do lugar. Só eu vou continuar sempre a mesma para você, assim como você, para mim.

Vassíli Ivánovitch afastou as mãos do rosto e abraçou a esposa, sua amiga, tão carinhosamente quanto a abraçava na juventude: ela o consolou em sua tristeza.

---

1. Lucius Quinctius Cincinnatus, herói militar romano (c. 519-438 a.C.), preferiu voltar à sua propriedade rural a aceitar o título de ditador de Roma.

2. Francês: "Gratuitamente, por amor".

3. *Homo novus*: termo usado na Roma Antiga para denominar os plebeus que se tornavam homens de Estado. Nesse contexto, refere-se a uma pessoa sem origem nobre que deve suas conquistas a méritos próprios.

4. *Robert le diable* (1831), ópera de Giacomo Meyebeer (1791-1864).

22.

Em silêncio, apenas de vez em quando trocando algumas palavras insignificantes, nossos amigos enfim chegaram a Fedot. Bazárov não estava nem um pouco contente consigo mesmo. Arkádi estava descontente com ele. Além do mais, sentia no coração aquela mágoa sem motivo, que só as pessoas muito jovens conhecem. O cocheiro arreou os cavalos e, depois de trepar na boleia, perguntou: para a direita ou para a esquerda?

Arkádi sobressaltou-se. A estrada da direita levava à cidade e, de lá, seguia para a sua casa; a estrada da esquerda levava à propriedade de Odintsova.

Olhou de relance para Bazárov.

— Evguiêni — perguntou ele —, para a esquerda?

Bazárov virou-se.

— Mas que idiotice é esta? — murmurou.

— Eu sei que é idiotice — respondeu Arkádi. — Mas que mal vai fazer? Acaso será a primeira vez, para nós?

Bazárov enterrou o boné na testa.

— Como quiser — disse, por fim.

— Vamos pela esquerda! — gritou Arkádi.

A carruagem pôs-se a rodar na direção de Nikólskoie. Mas depois que se resolveram pela idiotice, os dois amigos se mantiveram calados com ainda mais tenacidade do que antes e até pareciam zangados.

Pela simples maneira como o mordomo os recebeu na varanda da casa de Odintsova, os dois amigos puderam adivinhar que haviam agido de modo imprudente ao ceder ao impulso de uma fantasia repentina. Era óbvio que não os esperavam. Os dois ficaram sentados bastante tempo na sala de visitas e com uma fisionomia bastante idiota. Enfim, Odintsova veio ter com eles. Saudou-os com sua amabilidade habitual, mas se mostrou surpresa com o rápido regresso dos dois e, a julgar pela lentidão de seus movimentos e de suas palavras, não se alegrava muito com isso. Eles se apressaram em explicar que tinham vindo só de passagem e dali a umas quatro horas partiriam em direção à cidade. Ela limitou-se a uma ligeira exclamação, pediu a Arkádi que enviasse lembranças suas para o pai e mandou chamar sua tia. A princesa apareceu muito sonolenta, o que dava ao seu rosto velho e encarquilhado uma expressão ainda mais rancorosa. Kátia estava indisposta, não saiu do quarto. Arkádi percebeu de repente que seu desejo de ver Kátia era, pelo menos, igual ao desejo de ver a própria Anna Serguêievna. Quatro horas se passaram em meio a uma conversa banal sobre vários assuntos; Anna Serguêievna ouvia e falava sem dar um sorriso. Só na hora da despedida, a simpatia de antes pareceu se agitar no seu íntimo.

— Uma melancolia profunda tomou conta de mim — disse ela. — Mas os senhores não devem dar atenção a isso, venham nos visitar de novo, os dois, daqui a algum tempo.

Bazárov e Arkádi responderam com uma reverência muda, ocuparam seus assentos na carruagem e, já sem se deterem em parte alguma, seguiram para casa, para Márino, onde chegaram, sem nenhum problema, na tarde do

dia seguinte. Durante toda a viagem, nem um nem outro sequer mencionou o nome de Odintsova; Bazárov, em especial, quase não abriu a boca e olhava, o tempo todo, para o lado de fora, para a estrada, com uma espécie de tensão ferrenha.

Em Márino, todos se alegraram imensamente em vê-los. A ausência prolongada do filho começava a inquietar Nikolai Petróvitch; soltou um grito, sacudiu as pernas no ar e levantou-se do divã com um pulo, quando Fiénetchka entrou correndo, com olhos radiantes, e anunciou a chegada dos "jovens senhores"; o próprio Pável Petróvitch experimentou uma emoção agradável e sorriu com indulgência ao apertar a mão dos viajantes que regressavam. Contaram as novidades, fizeram perguntas; Arkádi foi quem mais falou, sobretudo após o jantar, que se estendeu muito além da meia-noite. Nikolai Petróvitch mandou servir algumas garrafas de vinho do Porto que haviam acabado de trazer de Moscou, e se entregou aos festejos a tal ponto que suas faces ganharam uma cor de framboesa e ele ria o tempo todo, com um riso ora infantil, ora nervoso. A animação geral se espalhou também entre a criadagem. Duniacha corria de um lado para outro feito uma desatinada, batendo portas a todo instante; até depois de duas horas da madrugada, Piotr ainda tentava tocar no violão uma valsa cossaca. As cordas soavam doces e plangentes no ar imóvel mas, com exceção de alguns pequenos floreados elementares, o camareiro instruído nada conseguia: a natureza negara a ele o talento musical, como a todos os demais.

Entretanto a vida não andava muito bem em Márino, e o pobre Nikolai Petróvitch passava por maus bocados. Os problemas da fazenda cresciam todo dia — problemas desoladores, confusos. O atrito com os trabalhadores assalariados tornava-se insuportável. Uns exigiam o ajuste imediato de contas ou um aumento, outros iam embora com o dinheiro do adiantamento;

os cavalos adoeciam; os arreios se estragavam como sob o efeito do fogo; os serviços eram executados com displicência; uma debulhadora que ele mandara vir de Moscou revelou-se imprestável por causa do seu peso; a outra, estragaram logo na primeira vez que usaram; metade do estábulo pegou fogo porque uma velha cega que fazia parte da criadagem foi defumar sua vaca com um tição numa hora em que ventava… na verdade, segundo essa mesma velha, a causa de toda a desgraça foi o patrão ter inventado de introduzir na fazenda certos queijos e laticínios desconhecidos. O administrador ficou preguiçoso, de repente, e até começou a engordar, como engorda qualquer russo depois que passa a se alimentar à custa dos outros. Para dar mostra do seu zelo, o administrador, ao avistar de longe Nikolai Petróvitch, atirava lascas de madeira contra um leitão que passasse correndo ali perto ou ameaçava um garotinho seminu, mas de resto, na maior parte do tempo, dormia. Os mujiques que deviam pagar pelo uso da terra não entregavam o dinheiro no prazo e roubavam madeira da mata; quase toda noite, os vigias surpreendiam e, às vezes com luta, se apossavam de cavalos dos camponeses que estavam nas várzeas da fazenda. Nikolai Petróvitch quis estabelecer uma multa pecuniária por danos causados à semeadura, mas a questão, em geral, se encerrava com os cavalos sendo devolvidos aos seus donos, depois de passarem um ou dois dias se alimentando da forragem do patrão. Para cúmulo de tudo, os mujiques começaram a discutir entre si: irmãos exigiam a partilha dos bens, suas esposas não podiam morar na mesma casa; de repente, a rixa fervia e todos se levantavam, como a um só comando, e acorriam ao escritório, importunavam o patrão, muitas vezes com rostos espancados, embriagados, exigiam justiça e represália; rompia uma algazarra, berros, as vozes esganiçadas das mulheres queixosas alternavam-se com o praguejar dos maridos. Era preciso tomar o partido de um dos lados hostis, esbravejar até

enrouquecer, mesmo sabendo de antemão que era impossível chegar a uma solução justa. Havia escassez de braços para a colheita: um lavrador vizinho, de aspecto corretíssimo, combinou fornecer ceifeiros ao preço de dois rublos por dessiatina de terra e descumpriu o acordo da forma mais descarada; as camponesas pediam preços exorbitantes como nunca se viu, enquanto o grão caía do pé e a sega não começava, e o Conselho Tutelar [1] ameaçava e exigia, de forma rápida e sem atrasos, o pagamento dos juros…

— Não tenho forças! — várias vezes exclamava Nikolai Petróvitch, em desespero. — Para mim, é impossível brigar, mandar chamar o comissário de polícia, meus princípios não me autorizam a isso mas, sem medo de um castigo, não se consegue nada!

— *Du calme, du calme* — aconselhava Pável Petróvitch, mas ele mesmo resmungava, olhava carrancudo, puxava os bigodes.

Bazárov mantinha-se afastado dessas “desavenças por ninharias”, pois não cabia a ele, como hóspede, imiscuir-se nos assuntos alheios. No dia seguinte à sua chegada a Márino, passou a ocupar-se com suas rãs, seus infusórios, suas substâncias químicas, e a isso dedicava todo o tempo. Arkádi, ao contrário, considerava ser sua obrigação, se não ajudar o pai, pelo menos dar mostras de que estava pronto a lhe prestar auxílio. Escutava-o com paciência e, certa vez, lhe deu um conselho qualquer, não para que o pai o seguisse, mas para mostrar seu interesse. Os afazeres da administração não lhe causavam repugnância: refletia até com prazer sobre as atividades agrícolas mas, nessa ocasião, outros pensamentos enxameavam sua cabeça. Arkádi, com grande surpresa para si mesmo, pensava o tempo todo em Nikólskoie; antes, se limitaria a dar de ombros se alguém lhe dissesse que ele poderia entediar-se sob o mesmo teto em companhia de Bazárov — e ainda mais este —, o teto paterno, mas ele de fato se entediava e sentia vontade de ir embora. Inventava de passear até

cansar, mas isso também não ajudava. Conversando, certa vez, com o pai, soube que Nikolai Petróvitch estava de posse de algumas cartas muito interessantes, escritas pela mãe de Odintsova para a sua falecida esposa, muito tempo antes, e Arkádi não deu sossego ao pai até ele apanhar essas cartas, pelas quais Nikolai Petróvitch se viu obrigado a remexer em vinte caixas e baús diferentes. Tendo em mãos esses papéis semidesfeitos, Arkádi pareceu acalmar-se, como se visse à sua frente a meta que deveria perseguir. "Digo isso a ambos", murmurava ele, a todo instante, "foi ela mesma quem falou isso. Irei lá, com mil diabos, irei lá!" Mas lembrou-se da última visita, da recepção fria e do constrangimento por que passara, e a timidez o dominou. O "Quem sabe?" da juventude, o secreto desejo de pôr à prova a própria sorte, de experimentar suas forças sozinho, sem a proteção do que quer que seja, enfim venceu. Não haviam passado dez dias do seu regresso a Márino quando ele, de novo, sob o pretexto de estudar o funcionamento das escolas dominicais, galopou até a cidade e, de lá, rumou para Nikólskoie. Apressando o cocheiro com insistência, precipitava-se para lá como um jovem oficial a caminho da batalha: sentia medo, mas também alegria, e a ansiedade o sufocava. "O importante é não pensar", repisava para si mesmo. Calhou de seu cocheiro ser atrevido; parava diante de cada taberna e dizia: "Um golinho?". Ou então: "Que tal um gole?". Em compensação, depois de molhar o bico, não tinha piedade dos cavalos. Enfim, surgiu o telhado alto da casa conhecida… "O que estou fazendo?", passou num lampejo pela cabeça de Arkádi. "Mas agora já não posso voltar!" A troica avançava num galope impetuoso; o cocheiro soltava urros e assovios. Logo a ponte de tábuas ecoava com estrondo sob os cascos e as rodas, logo a alameda de abetos podados se abria à passagem deles… Um vestido rosado de mulher cintilou no verdor da relva escura, um rosto jovem ergueu o olhar por baixo da leve franja de uma sombrinha… Ele reconheceu

Kátia e ela o reconheceu. Arkádi mandou o cocheiro deter os cavalos desembestados, pulou para fora da carruagem e dirigiu-se a ela.

— É o senhor! — exclamou Kátia e, aos poucos, ruborizou-se. — Venha ver a minha irmã, ela está aqui, no jardim; terá prazer em vê-lo.

Kátia conduziu Arkádi até o jardim. O encontro com ela lhe pareceu um presságio particularmente favorável; alegrou-se em ver Kátia, como se fosse uma pessoa de sua família. Tudo se arranjou de forma excelente: sem mordomo e sem qualquer anúncio de sua presença. Na curva do caminho, ele viu Anna Serguêievna. Estava de costas. Ao ouvir passos, virou-se devagar.

Arkádi quase se perturbou de novo, mas as primeiras palavras ditas por ela o tranquilizaram de imediato.

— Bom dia, fugitivo! — exclamou, com sua voz carinhosa e segura, e veio ao encontro dele, sorrindo e estreitando os olhos por causa do sol e do vento. — Onde você o encontrou, Kátia?

— Anna Serguêievna — começou Arkádi —, eu lhe trouxe algo que a senhora não esperava, de maneira alguma…

— O senhor trouxe a si mesmo; isto é melhor que tudo.

---

1. Conselho Tutelar: órgão do governo de caráter local.

23.

Depois de se despedir de Arkádi com pesar irônico e insinuar que não se iludia nem um pouco a respeito do verdadeiro motivo de sua partida, Bazárov isolou-se em definitivo: foi tomado por uma febre de trabalho. Já não discutia com Pável Petróvitch, ainda mais porque este, em sua presença, tomava ares aristocráticos demais e expressava seu ponto de vista mais com ruídos do que com palavras. Apenas uma vez Pável Petróvitch ameaçou lançar-se em uma disputa com o niilista por uma questão em voga nessa época, os direitos dos nobres da região báltica,[1] mas ele mesmo se interrompeu, de repente, dizendo com polidez fria:

— Na verdade nós dois não conseguimos nos entender; eu, pelo menos, não tenho a honra de entender o senhor.

— Não admira! — exclamou Bazárov. — Qualquer homem é capaz de entender até como o éter vibra e o que se passa no sol; mas, como outro homem pode assoar o nariz de um jeito diferente do seu, isso ele não consegue entender.

— Ora, isso é um gracejo? — disse Pável Petróvitch, em tom interrogativo, e afastou-se.

Por outro lado, de vez em quando pedia licença a Bazárov para presenciar suas experiências e uma vez até aproximou do microscópio seu

rosto perfumado e lavado com uma excelente loção, para observar como um infusório translúcido engolia um grão verde de poeira e o mastigava arduamente com a ajuda de umas garrinhas muito ágeis, localizadas na sua garganta. Com muito mais frequência do que seu irmão, Nikolai Petróvitch visitava Bazárov; viria todos os dias para "estudar", conforme dizia, se os afazeres da administração da propriedade não o distraíssem. Ele não atrapalhava o jovem naturalista: sentava-se num canto qualquer do quarto, olhava com atenção e de quando em quando se permitia uma pergunta cautelosa. Na hora do jantar e da ceia, tentava conduzir a conversa para questões da física, da geologia ou da química, como se todos os outros assuntos, até a administração da propriedade, para não falar da política, pudessem levar, se não a um conflito, pelo menos a um descontentamento mútuo. Nikolai Petróvitch adivinhava que o ódio de seu irmão contra Bazárov não diminuíra nem um pouco. Um caso sem importância, entre muitos outros, veio confirmar suas conjecturas. A cólera começou a se manifestar em certa localidade dos arredores e até "colheu" duas pessoas da própria Márino. À noite, Pável Petróvitch teve um grave ataque. Passou muito mal até de manhã mas não recorreu aos ofícios de Bazárov e, ao encontrar-se com ele no dia seguinte, ante a pergunta do jovem, "Por que não me chamou?", respondeu, ainda muito pálido, mas já cuidadosamente penteado e barbeado: "Mas, se bem me lembro, o senhor mesmo não afirmou que não crê na medicina?". Assim passavam os dias. Bazárov trabalhava com tenacidade e ânimo taciturno… Entretanto, na casa de Nikolai Petróvitch, havia uma criatura com quem, se ele não chegava a se abrir inteiramente, pelo menos conversava com prazer… Essa criatura era Fiénetchka.

Em geral, encontrava-se com ela pela manhã, bem cedo, no jardim ou no terreno dos fundos; Bazárov não ia ao quarto de Fiénetchka e ela, só uma

vez, chegou à porta do jovem para perguntar se devia ou não dar banho em Mítia. Não só confiava nele, não só não o temia, como em sua presença se comportava com mais desembaraço e mais liberdade do que diante do próprio Nikolai Petróvitch. É difícil dizer por que isso acontecia; talvez porque ela, de forma inconsciente, sentisse em Bazárov uma ausência de qualquer traço de fidalguia, de qualquer superioridade do tipo que atrai e atemoriza. Aos olhos de Fiénetchka, ele era um médico excelente e uma pessoa simples. Sem se constranger com sua presença, ela brincava com seu bebê e certa vez em que sentiu tonteiras e dor de cabeça, tomou uma colher de remédio na mão de Bazárov. Em presença de Nikolai Petróvitch, ela parecia evitar Bazárov: não agia assim por astúcia, mas por algum sentimento de decoro. Temia Pável Petróvitch mais do que nunca; desde algum tempo, ele passara a observá-la e a aparecer de modo inesperado, como se irrompesse de dentro da terra, às costas de Fiénetchka, com seu terno de corte inglês, com seu rosto imóvel e perscrutador e com as mãos nos bolsos. “A gente até se sente gelar”, lamentava-se Fiénetchka para Duniacha, e esta, em resposta, suspirava e pensava num outro homem “sem sentimentos”. Bazárov, que nem desconfiava de tal coisa, se tornava o *tirano cruel* da alma de Duniacha.

Fiénetchka gostava de Bazárov; e ele gostava dela. O rosto do rapaz até se transformava quando conversava com a jovem: adquiria uma expressão mais clara, quase bondosa, e à sua habitual displicência misturava-se uma espécie de cortesia bem-humorada. Fiénetchka ficava mais bonita a cada dia. Na vida dos jovens, há uma época em que eles de repente começam a florescer e desabrochar, como rosas no verão; essa época chegara para Fiénetchka. Tudo contribuía para isso, até o calor de julho, que então vigorava. Trajando um vestido branco e leve, ela mesma parecia mais branca e mais leve: o sol não queimava sua pele mas o calor, do qual não se

podia proteger, corava ligeiramente as faces e as orelhas e, infundindo em todo seu corpo uma lassidão serena, refletia-se com uma languidez sonolenta em seus olhos bonitos. Ela quase não conseguia trabalhar; as mãos logo deslizavam para os joelhos. Mal começava a andar, logo gemia e se lamentava, com uma fraqueza engraçada.

— Você devia se banhar com mais frequência — lhe dizia Nikolai Petróvitch.

Ele construíra um local próprio para banhos, amplo, coberto de lona, num de seus tanques que ainda não secara totalmente.

— Ah, Nikolai Petróvitch! Antes de chegar ao tanque, eu já vou estar morta e, se não, quando tiver de voltar de lá, eu morro. No jardim não tem uma sombra.

— É verdade, não tem sombra — respondeu Nikolai Petróvitch, e esfregou a testa.

Certa vez, ao voltar de um passeio às sete horas da manhã, Bazárov encontrou Fiénetchka no caramanchão de lilases que perdera o viço havia muito, mas ainda se mantinha verde e denso. Estava sentada num banco, a cabeça coberta por um lenço branco, como de hábito; a seu lado, havia uma grande braçada de rosas brancas e vermelhas, ainda molhadas de orvalho. Bazárov cumprimentou-a.

— Ah! Evguiêni Vassílitch! — exclamou, ergueu um pouco a beirada do lenço a fim de olhar para ele e, com isso, seu braço se desnudou até o cotovelo.

— O que faz aqui? — perguntou Bazárov, sentando-se ao seu lado. — Veio colher um buquê?

— Sim; para a mesa do almoço. Nikolai Petróvitch gosta disso.

— Mas ainda falta muito para o almoço. E que montanha de flores!

— Colhi agora porque depois fica muito calor e é impossível sair. Só agora a gente consegue respirar. Fico numa fraqueza com este calor. Até tenho medo: será que não estou doente?

— Isso é só fantasia! Deixe-me tomar o seu pulso. — Bazárov segurou sua mão, localizou a veia que palpitava com regularidade e nem começou a contar suas batidas. — Vai viver cem anos — disse ele, soltando a mão.

— Ah, Deus me livre! — exclamou ela.

— Por quê? Não deseja viver muito?

— Mas cem anos? Tínhamos aqui uma velhinha de oitenta e cinco anos, e que martírio que era! Preta, surda, corcunda, tossia o tempo todo; era só um peso para si mesma. Será que isso é vida?

— Então é melhor ser jovem?

— Não acha?

— Mas o que há nisso de tão bom? Por favor, me diga!

— Será que não sabe? Olhe aqui, eu sou jovem, posso fazer tudo, eu vou, eu volto, carrego as coisas e não preciso pedir ajuda de ninguém… O que é melhor?

— Pois para mim dá tudo na mesma: ser velho ou ser jovem.

— Mas como pode dizer uma coisa dessas, que dá tudo na mesma? É impossível que o senhor diga isso.

— Então julgue a senhora mesma, Fedóssia Nikoláievna, que vantagem me traz a minha juventude? Vivo sozinho, sem ninguém…

— Isso depende só do senhor.

— Quem dera fosse assim! Se ao menos alguém tivesse pena de mim.

Fiénetchka olhou de esguelha para Bazárov mas nada disse.

— E que livro é esse, com o senhor? — perguntou, depois de uma breve pausa.

— Este aqui? É um livro de estudo, é complicado.

— E o senhor estuda sempre? Não acha maçante? Tenho a impressão de que o senhor já sabe tudo.

— É óbvio que não sei tudo. Vamos, tente ler um pouco.

— Mas não vou entender nada. Está em russo? — perguntou Fiénetchka, segurando com as duas mãos o pesado volume encadernado. — Como é grosso!

— É russo.

— Pois tanto faz, não vou entender nada.

— Não espero mesmo que a senhora entenda. Meu desejo é olhar para a senhora enquanto lê. Quando está lendo, a pontinha do seu nariz se mexe de um jeito encantador.

Fiénetchka, que mal começara a decifrar a meia-voz um texto “sobre o creosoto” na página em que havia aberto, soltou uma risada e largou o livro… ele resvalou do banco para a terra.

— Também adoro quando a senhora ri — disse Bazárov.

— Chega!

— Adoro quando a senhora fala. Parece o murmúrio de um regato.

Fiénetchka virou a cabeça para o outro lado.

— O senhor não é fácil! — exclamou ela, escolhendo as flores com os dedos. — E que graça o senhor pode ver em me escutar? O senhor conversa com damas tão inteligentes.

— Ora, Fedóssia Nikoláievna! Creia-me: todas as damas inteligentes deste mundo não valem o seu cotovelinho.

— Mas o senhor inventa cada uma! — sussurrou Fiénetchka e apertou as mãos uma na outra.

Bazárov apanhou o livro do chão.

— Este livro é de medicina, por que a senhora o largou?

— Medicina? — retrucou Fiénetchka, e voltou-se para ele. — Sabe de uma coisa? Desde o dia em que o senhor deu aquelas gotinhas, lembra, o Mítia tem dormido muito bem! Eu nem sei como agradecer ao senhor; o senhor é tão bom, sinceramente.

— De fato, é preciso pagar aos médicos — observou Bazárov, com um sorriso. — Os médicos, a senhora sabe, são pessoas interesseiras.

Fiénetchka levantou para Bazárov os olhos, que pareciam ainda mais escuros com o reflexo esbranquiçado que incidia na parte superior do rosto. Ela não sabia se Bazárov estava brincando ou não.

— Se o senhor desejar, nós teremos todo o prazer… Só preciso pedir a Nikolai Petróvitch…

— E a senhora pensa que quero dinheiro? — interrompeu Bazárov. — Não, eu não preciso do dinheiro da senhora.

— Então, o quê? — quis saber Fiénetchka.

— O quê? — repetiu Bazárov. — Adivinhe.

— Não sou vidente!

— Pois vou lhe dizer: quero… uma dessas rosas.

Fiénetchka riu de novo e até ergueu as mãos — de tão engraçado que lhe pareceu o desejo de Bazárov. Ela ria e ao mesmo tempo sentia-se lisonjeada. Bazárov a olhava fixamente.

— Pois não, pois não — disse ela afinal e, inclinando-se no banco, pôs-se a examinar as rosas. — Qual prefere, vermelha ou branca?

— Vermelha, e não grande demais.

Ela aprumou o corpo.

— Pronto, aqui está — disse ela, mas no mesmo instante recolheu a mão que havia estendido e, mordendo os lábios, voltou o olhar para a entrada do caramanchão, em seguida escutou, alerta.

— O que foi? — perguntou Bazárov. — Nikolai Petróvitch?

— Não… Ele foi para o campo… e não tenho medo dele… mas sim de Pável Petróvitch… Tive a impressão…

— De quê?

— Tive a impressão de que ele anda por aqui. Não… não tem ninguém. Tome. — Fiénetchka deu uma rosa para Bazárov.

— Por que tem medo de Pável Petróvitch?

— Ele sempre me assusta. Falar, não fala, mas me olha de um jeito estranho. Afinal, o senhor também não gosta dele. Lembra, antes o senhor discutia com ele o tempo todo. Não sei sobre o que discutiam; mas vi como o senhor o fazia rodar para um lado e para o outro…

Com as mãos, Fiénetchka mostrou como, na sua opinião, Bazárov fazia Pável Petróvitch rodar.

Bazárov sorriu.

— E se ele começasse a levar a melhor — perguntou —, a senhora me defenderia?

— Como eu poderia defender? Não, com o senhor ninguém pode.

— Acha mesmo? Pois sei de uma certa mão que, se quiser, pode me derrubar com um só dedo.

— E que mão será essa?

— Será que a senhora não sabe? Sinta que cheiro delicioso tem a rosa que me deu.

Fiénetchka esticou o pescocinho e aproximou o rosto na direção da flor… O lenço escorregou da cabeça para os ombros; revelou-se a suave massa de cabelos pretos, brilhantes, ligeiramente despenteados.

— Espere, quero sentir o cheiro junto com a senhora — disse Bazárov, inclinou-se e beijou-a com firmeza nos lábios abertos.

Ela estremeceu, apoiou as duas mãos no peito de Bazárov, mas só o empurrou de leve e ele pôde recomeçar e prolongar o beijo.

Uma tosse seca irrompeu por trás dos lilases. Fiénetchka, no mesmo instante, afastou-se para a outra ponta do banco. Pável Petróvitch apareceu, inclinou-se num cumprimento ligeiro e, depois de falar com um desalento rancoroso: “Estão aqui, então!”, foi embora. Fiénetchka imediatamente apanhou todas as rosas e afastou-se do caramanchão.

— Foi um pecado o que o senhor fez, Evguiêni Vassílievitch — sussurrou, ao se retirar. Em seu sussurro, ouvia-se uma recriminação sincera.

Bazárov lembrou-se de outra cena, ocorrida não muito tempo antes, e sentiu vergonha, e uma irritação cheia de desprezo. Mas no mesmo instante sacudiu a cabeça, com ironia saudou a si mesmo “pelo ingresso formal nas fileiras dos Céladon”[2] e seguiu para o seu quarto.

Pável Petróvitch, entretanto, saiu do jardim e, a passos lentos, alcançou a floresta. Deixou-se ficar ali bastante tempo e, quando voltou para o almoço, Nikolai Petróvitch lhe perguntou, muito solícito, se ele se sentia bem, pois tinha as feições sombrias.

— Você sabe, às vezes sofro de um derrame de bílis — respondeu, tranquilo, Pável Petróvitch.

---

1. Iúri F. Samárin (1819-76) denunciou a exploração dos camponeses bálticos pelos barões alemães no final da década de 1840, nas chamadas “Cartas de Riga”, difundidas em cópias manuscritas. A polêmica se prolongou na imprensa e, no fim da década de 1850, Tchernichévski atacava o caráter predatório dos “direitos” dos barões bálticos.

2. Céladon, tipo do amante platônico e sentimental, criado pelo escritor francês Honoré d’Urfé (1568-1625) no romance pastoral *L’Astrée*.

24.

Duas horas depois, ele foi bater à porta de Bazárov.

— Devo desculpas por incomodar o senhor, em seus afazeres eruditos — começou, sentando-se na cadeira junto à janela e apoiando-se, com as duas mãos, na bonita bengala com castão de marfim (em geral, andava sem bengala) —, mas sou obrigado a pedir que me conceda cinco minutos do seu tempo… não mais do que isso.

— O meu tempo está inteiramente ao seu dispor — respondeu Bazárov, cujo rosto foi atravessado por alguma coisa, assim que Pável Petróvitch cruzou o limiar da porta.

— Para mim, bastam cinco minutos. Vim lhe fazer uma pergunta.

— Uma pergunta? Sobre o quê?

— Tenha a bondade de me escutar. No início da estada do senhor na casa do meu irmão, quando eu ainda não me recusava o prazer de conversar com o senhor, tive ocasião de ouvir suas opiniões a respeito de vários assuntos; mas, até onde me recordo, nem entre nós dois, nem em alguma conversa na minha presença, nunca se tratou do combate a dois, do duelo, de modo geral. Poderia, por favor, me dizer sua opinião sobre essa matéria?

Bazárov, que havia feito menção de levantar-se para receber Pável Petróvitch, sentou-se na ponta da mesa e cruzou os braços.

— Eis a minha opinião — disse ele. — Do ponto de vista teórico, o duelo é um disparate; mas, do ponto de vista prático, a questão muda de figura.

— Ou seja, o senhor quer dizer, se o compreendi bem, que, qualquer que seja sua opinião teórica a respeito do duelo, na prática, o senhor não admitiria ser desacatado sem exigir uma satisfação.

— O senhor adivinhou perfeitamente o meu modo de pensar.

— Pois muito bem. Agrada-me muito ouvir isso do senhor. Suas palavras põem fim à minha incerteza…

— À sua indecisão, o senhor quer dizer.

— Dá na mesma; eu me expresso de modo a me fazer entender; eu… não sou um rato de seminário. Suas palavras me livram de uma triste necessidade. Decidi bater-me com o senhor em duelo.

Bazárov arregalou os olhos.

— Comigo?

— Com o senhor, sem dúvida alguma.

— Mas posso saber por quê?

— Eu poderia lhe explicar o motivo — começou Pável Petróvitch. — Mas prefiro silenciar a respeito. Para o meu gosto, aqui não há lugar para o senhor; não consigo suportá-lo, sinto desprezo pelo senhor, e se isso não for o bastante…

Os olhos de Pável Petróvitch faiscaram… Também os olhos de Bazárov se inflamaram.

— Pois muito bem — declarou este. — Não há necessidade de maiores explicações. O senhor criou a fantasia de pôr à prova, contra mim, o seu espírito cavalheiresco. Eu poderia recusar ao senhor esse prazer, mas já que faz tanta questão!

— Sou imensamente grato ao senhor — respondeu Pável Petróvitch — e posso agora esperar que aceite meu desafio e não me obrigue a recorrer a

medidas violentas.

— Ou seja, falando sem alegorias, que o senhor não tenha de fazer uso dessa bengala? — observou Bazárov, com sangue-frio. — É perfeitamente justo. O senhor não tem a menor necessidade de me desacatar. Aliás, isso não seria algo livre de riscos. Pode conservar sua atitude de gentleman… Aceito seu desafio também como um gentleman…

— Ótimo — respondeu Pável Petróvitch e colocou sua bengala num canto. — Tratemos agora das condições do nosso duelo; mas, antes, eu gostaria de saber se o senhor vê necessidade de recorrermos à formalidade de uma pequena discórdia que possa servir de pretexto para o meu desafio.

— Não, é melhor sem nenhuma formalidade.

— Penso do mesmo modo. Creio também ser descabido entrar em detalhes acerca do motivo real de nossa desavença. Não conseguimos suportar um ao outro. O que mais é preciso?

— O que mais? — repetiu Bazárov, com ironia.

— No que tange às condições do duelo, creio que não teremos padrinhos, pois onde poderíamos arranjá-los?

— É verdade, onde?

— Portanto tenho a honra de lhe propor o seguinte: bater-se amanhã cedo, digamos, às seis horas, atrás do bosque pequeno, com pistolas; a barreira ficará a dez passos…

— Dez passos? Está bem; nos odiamos um ao outro a essa distância.

— Podem ser oito passos — observou Pável Petróvitch.

— Claro, por que não?

— Atirar duas vezes; por via das dúvidas, cada um de nós levará no bolso um bilhete, no qual declara ser o único responsável por sua morte.

— Com isso não estou absolutamente de acordo — disse Bazárov. — Soa um pouco a romance francês, um tanto inverossímil.

— Talvez. Contudo, reconhece que não é nada agradável expor-se à suspeita de um assassinato?

— Reconheço. Mas existe um meio de se esquivar dessa triste calúnia. Não teremos padrinhos, mas podemos ter uma testemunha.

— E quem seria, se me permite saber?

— Ora, o Piotr.

— Que Piotr?

— O criado do seu irmão. É um homem que está à altura da educação contemporânea e, num caso como este, vai desempenhar seu papel com todo o indispensável comme il faut.

— Parece-me que está brincando, prezado senhor.

— Nem um pouco. Depois de avaliar melhor minha sugestão, o senhor vai verificar que ela é plena de bom senso e de simplicidade. A verdade e o azeite sempre vêm à tona, e eu me encarrego de preparar Piotr da forma devida e de levá-lo até o local da peleja.

— O senhor continua a brincar — comentou Pável Petróvitch, levantando-se da cadeira. — Mas, depois da solicitude amável que demonstrou, não tenho o direito de fazer queixas… Portanto, está tudo arranjado… A propósito, o senhor não possui pistolas?

— Para que eu teria pistolas, Pável Petróvitch? Não sou soldado.

— Nesse caso, lhe ofereço as minhas. Pode ter certeza de que não disparo com elas já faz cinco anos.

— É uma informação muito confortadora.

Pável Petróvitch apanhou sua bengala…

— No mais, prezado senhor, me resta apenas agradecer-lhe e devolvê-lo a seus afazeres. Tenho a honra de cumprimentá-lo.

— Até o próximo encontro agradável, meu prezadíssimo senhor — disse Bazárov, acompanhando a visita.

Pável Petróvitch saiu, Bazárov postou-se diante da porta e, de repente, exclamou para si mesmo: “Xô, diabo! Como é bonito e como é burro! Que comédia nós representamos! Assim dançam os cães amestrados sobre as patinhas traseiras. Mas era impossível recusar; pois ele, na certa, me daria uma bengalada e então… (Bazárov empalideceu só de pensar tal coisa; todo seu orgulho veio à tona.) E então eu teria de esganá-lo como se fosse um gatinho”. Voltou para o seu microscópio, mas seu coração se agitara e a tranquilidade, indispensável para as suas observações científicas, desaparecera. “Ele nos viu, hoje”, pensou, “mas havia necessidade de defender o irmão desse modo? O que há de tão grave num beijo? Existe, aqui, alguma outra coisa. Ora! Será que não está ele mesmo apaixonado? Sem dúvida, está apaixonado; isso é claro como o dia. Que confusão, puxa vida!… Lamentável”, concluiu, enfim, “lamentável, de qualquer ponto de vista. Em primeiro lugar, será preciso arriscar o meu pescoço e, de um jeito ou de outro, terei de ir embora daqui; e há o Arkádi… E também esse boizinho de presépio, o Nikolai Petróvitch. Lamentável, lamentável.”

O dia passou bastante tranquilo e moroso. Parecia que Fiénetchka nem existia; ficou em seu quarto, como um camundongo em sua toca. Nikolai Petróvitch tinha um aspecto preocupado. Informaram-lhe que havia surgido uma doença no seu trigo, no qual justamente depositava grande esperança. Pável Petróvitch esmagava a todos, mesmo Prokófitch, com a sua polidez gélida. Bazárov tentou escrever uma carta para o pai, mas rasgou-a e jogou-a embaixo da mesa. “Se eu morrer”, pensou, “logo saberão; mas não vou morrer. Não, ainda vou ficar muito tempo neste mundo.” Mandou que Piotr viesse ao seu encontro no dia seguinte, logo ao raiar do dia, para um assunto importante; Piotr imaginou que ele queria levá-lo para São Petersburgo. Bazárov deitou-se tarde e sonhos confusos o atormentaram a noite inteira… Odintsova girava em torno dele, de repente ela era a sua

mãe, e atrás vinha uma gatinha de bigodinhos pretos, e essa gatinha era Fiénetchka; mas Pável Petróvitch lhe surgia na forma de uma grande floresta, contra a qual, no entanto, era preciso bater-se. Piotr veio acordá-lo às quatro horas; Bazárov vestiu-se imediatamente e saiu em sua companhia.

A manhã estava agradável e fresca; pequenas nuvens matizadas jaziam imóveis como carneiros no azul-claro e pálido; um orvalho escasso se derramara nas folhas e na relva, rebrilhava prateado nas teias de aranha; a terra úmida e sombria parecia conservar ainda um vestígio cor-de-rosa da aurora; de todo o céu, chovia o canto das cotovias. Bazárov chegou ao arvoredo, agachou-se sob uma sombra na orla do bosque e só então revelou a Piotr o serviço que dele desejava. O lacaio instruído ficou mortalmente assustado; mas Bazárov tranquilizou-o com a garantia de que ele não faria nada mais do que manter-se à distância e olhar, e que não lhe caberia nenhuma responsabilidade.

— Além do mais — acrescentou —, pense só que papel importante você tem pela frente!

Piotr abriu os braços, baixou os olhos e, com o rosto lívido, encostou-se a uma bétula.

A trilha que vinha de Márino contornava o pequeno bosque; uma poeira rala jazia sobre a trilha, ainda intocada, desde o dia anterior, por rodas ou por passos. Bazárov olhou, involuntariamente, ao longo da trilha, arrancou uma folha de relva e mordeu, e repetiu várias vezes para si mesmo: “Que estupidez!”. A friagem matutina o fez estremecer duas ou três vezes… Piotr olhava-o desolado, mas Bazárov se limitava a sorrir: não tinha medo.

Irrompeu um tropel de patas de cavalo na trilha… Um mujique surgiu de trás das árvores. Guiava à sua frente dois cavalos amarrados um ao outro e, ao passar por Bazárov, olhou-o de um modo estranho, sem tirar o chapéu, o que, obviamente, perturbou Piotr como um mau presságio. “Esse daí

também acordou cedinho”, pensou Bazárov. “Ele, pelo menos, tem um trabalho a fazer, mas e nós?”

— Parece que o patrão vem lá — sussurrou Piotr, de repente.

Bazárov ergueu a cabeça e avistou Pável Petróvitch. Vestido com um leve casaco xadrez e calças brancas como neve, ele caminhava ligeiro pela trilha; sob o braço, trazia um estojo forrado de veludo verde.

— Perdoe, parece que o fiz esperar — disse ele, cumprimentando com uma reverência primeiro Bazárov e, em seguida, Piotr, a quem nesse momento respeitava como uma espécie de padrinho. — Não quis incomodar o meu camareiro.

— Não tem importância, senhor — respondeu Bazárov. — Nós também acabamos de chegar.

— Ah! Tanto melhor! — Pável Petróvitch lançou um olhar em redor. — Ninguém à vista, ninguém para nos incomodar… Podemos começar?

— Comecemos.

— O senhor, suponho, não exige novas explicações?

— Não.

— Quer pôr a munição? — perguntou Pável Petróvitch, retirando as pistolas do estojo.

— Não; carregue o senhor mesmo, enquanto eu meço os passos. Minhas pernas são mais compridas — acrescentou Bazárov com um sorriso. — Um, dois, três…

— Evguiêni Vassílitch — balbuciou Piotr, com dificuldade (tremia, como se estivesse febril). — Com sua permissão, vou me afastar.

— Quatro… cinco… Afaste-se, irmão; pode se colocar atrás de uma árvore e tapar os ouvidos, mas não feche os olhos; quando alguém cair, venha correndo para levantar. Seis… sete… oito… — Bazárov parou. —

Basta? — perguntou a Pável Petróvitch. — Ou vamos acrescentar mais dois passos?

— Como quiser — respondeu, introduzindo na arma a segunda bala.

— Bem, então lá vão mais dois passos. — Bazárov, com a ponta da bota, traçou uma linha sobre a terra. — Aqui está a barreira. A propósito: quantos passos cada um de nós se afastará da barreira? Essa pergunta também é importante. Ontem, isso não foi discutido.

— Sugiro dez passos — respondeu Pável Petróvitch, entregando a Bazárov as duas pistolas. — Tenha a gentileza de escolher.

— Terei toda a gentileza. Mas, convenhamos, Pável Petróvitch. Nosso duelo é tão insólito que chega a ser ridículo. Olhe só a cara do nosso padrinho.

— O senhor insiste com suas pilhérias — respondeu Pável Petróvitch. — Não nego o caráter incomum do nosso duelo, mas julgo minha obrigação preveni-lo de que tenciono bater-me a sério. *A bon entendeur, salut!*[1]

— Ah! Não tenho a menor dúvida de que estamos resolvidos a dar cabo um do outro; mas por que não rir e, assim, unir *utile dulci*?[2] Aí está: o senhor me fala em francês e eu lhe falo em latim.

— Vou bater-me a sério — repetiu Pável Petróvitch, e caminhou para a sua posição. Bazárov, por sua vez, contou dez passos a partir da barreira e parou.

— Está pronto? — perguntou Pável Petróvitch.

— Perfeitamente.

— Podemos avançar.

Bazárov, devagar, moveu-se para a frente e Pável Petróvitch avançou na sua direção, com a mão esquerda no bolso e erguendo, aos poucos, a ponta do cano da pistola… “Ele mira em cheio no meu nariz”, pensou Bazárov. “E como estreita os olhos para caprichar na pontaria, o bandido! Sim

senhor, é uma sensação nem um pouco agradável. Vou olhar para a correntinha do relógio dele…” Algo zuniu com violência bem perto da orelha de Bazárov e, no mesmo instante, ressoou um estampido. “Ouvi o barulho, então não aconteceu nada”, o pensamento teve tempo de cruzar sua mente. Deu mais um passo e, sem fazer pontaria, apertou o gatilho.

Pável Petróvitch estremeceu de leve e levou a mão à coxa. Um filete de sangue manchou a calça branca.

Bazárov jogou a pistola para o lado e aproximou-se de seu oponente.

— Está ferido? — disse ele.

— O senhor tinha o direito de me chamar até a barreira — declarou Pável Petróvitch. — Isto aqui não é nada. Conforme o combinado, cada um de nós tem direito ainda a um tiro.

— Desculpe, mas vai ficar para uma outra vez — respondeu Bazárov e, com os braços, amparou Pável Petróvitch, que começava a empalidecer. — Agora já não sou um duelista, mas um médico, e antes de tudo tenho de cuidar do seu ferimento. Piotr! Venha cá, Piotr! Onde você se meteu?

— Tudo isso é um absurdo… Não preciso de ajuda nenhuma — disse Pável Petróvitch — e… temos… de novo… — Quis alisar o bigode mas a mão fraquejou, os olhos se apagaram e ele perdeu os sentidos.

— Era só o que faltava! Um desmaio! Essa não! — exclamou Bazárov involuntariamente, baixando Pável Petróvitch sobre a relva. — Vamos ver o que está acontecendo aqui. — Pegou um lenço, enxugou o sangue, apalpou em torno do ferimento… — O osso está inteiro — balbuciou, entre os dentes. — A bala não penetrou fundo; só um músculo, o *vastus externus*, foi afetado. Daqui a três semanas, vai estar pronto para dançar!… Mas e o desmaio? Ah, essa gente nervosa! Puxa, como tem a pele fina.

— Está morto? — sussurrou, às suas costas, a voz vacilante de Piotr.

Bazárov olhou para trás.

— Vá correndo buscar água, irmão, que ele ainda vai viver mais do que nós dois.

Mas o sofisticado serviçal, pelo visto, não entendeu suas palavras e não saiu do lugar. Pável Petróvitch abriu os olhos, lentamente.

— Está morrendo! — murmurou Piotr e começou a fazer o sinal da cruz.

— O senhor tem razão… Mas que fisionomia idiota, a sua! — disse o gentleman ferido, com um sorriso forçado.

— Vá logo buscar essa água, diabo! — gritou Bazárov.

— Não precisa… Foi um *vertige* passageiro… Ajude-me a sentar… isso… Basta amarrar esse arranhão com alguma coisa e já posso ir para casa a pé, ou podemos mandar vir uma charrete para me buscar. Se estiver de acordo, o duelo não será retomado. O senhor agiu com nobreza… hoje, hoje, note bem.

— É inútil lembrar o passado — retrucou Bazárov — e, quanto ao futuro, também não vale a pena quebrar a cabeça, porque estou resolvido a ir embora daqui bem depressa. Agora, deixe-me fazer um curativo na sua perna; seu ferimento não é perigoso mas é melhor estancar o sangue. Primeiro é necessário recobrar os sentidos deste pobre mortal.

Bazárov sacudiu Piotr pela gola e mandou buscar a charrete.

— Veja bem, não assuste meu irmão — disse Pável Petróvitch —, não invente de contar nada para ele.

Piotr saiu em disparada; enquanto corria para trazer a charrete, os dois oponentes ficaram sentados sobre a terra, sem falar. Pável Petróvitch tentava não olhar para Bazárov; apesar de tudo, não queria reconciliar-se com ele; sentia vergonha de sua arrogância, de seu fracasso, sentia vergonha de todo o transtorno que provocara, embora percebesse que o duelo não poderia haver terminado de modo mais favorável. “Pelo menos ele não vai mais ficar rondando por aqui”, tranquilizava-se, “isso já é ótimo.” O

silêncio se prolongava, pesado e incômodo. Os dois sentiam-se mal. Cada um tinha consciência de que o outro o compreendia. Entre amigos, essa consciência é agradável, mas é extremamente desagradável entre pessoas que não são amigas, sobretudo quando é impossível explicar-se, ou ir embora.

— Será que não amarrei com muita força a sua perna? — perguntou Bazárov, afinal.

— Não, está tudo bem, está ótimo — respondeu Pável Petróvitch e, depois de um intervalo, acrescentou: — Meu irmão não vai se deixar enganar, teremos de contar que brigamos por causa de política.

— Muito bem — disse Bazárov. — Pode dizer que xinguei todos os anglomaníacos.

— Excelente. O que o senhor imagina que aquele homem pensa sobre nós, agora? — prosseguiu Pável Petróvitch, apontando para o mesmo mujique que, poucos minutos antes do duelo, passara por Bazárov tangendo cavalos amarrados um ao outro e agora, de regresso pelo mesmo caminho, mostrou-se preocupado e tirou o chapéu ao ver os "senhores".

— Quem vai saber! — respondeu Bazárov. — O mais provável é que não pense nada. O mujique russo é o próprio desconhecido misterioso, sobre o qual tanto escreveu a sra. Radcliffe.[3] Quem o compreenderá? Nem ele mesmo se entende.

— Ah! Então o senhor pensa assim! — começou Pável Petróvitch mas, de repente, exclamou: — Olhe o que o palerma do seu Piotr arranjou! Lá vem o meu irmão em desabalada carreira!

Bazárov virou-se e avistou o rosto pálido de Nikolai Petróvitch, sentado numa charrete. Ele saltou, antes mesmo de parar, e precipitou-se na direção do irmão.

— O que significa isto? — disse com voz emocionada. — Evguiêni Vassílitch, por favor, o que houve?

— Nada — respondeu Pável Petróvitch. — Incomodaram você à toa. Eu e o sr. Bazárov tivemos uma pequena desavença e levei a pior.

— Mas, pelo amor de Deus, por que tudo isso começou?

— Como posso explicar? O sr. Bazárov referiu-se de forma desrespeitosa a Robert Peel.[4] Apresso-me a deixar claro que fui eu o único culpado de tudo e que o sr. Bazárov se portou muito bem. Eu o desafiei.

— Mas você está sangrando!

— E você acaso imaginava que eu tivesse água nas veias? Para mim, esse sangramento é até benéfico. Não é verdade, doutor? Ajude-me a sentar na charrete e não se entregue à melancolia. Amanhã estarei curado. Pronto; está ótimo. Vá em frente, cocheiro.

Nikolai Petróvitch seguiu a charrete a pé; Bazárov fez menção de ficar para trás…

— Tenho de lhe pedir que cuide do meu irmão — disse Nikolai Petróvitch — até que nos tragam um outro médico da cidade.

Bazárov baixou a cabeça em silêncio.

Uma hora depois, Pável Petróvitch já estava deitado na cama com a perna habilmente enfaixada. A casa inteira se alvoroçou; Fiénetchka passou mal. Nikolai Petróvitch, às escondidas, retorcia as mãos enquanto Pável Petróvitch ria, gracejava, sobretudo com Bazárov; vestia uma camisa fina de cambraia, uma elegante japona matinal e um fez, não permitiu que baixassem os estores das janelas e, de um modo jocoso, queixava-se da necessidade de abster-se de comida.

À noite, porém, teve febre; sentiu dor de cabeça. Um médico chegou da cidade. (Nikolai Petróvitch não deu ouvidos ao irmão e Bazárov também quis assim; Bazárov passou o dia inteiro no seu quarto, mal-humorado e

raivoso, e só por breves intervalos ia ao quarto do doente; aconteceu, duas ou três vezes, de encontrar-se com Fiénetchka, mas ela, assustada, fugiu dele com um pulo para trás.) O novo médico aconselhou bebidas geladas e ratificou a afirmação de Bazárov, de que não havia nenhum perigo. Nikolai Petróvitch explicou que o irmão havia se ferido por descuido, ao que o médico respondeu:

— Hm! — Mas, depois de receber, em mãos, vinte e cinco rublos em moedas de prata, acrescentou: — Pois é! Isso acontece com frequência.

Na casa, ninguém se despiu nem foi se deitar. Nikolai Petróvitch volta e meia entrava, na ponta dos pés, no quarto do irmão e, na ponta dos pés, o deixava; Pável Petróvitch caiu num torpor sonolento, gemia, falava-lhe em francês: "*Couchez vous*"[5] — e pedia algo para beber. Nikolai Petróvitch mandou Fiénetchka levar-lhe um copo de limonada; Pável Petróvitch olhou fixamente para ela e esvaziou o copo de uma só vez. De manhã, a febre subiu um pouco, houve um ligeiro delírio. Primeiro, Pável Petróvitch pronunciou palavras incoerentes; depois, abriu de repente os olhos e, ao ver o irmão ao lado de sua cama, curvou-se cuidadosamente diante dele e disse:

— Não é verdade, Nikolai, que Fiénetchka tem alguma coisa que faz lembrar Nélli?

— Que Nélli, Pacha?

— Mas que pergunta! A princesa R… Sobretudo na parte superior do rosto. *C'est de la même famille*.[6]

Nikolai Petróvitch nada respondeu mas, consigo mesmo, admirou-se com a persistência dos sentimentos antigos.

"É nessas horas que isso rebenta", refletiu ele.

— Ah, como amo essa criatura vazia! — gemeu Pável Petróvitch, lançando as mãos, com tristeza, para trás da cabeça. — Não vou tolerar que

um insolente qualquer se atreva a tocar… — balbuciou, alguns instantes depois.

Nikolai Petróvitch apenas suspirou; nem imaginava a quem essas palavras se referiam.

Bazárov veio ao seu quarto no dia seguinte, às oito horas. Já tivera tempo de fazer as malas e pôr em liberdade todas as suas rãs, insetos e pássaros.

— O senhor veio se despedir? — disse Nikolai Petróvitch, levantando-se para recebê-lo.

— Exatamente.

— Eu o compreendo e aprovo inteiramente. Meu pobre irmão, claro, foi o culpado: já recebeu seu castigo. Ele mesmo me contou que pôs o senhor numa situação em que não poderia agir de outro modo. Creio que o senhor não podia evitar esse duelo, que… que, até certo ponto, se explica apenas pelo constante antagonismo entre as opiniões de ambos. (Nikolai Petróvitch atrapalhava-se com as palavras.) Meu irmão é um homem de têmpera antiga, irascível e obstinado… Graças a Deus, tudo terminou assim. Tomei todas as providências necessárias para evitar que se divulgue o ocorrido…

— Vou deixar com o senhor o meu endereço, para o caso de haver alguma confusão — comentou Bazárov, com displicência.

— Espero que não haja nenhuma confusão, Evguiêni Vassílitch… Lamento muito que sua estada em minha casa tenha tido um… um final como este. O mais desagradável para mim é que Arkádi…

— Provavelmente, vou encontrar-me com ele — replicou Bazárov, em quem todo tipo de “explicações” e “esclarecimentos” sempre despertava um sentimento de impaciência. — Do contrário, peço ao senhor que lhe mande meus cumprimentos e transmita o meu pesar.

— E eu peço… — começou a responder Nikolai Petróvitch, com uma reverência. Mas Bazárov não esperou o fim de sua frase e saiu.

Ao saber da partida de Bazárov, Pável Petróvitch manifestou o desejo de vê-lo e apertar sua mão. Mas Bazárov, também aqui, permaneceu frio como gelo; entendeu que Pável Petróvitch queria se mostrar magnânimo. De Fiénetchka, não conseguiu se despedir: apenas trocou um olhar através da janela. O rosto de Fiénetchka lhe pareceu triste. "Está perdida, na certa", pensou consigo mesmo… "Mas vai se safar, de algum jeito!" Em compensação, Piotr sensibilizou-se de tal modo que chegou a chorar no seu ombro, até que Bazárov o esfriou com a pergunta: "Será que os olhos dele se enchem de água por qualquer coisa?". E Duniacha viu-se obrigada a fugir até o bosque para esconder sua agitação. O culpado de todo esse desgosto tomou seu lugar na carruagem, acendeu um charuto e quando, na quarta versta, antes da curva da estrada, apresentou-se pela última vez aos seus olhos, distendida em uma única faixa, a propriedade rural dos Kirsánov com sua nova casa senhorial, ele apenas cuspiu e, depois de murmurar "malditos fidalguinhos", enrolou-se mais encolhido em seu capote.

Pável Petróvitch melhorou logo; mas se viu obrigado a ficar de cama cerca de uma semana. Suportava o seu cativeiro, conforme dizia, com paciência, apenas se ocupava demoradamente com suas roupas e a toda hora mandava perfumar o ambiente com água-de-colônia. Nikolai Petróvitch lia para ele as revistas, Fiénetchka o servia como antes, trazia canja, limonada, ovos quentes, chá; mas um temor secreto a dominava toda vez que entrava no quarto dele. A conduta inesperada de Pável Petróvitch assustou a todos na casa, e a ela mais ainda; só Prokófitch não se perturbou e comentou que, no seu tempo, os patrões também se atracavam, "só os patrões nobres, e uns contra os outros, mas patifes dessa laia, se fizessem alguma grosseria, eles mandavam surrar na cocheira".

A consciência quase não acusava Fiénetchka, mas a ideia da verdadeira causa daquela desavença a atormentava de vez em quando; além disso,

Pável Petróvitch a olhava de um modo tão estranho… que, mesmo quando lhe dava as costas, ela sentia o olhar dele. Fiénetchka emagreceu por causa de uma constante inquietação interior e, como é costume, ficou ainda mais encantadora.

Certa vez — foi de manhã —, Pável Petróvitch sentia-se bem, transferiu-se da cama para o sofá e Nikolai Petróvitch, depois de se informar a respeito da saúde do irmão, ausentou-se da casa e foi para a eira coberta. Fiénetchka levou-lhe uma xícara de chá e, depois de deixá-la sobre a mesinha, fez menção de retirar-se. Pável Petróvitch a deteve.

— Por que tanta pressa, Fedóssia Nikoláievna? — começou ele. — Tem algo para fazer?

— Não, senhor… sim, senhor… Tenho de passar o chá.

— Duniacha fará isso, sem a senhora; sente-se e faça um pouco de companhia a um homem doente. Aliás, preciso mesmo conversar com a senhora.

Fiénetchka sentou-se em silêncio na beirada da poltrona.

— Escute — prosseguiu Pável Petróvitch, e puxou os bigodes —, faz muito tempo que eu queria lhe perguntar: a senhora sente medo de mim?

— Eu, senhor?…

— Sim, a senhora. Nunca me olha de frente, como se sua consciência não estivesse limpa.

Fiénetchka enrubesceu, mas voltou os olhos para Pável Petróvitch. Ele lhe pareceu muito estranho e o coração de Fiénetchka estremeceu de leve.

— Não tem a consciência limpa? — perguntou Pável Petróvitch.

— E por que não estaria limpa? — sussurrou ela.

— Como vou saber? Na verdade, perante quem a senhora poderia ser culpada? Perante mim? É inverossímil. Perante outras pessoas aqui desta

casa? Também é um despropósito. Perante meu irmão, talvez? Mas a senhora não o ama?

— Amo.

— Com toda a alma, todo o coração?

— Amo Nikolai Petróvitch com todo o meu coração.

— Verdade? Olhe para mim, Fiénetchka (pela primeira vez ele a chamou por esse nome…). A senhora sabe que mentir é um grande pecado!

— Não estou mentindo, Pável Petróvitch. Se algum dia eu não amar Nikolai Petróvitch, não vou ter mais por que viver!

— E não vai trocá-lo por ninguém?

— Por quem eu posso trocá-lo?

— Quem sabe? Talvez por aquele senhor que partiu daqui.

Fiénetchka levantou-se.

— Meu Deus, Pável Petróvitch, por que me faz sofrer? O que fiz ao senhor? Como pode falar assim?…

— Fiénetchka — disse Pável Petróvitch, com voz triste. — Eu vi…

— O que o senhor viu?

— Lá… no caramanchão.

Fiénetchka ruborizou-se até a raiz dos cabelos, até as orelhas.

— E que culpa eu tenho? — pronunciou com esforço.

Pável Petróvitch soergueu-se.

— A senhora não tem culpa? Não? Nenhuma?

— Amo Nikolai Petróvitch mais do que tudo no mundo e sempre vou amar! — disse Fiénetchka, com uma força repentina, enquanto soluços lhe subiam pela garganta. — E daquilo que o senhor viu, vou dizer no Juízo Final que não tenho culpa nenhuma, e que eu caia morta aqui mesmo se alguém puder ter a menor desconfiança de que eu, com o meu benfeitor Nikolai Petróvitch…

Mas nesse ponto a voz falhou e, ao mesmo tempo, Fiénetchka sentiu que Pável Petróvitch havia segurado sua mão e a apertava com força… Olhou para ele e ficou petrificada. Pável Petróvitch tornou-se ainda mais pálido; os olhos brilhavam e, o mais surpreendente de tudo, uma lágrima grossa e isolada corria pelo seu rosto.

— Fiénetchka! — disse, num sussurro diferente. — Ame, ame o meu irmão! Ele é um homem tão bom, tão generoso! Não o engane com ninguém neste mundo, não dê ouvidos às palavras de ninguém! Imagine o que pode ser mais horrível do que amar e não ser amado! Nunca abandone meu pobre irmão!

Os olhos de Fiénetchka secaram e o medo se foi, tamanha a sua surpresa. Mas o que se passou com ela quando Pável Petróvitch, o próprio Pável Petróvitch, apertou sua mão contra os lábios e se manteve assim, colado a ela, sem beijá-la e apenas, de vez em quando, soltando um suspiro convulsivo…

“Meu Deus!”, pensou a jovem. “Será que ele teve um ataque?…”

Mas, nesse momento, vibrava nele uma vida inteira desperdiçada.

A escada começou a ranger sob passadas rápidas… Pável Petróvitch afastou-a de si e recostou a cabeça no travesseiro. A porta abriu-se — e, alegre, corado, cheio de vida, surgiu Nikolai Petróvitch. Mítia, tão corado e cheio de vida como o pai, saltitava abraçado junto ao seu peito, dentro de uma camisolinha, agarrando-se com os pezinhos nus nos botões grandes do seu paletó de trabalho.

Fiénetchka, no mesmo instante, atirou-se em sua direção e, abraçando a ele e ao filho, apertou a cabeça de encontro ao ombro de Nikolai Petróvitch. Este ficou surpreso: Fiénetchka, acanhada e discreta, nunca se mostrava carinhosa na presença de outras pessoas.

— O que há com você? — disse ele e, depois de olhar para o irmão, entregou Mítia para a mãe. — Sente-se pior? — perguntou, aproximando-se de Pável Petróvitch.

Este afundou o rosto num lenço de cambraia.

— Não… ora… nada disso… Ao contrário, estou muito melhor.

— Você não fez bem em passar tão depressa para o sofá. Aonde vai? — acrescentou Nikolai Petróvitch, virando-se para Fiénetchka; mas ela já havia batido a porta, depois de sair. — Eu queria lhe mostrar o meu gigante, ele estava com saudades do tio. Por que ela o levou embora? Mas o que há com você? Alguma coisa se passou entre vocês dois, aqui, não foi?

— Irmão! — declarou Pável Petróvitch, em tom solene.

Nikolai Petróvitch estremeceu. Sentiu-se aterrorizado, sem entender por quê.

— Irmão — repetiu Pável Petróvitch —, dê-me sua palavra de honra de que vai atender um pedido meu.

— Que pedido? Fale.

— É muito importante; na minha opinião, disso depende a felicidade da sua vida. O tempo todo tenho refletido sobre o que pretendo lhe dizer agora… Irmão, cumpra o seu dever, o dever de um homem honesto e nobre, ponha um fim à tentação e ao mau exemplo que tem dado, logo você, o melhor dos homens!

— O que quer dizer, Pável?

— Case com Fiénetchka… Ela ama você, ela é mãe do seu filho.

Nikolai Petróvitch recuou um passo e levantou as mãos.

— É você quem me diz isso, Pável? Você, que sempre considerei o adversário mais inflexível desses casamentos! Você me diz isso! Mas acaso ignora que foi apenas por consideração a você que não cumpri isso que você, com razão, chamou de meu dever?

— É pena ter tido consideração por mim nesse caso — retrucou Pável Petróvitch, com um sorriso desolado. — Começo a pensar que Bazárov tinha razão quando me acusava de aristocratismo. Não, meu caro irmão, já chega de agirmos com afetação e de nos preocuparmos com coisas mundanas: somos gente velha e pacífica; é hora de pôr de lado toda vaidade. Exatamente como você diz, temos de cumprir nosso dever; e, veja só, ainda por cima ganharemos a felicidade.

Nikolai Petróvitch atirou-se para abraçar o irmão.

— Você abriu meus olhos de uma vez por todas! — exclamou. — Não é à toa que sempre o tive como o homem mais inteligente e bondoso do mundo; e agora vejo que é tão sensato quanto generoso.

— Cuidado, cuidado — interrompeu Pável Petróvitch. — Não machuque a perna do seu sensato irmão, que aos cinquenta anos se bateu em duelo, como se fosse um sargento. Pois bem, a questão está resolvida: Fiénetchka será minha… *belle-soeur*.[7]

— Meu querido Pável! Mas o que dirá Arkádi?

— Arkádi? Ora, vai ficar exultante! O casamento não está entre os princípios dele mas, em compensação, o seu sentimento de igualdade será satisfeito. De fato, onde já se viu pensar em castas *au dix-neuvième siècle*?[8]

— Ah, Pável, Pável! Deixe-me beijá-lo de novo. Não tema, terei cuidado.

Os irmãos se abraçaram.

— Não acha que devia comunicar a ela a sua intenção, agora mesmo? — perguntou Pável Petróvitch.

— Para que pressa? — retrucou Nikolai Petróvitch. — Será que vocês já conversaram sobre isso?

— Conversar, nós? *Quelle idée!*[9]

— Bem, está ótimo. Antes de tudo, trate de se restabelecer, que isso não há de fugir de nós, é preciso pensar muito bem, ponderar…

— Mas você já não se decidiu?

— Claro, já me decidi, e agradeço a você, de coração. Agora vou deixá-lo, precisa descansar; qualquer agitação é prejudicial… Mas ainda vamos conversar. Durma, meu caro, e que Deus lhe dê saúde!

“Por que me agradece?”, pensou Pável Petróvitch, ao ficar só. “Como se isso não dependesse dele! Quanto a mim, logo depois do casamento, vou partir para algum lugar distante, Dresden ou Florença, e viverei lá, até bater as botas.”

Pável Petróvitch molhou a testa com água-de-colônia e fechou os olhos. Iluminada pela clara luz do dia, sua bela cabeça emagrecida jazia sobre o travesseiro, como a cabeça de um cadáver… E, de fato, ele era um cadáver.

---

1. Francês: “Para bom entendedor, meia palavra basta”.

2. Latim: “O útil ao agradável”.

3. Ann Radcliffe (1764-1823), escritora inglesa, precursora do romance gótico.

4. Robert Peel (1788-1850), político inglês conservador.

5. Francês: “Vá dormir”.

6. Francês: “É da mesma família”.

7. Francês: “Cunhada”.

8. Francês: “No século XIX”.

9. Francês: “Que ideia!”.

25.

Em Nikólskoie, no jardim, à sombra de um freixo alto, Kátia e Arkádi estavam sentados num banco coberto de relva; sobre a terra, a seu lado, se alojara Fifi, que dera ao corpo comprido aquela curvatura graciosa que os caçadores chamam de “posição de lebre”. Arkádi e Kátia estavam calados; ele segurava nas mãos um livro entreaberto e ela escolhia, numa cestinha, migalhas de pão branco que haviam sobrado e jogava para uma pequena família de pardais, que, com a ousadia medrosa que lhes é peculiar, pulavam e piavam juntinho aos pés deles. Um vento fraco, que agitava as folhas do freixo, movia de leve, para a frente e para trás, manchas de luz cor de ouro opaco sobre a vereda sombria e também nas costas amarelas de Fifi; uma sombra sem falhas caía sobre Kátia e Arkádi; só de vez em quando, nos cabelos dela, se acendiam pequenas listras claras. Os dois estavam calados; mas justamente por estarem calados, por estarem sentados juntos, fazia-se sentir uma proximidade confiante; cada um parecia não pensar no seu vizinho mas, em segredo, se alegrava com a sua proximidade. E seus rostos haviam mudado, desde quando os vimos pela última vez: Arkádi parecia mais calmo; Kátia, mais vivaz, mais decidida.

— A senhora não acha — começou Arkádi — que o freixo recebeu, em russo, um nome muito bem escolhido? *Iássen*: nenhuma outra árvore

sobressai tão clara e leve no ar.[1]

Kátia ergueu os olhos e falou:

— Sim — e Arkádi pensou: “Ela não vai me criticar por eu me exprimir com palavras bonitas”.

— Não gosto de Heine — disse Kátia, apontando, com os olhos, para o livro que Arkádi tinha nas mãos —, nem quando zomba, nem quando chora; gosto quando se mostra triste e pensativo.

— Eu gosto quando ele zomba — comentou Arkádi.

— São ainda antigos traços do seu pendor satírico… (“Antigos traços!”, pensou Arkádi. “Se Bazárov ouvisse isto!”) Espere e verá como vamos reeducá-lo.

— Quem vai reeducar-me? A senhora?

— Quem? Minha irmã; Porfíri Platónovitch, com quem o senhor já não discute; a titia, que o senhor levou à igreja anteontem.

— Mas eu não podia recusar! Quanto a Anna Serguêievna, a senhora deve lembrar, ela mesma concordava com Evguiêni em muita coisa.

— Minha irmã, na ocasião, encontrava-se sob a influência dele, assim como o senhor também.

— Como eu também? Acaso a senhora percebe que já me libertei da sua influência?

Kátia ficou calada.

— Eu sei — prosseguiu Arkádi — que ele nunca lhe agradou.

— Não posso julgá-lo.

— Sabe de uma coisa, Katierina Serguêievna? Toda vez que ouço essa resposta, não acredito… Não existe ninguém que qualquer um de nós não possa julgar! Isso é só uma maneira de desconversar.

— Bem, então vou lhe dizer que… não que eu desgoste dele, mas sinto que me é estranho e que também sou estranha a ele… e o senhor também é.

— Por quê?

— Como explicar… Ele é um predador, e o senhor e eu somos domesticados.

— Também sou domesticado?

Kátia fez que sim com a cabeça.

Arkádi coçou-se por trás da orelha.

— Veja bem, Katierina Serguêievna: na realidade, isso é uma ofensa.

— O senhor, acaso, preferiria ser um predador?

— Predador, não, mas forte, enérgico.

— Não é algo que se possa querer… Veja o seu amigo, ele mesmo não quer isso, mas está dentro dele.

— Hm! Então a senhora acredita que ele exercia uma grande influência sobre Anna Serguêievna?

— Sim. Mas ninguém consegue manter domínio sobre ela por muito tempo — acrescentou Kátia, a meia-voz.

— Por que pensa assim?

— É muito orgulhosa… Não é bem isso o que eu quis dizer… Ela tem muito apreço pela sua independência.

— E quem não tem? — perguntou Arkádi, ao mesmo tempo que lhe passava pelo pensamento: “Mas para que serve a independência? Para quê?”. E o mesmo se passava no pensamento de Kátia. Jovens, que se encontram com frequência e de forma amigável, costumam ter os mesmos pensamentos.

Arkádi sorriu e, aproximando-se ligeiramente de Kátia, disse num sussurro:

— Admita que a senhora a teme um pouco.

— Quem?

— Ela — respondeu Arkádi, num tom significativo.

— E o senhor? — perguntou Kátia, por sua vez.

— Eu também; repare, eu disse: eu também.

Kátia ameaçou-o com o dedo.

— Isso me surpreende — começou ela. — Minha irmã nunca se mostrou tão simpática com o senhor como agora, muito mais do que na sua primeira visita.

— Ah, é?

— O senhor não havia notado? Isso não o alegra?

Arkádi pôs-se a refletir.

— Por que eu mereceria a benevolência de Anna Serguêievna? Será porque eu lhe trouxe as cartas da mãe da senhora?

— Também por isso, mas há outros motivos, que não vou contar.

— Por quê?

— Não vou contar.

— Ah! Eu sei, a senhora é muito teimosa.

— Sou teimosa.

— E observadora.

Kátia olhou de lado para Arkádi.

— Será que o senhor está zangado? O que pensa?

— Penso de onde pode ter vindo essa capacidade de observação, que a senhora de fato possui. É tão tímida, desconfiada; esquiva-se de todos…

— Vivi muito tempo sozinha: queira ou não, a pessoa começa a refletir. Mas será mesmo que me esquivo de todos?

Arkádi lançou para Kátia um olhar agradecido.

— Tudo isso está muito bem — prosseguiu ele —, mas é raro que pessoas na situação da senhora, quero dizer, com a sua condição social, tenham esse dom; tal como acontece com o tsar, a verdade dificilmente chega até elas.

— Mas, veja, eu não sou rica.

Arkádi se admirou e não a entendeu de imediato. “De fato, esta propriedade é toda da irmã!”, veio-lhe ao pensamento; essa ideia não lhe foi desagradável.

— Com que graça a senhora falou isso! — exclamou Arkádi.

— O quê?

— Falou com graça; de modo simples, sem envergonhar-se e sem ostentação. A propósito: imagino que no sentimento da pessoa que sabe e diz que é pobre deve haver algo especial, um tipo peculiar de vaidade.

— Nunca experimentei nada desse gênero, graças à minha irmã; só mencionei minha condição porque surgiu o assunto.

— Certo; mas reconheça que existe, na senhora, uma parcela dessa vaidade de que falei há pouco.

— Por exemplo?

— Por exemplo, veja bem, e perdoe minha pergunta: a senhora se casaria com um homem rico?

— Se eu o amasse muito… Não, creio que nem assim eu me casaria.

— Ah! Está vendo? — exclamou Arkádi e, após um momento, acrescentou: — E por que a senhora não se casaria com ele?

— Por causa daquilo que até nas canções se diz sobre noivos desiguais.

— Quem sabe a senhora deseja ter o domínio ou…

— Ah, não! Para quê? Ao contrário, estou pronta para servir, só que a desigualdade pesa demais. Respeitar a si mesma e servir, isso eu compreendo; isso é a felicidade; mas uma existência de submissão… Não, já basta disso.

— Basta disso — repetiu Arkádi. — Sim, sim — prosseguiu —, não é à toa que a senhora tem o mesmo sangue de Anna Serguêievna; é tão independente quanto ela; mas é mais reservada. Tenho certeza de que a

senhora jamais expressaria seu sentimento primeiro, por mais que esse sentimento fosse forte e sagrado…

— E como poderia ser de outro modo? — perguntou Kátia.

— As duas se equivalem na inteligência; a senhora tem tanta, ou mais, personalidade do que ela…

— Não me compare com minha irmã, por favor — interrompeu Kátia, depressa. — Fico em grande desvantagem. O senhor parece ter esquecido que minha irmã é também bela, sagaz e… especialmente ao senhor, Arkádi Nikoláievitch, não fica bem dizer essas palavras, ainda mais com esse rosto tão sério.

— O que significa isto: especialmente o senhor? E o que a levou a pensar que estou brincando?

— É claro que está brincando.

— Acha mesmo? E se eu estiver convicto daquilo que estou dizendo? E se eu achar que ainda não me expressei com energia suficiente?

— Não entendo.

— Será mesmo? Bem, agora percebo: na verdade, exagerei a sua capacidade de observação.

— Como assim?

Arkádi nada respondeu e virou-se, ao passo que Kátia encontrara no cesto mais algumas migalhas e começava a jogá-las para os pardais; mas o movimento do braço foi brusco demais e os pardais voaram para longe, sem chance de bicar.

— Katierina Serguêievna! — disse Arkádi, de repente. — Para a senhora, provavelmente, isto não faz a menor diferença: mas saiba que não troco a senhora nem pela sua irmã, nem por ninguém no mundo.

Levantou-se e afastou-se, ligeiro, como que assustado com as palavras que haviam se desprendido da sua língua.

Kátia deixou as mãos caírem, junto com o cesto, sobre os joelhos e, inclinando a cabeça, mirou demoradamente na direção por onde Arkádi se afastara. Aos poucos, um vermelho vivo cobriu de leve suas faces; mas os lábios não sorriam e os olhos escuros expressavam perplexidade e um outro sentimento, por enquanto sem nome.

— Está sozinha? — ressoou a seu lado a voz de Anna Serguêievna. — Se não me engano, você veio ao jardim com Arkádi.

Kátia não teve pressa em voltar os olhos para a irmã (vestida com elegância, e até com requinte, ela estava parada na vereda e, com a ponta da sombrinha aberta, mexia nas orelhas de Fifi) e, também sem nenhuma pressa, respondeu:

— Estou sozinha.

— Estou vendo — replicou, com um riso. — Ele se retirou para o quarto?

— Sim.

— Vocês estavam lendo, juntos?

— Sim.

Anna Serguêievna segurou o queixo de Kátia e ergueu seu rosto.

— Espero que não tenham brigado.

— Não — disse Kátia e, devagar, afastou a mão da irmã.

— Que modo solene de responder! Pensei em vir encontrá-lo aqui e convidá-lo para um passeio comigo. Ele mesmo sempre me convida. Chegaram uns sapatos, da cidade, para você, vá experimentá-los: percebi ontem que os seus sapatos estão completamente gastos. Em geral, você não se preocupa o bastante com isso, e tem pezinhos tão encantadores! E suas mãos também são bonitas… só um pouco grandes; portanto é preciso cuidar dos pezinhos. Mas você nada tem de coquete.

Anna Serguêievna avançou pela vereda, enquanto seu belo vestido rumorejava, de leve; Kátia levantou-se do banco e, pegando o livro de Heine, também se foi — mas não para experimentar os sapatos.

“Pezinhos lindos”, pensou ela, enquanto subia, devagar e a passos leves, os degraus de pedra da varanda, abrasados pelo sol, “pezinhos lindos, diz a senhora… Pois ele há de ficar aos meus pés.”

Mas, no mesmo instante, Kátia sentiu vergonha e correu ligeiro para cima.

Arkádi seguia pelo corredor na direção do seu quarto; o mordomo o alcançou e anunciou que o sr. Bazárov estava lá.

— Evguiêni! — murmurou Arkádi, quase com um susto. — Chegou há muito tempo?

— Chegou neste minuto, mandou não avisar Anna Serguêievna e pediu para ser levado direto para os aposentos do senhor.

“Terá ocorrido alguma infelicidade em nossa casa?”, pensou Arkádi e, depois de subir a escada às pressas, abriu a porta de um golpe. O aspecto de Bazárov acalmou-o de imediato, embora olhos mais experientes, na certa, pudessem ter notado, na figura ainda enérgica mas emagrecida do visitante inesperado, sinais de perturbação interior. Com um capote empoeirado sobre os ombros, um quepe na cabeça, ele estava sentado no peitoril da janela; não se levantou nem quando Arkádi, com exclamações ruidosas, atirou-se para abraçá-lo.

— Mas que surpresa! Que bons ventos o trazem? — repetia Arkádi, enquanto andava agitado pelo quarto, como um homem que se imagina contente e deseja mostrá-lo. — Tudo está bem lá em casa, todos estão bem de saúde, não é verdade?

— Está tudo bem na sua casa, mas nem todos estão bem de saúde — respondeu Bazárov. — E você, em vez de ficar tagarelando, mande que me

sirvam um *kvás*,[2] sente-se e escute o que vou contar, com poucas palavras, mas bastante fortes, espero.

Arkádi aquietou-se e Bazárov contou-lhe o seu duelo com Pável Petróvitch. Arkádi ficou muito surpreso e até triste; mas não julgou necessário demonstrá-lo; apenas perguntou se a ferida do tio, de fato, não oferecia perigo e, depois de ouvir a resposta de que a ferida era interessantíssima, mas não do ponto de vista médico, sorriu constrangido, enquanto o coração se enchia de horror e de uma espécie de vergonha. Bazárov pareceu compreendê-lo.

— Sim, irmão — disse ele —, eis no que dá passar uma temporada com senhores feudais. A gente também acaba virando senhor feudal e participa de torneios dos tempos da cavalaria. Então resolvi ir para a casa de meus pais — concluiu Bazárov — e, no caminho, dei uma passadinha por aqui… para comunicar os fatos, eu poderia dizer, se não julgasse isso uma mentira inútil, uma idiotice. Não, passei por aqui só o diabo sabe a razão. Veja, às vezes é bom, para um homem, agarrar os próprios cabelos e arrancar-se para fora de si mesmo, como um rabanete na horta; fiz isso, dias atrás… Mas senti vontade de ver mais uma vez aquilo que abandonei, aquela horta onde eu estive plantado.

— Espero que essas palavras não se refiram a mim — replicou Arkádi, com emoção. — Espero que você não pretenda afastar-se de mim.

Bazárov fitou-o fixamente, de modo quase penetrante.

— Acaso isso o deixaria tão amargurado? Tenho a impressão de que você já se afastou de mim. Anda tão viçoso, tão limpinho… Aposto que os seus entendimentos com Anna Serguêievna andam de vento em popa.

— Que entendimentos eu teria com Anna Serguêievna?

— E não foi por causa dela que você veio da cidade para cá, seu franguinho? Aliás, como andam os trabalhos lá nas escolas dominicais?

Será que não está apaixonado por ela? Ou já chegou à fase de se fazer de modesto?

— Evguiêni, você sabe, sempre fui sincero com você; posso garantir, posso jurar, que você está enganado.

— Hm! Uma palavra nova — observou Bazárov, a meia-voz. — Mas não há motivo para você se irritar, nada disso tem a menor importância para mim. Um romântico diria: sinto que nossos caminhos começam a tomar rumos diferentes, mas eu digo apenas que estamos fartos um do outro.

— Evguiêni…

— Meu anjo, isso não é nenhuma desgraça; a gente se farta de muita coisa neste mundo! E agora, me parece, não é melhor nos despedirmos? Desde que cheguei aqui, me sinto enojado, como se lesse, sem parar, a carta de Gógol para a esposa do governador de Kaluga.[3] Aliás, não mandei preparar os cavalos.

— Francamente, isso é impossível!

— Mas por quê?

— Já nem falo por mim; mas seria uma extrema indelicadeza com Anna Serguêievna, que sem dúvida alguma deseja vê-lo.

— Bem, nisso você se engana.

— Ao contrário, tenho certeza do que digo — retrucou Arkádi. — E de que adianta você fingir? Como já chegamos a esse ponto, acaso você mesmo não veio para cá por causa dela?

— Isso até pode ser justo, mas mesmo assim você se engana.

Contudo Arkádi tinha razão. Anna Serguêievna desejava encontrar-se com Bazárov e, por intermédio do mordomo, convidou-o para conversar. Bazárov trocou de roupa antes de ir ao seu encontro: ocorreu que ele havia arrumado sua roupa nova na mala de modo que estivesse bem à mão.

Odintsova não o recebeu no quarto onde ele, de modo tão inesperado, fizera uma declaração de amor, mas sim na sala de visitas. Ela lhe ofereceu, num gesto amável, a pontinha dos dedos, mas seu rosto expressava uma tensão involuntária.

— Anna Serguêievna — apressou-se em dizer Bazárov —, antes de tudo devo tranquilizá-la. Diante da senhora, está um mortal que há muito recobrou o bom senso e espera que os outros tenham esquecido suas antigas tolices. Vou partir por muito tempo e a senhora há de convir que, embora eu não seja uma criatura amena, seria triste levar comigo a ideia de que a senhora se recorda de mim com repugnância.

Anna Serguêievna suspirou fundo, como alguém que acabou de escalar uma montanha, e seu rosto reanimou-se com um sorriso. Pela segunda vez, estendeu a mão para Bazárov e correspondeu à pressão dos dedos dele.

— O que passou, passou — disse ela —, além do mais, para ser sincera, também eu pequei, se não por coquetismo, por algum outro motivo. Numa palavra: seremos amigos como antes. Aquilo foi um sonho: não é verdade? E quem se lembra dos sonhos?

— Quem se lembra? De mais a mais, o amor… enfim, esse é um sentimento falso.

— De fato? É muito agradável ouvir isso.

Assim se expressava Anna Serguêievna e assim se expressava Bazárov; ambos pensavam dizer a verdade. Mas estaria a verdade, a verdade plena, em suas palavras? Nem eles o sabiam, e o autor muito menos. Mas sua conversa transcorria como se acreditassem inteiramente um no outro.

Anna Serguêievna, entre outras coisas, perguntou a Bazárov o que havia feito na casa dos Kirsánov. Por pouco não lhe contou sobre o duelo com Pável Petróvitch, mas se conteve, com receio de que ela fosse pensar que queria vangloriar-se, e respondeu que trabalhou o tempo todo.

— Quanto a mim — disse Anna Serguêievna —, no início, andei um tanto melancólica, só Deus sabe o motivo e, imagine, cheguei a me preparar para partir para o exterior!… Depois, isso passou; o seu amigo, Arkádi Nikoláievitch, veio nos visitar e eu, de novo, voltei aos trilhos, voltei ao meu papel verdadeiro.

— E que papel é esse, se me permite saber?

— O papel de tia, de preceptora, de mãe, como quiser chamar. Aliás, o senhor sabia que eu, antes, não compreendia muito bem a sua estreita amizade com Arkádi Nikoláievitch? Eu julgava seu amigo muito insignificante. Mas agora o conheci melhor e me convenci de que é inteligente… E o importante é que é jovem, muito jovem… não é como nós dois, Evguiêni Vassílitch.

— Ele ainda se acanha na sua presença? — perguntou Bazárov.

— Mas será que… — fez menção de dizer Anna Serguêievna e, após um instante de reflexão, acrescentou: — Agora, se tornou mais confiante, fala comigo. Antes, fugia de mim. Pensando bem, eu mesma não procurava a companhia de Arkádi. Kátia e ele são grandes amigos.

Bazárov se aborreceu. “Mulher tem sempre alguma artimanha!”, pensou ele.

— Diz que ele fugia da senhora — observou Bazárov, com um sorriso gelado — mas, certamente, aos seus olhos, não era segredo que estava apaixonado pela senhora.

— O quê? Ele também? — deixou escapar Anna Serguêievna.

— Ele também — repetiu Bazárov, com uma reverência humilde. — Será possível que a senhora não o soubesse e que eu tenha dito alguma novidade?

Anna Serguêievna baixou os olhos.

— O senhor está enganado, Evguiêni Vassílitch.

— Não creio. Mas talvez eu não devesse ter mencionado o assunto. — “E você não deveria usar de artimanhas”, acrescentou para si mesmo.

— Por que não deveria ter mencionado? Mas creio que o senhor atribui um significado grande demais a uma impressão passageira. Começo a suspeitar que o senhor é propenso a exageros.

— Seria melhor não falarmos sobre isso, Anna Serguêievna.

— E por quê? — replicou, mas tratou ela própria de conduzir a conversa para outra direção. Apesar de tudo, sentia-se constrangida com Bazárov, embora ela lhe tivesse dito, e ela mesma já se houvesse persuadido, que tudo estava esquecido. Mesmo ao trocar com ele as palavras mais simples, e até ao brincar com Bazárov, ela experimentava um ligeiro retraimento de temor. Assim, pessoas num navio a vapor, em pleno mar, conversam e riem da forma mais despreocupada, tal como se estivessem em terra firme; mas quando sobrevém uma pequenina pausa, ou surge um ínfimo sinal de algo fora do comum, imediatamente em todos os rostos se revela a expressão de uma espécie de alarme, que denuncia a constante consciência de um constante perigo.

A conversa entre Anna Serguêievna e Bazárov não demorou muito. Ela começou a se fazer pensativa, a responder de forma vaga e lhe propôs, enfim, irem para o salão, onde encontraram Kátia e a princesa.

— Mas onde está Arkádi Nikolaitch? — perguntou a dona da casa e, ao ser informada de que ele não era visto já fazia mais de uma hora, mandou procurarem por ele. Demoraram a encontrar Arkádi: havia se metido no fundo do jardim e, com o queixo apoiado sobre as mãos cruzadas, deixou-se ficar sentado, imerso em pensamentos. Eram profundos e graves, os pensamentos, mas não tristes. Arkádi sabia que Anna Serguêievna estava a sós com Bazárov e não sentia ciúme, como antes; ao contrário, seu rosto se

aclarava aos poucos; pareceu também admirar-se com alguma coisa, alegrar-se e decidir-se.

---

1. Alusão ao som da palavra russa “iásni” (claro).

2. Refresco fermentado de pão de centeio.

3. Refere-se a uma carta do escritor Gógol (1809-52), só divulgada em 1860, que despertou a indignação de moderados e de radicais.

26.

O falecido Odintsov não gostava de novidades, mas admitia um “certo divertimento de gosto aristocrático” e por isso mandou erguer em seu jardim, entre a estufa e o tanque, uma espécie de pórtico grego, feito de tijolos russos. Num muro maciço atrás desse pórtico, ou galeria, havia embutidos seis nichos para estátuas, que Odintsov encomendara do exterior. As estátuas deviam representar: a Solidão, o Silêncio, a Meditação, a Melancolia, o Pudor e a Sensibilidade. Uma delas, a deusa do Silêncio, com um dedo sobre os lábios, foi trazida e posta em seu lugar; mas, no mesmo dia, meninos servos quebraram seu nariz e, embora um pedreiro vizinho tenha se encarregado de pôr um nariz “duas vezes melhor do que o velho”, Odintsov, mesmo assim, mandou remover a estátua e ela foi parar num canto do telheiro em que se debulhavam os grãos, onde ficou longos anos, alimentando o temor supersticioso das camponesas. A parte frontal do pórtico cobrira-se, havia muito, de arbustos espessos: só se via o capitel das colunas, acima do verdor cerrado. No pórtico propriamente dito, mesmo ao meio-dia, a temperatura era amena. Anna Serguêievna não gostava de frequentar esse local, desde o dia em que vira, ali, uma cobra; mas Kátia vinha, muitas vezes, sentar-se num banco de pedra, erguido ao pé de um dos nichos. Rodeada pela sombra e pelo frescor, ela lia, trabalhava ou

entregava-se a essa sensação de quietude plena, provavelmente conhecida de todos, e cujo encanto reside na muda e quase inconsciente contemplação da larga onda de vida que rola ininterrupta à nossa volta e dentro de nós.

No dia seguinte à chegada de Bazárov, Kátia estava sentada em seu banco predileto e tinha de novo, a seu lado, Arkádi. Ele pedira a Kátia que o acompanhasse até o “pórtico”.

Faltava cerca de uma hora para o almoço; a manhã orvalhada já se transformava num dia quente. O rosto de Arkádi conservava a expressão do dia anterior, Kátia tinha um aspecto preocupado. A irmã, logo após o chá, pediu que ela viesse ao seu escritório e, depois de lhe fazer um carinho, o que sempre deixava Kátia um pouco intimidada, aconselhou-a a ser cautelosa em sua conduta com Arkádi e evitar, em especial, as conversas a sós com ele, pelo visto já notadas pela tia e por todos na casa. Além disso, já na noite anterior, Anna Serguêievna não estava de bom humor; a própria Kátia sentia um constrangimento, como se tivesse consciência de alguma culpa. Ao atender o convite de Arkádi, ela disse a si mesma que seria a última vez.

— Katierina Serguêievna — disse ele, numa espécie de arroubo encabulado —, desde que tenho desfrutado a felicidade de viver na mesma casa que a senhora, temos conversado sobre muitos assuntos; no entanto existe uma… questão muito importante para mim, na qual ainda não cheguei a tocar. A senhora ontem observou que, aqui, me reeducaram — acrescentou, ora perseguindo, ora evitando o olhar de Kátia, cravado nele de modo interrogativo. — De fato, mudei em muitas coisas, e isso a senhora sabe melhor que ninguém; a senhora, a quem, na realidade, devo essa transformação.

— Eu?… A mim?… — disse Kátia.

— Não sou mais aquele menino petulante que eu era ao chegar aqui — prosseguiu Arkádi. — Não é à toa que fiz vinte e três anos; como antes, desejo ser útil, desejo dedicar todas as minhas energias à verdade; mas já não procuro meus ideais onde antes procurava; eles me parecem… muito mais próximos. Até então, eu não me compreendia, me atribuía tarefas além das minhas forças… Meus olhos se abriram, há pouco, graças a um único sentimento… Não me expresso com total clareza, mas espero que a senhora me compreenda…

Kátia nada respondeu, mas parou de olhar para Arkádi.

— Creio — recomeçou ele, já com voz mais agitada, enquanto, acima, na folhagem de uma bétula, um tentilhão entoava despreocupado sua pequena canção —, creio que é dever de todo homem honrado ser inteiramente sincero com aqueles… com as pessoas que… numa palavra, com as pessoas próximas a ele e por isso eu… eu tenho a intenção de…

Mas nesse ponto a eloquência traiu Arkádi; ele se confundiu, titubeou e viu-se obrigado a calar-se por um momento; Kátia, mesmo assim, não ergueu os olhos. Parecia não entender aonde ele queria chegar com tudo aquilo e ficou à espera de alguma coisa.

— Prevejo que vou deixá-la surpresa — retomou Arkádi, depois de recuperar as forças —, ainda mais porque esse sentimento está dirigido, de certa forma… de certa forma, note bem, para a senhora. Se bem me lembro, ontem, a senhora me acusou de falta de seriedade — prosseguiu Arkádi, como um homem que entra num pântano, sente que, a cada passo, afunda mais um pouco e mesmo assim avança depressa, na esperança de atravessar mais rápido o atoleiro —, essa censura muitas vezes se dirige… recai… nos jovens, mesmo quando já deixaram de merecê-la; e se eu tivesse mais confiança… — “Ajude-me, vamos, ajude-me!”, pensou Arkádi, com

desespero, mas Kátia, como antes, não voltou a cabeça para ele. — Se eu pudesse ter uma esperança…

— Se eu pudesse estar segura disso que o senhor fala — ouviu-se, nesse momento, a voz clara de Anna Serguêievna.

Arkádi calou-se no mesmo instante enquanto Kátia empalidecia. Junto aos arbustos que recobriam o pórtico, passava uma vereda. Anna Serguêievna caminhava por ali, em companhia de Bazárov. Kátia e Arkádi não podiam vê-los, mas ouviam cada palavra, o roçar do vestido contra a terra e até a respiração. Eles deram alguns passos e, como que de propósito, pararam bem em frente ao pórtico.

— Veja bem — prosseguiu Anna Serguêievna —, eu e o senhor cometemos um engano; já não estamos na primeira juventude, sobretudo eu; já vivemos muito, estamos cansados; nós, para que cerimônias, somos inteligentes: no início, nos interessamos um pelo outro, a curiosidade se agitou… mas depois…

— Depois, eu perdi a graça — concluiu Bazárov.

— O senhor sabe que não foi essa a causa de nosso desencontro. Mas, qualquer que tenha sido a causa, o fato é que não precisávamos um do outro; em nós, havia demasiada… como dizer… homogeneidade. Não o compreendemos de imediato. Já Arkádi, ao contrário…

— A senhora precisa dele? — perguntou Bazárov.

— Basta, Evguiêni Vassílievitch. O senhor diz que Arkádi não é indiferente em relação a mim e eu mesma sempre tive a impressão de que eu lhe agrado. Sei que tenho idade para ser tia dele, mas não quero esconder do senhor que passei a pensar em Arkádi com frequência. Nesse sentimento jovem e cheio de frescor, existe uma espécie de fascínio…

— Como um *encantamento*, é a expressão mais usual nesses casos — interrompeu Bazárov; sentia-se na sua voz calma, ainda que abafada, a

ebulição da bílis. — Arkádi mostrou-se um tanto reservado comigo ontem, e não falou da senhora, nem da sua irmã… É um sintoma importante.

— Arkádi é um perfeito irmão para Kátia — disse Anna Serguêievna —, e isso me agrada nele, embora talvez eu não devesse permitir tamanha proximidade entre os dois.

— Quem fala na senhora é… a irmã? — perguntou Bazárov, com voz arrastada.

— É claro… Mas por que estamos parados? Vamos em frente. Que conversa estranha, esta nossa, não é verdade? Quando eu poderia imaginar que um dia conversaríamos desse modo? O senhor sabe que me intimida… e ao mesmo tempo confio no senhor porque, no fundo, é um homem muito bom.

— Em primeiro lugar, não sou bom, de maneira alguma; em segundo lugar, só depois que perdi toda a importância para a senhora, me diz que sou um homem bom… É o mesmo que depositar uma coroa de flores na cabeça de um defunto.

— Evguiêni Vassílievitch, não temos o poder de… — começou a responder Anna Serguêievna; mas o vento levantou-se, fez farfalhar as folhas e levou para longe suas palavras.

— No entanto a senhora é livre — disse Bazárov, após um breve intervalo.

Não foi mais possível distinguir o que diziam; os passos se afastaram… tudo ficou em silêncio.

Arkádi voltou-se para Kátia. Estava sentada na mesma posição, apenas a cabeça ainda mais baixa.

— Katierina Serguêievna — disse ele com voz trêmula, apertando as próprias mãos —, eu a amo para toda a vida, para sempre, e não amo mais ninguém senão a senhora. Queria dizer-lhe isso, saber sua opinião e pedir

sua mão, porque não sou rico e sinto que estou pronto para qualquer sacrifício… A senhora não responde? Não acredita em mim? Pensa que falo de modo leviano? Mas recorde estes últimos dias! Será que não se convenceu, já há bastante tempo, que tudo o mais, e me entenda bem, tudo, tudo o mais, há muito, desapareceu sem deixar vestígio? Olhe para mim, diga-me uma só palavra… Amo… amo a senhora… creia em mim!

Kátia fitou Arkádi com um olhar sério, radiante e, após longa reflexão, com um sorriso quase imperceptível, falou:

— Sim.

Arkádi, de um salto, levantou-se do banco.

— Sim! A senhora disse: sim, Katierina Serguêievna! O que significa essa palavra? Que eu a amo, que a senhora crê em mim… Ou… ou… não me atrevo a ir até o fim.

— Sim — replicou Kátia, e dessa vez ele a compreendeu. Arkádi agarrou as mãos grandes e bonitas da moça e, sufocando de alegria, apertou-as contra o seu coração. Mal conseguia se manter de pé e limitava-se a repetir: “Kátia… Kátia…”, e ela começou a chorar de um modo algo inocente, rindo baixinho das próprias lágrimas. Quem nunca viu tais lágrimas nos olhos da pessoa amada ainda não sabe a que ponto, paralisado pela gratidão e pelo pudor, se pode ser feliz neste mundo.

No dia seguinte, de manhã cedo, Anna Serguêievna mandou chamar Bazárov ao seu escritório e, com um riso forçado, lhe entregou uma folha dobrada de papel para correspondência. Era uma carta de Arkádi: nela, ele pedia a mão de Kátia.

Bazárov leu a carta, às pressas, até o fim e fez um esforço sobre si mesmo para não demonstrar os sentimentos malévolos que instantaneamente se inflamaram em seu peito.

— Ora vejam só — disse ele —, e a senhora, me parece, ainda ontem pensava que ele amava Katierina Serguêievna como um irmão. O que pretende fazer agora?

— O que me aconselha? — perguntou Anna Serguêievna, sem parar de rir.

— Acho — respondeu Bazárov, rindo também, embora não sentisse a menor alegria e não tivesse nenhuma vontade de rir, assim como ela —, acho que convém dar a bênção aos jovens. Sob todos os aspectos, é um bom partido; a fortuna dos Kirsánov é considerável, ele é filho único e seu pai é um bom sujeito, não fará objeções.

Odintsova caminhava a passos lentos ao redor do cômodo. Seu rosto ora se ruborizava, ora empalidecia.

— O senhor acha? — disse ela. — Pois muito bem. Não vejo empecilhos… Fico feliz, por Kátia… e por Arkádi Nikoláievitch. Naturalmente, vou aguardar a resposta do pai. Eu mesma escreverei para ele. Mas, no fim, como vemos, eu estava com a razão quando ontem lhe disse que já estamos velhos… Como foi que não percebi nada? Isso me surpreende!

Anna Serguêievna pôs-se a rir de novo, e no mesmo instante virou o rosto.

— A juventude de hoje ficou esperta demais — observou Bazárov e também se pôs a rir. — Adeus — retomou ele, após um breve silêncio. — Desejo que a senhora conclua essa questão da maneira mais agradável; e, à distância, vou me alegrar.

Odintsova voltou-se bruscamente para ele.

— Mas o senhor vai partir? Por que não pode ficar, agora? Fique… conversar com o senhor me dá alegria… é como caminhar à beira de um

abismo. Primeiro, intimida, mas depois, não se sabe de onde, vem uma coragem. Fique.

— Obrigado pelo convite, Anna Serguêievna, e pela opinião lisonjeira sobre os meus talentos de conversação. Mas percebo que já vivi tempo demais numa esfera que me é estranha. Os peixes-voadores podem ficar certo tempo no ar, mas logo têm de tombar na água; permita que eu afunde no meu elemento.

Odintsova fitou Bazárov. Um sorriso amargo repuxou seu rosto pálido. “Este homem me amava!”, pensou ela, teve pena de Bazárov e lhe estendeu a mão com simpatia.

Mas Bazárov a entendeu também.

— Não! — respondeu, e recuou um passo. — Sou um homem pobre, mas até hoje não aceitei esmolas. Adeus, e passe bem.

— Estou convencida de que esta não será a última vez que nos veremos — disse Anna Serguêievna com um movimento involuntário.

— Neste mundo, tudo é possível! — respondeu Bazárov, fez uma reverência e saiu.

— Quer dizer que você resolveu fazer o seu ninho? — disse Bazárov para Arkádi, nesse mesmo dia, enquanto arrumava sua mala, de cócoras. — Muito bem! É uma boa medida. Só que não precisava dissimular. Sempre esperei de você uma outra conduta. Ou, quem sabe, até você ficou espantado?

— Na verdade, eu não esperava nada disso quando me despedi de você — respondeu Arkádi. — Mas por que você mesmo usa de dissimulação e me diz: “é uma boa medida”, como se eu ignorasse a sua opinião sobre o casamento?

— Ah, meu caro amigo! — exclamou Bazárov. — Que maneira de falar! Veja o que eu faço; há um lugar vazio, na mala, e vou pôr aqui um punhado

de feno; o mesmo acontece na nossa mala da vida; nós a enchemos com alguma coisa, só para não ficar um vazio. Não se ofenda, por favor: afinal, você certamente lembra qual foi sempre a minha opinião sobre Katierina Serguêievna. Uma fidalga pode passar por inteligente só porque suspira de um jeito inteligente, e a sua fidalga não vai ceder terreno, vai se aferrar de tal modo que logo terá você na palma da mão… mas, afinal, é assim que deve ser. — Fechou a tampa da mala com estrondo e levantou-se. — E agora repito as minhas despedidas… porque não adianta nos enganarmos: estamos nos despedindo para sempre, e você mesmo percebe que é assim… você procedeu de modo inteligente; não foi feito para a nossa vida amarga, áspera e solitária. Não tem audácia, nem fúria, mas a coragem dos jovens e o entusiasmo dos jovens; para os nossos fins, isso não serve. Fidalgos como você não conseguem ir além de uma nobre resignação ou de um nobre fervor, mas isso não adianta. Vocês, por exemplo, não brigam, e ainda se julgam valentes, enquanto nós queremos brigar. Ora, bolas! Nossa poeira vai corroer os seus olhos, nossa sujeira vai emporcalhar você todo, e você não terá chegado nem perto de nós, você involuntariamente se encanta consigo mesmo, tem prazer em acusar os próprios defeitos; e para nós isso é maçante, ora, vamos lá, nos ofereçam outros adversários! Precisamos de uma outra gente para fazermos em pedaços! Você é um bom sujeito; mesmo assim não passa de um fidalgozinho liberal e frouxo… e *volatu*,[1] como diz o meu pai.

— Você está se despedindo de mim para sempre, Evguiêni? — perguntou Arkádi, com pesar. — E não tem nada mais a me dizer?

Bazárov coçou a nuca.

— Tenho, Arkádi, tenho mais alguma coisa, só que não vou dizer, porque isso é romantismo, ou seja: recobrir tudo de açúcar. E você trate de casar logo; monte o seu ninho de uma vez, faça crianças aos montes. Serão bons

filhos, porque nascerão na época certa, e não como eu e você. Ahá! Vejo que os cavalos estão prontos. Está na hora. Já me despedi de todos… Ora, por que não? Que tal um abraço?

Arkádi atirou-se aos braços do seu ex-mentor e amigo, e lágrimas pareceram jorrar de seus olhos.

— O que é a juventude! — disse Bazárov, sereno. — Confio em Katierina Serguêievna. Verá como ela vai consolar você bem depressa!

— Adeus, irmão! — despediu-se de Arkádi, depois de subir na carruagem e, apontando para um casal de gralhas, pousadas lado a lado sobre o telhado da estrebaria, acrescentou: — Olhe lá! Aprenda!

— O que significa isso? — perguntou Arkádi.

— Como? Será que você é tão fraco assim em história natural, ou esqueceu que a gralha é a mais respeitável ave familiar? Um exemplo para você!… Adeus, *signor*!

A carruagem começou a ranger e pôs-se a rodar.

Bazárov havia dito a verdade. Enquanto conversava ontem com Kátia, Arkádi esquecera completamente o seu mentor. Já começava a submeter-se a ela; Kátia o percebia e não ficou surpresa. Ele devia ir a Márino no dia seguinte, para falar com Nikolai Petróvitch. Anna Serguêievna não queria incomodar os jovens e, só em nome da decência, não os deixava muito tempo a sós. Num gesto de generosidade, afastou deles a princesa, a qual caíra num estado de raiva lacrimosa com a notícia do futuro casamento. A princípio, Anna Serguêievna temia que o espetáculo da felicidade dos dois fosse lhe parecer um pouco penoso; mas ocorreu exatamente o contrário: esse espetáculo não só não lhe trouxe sofrimento algum como também a divertiu e, por fim, a enterneceu. Anna Serguêievna alegrou-se e entristeceu-se com isso. “Claro, Bazárov tinha razão”, pensou ela. “Curiosidade, só curiosidade, e amor ao sossego, e egoísmo…”

— Crianças! — disse ela, alto. — E então, o amor é um sentimento falso?

Nem Kátia nem Arkádi a compreenderam. Eles a evitavam; a conversa que, sem querer, tinham ouvido não lhes saía da cabeça. Entretanto Anna Serguêievna logo os tranquilizou; para ela, não foi difícil: ela mesma já havia se tranquilizado.

---

1. Pronúncia incorreta do francês *voilà tout*, “eis tudo”.

27.

A súbita chegada do filho trouxe aos velhos Bazárov tanto mais alegria quanto menos era esperada a sua vinda. Arina Vlássievna a tal ponto se alvoroçou e corria de tal modo pela casa que Vassíli Ivánovitch a comparou a uma “perdizinha”: o rabinho cortado da sua blusa curta, de fato, lhe dava algo de pássaro. Ele, por sua vez, limitava-se a soltar uns mugidos, mordiscar no canto da boca a ponta de âmbar do seu cachimbo turco e, segurando o pescoço com os dedos, fazia girar a cabeça como que para verificar se estava bem aparafusada, e de repente escancarava a boca e gargalhava sem produzir qualquer som.

— Vim para ficar seis semanas inteiras na sua casa, meu velho — disse Bazárov. — Quero trabalhar, portanto eu lhe peço, por favor, que não me incomode.

— Você vai esquecer até a minha fisionomia, eis o quanto vou incomodá-lo! — respondeu Vassíli Ivánovitch.

Ele manteve sua promessa. Depois de instalar o filho em seu escritório, como fizera antes, o pai parecia até se esconder de Bazárov e refreava na mãe toda e qualquer manifestação supérflua de carinho.

— Nós, minha mãezinha — disse para ela —, na primeira vinda de Evguiêni, o importunamos um pouco: agora temos de ser mais inteligentes.

Arina Vlássievna concordava com o marido, mas pouco tinha a ganhar com isso, porque só via o filho à mesa de refeições e sentia um medo implacável de falar com ele.

— Eniúchenka! — acontecia de ela falar e, antes que Bazárov pudesse virar os olhos para a mãe, ela se punha a mexer nos cordões da sua bolsinha e balbuciava: — Não é nada, não é nada, tudo bem. — Mais tarde, procurava Vassíli Ivánovitch e, com a face apoiada na mão, lhe dizia: — Meu bem, como vamos saber se Eniucha quer sopa de repolho ou borche, no almoço?

— Mas por que você mesma não lhe perguntou?

— Vou incomodar!

De resto, o próprio Bazárov logo parou de se trancar: sua febre de trabalho passou e foi substituída por um tédio melancólico e por uma vaga inquietude. Um cansaço estranho se fazia notar em todos os seus movimentos, e até o seu jeito de andar, firme e impetuosamente resoluto, modificou-se. Ele parou de passear sozinho e passou a buscar companhia; bebia chá na sala de estar, vagava pela horta com Vassíli Ivánovitch e fumava com ele, em silêncio; certa vez, pediu notícias do padre Aleksei. Vassíli Ivánovitch primeiro se alegrou com essa transformação, mas sua alegria durou pouco.

— Eniucha me aflige — queixava-se com a esposa, às escondidas. — Não é que ele ande aborrecido ou irritado, só isso não teria importância; ele está amargurado, triste: eis o que é horrível. Anda sempre calado, se ao menos brigasse conosco; está ficando magro, a cor do seu rosto não parece muito boa.

— Meu Deus, meu Deus! — sussurrava a velhinha. — Eu poderia pendurar um amuleto no seu pescoço, mas ele não vai deixar.

Vassíli Ivánovitch tentou, da forma mais cautelosa possível, indagar de Bazárov a respeito do seu trabalho, da sua saúde, de Arkádi… Mas Bazárov respondia de má vontade e com displicência e, certa vez, notando que o pai, durante a conversa, tentava sorrateiramente aproximar-se aos poucos de alguma coisa, retrucou irritado:

— Por que você parece sempre andar na ponta dos pés quando fala comigo? Esse jeito é ainda pior que o de antes.

— Tudo bem, tudo bem, não é nada! — apressou-se em responder o pobre Vassíli Ivánovitch. Mostraram-se igualmente infecundas suas alusões de caráter político. Tendo começado a falar, certa vez, sobre a iminente libertação dos servos, sobre o progresso, ele esperava despertar o interesse do filho; mas este comentou, com indiferença:

— Ontem, passei junto a um cercado e ouvi como uns meninos servos, em lugar de alguma canção popular antiga, cantavam aos berros: “Vem chegando o tempo certo, o coração sente o amor…”. Aí está o seu progresso.

Às vezes, Bazárov se dirigia ao povoado e, com seu habitual ar de zombaria, travava conversa com algum mujique.

— Pois bem — dizia —, explique para mim sua maneira de ver a vida, irmão; afinal, dizem que em vocês está toda a força da Rússia, que a partir de vocês começará uma nova era na história, que vocês nos darão a língua autêntica e as leis verdadeiras. — O mujique, ou não respondia, ou pronunciava palavras como estas:

— Bem, nós podemos… também, porque, sabe… nossa situação, por exemplo, ficou…

— Você poderia me explicar, e muito bem explicadinho, como é o seu mundo? — interrompia Bazárov. — Esse mundo não é o mesmo que é sustentado por três peixes?

— Esta terra, patrãozinho, está em cima de três peixes, sim — explicava o mujique tranquilamente, com uma melodia patriarcal e bondosa na voz. — Mas o nosso mundo é diferente, como todos sabem, e depende da vontade dos senhores de terra; porque os senhores são os nossos pais. E, quanto mais severo for, mais será amado pelo mujique.[1]

Certa vez, depois de ouvir tais palavras, Bazárov encolheu os ombros com desprezo, deu as costas e foi embora, enquanto o mujique se pôs a arrastar os pés de volta para sua casa.

— Do que ele estava falando? — perguntou-lhe de longe, na soleira da sua isbá, um outro mujique, de meia-idade e de aspecto taciturno, que havia presenciado a conversa entre ele e Bazárov. — Sobre pagamentos atrasados?

— Que atrasados que nada, meu irmão! — respondeu o primeiro mujique e, na sua voz, já não havia nenhum traço de melodia patriarcal mas, ao contrário, percebia-se uma rudeza negligente. — Ficou tagarelando sei lá o quê; estava com vontade de coçar a língua. Você sabe como é um fidalgo; por acaso eles entendem de alguma coisa?

— Que entendem nada! — respondeu o outro mujique, e depois de sacudirem seus gorros e apertarem os cinturões, os dois passaram a conversar sobre os seus afazeres e as suas necessidades. Quem diria! Bazárov, que encolhia os ombros com pouco-caso, que sabia como falar com os mujiques (conforme se gabara na discussão com Pável Petróvitch), esse mesmo Bazárov tão seguro de si nem desconfiava que, aos olhos dos mujiques, não passava de uma espécie de palhaço…

Mas, por fim, encontrou algo com que se ocupar. Certa vez, em sua presença, Vassíli Ivánovitch fazia um curativo na perna ferida de um mujique, mas as mãos do velho tremeram e ele não conseguia fixar as ataduras; o filho ajudou-o e, a partir daí, passou a colaborar na clínica do

pai, sem deixar de rir, ao mesmo tempo, dos procedimentos que ele mesmo recomendava, e do pai, que imediatamente os punha em prática. Mas as zombarias de Bazárov em nada incomodavam Vassíli Ivánovitch; elas até o consolavam. Segurando seu roupão ensebado com dois dedos junto à barriga e fumando cachimbo, ele escutava Bazárov com deleite e, quanto mais raivosos os gracejos do filho, tanto mais afetuosas eram as suas risadas, que deixavam à mostra, no pai felicíssimo, os dentes todos enegrecidos, sem exceção. Ele até repetia esses gracejos, às vezes absurdos ou disparatados, e por exemplo, durante alguns dias, a troco de nada, não parava de repetir: “Bem, quem dá oito, dá nove!”, só porque seu filho, tendo se inteirado de que ele ia para as matinas, fizera uso dessa expressão. “Graças a Deus! Parou de andar melancólico!”, sussurrava para a esposa. “Se visse como caçoou de mim hoje, que maravilha!” Em compensação, a ideia de contar com um ajudante como aquele o levava à exultação, enchia-o de orgulho. “Sim, sim”, dizia para uma camponesa qualquer, com um capote de homem e um penteado em forma de chifre, ao entregar a ela um vidro de água de Goulard ou uma lata de unguento branco. “Você, minha querida, deve sempre agradecer a Deus por meu filho estar hospedado em nossa casa: agora tratamos você segundo os métodos mais científicos e modernos, entende? Nem o imperador dos franceses, Napoleão, podia contar com um médico melhor do que esse.” Mas a camponesa, que viera queixar-se de que “subiam umas pontadas” (palavras cujo significado, na verdade, nem ela mesma sabia explicar), limitou-se a fazer uma reverência e enfiou a mão entre os seios, onde estavam acomodados quatro ovos, embrulhados na ponta de uma toalha.

Bazárov chegou a extrair um dente de um mascate de artigos de armarinho que estava de passagem e, embora o dente nada tivesse de

excepcional, Vassíli Ivánovitch guardou-o como uma preciosidade e, ao mostrá-lo para o padre Aleksei, não cansava de repetir:

— O senhor veja só que raiz! Que força tem o Evguiêni! O mascate foi puxado para o ar… Acho que ele seria capaz de arrancar um carvalho da terra!…

— Admirável! — exclamou, enfim, o padre Aleksei, sem saber o que responder e como se desfazer do velho, que chegara ao êxtase.

Certa vez, um homenzinho de um povoado próximo trouxe, numa carroça, o irmão, que sofria de tifo, para Vassíli Ivánovitch examinar. Deitado de bruços sobre um feixe de palha, o infeliz agonizava; manchas escuras cobriam seu corpo e já perdera a consciência havia muito tempo. Vassíli Ivánovitch expressou pesar por ninguém ter pensado em procurar a ajuda de um médico mais cedo e explicou que não havia salvação. De fato, o homenzinho nem conseguiu chegar com o irmão a sua casa: ele morreu na carroça.

Três dias depois, Bazárov entrou no quarto do pai e perguntou se não tinha um bastão de nitrato de prata.

— Tenho; para quê?

— Eu preciso… cauterizar uma feridinha.

— Em quem?

— Em mim.

— Em você? Como assim? Que ferida é essa? Onde está?

— Olhe, aqui, no dedo. Fui hoje àquele povoado, sabe, de onde trouxeram o homem tifoso. Por alguma razão, queriam autopsiar o corpo e eu havia muito tempo não me exercitava.

— E aí?

— Aí que pedi autorização ao médico da província; e me cortei.

Vassíli Ivánovitch ficou branco de repente, e, sem dizer uma palavra, precipitou-se para o seu escritório, de onde voltou imediatamente com um pedacinho de nitrato de prata em bastão. Bazárov queria apanhá-lo e ir embora.

— Pelo amor de Deus — disse Vassíli Ivánovitch —, deixe que eu mesmo cuido disso.

Bazárov sorriu.

— Sempre ansioso para exercer a medicina!

— Não brinque, por favor. Mostre o seu dedo. A ferida não é grave. Não dói?

— Aperte mais forte, não tenha medo.

Vassíli Ivánovitch se deteve.

— Não acharia melhor, Evguiêni, queimar com um pedaço de ferro?

— Seria preciso ter feito isso antes; agora, na verdade, nem o nitrato de prata é necessário. Se eu me contaminei, agora já é tarde.

— Como… tarde… — Vassíli Ivánovitch mal conseguiu pronunciar.

— É evidente! Já se passaram mais de quatro horas.

Vassíli Ivánovitch cauterizou um pouco mais a ferida.

— O médico da província não tinha nitrato de prata em bastão?

— Não tinha.

— Como é possível, meu Deus! Um médico que não dispõe de uma coisa indispensável!

— Você devia ver os bisturis dele — comentou Bazárov, e se afastou.

Até a noite e ao longo de todo o dia seguinte, Vassíli Ivánovitch aproveitava todos os pretextos possíveis para entrar no quarto do filho e, apesar de não só não mencionar o ferimento como até se esforçar para falar de outros assuntos, ele o fitava nos olhos com tamanha insistência e o observava com um ar tão alarmado, que Bazárov perdeu a paciência e

ameaçou ir embora. Vassíli Ivánovitch deu a sua palavra de que não o perturbaria, ainda mais porque Arina Vlássievna, de quem ele, é claro, escondera tudo, começara a pressionar o marido, queria saber por que não dormira e o que estava acontecendo. Conteve-se por dois dias inteiros, embora o aspecto do filho, a quem sempre observava às escondidas, não lhe agradasse muito… mas no terceiro dia, na hora do almoço, não suportou mais. Bazárov sentou-se, de olhos baixos, e não tocou em nenhum dos pratos.

— Por que não come, Evguiêni? — perguntou o pai, dando ao rosto a expressão mais despreocupada do mundo.

— Não tenho vontade, por isso não como.

— Está sem apetite? E a cabeça? — acrescentou, com voz tímida. — Dói?

— Dói. Como não haveria de doer?

Arina Vlássievna aprumou-se e ficou alerta.

— Não se irrite, por favor, Evguiêni — prosseguiu Vassíli Ivánovitch —, mas você permitiria que eu tomasse o seu pulso?

Bazárov levantou-se.

— Mesmo sem tocar meu pulso, lhe garanto que estou com febre.

— Teve calafrios?

— Também tive calafrios. Vou deitar-me e vocês mandem me servir um chá de tília. Na certa, peguei um resfriado.

— Bem que ouvi, essa noite, você tossir — disse Arina Vlássievna.

— Peguei um resfriado — repetiu Bazárov e se retirou.

Arina Vlássievna tratou de preparar o chá de flor de tília enquanto Vassíli Ivánovitch foi para o cômodo ao lado e, em silêncio, puxou os próprios cabelos.

Bazárov já não se levantou mais nesse dia e passou a noite inteira numa sonolência pesada e semi-inconsciente. À uma hora da manhã, abriu os olhos com esforço, viu a seu lado, à luz da lamparina, o rosto pálido do pai e mandou-o sair; ele obedeceu, mas logo em seguida voltou na ponta dos pés e, com meio corpo encoberto atrás das portinhas do armário, observava tenazmente seu filho. Arina Vlássievna também não se deitou e, quase costurada à porta do escritório, volta e meia se aproximava para escutar “como o Evguiêni respira”, e para observar Vassíli Iványovitch. Ela só conseguia enxergar suas costas imóveis, arqueadas, mas até isso lhe proporcionava um certo alívio. De manhã, Bazárov tentou dormir; a cabeça rodava, saiu sangue pelo nariz; deitou-se de novo. Vassíli Ivánovitch o assistia, em silêncio; Arina Vlássievna aproximou-se dele e perguntou como se sentia. Respondeu: “Melhor”. E virou-se para a parede. Vassíli Ivánovitch acenou para a esposa com as duas mãos; ela mordeu os lábios para não chorar e saiu. Tudo em casa parecia ter escurecido, de repente; todos os rostos ficaram tensos, formou-se um silêncio estranho; um galo barulhento, que ficou muito tempo sem entender por que estavam fazendo aquilo com ele, foi levado do pátio para o povoado. Bazárov continuava deitado, de cara para a parede. Vassíli Ivánovitch tentou lhe dirigir algumas perguntas, mas elas fatigavam Bazárov e o velho congelou-se na sua poltrona, e apenas de vez em quando estalava a junta dos dedos. Por alguns minutos, ia para o jardim, deixava-se ficar ali, tal qual uma estátua, como que vencido por uma perplexidade indescritível (a expressão de perplexidade nunca deixava o seu rosto), e voltava para perto do filho, tentando esquivar-se das indagações da esposa. Ela, por fim, agarrou-o pela mão e, num tom convulso, quase de ameaça, disse: “O que ele tem?”. Vassíli Ivánovitch se deu conta da situação e, em resposta, obrigou-se a sorrir; no entanto, para seu próprio horror, em lugar do sorriso lhe veio, não

se sabe de onde, uma gargalhada. Havia chamado o médico desde a manhã. Julgou necessário prevenir o filho, para que ele não se irritasse.

Bazárov virou-se, de repente, no sofá, lançou um olhar fixo e vazio para o pai e pediu algo para beber.

Vassíli Ivánovitch lhe trouxe água e, de passagem, sentiu sua testa. Ela ardia.

— Velho — começou Bazárov, com voz forte e lenta. — Meu caso vai mal. Fui contaminado e daqui a alguns dias você vai me enterrar.

Vassíli Ivánovitch cambaleou, como se alguém tivesse golpeado suas pernas.

— Evguiêni! — balbuciou. — O que está dizendo?… Deus o proteja! Você pegou um resfriado…

— Chega — interrompeu Bazárov, sem pressa. — É inadmissível que um médico diga tal coisa. Todos os sintomas são de contaminação, você mesmo sabe.

— Que sintomas de… contaminação, Evguiêni?… Pelo amor de Deus!

— E isto, o que é? — perguntou Bazárov e, depois de levantar a manga da camisa, mostrou para o pai as funestas manchas vermelhas que haviam surgido.

Vassíli Ivánovitch estremeceu e gelou de medo.

— Vamos supor — disse, enfim —, vamos supor… se… ainda que haja alguma coisa semelhante a… contaminação…

— Piemia — emendou o filho.

— Bem, sim… semelhante a… epidemia…

— Piemia — repetiu Bazárov, em tom severo e bem claro. — Será que já esqueceu os seus cadernos de estudante?

— Está bem, claro, claro, como você preferir… De todo modo, vamos curá-lo!

— Ah, pois sim. Mas a questão é outra. Eu não esperava morrer tão cedo; esse imprevisto, para dizer a verdade, é muito desagradável. Você e a mamãe devem, agora, fazer valer a força da sua religião; eis um bom momento para testarem essa força. — Bebeu um pouco de água. — E quero lhe pedir uma coisa… enquanto minha cabeça ainda está sob o meu controle. Amanhã ou depois de amanhã, meu cérebro, você sabe, vai pedir exoneração do seu cargo. Mesmo agora, não me sinto totalmente convencido de me expressar com clareza. Enquanto estava deitado, me parecia, o tempo todo, que cães vermelhos corriam à minha volta e que você os atiçava contra mim, como faz o caçador ao acuar uma galinhola. Parecia que eu estava embriagado. Você está me entendendo?

— Claro, Evguiêni, você está falando normalmente.

— Tanto melhor; você me disse que mandou chamar o médico… Você buscou se reconfortar com isso… me conforte também: envie um mensageiro…

— Para Arkádi Nikolaitch — completou o velho.

— Quem é esse Arkádi Nikolaitch? — indagou Bazárov, como que perdido em pensamentos. — Ah, sim! Aquele frangote! Não, não mexa com ele: agora, virou uma gralha. Não se assuste, ainda não é o delírio. Mas você, então, mande um mensageiro para Odintsova, Anna Serguêievna, uma proprietária de terras desta região… Conhece? (Vassíli Ivánovitch fez que sim com a cabeça.) Evguiêni, ou seja, Bazárov, mandou cumprimentos e mandou dizer que está morrendo. Fará isso?

— Farei… Mas será mesmo possível uma coisa dessas, que você esteja morrendo, você, Evguiêni… Reflita, você mesmo! Depois de algo assim, onde poderá existir justiça?

— Isso, eu já não sei; apenas mande um mensageiro.

— Vou mandar imediatamente, e escreverei eu mesmo a carta.

— Não, para quê? Diga que mandei meus cumprimentos, nada mais é preciso. E agora volto para os meus cães. Que estranho! Quero concentrar o pensamento na morte e nada acontece. Vejo uma espécie de borrão… e mais nada.

Virou-se, de novo, pesadamente, para a parede; Vassíli Ivánovitch saiu do escritório e, depois de chegar a muito custo ao quarto da esposa, tombou de joelhos diante dos ícones.

— Reze, Arina, reze! — gemeu. — Nosso filho está morrendo.

O doutor, aquele mesmo médico da província que não possuía um bastão de nitrato de prata, chegou e, depois de examinar o paciente, recomendou o método de dar tempo ao tempo e logo depois emitiu algumas considerações sobre a possibilidade de cura.

— O senhor, por acaso, já viu pessoas na mesma situação que eu não tomarem o rumo dos Campos Elísios? — perguntou Bazárov e, agarrando de repente a perna de uma mesa pesada, ao lado do sofá, sacudiu-a e mudou-a de lugar.

— Esta força, a força — disse ele — ainda está toda aqui e, mesmo assim, tenho de morrer!… Um velho, pelo menos, já teve tempo de perder o hábito da vida, mas eu… Pois bem, tente negar a morte o quanto quiser. Ela é que nega você, e acabou-se! Quem está chorando, aí? — acrescentou, depois de uma pequena pausa. — Mamãe? Coitada! A quem ela vai alimentar, agora, com o seu admirável borche? E você, Vassíli Ivánitch, também choraminga, ao que parece. Bem, se a religião cristã não ajuda, quem sabe um filósofo, um estoico, ajudaria? Você não se vangloriava de ser um filósofo?

— Que filósofo, nada! — pôs-se a esbravejar Vassíli Ivánovitch e as lágrimas começaram a lhe escorrer pelas faces.

Bazárov piorava a cada hora; a doença tomou um ritmo acelerado, como costuma acontecer nos casos de envenenamento cirúrgico. Ele ainda não havia perdido a memória e compreendia o que lhe falavam; ainda resistia. “Não quero delirar”, murmurava, cerrando os punhos. “Que tolice!” E logo depois dizia: “Se de oito subtrairmos dez, quanto dá?”. Vassíli Ivánovitch caminhava como um demente, propunha ora um remédio, ora outro, e nada fazia senão cobrir as pernas do filho. “Envolver em lençóis frios… vomitório… sinapismo no estômago… sangria”, dizia com voz tensa. O médico, a quem pediu que ficasse, fazia coro a suas palavras, dava limonada para o doente e, para si mesmo, pedia ora um cachimbo, ora um “calorífero fortificante”, ou seja, vodca. Arina Vlássievna ficava sentada num banquinho baixo, junto à porta, e só de vez em quando se afastava para rezar; alguns dias antes, um espelhinho havia escorregado de suas mãos e se partira, o que ela sempre havia considerado um mau presságio; a própria Anfíssuchka não soube o que dizer a ela. Timofêitch havia partido para a propriedade de Odintsova.

A noite não foi boa para Bazárov… Uma febre implacável o atormentava. Pela manhã, sentiu-se melhor. Pediu a Arina Vlássievna que o penteasse, beijou-lhe a mão e sorveu dois goles de chá. Vassíli Ivánovitch animou-se um pouco.

— Graças a Deus! — repetia. — A crise começou… a crise passou.

— Ora, grande coisa! — disse Bazárov. — O que vale uma palavra! Você encontrou essa palavra, falou “crise”, e pronto, está consolado. É de espantar como as pessoas ainda acreditam em palavras. Por exemplo, chamem uma pessoa de imbecil e, mesmo que ninguém bata nela, vai sentir-se arrasada; chamem-na de inteligente e, mesmo sem lhe dar dinheiro nenhum, vai ficar satisfeita.

Esse breve discurso de Bazárov, que fazia lembrar as suas antigas tiradas jocosas, comoveu Vassíli Ivánovitch.

— Bravo! Falou bem, muito bem! — exclamou, fingindo bater palmas.

Bazárov sorriu, com tristeza.

— E, afinal, na sua opinião — disse ele —, a crise passou ou começou?

— Você está melhor, é isso o que vejo, é isso o que me alegra — respondeu Vassíli Ivánovitch.

— Que ótimo; alegrar-se nunca é ruim. E quanto àquele assunto, lembra? Mandou o recado?

— Mandei, é claro.

A melhora não durou muito. Os ataques da doença recomeçaram. Vassíli Ivánovitch ficava sentado junto a Bazárov. Parecia que uma espécie de suplício atormentava o velho. Várias vezes, fazia menção de falar, mas não conseguia.

— Evguiêni! — pronunciou, afinal. — Meu filho, meu querido, filho adorado!

Esse apelo incomum produziu efeito em Bazárov… Ele virou um pouco a cabeça e, tentando de modo flagrante livrar-se do peso do torpor que o sufocava, falou:

— O que é, meu pai?

— Evguiêni — prosseguiu Vassíli Ivánovitch, e deixou-se cair de joelhos à frente de Bazárov, embora este não abrisse os olhos e não pudesse vê-lo. — Evguiêni, você agora está melhor; se Deus quiser, vai ficar bom, mas aproveite estes momentos e nos console, a mim e à sua mãe, cumpra o dever de um cristão! Já é horrível, para mim, dizer isso a você; mas ainda mais horrível será… pois, é para sempre, Evguiêni… pense só, como será…

A voz do velho se rompeu e no rosto do filho, embora continuasse de olhos fechados, insinuou-se algo estranho.

— Não faço objeção, se isso puder consolar vocês — disse, afinal. — Mas me parece que não é preciso ter pressa. Você mesmo diz que estou melhor.

— Está melhor, Evguiêni, está melhor; mas, quem sabe, pois tudo depende da vontade de Deus, e uma vez cumprido o dever…

— Não, eu vou esperar — interrompeu Bazárov. — Concordo com você, a crise começou. E, se nós dois estivermos enganados, não importa; também dão os sacramentos aos desacordados.

— Por favor, Evguiêni…

— Vou esperar. Agora quero dormir. Não me incomode.

E colocou a cabeça na posição anterior.

O velho se levantou, sentou na poltrona e, com o queixo na mão, pôs-se a morder os dedos…

O ruído de uma carruagem de molas, ruído que se destaca sobretudo nos confins da zona rural, bateu bruscamente em seus ouvidos. Perto, cada vez mais perto, giravam as rodas ligeiras; já se ouvia o resfolegar dos cavalos… Vassíli Ivánovitch levantou-se de um salto e precipitou-se na direção da janelinha. No pátio da sua casa, entrava uma carruagem de dois lugares, atrelada a quatro animais. Sem atinar com o que aquilo pudesse significar, no arrebatamento de uma espécie de alegria absurda, ele saiu correndo para a varanda… Um lacaio de libré abria a porta da carruagem; de lá, saiu uma senhora, sob um véu negro, de mantilha negra…

— Sou Odintsova — disse ela. — Evguiêni Vassílitch está vivo? O senhor é o pai dele? Eu trouxe comigo um médico.

— Benfeitora! — exclamou Vassíli Ivánovitch e, segurando a mão dela, apertou-a contra os lábios, num gesto convulso, enquanto o médico trazido por Anna Serguêievna, um homem miúdo, de óculos e de fisionomia alemã, saía da carruagem com dificuldade e sem pressa. — Ainda está vivo, está

vivo o meu Evguiêni e, agora, será salvo! Ei, mulher! Mulher!… Um anjo desceu do céu para nós…

— O que houve, meu Deus! — balbuciou a velha, saindo às pressas da sala e, sem compreender nada, ali mesmo na entrada, atirou-se aos pés de Anna Serguêievna e, como louca, começou a beijar a barra do seu vestido.

— O que é isso, senhora? O que é isso, senhora? — repetia Anna Serguêievna; mas Arina Vlássievna não a ouvia, enquanto Vassíli Ivánovitch apenas reiterava: "Um anjo! Um anjo!".

— *Wo ist der Kranke?* Onde está o paciente? — falou, afinal, o médico, não sem alguma indignação.

Vassíli Ivánovitch recobrou o bom senso.

— Aqui, aqui, siga-me, por favor, *werthester Herr Collega*.[2]

— Oh! — exclamou o alemão, e deu um sorriso amarelo.

Vassíli Ivánovitch levou-o até o escritório.

— É o médico de Anna Serguêievna Odintsova — disse ele, inclinando-se para perto do ouvido do filho. — E ela mesma está aqui.

Bazárov abriu os olhos, de repente.

— O que disse?

— Disse que Anna Serguêievna Odintsova está aqui e trouxe o seu médico para ver você.

Bazárov olhou em redor.

— Ela está aqui… quero vê-la.

— Vai vê-la, Evguiêni; mas primeiro é impreterível deliberar com o ilustre doutor. Vou relatar todo o histórico da doença, desde o momento em que Sídor Sídoritch se foi (era este o nome do médico da província) e faremos uma breve consulta.

Bazárov voltou os olhos para o alemão.

— Pois então deliberem de uma vez, mas não em latim; entendo muito bem o que significa *iam moritur*.[3]

— *Der Herr scheint des Deutschen mächtig zu sein* —[4] começou o novo pupilo de Esculápio, dirigindo-se a Vassíli Ivánovitch.

— *Ich… habe…* É melhor falarmos em russo — disse o velho.

— Ah! Se querrer achim… Por fafor…

E a consulta teve início.

Após meia hora, Anna Serguêievna pôde entrar no escritório, acompanhada por Vassíli Ivánovitch. O médico já tivera oportunidade de sussurrar para ela que não havia a menor possibilidade de cura.

Odintsova lançou um olhar para Bazárov… e parou na porta, de tal modo a impressionou aquele rosto afogueado e ao mesmo tempo lívido, com os olhos turvos fixos sobre ela. Simplesmente se apavorou, com um temor frio e aflitivo; o pensamento de que, se o amasse, ela não se sentiria assim ardeu por um instante em sua cabeça.

— Obrigado — pôs-se a falar Bazárov, com esforço. — Eu não esperava isto. Que ótimo. Aí está, nos vimos outra vez, conforme a senhora havia prometido.

— Anna Serguêievna teve a imensa bondade… — começou Vassíli Ivánovitch.

— Pai, deixe-nos a sós. Anna Serguêievna, a senhora me permite? Parece que agora…

Apontou com a cabeça para o próprio corpo, estirado e sem forças.

Vassíli Ivánovitch saiu.

— Ora, muito obrigado — repetiu Bazárov. — Um gesto digno de um tsar. Dizem que os tsares também visitam os moribundos.

— Evguiêni, eu espero…

— Ah, Anna Serguêievna, vamos falar a verdade. Para mim, acabou-se. Caí embaixo da roda da carroça. Entendo agora que não valia a pena pensar no futuro. A morte é um truque antigo, mas que se renova, para cada pessoa. Até agora, não sinto medo… mas virá o desfalecimento, e aí, puf! — Meneou a mão, sem forças. — Pois bem, o que tenho a lhe dizer… amei a senhora! Antes, isso já não tinha nenhum sentido, e agora, muito menos. O amor é uma forma e a minha forma própria já está se desagregando. É melhor eu dizer… como a senhora é encantadora! E agora está aqui, tão bonita…

Anna Serguêievna estremeceu, involuntariamente.

— Não é nada, não se alarme… sente-se ali… Não se aproxime de mim: a minha doença é contagiosa.

Anna Serguêievna atravessou o cômodo rapidamente e sentou-se na poltrona junto ao sofá, onde estava Bazárov.

— Que generosa! — sussurrou ele. — Ah, como está perto, e como é jovem, viçosa, pura… neste quarto infecto!… Bem, adeus! Viva muito, isto é o que importa, e aproveite enquanto houver tempo. Veja, a senhora, que espetáculo repugnante: um verme quase esmagado ainda se contorce. Pois eu também pensei: vou realizar muitas coisas, não vou morrer, de jeito nenhum! Tenho uma missão, sou um gigante! E agora toda a missão do gigante se resume a morrer de forma decente, embora ninguém se importe nem um pouco com isso… Mas, que se dane: eu não vou abanar a cauda, como faz um cão.

Bazárov calou-se e tateou com a mão em busca do copo. Anna Serguêievna lhe deu de beber sem tirar as luvas e respirando com medo.

— A senhora vai me esquecer — recomeçou ele —, um defunto não é companhia para um vivo. Meu pai lhe dirá: vejam que homem a Rússia está perdendo… Isso é uma bobagem; mas não desiluda o velho. Contanto que

sirva para as crianças se distraírem… a senhora entende. E trate minha mãe com carinho. Não vai encontrar outras pessoas como eles neste mundo… Sou necessário à Rússia… Não, é óbvio que não sou. Mas quem é necessário? Um sapateiro é necessário, um alfaiate é necessário, um açougueiro é necessário… vende carne… o açougueiro… espere, estou confuso… Aqui há um bosque…

Bazárov colocou a mão na testa.

Anna Serguêievna inclinou-se sobre ele.

— Evguiêni Vassílitch, eu estou aqui…

No mesmo instante, ele segurou sua mão e ergueu-se.

— Adeus — disse ele, com uma força repentina, e os olhos faiscaram com uma última centelha. — Adeus… Escute… afinal, nunca a beijei… Dê um sopro na lamparina bruxuleante, para que ela se apague de uma vez…

Anna Serguêievna tocou os lábios na sua testa.

— É o bastante! — exclamou Bazárov, e tombou sobre o travesseiro. — Agora… a escuridão…

Anna Serguêievna saiu, em silêncio.

— E então? — perguntou Vassíli Ivánovitch, num sussurro.

— Adormeceu — respondeu ela, quase inaudível.

Acordar já não fazia parte do destino de Bazárov. Ao entardecer, caiu numa inconsciência total e, no dia seguinte, morreu. O padre Aleksei cumpriu os ritos da religião. Quando lhe ministraram a extrema-unção, quando os santos óleos tocaram seu peito, um dos olhos se abriu e, ao que parece, ante a visão do sacerdote com seus paramentos, do incenso fumegante, das velas diante dos ícones, algo como um estremecimento de horror refletiu-se por um instante em seu rosto lívido. Quando, por fim, exalou o último suspiro e, na casa, ergueu-se um lamento geral, um furor repentino apoderou-se de Vassíli Ivánovitch.

— Eu disse que ia protestar — gritou, com voz rouca, o rosto afogueado e contraído, brandindo o punho no ar, como se ameaçasse alguém. — E vou protestar, vou protestar!

Mas Arina Vlássievna, em lágrimas, pendurou-se ao pescoço do marido e, juntos, caíram os dois de joelhos.

— E desse jeito — contaria Anfíssuchka, tempos depois —, baixaram suas cabeças, juntinhas uma da outra, como ovelhinhas ao meio-dia…

Mas o calor do meio-dia passará, virão a tarde e a noite e, com ela, o regresso ao refúgio tranquilo onde o sono é doce para os fatigados e os aflitos…

---

1. Neste trecho, a palavra russa “mir” designa tanto “mundo” — que segundo uma lenda russa estava apoiado sobre três peixes — como a tradicional comuna camponesa russa.

2. Alemão: “Ilustríssimo colega”.

3. Latim: “Já vai morrer”.

4. Alemão: “O cavalheiro parece entender bem o alemão”.

28.

Seis meses se passaram. Era um inverno branco, na calma brutal da friagem sem nuvens, com a neve espessa e rangente, a geada cor-de-rosa nas árvores, o céu esmeralda pálido, os gorros de fumaça sobre as chaminés, os rolos de vapor que escapavam das portas abertas por um instante, os rostos corados, como que mordidos, e a corrida irrequieta dos cavalos que tiritavam. O dia de janeiro já se aproximava do fim; o frio da tarde, cada vez mais forte, pressionava o ar imóvel e o crepúsculo cor de sangue se apagava depressa. Luzes começavam a se acender nas janelas da casa de Márino; Prokófitch, de fraque preto e luvas brancas, com uma solenidade incomum, serviu a mesa para sete pessoas. Uma semana antes, na pequena igreja paroquial, de forma discreta e quase sem testemunhas, realizaram-se dois casamentos: o de Arkádi com Kátia e o de Nikolai Petróvitch com Fiénetchka; e, naquele mesmo dia, Nikolai Petróvitch ofereceu um jantar de despedida para o irmão, que estava de partida para Moscou, a negócios. Anna Serguêievna também partira para Moscou logo após o casamento, deixando um dote generoso para os recém-casados.

Às três horas em ponto, todos se reuniram à mesa. Ali também acomodaram Mítia; com ele, já havia uma babá, de touca bordada. Pável Petróvitch aboletou-se entre Kátia e Fiénetchka; os “maridos” instalaram-se

ao lado de suas esposas. Nossos conhecidos haviam se transformado nos últimos tempos: todos pareciam mais bonitos e vigorosos; só Pável Petróvitch engordara, o que, na verdade, dava ainda mais garbo e nobreza às suas feições expressivas… Fiénetchka também se tornara outra mulher. Num vestido novo de seda, com uma larga coifa de veludo sobre os cabelos e uma correntinha de ouro no pescoço, ela se mantinha sentada, reverente e imóvel, reverente a si mesma e a todos os que a rodeavam, e sorria como se quisesse dizer: “Os senhores me perdoem, não sou culpada”. E não era a única — todos os demais sorriam e também pareciam se desculpar; todos se sentiam um pouco constrangidos, um pouco entristecidos mas, no fundo, sentiam-se muito bem. Cada um servia o outro com uma cortesia jocosa, como se todos tivessem combinado representar uma comédia ingênua. Kátia era a mais tranquila de todos: olhava, confiante, à sua volta e podia-se notar que Nikolai Petróvitch, a essa altura, já a adorava perdidamente. Antes de o jantar chegar ao fim, ele se levantou e, com a taça na mão, virou-se para Pável Petróvitch.

— Você vai nos deixar… vai nos deixar, querido irmão — começou. — Não por muito tempo, é claro; mas mesmo assim não posso deixar de lhe dizer que eu… que nós… o quanto nós… Mas que coisa lamentável, não sei fazer discursos! Arkádi, fale você!

— Não, papai, eu não me preparei.

— Ah, e eu, então, me preparei muito bem! Mas é simples, meu irmão: permita-me abraçá-lo, desejar-lhe tudo de bom e esperar que volte para nós o mais breve possível!

Pável Petróvitch beijou a todos, inclusive Mítia, é claro; na vez de Fiénetchka, além de beijar a mão, que ela ainda não sabia oferecer da forma apropriada, Pável Petróvitch declarou, com um suspiro profundo, depois de sorver de um só gole, pela segunda vez, a taça cheia até a boca:

— Sejam felizes, meus amigos! *Farewell!* —[1] Esse arremate em inglês passou despercebido, mas todos ficaram emocionados.

— À memória de Bazárov — sussurrou Kátia no ouvido do esposo e brindou, tocando seu cálice no dele. Arkádi, em resposta, apertou com força a mão de Kátia, mas não se atreveu a propor esse brinde em voz alta.

Não parece o fim? Mas talvez algum leitor deseje saber o que faz agora, exatamente agora, cada um dos personagens apresentados por nós. Estamos prontos a satisfazê-lo.

Anna Serguêievna casou-se há pouco tempo, não por amor, mas por convicção, com um dos futuros políticos de destaque na Rússia, homem muito inteligente, jurista, dotado de um pensamento rigorosamente prático, de uma vontade firme e de um notável talento oratório — homem ainda jovem, de boa índole e frio como o gelo. Vivem ambos em perfeita harmonia e, a certa altura da vida, chegarão, talvez, à felicidade… ao amor, quem sabe. A princesa Kh… morreu e foi esquecida no mesmo dia. Os Kirsánov, pai e filho, estabeleceram-se em Márino. Seus negócios começam a se pôr em ordem. Arkádi revelou-se um administrador zeloso e a “fazenda” já proporciona uma renda bastante significativa. Nikolai Petróvitch tornou-se o árbitro oficial das disputas surgidas entre os camponeses e os senhores de terras, após a emancipação dos servos, e se empenha com todas as forças; viaja sem cessar pela área sob a sua jurisdição; pronuncia longos discursos (defende a opinião de que é preciso “levar o entendimento” aos mujiques, ou seja, por meio da repetição exaustiva das mesmas palavras, levá-los ao estupor) mas, para dizer a verdade, não satisfaz inteiramente nem os fidalgos instruídos, que falam, ora com ostentação, ora com melancolia, a respeito da emancipação (pronunciam “an” pelo nariz, à francesa), nem os fidalgos sem instrução, que praguejam sem a menor cerimônia contra “essa tal de manspação”.

Tanto para estes como para aqueles, Nikolai Petróvitch parece demasiado brando. Katierina Serguêievna teve um filho, de nome Kólia, enquanto Mítia já corre como um rapagão e tagarela com desembaraço. Fiénetchka — Fedóssia Nikoláievna —, depois do marido e de Mítia, adora sua nora mais do que qualquer outra pessoa e, quando Kátia se senta ao piano, é capaz de não sair de perto dela por um dia inteiro. De passagem, falemos de Piotr. De tanta presunção e tolice, acabou totalmente empertigado, pronuncia a vogal russa "iê" como "iú", mas também casou, recebeu um dote bem razoável da noiva, filha de um hortelão da cidade que havia recusado dois bons pretendentes só porque não tinham relógio de pulso: Piotr tinha não apenas um relógio de pulso como também botinas de verniz.

Em Dresden, no Terraço de Brühl, entre duas e quatro horas da tarde, exatamente no horário em que é moda sair a passeio, podemos encontrar um homem de uns cinquenta anos, já completamente grisalho e que, pelo visto, sofre de gota, mas ainda tem boa aparência, veste-se de forma elegante, com aquele traço peculiar que as pessoas só adquirem mediante uma longa permanência nas camadas mais altas da sociedade. Este é Pável Petróvitch. Partiu de Moscou para o exterior a fim de tratar da saúde e fixou residência em Dresden, onde mantém relações sobretudo com ingleses e com viajantes russos. Com os ingleses, porta-se de modo simples, quase modesto, mas não sem dignidade; eles o julgam um pouco maçante, mas respeitam em Pável Petróvitch o perfeito cavalheiro, "*a perfect gentleman*". Com os russos, mostra-se mais desembaraçado, deixa sua bílis correr solta, zomba de si mesmo e deles também; mas tudo isso com muita amabilidade, descontração e compostura. Segue as ideias dos eslavófilos: como se sabe, na alta sociedade isso é considerado *très distingué*.[2] Não lê nada em russo mas na sua escrivaninha há um cinzeiro de prata com a forma de uma alpercata de mujique. Nossos turistas o procuram com frequência. Matviéi

Ilitch Koliázin, que integra a chamada “oposição temporária”, lhe fez uma visita com toda a pompa, em seu trajeto rumo às estações de água da Boêmia; os nativos, com os quais, na verdade, ele pouco se dá, quase o veneram. Quando se trata de conseguir uma entrada para o teatro, um convite para um concerto do coro da corte e coisas desse tipo, ninguém é tão acessível e eficiente como *der Herr Baron von Kirsanoff*. Pratica sempre o bem, o mais que pode; ainda provoca pequenos rebuliços: não por acaso foi ele, em outros tempos, um grande conquistador; mas, para Pável Petróvitch, viver é árduo… mais árduo até do que ele mesmo imagina… Basta observá-lo na igreja russa quando, encostado à parede num canto afastado, ele se perde em pensamentos, não se mexe, os lábios amargamente cerrados, e depois, de repente, volta a si e, de modo quase imperceptível, põe-se a fazer o sinal da cruz…

Kúkchina também partiu para o exterior. Está agora em Heidelberg e já não mais estuda as ciências naturais e sim arquitetura, na qual, segundo suas palavras, descobriu novas leis. Como antes, se dá muito bem com os universitários, em especial com os jovens físicos e químicos russos, que abarrotam Heidelberg e que, depois de surpreender os ingênuos professores alemães com suas opiniões austeras, terminam por surpreender esses mesmos professores com a sua total inércia e a sua indolência absoluta. Com dois ou três desses químicos, incapazes de distinguir o oxigênio do nitrogênio mas empanturrados de negação e de vaidade, e na companhia do grande Elissiévitch, Sítnikov, que também se apronta para ser grande, vagueia por São Petersburgo e, conforme assegura, dá continuidade à “obra” de Bazárov. Dizem que alguém lhe deu uma surra, não faz muito tempo, mas ele pagou na mesma moeda: num artiguinho obscuro, enfiado numa reles revista obscura, insinuou que o seu agressor é um covarde.

Chama isso de ironia. O pai o tiraniza, como antes, enquanto a esposa o considera um palerma… e um literato.

Há um pequeno cemitério rural em um dos mais distantes recantos da Rússia. Como quase todos os nossos cemitérios, tem um aspecto triste: as valas que o cercam foram cobertas pelo mato há muito tempo; cruzes cinzentas de madeira, meio tombadas, apodrecem sob seus abrigos, pintados nem se sabe quando; as lajes de pedra estão deslocadas, como se alguém as tivesse empurrado por baixo; dois ou três arbustos desfolhados mal conseguem dar uma sombra rala; ovelhas vagueiam livremente sobre os túmulos… Mas, entre eles, há um em que nenhum homem encosta, em que nenhum animal pisa: só os passarinhos pousam sobre ele e cantam ao nascer do dia. É cercado por uma pequena grade de ferro; nas extremidades, estão plantados dois jovens abetos: Evguiêni Bazárov está enterrado nesse túmulo. Ali, vindos de um vilarejo próximo, não raro chegam dois velhos já decrépitos — marido e mulher. Escorando-se um no outro, caminham em passos cada vez mais pesados; aproximam-se da grade, cambaleiam e põem-se de joelhos, e choram amarga e demoradamente, olham atenta e demoradamente para a pedra muda, sob a qual jaz seu filho; trocam palavras breves, espanam a poeira da pedra, ajeitam um ramo do abeto e rezam outra vez, não conseguem deixar esse local, onde parecem mais perto do filho, das lembranças dele… Será que suas orações, suas lágrimas, são infrutíferas? Será possível que o amor, o amor abnegado, sagrado, não seja onipotente? Ah, não! Por mais exaltado, pecador e rebelde o coração oculto no túmulo, as flores que crescem sobre ele olham para nós serenas, com seus olhos inocentes: não nos falam apenas de uma paz eterna, da grande paz da natureza “indiferente”; falam também da reconciliação eterna e da vida infinita…

---

1. Inglês: “Adeus”.
2. Francês: “Muito distinto”.

Hamlet e Dom Quixote

Ivan Turguêniev

Prezados senhores!

A primeira edição da tragédia *Hamlet*, de Shakespeare, e a primeira parte de *Dom Quixote*, de Cervantes, vieram a público no mesmo ano, exatamente no início do século XVII.[1]

Esse acaso nos pareceu significativo; a proximidade das duas obras mencionadas nos conduziu a toda uma série de ideias. Pedimos licença para compartilhar com os senhores essas ideias e, de antemão, contamos com a sua indulgência. “Quem quiser compreender um poeta, deve pôr-se sob o seu domínio”, disse Goethe;[2] um prosador não tem nenhum direito a tais pretensões; mas pode ter a esperança de que os seus leitores — ou ouvintes — estejam dispostos a acompanhá-lo em suas divagações e em suas buscas.

Algumas de nossas concepções talvez surpreendam os senhores, por seu caráter insólito; mas o privilégio das grandes obras poéticas, às quais o gênio criador inspirou uma vida imortal, consiste em que os pontos de vista nelas presentes, como ocorre na vida em geral, podem ser infinitamente variados, e até contraditórios — e, ao mesmo tempo, legítimos. Quantos comentários já foram escritos sobre *Hamlet* e quantos ainda aguardam no futuro! A quantas conclusões distintas levou o estudo desse tipo verdadeiramente inesgotável! *Dom Quixote*, devido à peculiaridade de seu

propósito, à clareza magnífica de um relato que parece iluminado pelo sol meridional, dá menos ensejo a interpretações. Mas infelizmente nós, russos, não dispomos de uma boa tradução de *Dom Quixote*; grande parte de nós guarda do livro lembranças bastante vagas; sob as palavras “Dom Quixote”, não raro subentendemos um simples bufão — a palavra “quixotismo” equivale, para nós, à palavra “desatino” — e no entanto deveríamos reconhecer no quixotismo os elevados princípios da abnegação, apenas apreendidos pelo ângulo cômico. Uma boa tradução de *Dom Quixote* seria de inestimável valia para o público e uma gratidão geral aguarda o escritor que traduzir para nós essa criação única, em toda a sua beleza. Mas voltemos ao tema de nossa palestra.

Dissemos que o surgimento simultâneo de *Dom Quixote* e de *Hamlet* nos pareceu significativo. Pareceu-nos que, nesses dois tipos, se encarnam as duas propriedades fundamentais e opostas da natureza humana — as duas extremidades do eixo em que ela gira. Pareceu-nos que todos pertencemos, mais ou menos, a um desses dois tipos; que quase cada um de nós corresponde a Dom Quixote ou a Hamlet. De fato, em nossa época, os Hamlet são em número muito maior do que os Dom Quixote; mas estes nem por isso desapareceram.

Expliquemo-nos.

Todos vivem — de forma consciente ou não — em razão de seus princípios, de seu ideal, isto é, em razão daquilo que acreditam verdadeiro, belo, bom. Muitos encaram o seu ideal como algo já de todo acabado, em formas precisas, históricas, estabelecidas; vivem e apreendem sua vida conforme esse ideal, às vezes se afastam dele sob a influência das paixões ou dos acasos — mas não o põem em discussão, não o põem em dúvida; outros, ao contrário, submetem o ideal à análise do seu próprio pensamento. Seja como for, nós, ao que parece, não estaremos muito enganados se

dissermos que, para todas as pessoas, esse ideal, o fundamento e o propósito da existência, se encontra ou fora delas, ou dentro delas mesmas: em outras palavras, para cada um de nós, ou é o próprio *eu* que está em primeiro lugar, ou se reconhece alguma outra coisa como superior. Pode-se objetar que a realidade não admite delimitações tão nítidas, que num mesmo ser vivo as duas concepções podem se alternar e mesmo confluir até certo ponto; mas, é claro, não pretendemos sustentar a impossibilidade da mudança e da contradição na natureza humana; quisemos apenas assinalar duas distintas atitudes do ser humano com relação ao seu ideal — e, agora, nos empenharemos em mostrar como, em nossa maneira de ver, essas duas atitudes distintas se encarnam nos dois tipos que selecionamos.

Comecemos por Dom Quixote.

O que expressa Dom Quixote em si mesmo? Observemo-lo não com esse olhar apressado que se detém nas superfícies e em miudezas. Não veremos em Dom Quixote apenas o cavaleiro da triste figura, imagem criada para ridicularizar os velhos romances de cavalaria; sabe-se que o significado desse personagem se ampliou graças ao toque pessoal do seu imortal criador e que o Dom Quixote da segunda parte, o amável interlocutor de duques e duquesas, o sábio mentor do escudeiro-governador, já não é o mesmo Dom Quixote que nos foi apresentado na primeira parte do romance, sobretudo no início, não é mais aquele excêntrico ridículo e estranho, sobre o qual se derramam pancadas em profusão; por isso tentemos penetrar na essência da questão. Vamos repetir: o que expressa Dom Quixote em si mesmo? A fé, antes de tudo; a fé em algo eterno, inabalável, a fé na verdade, numa palavra, numa verdade que se encontra *fora* da pessoa isolada, porém que se entrega facilmente a ela, que exige cultos e sacrifícios, mas um culto acessível e constante, e sacrifícios de peso. Dom Quixote está inteiramente compenetrado da fidelidade ao ideal,

em cujo nome é capaz de sofrer todas as privações possíveis e de sacrificar a vida; à sua própria vida, ele só dá valor na medida em que pode servir como um meio para encarnar o ideal, para instaurar a verdade, a justiça, na terra. Alguém me dirá que esse ideal foi extraído do mundo fantástico dos romances de cavalaria pela imaginação perturbada do herói; de acordo — e exatamente nisso reside o aspecto cômico de Dom Quixote; mas o próprio ideal perdura em toda sua pureza intocada. Viver para si, zelar por si mesmo — Dom Quixote consideraria uma vergonha. Ele vivia inteiramente (se posso me expressar desse modo) fora de si, para os outros, para seus irmãos, para o aniquilamento do mal, para a luta contra as forças inimigas da humanidade — contra os feiticeiros, os gigantes, ou seja, contra os opressores. Não há nele nenhum traço de egoísmo, não zela por si mesmo, todo ele é abnegação — avaliem bem esta palavra! —, ele crê, crê com firmeza e sem pensar duas vezes. Por isso é intrépido, pertinaz, contenta-se com a mais minguada das refeições, com o mais mísero dos trajes: nada disso lhe importa. De coração humilde, tem alma nobre e corajosa; sua devoção comovente não tolhe sua liberdade; a vaidade lhe é estranha, ele não duvida de si mesmo, de sua vocação, nem de sua força física; sua vontade é inflexível. A constante aspiração a um só objetivo confere uma certa uniformidade aos seus pensamentos, uma unilateralidade ao seu intelecto; sabe pouca coisa, e nem precisa saber muito: sabe qual a sua missão, para que vive na terra, e esse é o conhecimento que importa. Dom Quixote pode parecer ora totalmente louco, porque mesmo a materialidade mais indubitável desaparece diante de seus olhos, derrete como cera no fogo do seu entusiasmo (ele, de fato, vê mouros vivos em bonecos de pau, cavaleiros andantes em carneiros); ora um homem limitado, porque não é capaz de compartilhar, com leveza, nem a compaixão nem o deleite; mas ele, como uma árvore longeva, lançou raízes profundas no solo e não está

em condições nem de alterar sua convicção nem de se transportar de um assunto para outro; a solidez da sua constituição moral (notem que esse cavaleiro errante desvairado é a criatura mais moral do mundo) confere uma força especial e uma certa majestade a todos os seus atos e palavras, a toda sua figura, a despeito das situações cômicas e vexatórias em que recai sem cessar… Dom Quixote é um entusiasta, o servo de uma ideia e, por isso, reluz sob o halo dessa ideia.

O que representa, em si, Hamlet?

A análise, antes de tudo, e o egoísmo, e por isso a incredulidade. Ele vive totalmente para si, é um egoísta; mas nem o egoísta pode crer em si mesmo; só se pode crer no que está fora de nós e acima de nós. Porém esse *eu* em que ele não crê é caro a Hamlet. Esse é o ponto de partida, para o qual ele retorna sem cessar, porque não encontra em todo o mundo nada a que sua alma possa aderir; é um cético — e vive eternamente preocupado consigo e obcecado por si mesmo; o que o ocupa não é o seu dever mas sim a sua situação. Ao duvidar de tudo, Hamlet, é claro, não poupa nem a si; seu intelecto é desenvolvido demais para satisfazer-se com aquilo que encontra em si mesmo: está consciente de sua fraqueza, mas qualquer consciência de si mesmo é uma força; daí decorre a sua ironia, o oposto do entusiasmo de Dom Quixote. Hamlet, com prazer, com exagero, injuria a si mesmo, observa-se sem cessar, mirando eternamente o seu interior, conhece em pormenores todos os seus defeitos, despreza-os, despreza a si mesmo — e ao mesmo tempo, por assim dizer, vive, alimenta-se desse desprezo. Não acredita em si — e é vaidoso; não sabe o que quer nem para que vive — mas está preso à vida… “Ó, Deus, ó, Deus!”, exclama na cena 2 do primeiro ato. “Quem dera se tu, juiz da terra e do céu, não tivesses proibido o pecado do suicídio! Como é torpe, vazia, banal e insignificante a vida para mim!” Mas ele não sacrifica essa vida banal e vazia; devaneia em

torno do suicídio ainda antes da aparição da sombra do pai, ainda antes de receber sua terrível incumbência, que despedaça, em definitivo, sua vontade já abalada — mas não se matará. O amor à vida se manifesta justamente nesses devaneios em torno do fim da vida; todo jovem de dezoito anos conhece sentimentos semelhantes:

Ora ferve o sangue, ora sobejam as forças.[3]

Mas não sejamos demasiado severos com Hamlet: ele sofre — e seu sofrimento é maior e mais cáustico que o de Dom Quixote. Este leva pancadas de pastores rústicos, de criminosos que ele mesmo libertou; Hamlet inflige feridas a si mesmo, se tortura; em suas mãos, há também uma espada: a espada de dois gumes da análise.

Dom Quixote, estamos prontos a admitir, é decididamente ridículo. Sua figura é, sem dúvida, a mais cômica jamais pintada por um poeta. Seu nome tornou-se uma alcunha ridícula até nos lábios dos mujiques russos. Pude verificá-lo com meus próprios ouvidos. Basta lembrá-lo para que logo se erga, na imaginação, a figura descarnada, angulosa, de nariz aquilino, vestida numa armadura caricata, montada no definhado esqueleto de um corcel deplorável, o sempre faminto e surrado Rocinante, ao qual é impossível negar certa simpatia semijocosa, semienternecida. Dom Quixote é ridículo… mas, no riso, existe uma força reconciliadora e reparadora — e se não é sem motivo que dizem "o que faz rir é bem-vindo", pode-se acrescentar que aquele de quem se riu já foi perdoado, e está mesmo prestes a ser amado. A aparência de Hamlet, ao contrário, é atraente. Sua melancolia, sua palidez, conquanto não seja magro (sua mãe observa que ele é gordo, "*our son is fat*"),[4] o traje de veludo negro, a pena no chapéu, as maneiras elegantes, a incontestável poesia de suas falas, o constante sentimento de total superioridade em relação aos outros, ao lado do cáustico

divertimento da auto-humilhação, tudo nele agrada, tudo cativa; a qualquer um lisonjeia passar por um Hamlet, mas ninguém gostaria de ser chamado de Dom Quixote; "Hamlet Baratínski" — escreveu Púchkin;[5]5 não passa pela cabeça de ninguém rir de Hamlet, e exatamente nisso reside a sua condenação: amá-lo é quase impossível, só pessoas como Horácio se afeiçoam a Hamlet. Falaremos sobre os dois, mais adiante. Todos se compadecem de Hamlet, e isso é compreensível: quase todos encontram em Hamlet seus próprios traços; mas amá-lo, vamos repetir, é impossível porque ele mesmo não ama ninguém.

Continuemos nossa comparação. Hamlet é o filho do rei assassinado pelo irmão consanguíneo, usurpador do trono; o pai de Hamlet deixa o túmulo, sai "das fauces do inferno", para incumbir o filho da vingança, mas este hesita, ludibria a si mesmo, se compraz em injuriar-se e, por fim, assassina seu padrasto por acaso. Um profundo traço psicológico, pelo qual muitas pessoas inteligentes, mas de vistas curtas, ousaram condenar Shakespeare! Entretanto Dom Quixote, homem pobre, quase indigente, sem recurso e sem proteção alguma, velho, sozinho, assume a responsabilidade de reparar o mal e defender os oprimidos (absolutamente alheios a ele) em todo o globo terrestre. O que importa se sua primeira tentativa de salvar a inocência da opressão termina por desmoronar, numa desgraça redobrada, sobre a cabeça da própria inocência? (Pensamos naquela cena em que Dom Quixote salva um menino de ser espancado pelo patrão, o qual, tão logo o salvador se afasta, castiga o pobre coitado com força dez vezes maior.) O que importa se Dom Quixote, pensando enfrentar perigosos gigantes, ataca úteis moinhos de vento? O invólucro cômico dessas imagens não deve desviar nossos olhos do sentido nelas oculto. Quem, ao sacrificar-se, pensar primeiro em calcular e pesar todas as consequências, todos os benefícios de seus atos, dificilmente será capaz de abnegação. No caso de Hamlet, não

pode acontecer nada semelhante: com seu intelecto perspicaz, sutil, cético, como poderia ele incidir num erro tão grosseiro? Não, Hamlet não travará combate contra moinhos de vento, não crê em gigantes… Mas não o faria, mesmo se eles existissem. Hamlet jamais admitiria, como faz Dom Quixote, mostrar para todos uma bacia de barbeiro como se fosse o verdadeiro elmo mágico de Mambrino; mas acreditamos que, se a própria verdade encarnada surgisse diante de seus olhos, Hamlet ainda assim não se decidiria a afiançar que era de fato ela, a verdade… Pois quem sabe se a verdade, tal como os gigantes, também não existe? Rimos de Dom Quixote… mas, prezados senhores, quem entre nós, depois de interrogar com honestidade a si mesmo, suas convicções passadas e presentes, quem se decidiria a afirmar que sempre e em todos os casos distinguirá e distinguiu uma bacia de barbeiro feita de estanho de um elmo mágico feito de ouro?… Por isso nos parece que o mais importante reside na sinceridade e na força da própria convicção… e o resultado está nas mãos do destino. Só o destino pode nos mostrar se lutamos contra espectros ou contra inimigos reais, e com que tipo de arma protegemos nossa cabeça… Nossa tarefa é armar-nos e combater.

São dignas de nota as relações da multidão, a chamada massa humana, com Hamlet e com Dom Quixote.

Polônio representa a massa perante Hamlet; Sancho Pança, perante Dom Quixote.

Polônio é um velho hábil, de espírito prático, de bom senso, embora ao mesmo tempo limitado e tagarela. É um excelente administrador, um pai exemplar; recordem seus conselhos para o filho Laertes, por ocasião de sua partida para o exterior, conselhos que podem rivalizar, em sabedoria, com as famosas ordens do governador Sancho Pança na ilha Baratária. Para Polônio, Hamlet é muito mais uma criança do que um louco e, se não fosse

filho do rei, o desprezaria por sua essencial inutilidade, pela incapacidade de encontrar um emprego positivo e prático para o seu pensamento. A famosa cena da nuvem, entre Hamlet e Polônio — cena em que Hamlet imagina fazer o velho de bobo —, tem para nós um sentido evidente, que corrobora nosso modo de ver… Pedimos licença para recordá-la aos senhores:

POLÔNIO: A rainha deseja falar com o senhor, príncipe, e sem demora.
HAMLET: Vê aquela nuvem? É igual a uma andorinha.
POLÔNIO: Exatamente igual.
HAMLET: Creio que se parece com um camelo.
POLÔNIO: O dorso é idêntico ao de um camelo.
HAMLET: Ou ao de uma baleia?
POLÔNIO: Uma baleia perfeita.
HAMLET: Está bem. Vou falar com minha mãe.

Não é evidente que, nesta cena, Polônio é, a uma só vez, o cortesão que agrada ao príncipe e o adulto que não quer contrariar um menino doente e caprichoso? Polônio não acredita em um único fio de cabelo de Hamlet, e tem razão; com toda a presunção medíocre que lhe é peculiar, ele atribui a um capricho de Hamlet seu amor por Ofélia e nisso, é claro, se engana; mas não se engana na avaliação do seu caráter. Os Hamlet são rigorosamente inúteis para a massa; não lhe trazem nada, não podem guiá-la a parte alguma, porque eles mesmos não vão a parte alguma. E como guiar quando nem se sabe se existe um solo embaixo dos pés? Além do mais, os Hamlet desprezam a multidão. A quem ou a que poderia respeitar quem não respeita a si mesmo? E afinal vale a pena devotar-se à massa? Ela é tão grosseira e imunda! E Hamlet é um aristocrata, e não só por nascimento.

Sancho Pança nos apresenta um espetáculo inteiramente distinto. Ele, ao contrário, ri de Dom Quixote, sabe muito bem que está louco, mas por três vezes abandona sua terra natal, sua casa, sua esposa e sua filha para ir atrás

desse louco, segue-o por toda parte, sujeita-se a toda sorte de contrariedade, é fiel a ele até a morte, acredita nele, orgulha-se dele e soluça de joelhos junto ao leito miserável onde seu ex-patrão se encontra à beira da morte. É impossível que essa lealdade esteja ligada à esperança de um benefício, de vantagens pessoais; Sancho Pança tem demasiado bom senso; sabe muito bem que o escudeiro de um cavaleiro errante quase nada pode esperar, além de surras. Deve-se buscar a causa da sua lealdade mais no fundo; se posso me expressar assim, ela se enraíza nesta que, sem dúvida, é uma das melhores qualidades da massa: a capacidade de uma cegueira feliz e honrosa (lamentavelmente, a massa também conhece outras cegueiras), a capacidade de um entusiasmo desinteressado, do desprezo pelas vantagens pessoais imediatas, algo que para um homem pobre é quase equivalente ao desprezo pelo pão de cada dia. Notável qualidade, de significação histórica mundial! A massa humana sempre termina por seguir, com uma crença abnegada, exatamente aquelas personalidades que, antes, ela mesma achincalhava, que até amaldiçoava e perseguia, mas que, sem temer nem a perseguição nem as maldições da massa, sem temer sequer o seu riso, marcham adiante inabaláveis, com seu olhar espiritual fixo num objetivo só a elas visível, e procuram, tombam, levantam-se e, por fim, encontram… como é do seu direito; só encontra aquele que é guiado pelo coração. *Les grandes pensées viennent du coeur*,[6]6 disse Vauvenargues. Os Hamlet nada encontram, nada inventam e não deixam nenhum traço de sua passagem, exceto o traço da sua própria pessoa, e não deixam nenhuma obra atrás de si. Não amam e não acreditam; o que podem encontrar? Até na química (sem falar na natureza orgânica), para se chegar a uma terceira substância, é preciso a união de duas outras; e os Hamlet estão ocupados consigo mesmos; são sozinhos e, por isso, estéreis.

Mas nos retrucarão: “E Ofélia? Acaso Hamlet não a ama?”.

Falemos a respeito dela — e também de Dulcineia.

Nas relações dos nossos dois tipos com a mulher existe também muita coisa digna de nota.

Dom Quixote ama Dulcineia, a mulher inexistente, e está pronto a morrer por ela (lembrem-se de suas palavras quando, derrotado, arrojado à terra, diz para o seu oponente, que já ergue a lança sobre ele: “Atravesse-me com a lança, cavaleiro, mas que minha fraqueza não sirva para diminuir a glória de Dulcineia; eu, apesar de tudo, afirmo que ela é a mais perfeita beleza no mundo”). Dom Quixote ama de forma ideal, pura, e ideal a tal ponto que ele nem suspeita que o objeto de sua paixão não existe, em absoluto; e pura a tal ponto que quando Dulcineia surge à sua frente, na imagem de uma camponesa grosseira e imunda, ele não crê no testemunho dos seus olhos e julga que ela foi metamorfoseada por um feiticeiro maléfico. Nós mesmos, no decorrer de nossa vida, em nossas viagens errantes, já encontramos pessoas dispostas a morrer por uma Dulcineia igualmente irreal, ou por algo grosseiro e muitas vezes imundo em que elas viam a concretização do seu ideal e cuja metamorfose também atribuíam à influência de — por pouco não dizíamos: feiticeiros — indivíduos e acasos maléficos. Vimos essas pessoas e, quando elas desaparecerem, que se feche para sempre o livro da história! Nele, nada mais haverá para se ler. Em Dom Quixote não existe nenhum traço de sensualidade; todos os seus pensamentos são pudicos e inocentes e, se é possível que no fundo secreto do seu coração ele deseje, por fim, unir-se a Dulcineia, sem dúvida até receia essa união!

E Hamlet, será que ele ama? Será que o seu irônico criador, um profundo conhecedor do coração humano, resolveu dar a um egoísta, a um cético, impregnado do veneno da análise que tudo desmoraliza, um coração amoroso e devotado? Shakespeare não incidiu nessa contradição, e um leitor atento não terá grande dificuldade para se persuadir de que Hamlet é

uma pessoa lasciva e até secretamente voluptuosa (não é à toa que o cortesão Rosenkranz sorri em silêncio quando Hamlet lhe diz que as mulheres o aborrecem), para se persuadir de que Hamlet, dizemos nós, não ama mas apenas finge — e com displicência — amar. Temos, sobre isso, o testemunho do próprio Shakespeare.

Na primeira cena do terceiro ato, diz Hamlet para Ofélia:

> HAMLET: Eu te amei, no passado.
> OFÉLIA: Príncipe, o senhor me fez crer nisso.
> HAMLET: Mas não devias crer! Eu não te amava.

E ao pronunciar essas últimas palavras, Hamlet está muito mais próximo da verdade do que ele mesmo supõe. Seus sentimentos por Ofélia, criatura inocente e serena até quase a santidade, ou são cínicos (lembrem-se de suas palavras, de suas alusões dúbias quando, na cena da apresentação teatral, pede licença a Ofélia para deitar-se… nos seus joelhos), ou são retórica vã (prestem atenção na cena entre ele e Laertes, quando Hamlet salta para dentro da cova de Ofélia e proclama, numa linguagem digna de Bramarbas ou do capitão Pistol:[7] "Quarenta mil irmãos não podem rivalizar comigo! Que um milhão de montanhas desabem sobre nós!" etc.). Todas as suas relações com Ofélia não são, ademais, diferentes de seus cuidados consigo mesmo, e na sua exclamação: "Oh, ninfa! Rogue por mim em suas preces santas", vemos apenas a profunda consciência da sua própria impotência doentia — impotência para amar —, que se curva de forma quase supersticiosa diante de um "santuário de pureza".

Mas basta de falar dos aspectos sombrios do tipo hamletiano, aspectos que mais nos exasperam justamente por serem mais familiares e mais próximos de nós. Tentemos avaliar o que há nele de legítimo e, por isso, de eterno. Nesse tipo se encarna o princípio da negação, o mesmo princípio que um outro grande poeta, depois de eximi-lo de toda humanidade

genuína, nos apresentou na imagem de Mefistófeles. Hamlet é Mefistófeles, mas um Mefistófeles encerrado no círculo vivo da natureza humana; por isso a sua negação não é maligna — ela mesma está orientada contra o mal. A negação de Hamlet duvida do bem, mas não duvida do mal, e se lança numa luta encarniçada contra ele. Do bem, a negação duvida, ou seja, desconfia da sua verdade e da sua sinceridade, e o ataca não enquanto bem mas enquanto um bem espúrio, sob cuja máscara, mais uma vez, se escondem o mal e a mentira, seus inimigos inveterados: Hamlet não ri com a gargalhada demoníaca e indiferente de Mefistófeles; em seu sorriso amargo, há um desalento que denota seus sofrimentos e por isso nos reconciliamos com ele. O ceticismo de Hamlet não é tampouco um indiferentismo, e nisso reside sua significação e seu mérito; o bem e o mal, a verdade e a mentira, a beleza e a monstruosidade não se fundem, para ele, em uma só coisa, fortuita, muda e obtusa. O ceticismo de Hamlet, sem acreditar na realização contemporânea, por assim dizer, da verdade, hostiliza a mentira de modo irreconciliável e, dessa maneira, torna-se um dos principais defensores dessa verdade, na qual ele não se dispõe a crer plenamente. Mas na negação, como no fogo, há uma força destruidora — e como reter essa força além das fronteiras, como assinalar a área a que ela se deve ater, quando aquilo que ela deve destruir e aquilo que deve poupar estão, muitas vezes, presos e ligados de forma indissolúvel? Nesse ponto nos aparece o aspecto trágico da vida humana, tantas vezes notado: para agir é preciso vontade, para agir é preciso pensamento; mas pensamento e vontade se separaram e, a cada dia, separam-se mais ainda…

And thus the native hue of resolution
Is sicklied o'er by the pale cast of thought…
E assim a cor nativa da vontade
Desbota sob a palidez do pensamento…

diz Shakespeare pelos lábios de Hamlet… Assim, de um lado estão os Hamlet pensativos, reflexivos, não raro universais, mas também não raro inúteis e condenados à inércia; e de outro lado estão os Dom Quixote semiloucos, que só são úteis e põem as pessoas em movimento porque conhecem e enxergam apenas um ponto, o qual muitas vezes até nem existe na forma como eles o veem. Involuntariamente, surgem as perguntas: não será preciso ser louco para crer na verdade? E será que a inteligência que se torna senhora de si não se vê, por isso mesmo, privada de toda sua força?

O exame ainda que superficial dessas questões nos levaria longe.

Limitemo-nos a observar que nessa separação, nesse dualismo a que fizemos menção, devemos reconhecer a lei fundamental de toda vida humana; tal vida, em seu todo, nada mais é senão a eterna conciliação e a eterna luta entre dois princípios que, de modo incessante, se separam e se fundem. Caso não receássemos assustar os ouvidos dos senhores com termos filosóficos, poderíamos dizer que os Hamlet são a expressão da força centrípeta fundamental da natureza, em função da qual todo ser vivo se considera o centro da criação e contempla todos os demais como se existissem apenas para ele (assim, o mosquito pousado na testa de Alexandre da Macedônia, com a certeza tranquila de estar no seu direito, nutria-se do sangue do imperador, o alimento que lhe era devido; assim também se passa com Hamlet, embora despreze a si mesmo, o que não ocorre com o mosquito, porquanto ele não se engrandece por isso, como acontece com Hamlet, lembramos nós, o qual tudo reporta a si mesmo). Sem essa força centrípeta (a força do egoísmo), a natureza não poderia existir, do mesmo modo que sem a outra força, a centrífuga, cuja lei faz todas as criaturas existirem apenas para o outro (essa força, esse princípio da lealdade e do sacrifício, iluminado, como já dissemos, por uma luz cômica — a fim de não perturbar os mais delicados —, esse princípio se

manifesta nos Dom Quixote). Essas duas forças, da estagnação e do movimento, do conservantismo e do progresso, são as forças fundamentais de tudo o que existe. Elas nos explicam o crescimento da flor e nos fornecem a chave para a compreensão do desenvolvimento dos povos mais poderosos.

Apressemo-nos em passar destas especulações talvez inoportunas para outras mais familiares ao nosso entendimento.

Sabemos que, de todas as obras de Shakespeare, *Hamlet* é sem dúvida a mais popular. Essa tragédia está entre as peças que garantem um teatro lotado em todas as apresentações. Em vista das condições atuais do nosso público, do seu ardente desejo de consciência e de reflexão, do seu questionamento de si mesmo e da sua juventude, esse fenômeno é compreensível; mas, sem falar da beleza que há de sobra nesta que é, talvez, a obra mais notável do espírito moderno, é impossível não se admirar com o gênio que, aparentado em tantos aspectos ao seu próprio Hamlet, soube destacá-lo de si mesmo graças ao livre curso da força criadora — e erigiu, nele, uma imagem para o eterno ensinamento da posteridade. O espírito que cunhou essa imagem é o espírito do homem do Norte, o espírito da reflexão e da análise, um espírito pesado, sombrio, privado de harmonia e de matizes claros, que não foi rematado em formas belas e, não raro, superficiais, mas que é profundo, forte, variado, independente, dominador. De seu próprio interior, ele extraiu o tipo do Hamlet e com isso mostrou que também no domínio da poesia, como nos demais domínios da vida de um povo, ele é superior ao seu filho, pois o compreende inteiramente.

O espírito do homem do Sul repousa na criação de Dom Quixote, um espírito claro, alegre, ingênuo, receptivo, que não se aventura até o fundo da vida, não a abrange, mas reflete todos os seus fenômenos. Não podemos, neste ponto, resistir ao desejo não de traçar um paralelo entre Shakespeare e

Cervantes, mas de apenas indicar alguns pontos de semelhança e de diferença entre eles. No entanto, pensarão alguns, como será possível comparar Shakespeare a Cervantes? Shakespeare, esse gigante, um semideus… Sim; porém Cervantes não faz a figura de um pigmeu junto ao gigante que concebeu *Rei Lear*, mas sim de um ser humano, e de um ser humano em sua totalidade; e um ser humano tem o direito de ficar de pé mesmo diante de um semideus. Incontestavelmente, Shakespeare esmaga Cervantes — e não só a ele — com a riqueza e o poderio da sua fantasia, com o brilho supremo da sua poesia, com a profundidade e a amplitude da sua imensa inteligência; mas os senhores não encontrarão no romance de Cervantes nem pilhérias tensas, nem comparações artificiais, nem requintes edulcorados; tampouco encontrarão em suas páginas cabeças cortadas, olhos arrancados, todos aqueles jorros de sangue, aquela crueldade férrea e obtusa, a herança terrível da Idade Média, da barbárie, que desapareceu mais lentamente no temperamento tenaz dos homens do Norte; no entanto Cervantes, como Shakespeare, foi um contemporâneo da Noite de São Bartolomeu; e, ainda por muito tempo depois deles, queimaram-se hereges e derramou-se sangue; sim, mas será que algum dia o sangue deixará de ser derramado? A Idade Média manifestou-se em *Dom Quixote* pelo reflexo da poesia provençal, da graça dos contos de fadas que há naqueles mesmos romances de que Cervantes zombou com tanta simpatia e a que pagou um derradeiro tributo em *Persiles e Sigismunda*.[8] Shakespeare vai buscar suas imagens em toda parte — no céu e na terra —, nada lhe é vedado; nada consegue escapar ao seu olhar penetrante; ele as arranca com uma força irresistível, com a força de uma águia que mergulha sobre a sua presa. Cervantes apresenta carinhosamente ao leitor suas parcas imagens, como um pai apresenta seus filhos; escolhe apenas o que está próximo dele, mas como conhece bem esse próximo! Tudo o que é humano parece estar sob o

domínio do gênio poderoso do poeta inglês; Cervantes haure sua riqueza apenas da sua alma clara, dócil, que a experiência de vida enriqueceu, sem endurecer: não por acaso, no decorrer dos sete anos de severo cativeiro, Cervantes aprendeu, como ele mesmo dizia, a ciência da paciência; a esfera sob o seu domínio é mais estreita do que a shakespeariana; mas nela, como em todo ser vivo individual, reflete-se tudo aquilo que é humano. Cervantes não ilumina os senhores com palavras fulgurantes; não abala os senhores com a força titânica da inspiração triunfante; sua poesia — diferente do mar às vezes turvo da poesia shakespeariana — é um rio profundo, que corre tranquilo entre margens variadas; arrebatado e envolvido aos poucos, de todos os lados, por suas ondas transparentes, o leitor entrega-se com alegria à serenidade e à suavidade genuinamente épicas do seu fluxo. A imaginação, com prazer, evoca as imagens dos dois poetas contemporâneos, que também morreram no mesmo dia, 26 de abril de 1616.[9] Cervantes, certamente, nada sabia sobre Shakespeare; mas o grande trágico, na tranquilidade da sua residência em Stratford, onde se recolheu nos três anos que precederam sua morte, pode ter lido o famoso romance, já então traduzido para o inglês… Um quadro digno do pincel de um pintor-pensador: Shakespeare enquanto lia *Dom Quixote*! Felizes as nações onde aparecem tais pessoas, mestres dos contemporâneos e da posteridade! Os louros que não murcham, com os quais se coroa um grande homem, também coroam a fronte do seu povo.

Encerrando este nosso estudo bastante incompleto, pedimos permissão para lhes apresentar algumas observações avulsas.

Ouvi um lorde inglês (um bom juiz nesta matéria) qualificar Dom Quixote como o modelo de um verdadeiro gentleman. De fato, se a simplicidade e a atitude tranquila servem como sinal distintivo daquilo que chamam de homem honesto, Dom Quixote tem pleno direito a esse título. É

um autêntico fidalgo, um fidalgo mesmo quando as criadas galhofeiras de um duque cobrem todo seu rosto de sabão. A simplicidade de suas maneiras resulta da ausência disso que nos atreveríamos a chamar, não de orgulho, mas sim de *fatuidade*; Dom Quixote não se ocupa de si mesmo e, respeitando a si e aos outros, não pensa em exibir-se; já Hamlet, em meio a seu ambiente requintado, parece-nos, perdoem a expressão francesa: *ayant des airs de parvenu*;[10] é inquieto, por vezes até grosseiro, faz pose e diz sarcasmos. Em compensação, lhe foi concedida a faculdade de uma expressão original e certeira, faculdade peculiar a qualquer personalidade que reflita e pesquise a respeito de si mesma — e por isso totalmente inacessível a Dom Quixote. A profundidade e a agudeza do espírito de análise de Hamlet, seus conhecimentos diversificados (não se deve esquecer que estudou na Universidade de Wittenberg) desenvolveram nele um gosto quase infalível. É um crítico excelente; seus conselhos para os atores são assombrosamente perspicazes e justos; nele, o sentimento do requinte se mostra quase tão forte quanto, em Dom Quixote, o sentimento do dever.

Dom Quixote respeita profundamente todas as instituições que existem, a religião, os monarcas e os duques, e no entanto é livre e reconhece a liberdade dos outros. Hamlet insulta os reis, os cortesãos, mas na realidade é opressor e intolerante.

Dom Quixote mal sabe ler; Hamlet, provavelmente, redige um diário. Dom Quixote, em toda sua ignorância, traz no pensamento uma noção precisa das questões de Estado e de administração pública; Hamlet jamais se interessa por tais assuntos e nem vê motivo para isso.

As surras intermináveis com que Cervantes sobrecarrega Dom Quixote foram causa de muita indignação. Já observamos, anteriormente, que na segunda parte do romance já quase não se espanca mais o pobre cavaleiro; porém acrescentaremos que, sem essas surras, ele agradaria menos às

crianças, que leem com tanta sofreguidão suas aventuras — e para nós, adultos, ele não se mostraria na sua luz genuína, mas sim de modo um tanto frio e soberbo, o que estaria em contradição com o seu caráter. Acabamos de dizer que na segunda parte já não se espanca Dom Quixote; mas exatamente no fim, após a derrota definitiva de Dom Quixote diante do cavaleiro *da lua branca*, quando ele já veste roupas de bacharel, tendo já renunciado à cavalaria, e não muito tempo antes da sua morte — uma vara de porcos o pisoteia. Mais de uma vez nos aconteceu de ouvir censuras a Cervantes por haver escrito tal coisa, que mais pareceria uma repetição das antigas pilhérias, já postas de lado; mas também aqui Cervantes foi guiado pelo instinto do gênio — e nesse mesmo incidente repugnante encontra-se um significado profundo. Ser espezinhado por porcos é algo que sempre acontece na vida dos Dom Quixote — sobretudo quando ela está perto do fim; esse é um derradeiro tributo que lhes compete pagar ao acaso brutal, à incompreensão petulante e insensível… É a bofetada do fariseu… Depois disso, eles podem morrer. Atravessaram as chamas da fornalha, conquistaram para si a imortalidade — e ela se franqueia à sua frente.

Hamlet, se houver oportunidade, mostra-se pérfido e até cruel. Recordem como tramou a morte dos dois cortesãos enviados à Inglaterra pelo rei, recordem suas palavras sobre Polônio, que ele mesmo assassinara. A bem dizer, vemos nisso, como já assinalamos, um reflexo da Idade Média, que terminara não fazia ainda muito tempo. Por outro lado, somos obrigados a perceber, no honesto e veraz Dom Quixote, um pendor para a mistificação semiconsciente, semi-inocente, para a autoilusão — um pendor quase sempre inerente à fantasia dos entusiastas. Seu relato sobre aquilo que viu na caverna de Montesinos foi, nitidamente, inventado por ele e não enganou o simplório astuto Sancho Pança.

Hamlet desanima e se lamuria ante os menores reveses; Dom Quixote, surrado por criminosos condenados às galés até não conseguir mais se mexer, não duvida de forma alguma do bom êxito da sua empresa. Do mesmo modo, dizem que Fourier, durante muitos anos, se dirigia ao local combinado para um encontro com um certo inglês, que ele convocara pelos jornais a fim de lhe fornecer um milhão de francos, a serem aplicados na execução dos seus projetos, e que, está claro, nunca apareceu. Sem dúvida, isso é muito engraçado; mas eis o que nos vem à cabeça: os antigos chamavam seus deuses de invejosos — e, em caso de necessidade, julgavam proveitoso apaziguá-los com sacrifícios voluntários (lembrem-se do anel lançado ao mar por Polícrates); por que também não haveríamos de pensar que alguma parcela de ridículo deve inevitavelmente se alojar na conduta e no próprio caráter das pessoas chamadas para uma obra grande e nova, como um tributo, como um sacrifício destinado a acalmar os deuses invejosos? No entanto, sem esses Dom Quixote ridículos, sem esses inventores extravagantes, a humanidade não avançaria — e os Hamlet não teriam com que ocupar seus pensamentos.

Sim, vamos repetir: os Dom Quixote descobrem; os Hamlet elaboram. Porém, logo nos indagarão, como podem os Hamlet elaborar alguma coisa, uma vez que duvidam de tudo e em nada acreditam? A isso retrucaremos que, por uma sábia disposição da natureza, não existem Hamlet perfeitos, nem perfeitos Dom Quixote; trata-se apenas da expressão extrema de duas orientações, dois balizamentos fincados pelos poetas para dois diferentes caminhos. Na direção deles, precipita-se a vida, sem nunca alcançá-los. Não se deve esquecer que, assim como o princípio de análise, em Hamlet, é estendido até o trágico o princípio do entusiasmo, em Dom Quixote, é estendido até o cômico e, na vida, raramente encontramos o cômico perfeito ou o perfeito trágico.

Hamlet ganha muito, aos nossos olhos, em virtude da afeição que lhe tem Horácio. Esse personagem é magnífico e muitas vezes se imiscui em nossa época, para honra de nossa época. Em Horácio, reconhecemos o tipo do discípulo, do aluno, no melhor sentido da palavra. De caráter estoico e probo, de coração ardoroso, de inteligência algo limitada, ele tem noção de sua deficiência e de sua modéstia, o que raramente acontece com pessoas limitadas; ele anseia os ensinamentos, as preleções, e por isso venera o sagaz Hamlet e se devota a ele com toda a força da sua alma pura, sem reclamar nenhuma reciprocidade. Submete-se a ele não como a um príncipe, mas como a um chefe. Um dos principais méritos dos Hamlet consiste em que eles instruem e educam pessoas semelhantes a Horácio, pessoas que, depois de receber deles as sementes de um pensamento, as fecundam no seu coração e em seguida as disseminam por todo o mundo. As palavras com que Hamlet reconhece a importância de Horácio honram o próprio Hamlet. Nelas, se expressam suas próprias ideias sobre a elevada dignidade do homem, suas nobres aspirações, que nenhum ceticismo consegue enfraquecer. “Escuta”, lhe diz ele,

Desde que este coração
Tornou-se senhor de suas escolhas
E aprendeu a diferenciar as pessoas,
Preferiu a ti entre todos.
Sofrendo, tu não parecias sofrer.
Recebeste as dádivas e os golpes do destino,
Grato por aqueles e também por estes.
És abençoado; o juízo e o sangue estão em ti
Tão bem combinados que não serves
Para que, de ti, a sorte, como numa flauta,
Tire sons ao sabor do seu capricho.
Mostra-me um homem a quem a paixão
Não fez escravo — e eu o colocarei
Na alma do meu âmago mais sagrado,
Como pus a ti.

Um cético honesto sempre respeita um estoico. Quando o mundo antigo se desagregou — e em todas as épocas semelhantes —, as pessoas melhores buscaram salvar-se no estoicismo, como o único refúgio onde ainda se podia preservar a dignidade humana. Os céticos, se não tinham forças para morrer — "partir para aquele país, de onde ainda nenhum caminhante regressou" —, tornavam-se epicuristas. Fenômeno compreensível, triste e demasiado conhecido por nós!

Hamlet e Dom Quixote morrem de modo comovente; mas como é diferente a morte dos dois! São belas as últimas palavras de Hamlet. Resigna-se, tranquiliza-se, encoraja Horácio a viver, dá seu voto agonizante em favor do jovem Fortinbras, candidato à sucessão livre de qualquer mácula… mas o olhar de Hamlet não se dirige para o futuro… "O resto… é silêncio", diz o cético moribundo — e, de fato, se cala para sempre. A morte de Dom Quixote provoca na alma um enternecimento indescritível. Nesse momento, a grande significação do personagem se faz acessível para todos. Quando seu ex-escudeiro, com o intuito de consolá-lo, lhe diz que em breve partirão de novo rumo a aventuras de cavalaria, o moribundo retruca: "Não, tudo isso terminou para sempre e a todos peço perdão; já não sou Dom Quixote, sou de novo Alonso, o Bom, como outrora me chamavam — *Alonso el Bueno*".

São palavras admiráveis; a menção dessa alcunha, pela primeira e última vez, comove o leitor. Sim, apenas essas palavras ainda têm sentido diante do rosto da morte. Tudo passará, tudo desaparecerá, a honraria mais elevada, o poder, o gênio universal, tudo se reduzirá a pó.

Toda a grandeza da terra
Se dissipará como fumaça…[11]

Mas as boas ações não se dissiparão como fumaça; são mais duradouras até do que a beleza mais radiosa. "Tudo passará", disse o apóstolo, "só o

amor permanecerá.”

Nada temos a acrescentar a essas palavras. Nós nos consideraremos felizes se, ao apontar para as duas orientações básicas da alma humana sobre as quais falamos aos senhores, tivermos estimulado alguns pensamentos, ainda que em desacordo com os nossos — se nós, embora aproximadamente, tivermos cumprido nossa tarefa e não tivermos fatigado sua benévola atenção.

[Palestra proferida no dia 10 de janeiro de 1860, em benefício da Sociedade de Amparo aos Literatos e Cientistas Necessitados. Tradução de Rubens Figueiredo.]

---

1. Na verdade, a primeira publicação de *Hamlet* foi em 1603 e a primeira parte de *Dom Quixote*, em 1605.

2. Citação da epígrafe aos comentários de *Divã ocidental-oriental*, coletânea de poemas amorosos publicados por Goethe em 1819.

3. Sexto verso do poema “Não confie em si mesmo” (1839), de Mikhail Liérmontov (1814-41).

4. No original: “King: *Our son shall win*. Queen: *He’s fat, and scant of breath*”, isto é, “Rei: *Nosso filho há de vencer*. Rainha: *Ele está gordo e tem pouco fôlego*”. *Hamlet*, ato V, cena 2.

5. Passagem do poema “Epístola a Delvig” (1827).

6. Francês: “Os grandes pensamentos vêm do coração”.

7. Bramarbas: máscara de um soldado fanfarrão no teatro alemão no século XVIII; Pistol: personagem das peças históricas de Shakespeare *Henrique IV* e *Henrique V*, e também da comédia *As alegres comadres de Windsor* — companheiro de Falstaff, brigão, bufão, covarde e falso capitão.

8. Sabe-se que o romance de cavalaria *Persiles e Sigismunda* foi publicado *após* a primeira parte de *Dom Quixote*. [Nota de Turguêniev.]

9. Na verdade, Cervantes morreu dez dias antes de Shakespeare. O equívoco se deve ao fato de que, na época, na Inglaterra, se usava o calendário juliano e na Espanha, o gregoriano.

10. Francês: “Com ares de um arrivista”.

11. Versos 149-50 do poema “A festa dos vencedores”, de Friedrich Schiller (1759-1805).

Ivan Turguêniev

Henry James

Pouco antes de os restos mortais de Ivan Turguêniev serem transportados de Paris para o sepultamento em seu país natal, uma breve cerimônia teve lugar na Gare du Nord. Ernest Renan e Edmond About, ao lado do trem em que o caixão fora colocado, despediram-se, em nome do povo francês, daquele estrangeiro ilustre que por tantos anos fora seu hóspede honrado e agradecido. O sr. Renan fez um belíssimo discurso e o sr. About, um discurso brilhante, e ambos caracterizaram, com argúcia, o gênio e a natureza moral do mais comovente dos escritores, o mais amável dos homens. "Turguêniev", disse Renan, "recebeu pelo decreto misterioso que assinala as vocações humanas o mais nobre de todos os dons: nasceu essencialmente impessoal." A passagem é tão eloquente que é preciso reproduzi-la por inteiro.

> Sua consciência não era a de um indivíduo para quem a natureza fora mais ou menos generosa: era, de algum modo, a consciência de um povo. Antes de nascer, ele vivera milhares de anos; sucessões infinitas de quimeras se acumularam nas profundezas do seu coração. Nenhum homem foi tanto como ele a encarnação de toda uma raça: gerações de ancestrais, perdidas no sono dos séculos, e sem voz, ganharam vida e expressão por seu intermédio.

Cito essas linhas pelo prazer de citá-las; pois, embora entenda o que o sr. Renan quer dizer quando chama Turguêniev de impessoal, foi meu desejo

dedicar à sua maravilhosa memória algumas poucas páginas escritas sob a impressão do contato e da convivência. Ele nos parece impessoal porque é quase somente dos seus escritos que nós, de língua inglesa, francesa e alemã, extraímos nossas ideias — conquanto ainda bastante escassas e errôneas, receio — sobre o povo russo. Seu gênio, para nós, é o gênio eslavo; sua voz, a voz daquelas multidões vagamente imaginadas em que hoje pensamos, cada vez mais, como estando à espera da sua vez na arena da civilização, nas vastidões cinzentas do Norte. Há em seus escritos muita coisa que estimula essa ideia e não há dúvida de que ele interpretou com uma deslumbrante vivacidade o temperamento de seus compatriotas. Tornado cosmopolita por força das circunstâncias, suas raízes nunca se desprenderam do solo natal. A ignorância com relação à Rússia e aos russos que encontramos com abundância no resto da Europa — e não menos no país onde ele morou durante dez anos, antes de sua morte — produziu de fato, até certo ponto, o efeito de lançá-lo de volta aos sentimentos profundos que tantos de seus companheiros eram incapazes de compartilhar, as memórias de seus anos de infância, a sensação dos vastos horizontes russos, a alegria e o orgulho de sua língua materna. Na coletânea de textos curtos, tão profundamente interessantes, escritos em seus últimos anos de vida e traduzidos para o alemão sob o título de *Senilia*, encontro uma passagem — é a última do pequeno livro — que ilustra com perfeição esse impulso reativo:

> Nos dias de dúvida, nos dias de pensamentos aflitos sobre o destino de meu país natal, apenas tu és meu apoio e meu alento, ó grande e poderosa língua russa, autêntica e livre! Não fosse por ti, como poderia um ser humano não desesperar ante a visão do que ocorre em minha terra? Mas é inconcebível que uma língua como esta não tenha sido dada a um grande povo.

Essa nota moscovita, cheia de amor por sua terra, perpassa todas as suas obras, ainda que seja nas entrelinhas, por assim dizer, que devemos procurar

ouvi-la. Não obstante, continua verdadeiro não ter sido ele um mero conduto ou porta-voz; a inspiração era própria, bem como a voz. Era, em outras palavras, um indivíduo do tipo mais inequívoco, e aqueles que tiveram a felicidade de conhecê-lo não têm, hoje, a menor dificuldade de pensar nele como uma figura eminente e responsável. Esse prazer, para o autor destas linhas, era tão grande quanto o prazer de ler os contos admiráveis em que pôs tamanho mundo de sentimento e de vida: era, talvez, ainda maior pois não foi só com a pena que a natureza lhe concedeu o poder de expressar-se. Era o mais fecundo, o mais prazeroso dos conversadores, e seu rosto, sua pessoa, sua têmpera, a plenitude de que foi dotado para o relacionamento humano, produzem, na memória de seus amigos, uma imagem que é completada, mas não lançada na sombra, pela sua excelência literária. A imagem inteira é matizada de tristeza: em parte, porque o componente de melancolia era fundo e constante em sua natureza — os leitores de seus romances não precisam ser lembrados disso; e em parte porque, durante os últimos anos de vida, foi condenado a sofrer de forma atroz. A dor insuportável fora o seu quinhão por muitos meses, antes de morrer; seu fim não foi um declínio suave, mas uma agonia crescente. Porém tinha também a grande cota de inteligência e de capacidade de se divertir que cabe, em geral, aos homens de primeira ordem, e ele era um ser humano especialmente completo. O autor destas páginas havia admirado imensamente seus escritos antes de ter a sorte de conhecê-lo em pessoa, e esse privilégio, quando se apresentou, foi muito esclarecedor. O homem e o escritor, juntos, ocuparam a partir desse momento um lugar muito elevado na sua afeição. Algum tempo antes de conhecê-lo, atrevi-me a publicar certas reflexões a que seus contos me conduziram; e talvez eu possa, portanto, sem impropriedade, dar a elas um suplemento portador de uma

referência mais vivificante. É quase irresistível tentar dizer, de um ponto de vista pessoal, que classe de homem era ele.

Foi em consequência do artigo que acabei de mencionar que encontrei um motivo para procurá-lo, em Paris, onde ele morava então, em 1875. Nunca hei de esquecer a impressão que deixou em mim na primeira entrevista. Achei-o adorável; eu quase não conseguia acreditar que ele se mostrasse — que algum homem pudesse mostrar-se — tão cativante num contato mais estreito. O contato mais estreito apenas confirmou minha esperança e ele permaneceu como o mais acessível, o mais tratável, o menos perigoso de todos os homens de gênio que tive a sorte de conhecer. Era tão simples, tão natural, tão modesto, tão destituído de pretensão pessoal e daquilo que se chama de consciência de sua capacidade, que o visitante em alguns momentos quase duvidava de que ele pudesse ser de fato um homem de gênio. Atrás dele, estava tudo de bom e de fértil; interessava-se por tudo; e era absolutamente isento daquela avidez de autorreferência que às vezes acompanha as grandes reputações, e até as pequenas. Não tinha nenhuma partícula de vaidade; nem sombra do ar de quem tem um papel a representar ou uma reputação a zelar. Seu humor se exercitava com tanta liberdade em torno dele mesmo como a respeito de outros assuntos, e contava histórias em detrimento de sua pessoa com uma jocosidade tão doce que tornava suas peculiaridades sagradas aos olhos de um amigo. Recordo vivamente o sorriso e o tom de voz com que, certa vez, repetiu para mim um epíteto que Gustave Flaubert (por quem tinha extrema afeição) aplicara a ele — um epíteto com o intuito de caracterizar uma certa brandura extrovertida, uma indecisão compreensiva, que perpassava a sua natureza, assim como perpassa tantos dos personagens que retratou. Ele gostava do uso que Flaubert fazia desse termo, jovialmente injurioso, mais até do que o próprio Flaubert, e reconhecia com perfeição o elemento de

verdade que havia nessa expressão. Ele era natural a um grau incomum; não creio que eu jamais tenha visto alguém que se equipare, nesse aspecto; com certeza, não entre as pessoas que trazem, como ele trazia, ao mesmo tempo, a marca do mais alto refinamento. Como todos os homens de um grande padrão, era composto de muitas peças distintas; e o que sempre impressionava nele era a mistura de simplicidade com o fruto da observação mais diversificada. No pequeno artigo em que tentei exprimir minha admiração por suas obras, fui levado a dizer que ele tinha o temperamento aristocrático: comentário que, à luz do contato pessoal ulterior, me pareceu singularmente vazio. Ele não se prestava a nenhuma definição dessa espécie, e dizer que era democrático seria (embora seu ideal político fosse uma democracia) dar um retrato da mesma forma superficial da sua pessoa. Sentia e compreendia os lados opostos da vida; era imaginativo, especulativo, qualquer coisa, menos literal. Não tinha na mente um grão de preconceito, nem do tamanho da ponta de uma agulha, e as pessoas (existem muitas) que julgam isso um defeito se ressentiriam muito dessa falta em Ivan Serguêitch. (Cito seu nome, sem observar a ortografia russa, tal como pronunciado por seus amigos quando se dirigiam a ele em francês.) Nossos padrões anglo-saxões, protestantes, moralistas e convencionais estavam muito distantes dele, que podia julgar as coisas com uma liberdade e uma espontaneidade na qual eu encontrava um perpétuo revigoramento. Seu sentido de beleza, seu amor à verdade e à justiça estavam na base de sua natureza; mas metade do encanto de conversar com ele provinha de se respirar um ar em que frases insinceras e critérios arbitrários soavam simplesmente ridículos.

Posso acrescentar que não foi por eu haver escrito um artigo laudatório sobre seus livros que ele me deu as boas-vindas de um amigo; pois, em primeiro lugar, meu artigo só podia ter muito pouca importância para ele e,

em segundo lugar, nunca foi seu costume nem sua expectativa aquecer-se à luz da crítica. Sumamente modesto, como era, creio que não conferia grande peso ao que calhasse de ser dito a seu respeito; pois sentia estar destinado a encontrar uma escassa quantidade de apreciação inteligente, sobretudo no estrangeiro. Nunca o ouvi sequer aludir a qualquer julgamento formulado sobre suas obras na Inglaterra. Na França, sabia ser lido bastante moderadamente; a “demanda” por seus volumes era pequena e ele não tinha nenhuma ilusão no que tange à sua popularidade. Ouvira com prazer que muitas pessoas inteligentes nos Estados Unidos aguardavam com impaciência tudo o que pudesse vir da sua pena; mas creio que nunca ficou convencido, como uma ou duas pessoas mais zelosas se empenharam para convencê-lo, de que podia se gabar de ter um “público” nos Estados Unidos. Ele me dava a impressão de encarar a crítica como fazem os trabalhadores mais sérios — que ela é a diversão, o exercício, a subsistência do crítico (e, nessa medida, de imensa utilidade); mas que, por mais que possa muitas vezes interessar a outros leitores, não interessa grande coisa ao próprio artista. Em comparação com tudo aquilo que a produção de uma obra de peso obriga o artista a dizer, pouco a pouco, a si mesmo, as observações do crítico são vagas e irrelevantes; mesmo assim, em vista da grande publicidade do fato, têm um poder de irritar ou de desestimular totalmente desproporcional em relação à sua utilidade para a pessoa criticada. Não foi, além disso (se é que esta explicação não soa mais grosseira do que o espectro que tenciona conjurar), em razão de algum apreço que tenha declarado aos meus próprios livros (eu os remetia regularmente) que eu o julgava tão agradável, pois até onde posso saber ele era incapaz de lê-los. A propósito de um dos primeiros que lhe ofereci, escreveu-me um bilhete para contar que um amigo ilustre, um de seus companheiros constantes, lera três dos meus capítulos em voz alta para ele

na noite anterior e que um dos capítulos fora escrito *de main de maître*![1] Isso me deu um grande prazer, mas foi meu primeiro e último prazer desse tipo. Continuei, como disse, a lhe mandar minhas ficções porque eram a única coisa que tinha para dar; mas ele jamais aludiu ao restante do livro em questão, que obviamente não terminou de ler, e nunca deu o menor sinal de ter lido seus sucessores. Após um breve tempo, parei por completo de esperar alguma reação e entendi por que (isto me interessava bastante) meus escritos não podiam atraí-lo. Ele prezava, mais que tudo, o ar de realidade, e a minha realidade não era pertinente. Não creio que meus relatos lhe deixassem a impressão de um alimento substancioso. A maneira era mais aparente do que o tema; eram demasiado *tarabiscoté*,[2] como certa vez o ouvi dizer do estilo de um livro — tinha, na superfície, um excesso de florezinhas e de lacinhos de fita. Ele havia lido uma grande quantidade de autores ingleses e conhecia o idioma extraordinariamente bem — bem demais, pensava eu, muitas vezes, pois gostava de falar inglês com aqueles que o tinham por língua nativa e, conquanto seu esforço sempre obtivesse sucesso, via-se privado da desenvoltura e da velocidade com que se expressava em francês.

Eu disse que ele não tinha preconceitos mas, talvez, no fim das contas, tivesse um. Creio que imaginava ser impossível para uma pessoa de língua inglesa conversar em francês com perfeita correção. Conhecia Shakespeare minuciosamente e, certa época, embrenhou-se a fundo na literatura inglesa. Suas oportunidades de falar inglês não eram nem um pouco frequentes, de sorte que, quando a necessidade (ou pelo menos a ocasião) se apresentava, ele recordava as expressões que encontrara em livros. Isso, não raro, conferia uma singularidade encantadora e um toque literário inesperado ao que dizia. "Na Rússia, na primavera, se enveredarmos por um arvoredo de faias" — estas palavras me vêm à memória, da última vez que nos vimos.

Ele continuou a ler livros ingleses e não era incapaz de enfrentar os romances habituais da editora Tauchnitz. O escritor inglês (de nossos dias) sobre o qual recordo tê-lo ouvido falar com maior admiração foi Dickens, de cujos defeitos estava ciente, mas cujo poder de apresentar ao olho uma figura vívida e bem delineada ele considerava muito elevado. Tinha um grande interesse pela jovem escola francesa; refiro-me aos novos devotos do realismo, os netos de Balzac. Era um bom amigo da maioria deles, e de Gustave Flaubert, o mais singular e o mais original do grupo, era verdadeiramente íntimo. Tinha suas reservas e discriminações e, acima de tudo, contava com um grande jardim interno onde ficavam a sua imaginação eslava e a sua cultura germânica, para o qual a porta estava sempre aberta, e os netos de Balzac não eram, quero crer, especialmente livres para segui-lo. Mas tinha grande simpatia por seus experimentos, por seu movimento em geral e, como se pode supor com facilidade, era partidário do estudo cuidadoso da vida como o melhor atributo do romancista. Por certas manifestações da tradição oposta, tinha grande desprezo. Era esse um tipo de emoção que poucas vezes expressava, exceto quando se tratava de certas iniquidades e injustiças públicas; amargura e acusação raramente passavam por seus lábios amenos. Mas lembro-me bem do breve arroubo de convicção, da seriedade, com que certa vez disse, a respeito de um romance pelo qual passara os olhos, pouco antes, na *Revue des Deux Mondes*: “Se eu escrevesse algo tão ruim como isto, ficaria ruborizado para o resto da vida”.

Eu diria que a sua natureza não era, de forma predominante, ou mesmo num grau elevado, artística, embora fosse, se posso empregar a distinção, profundamente poética. Mas, durante os últimos doze anos de vida, passou muito tempo com artistas e homens de letras e era bem capaz de inflamar-se no calor de uma discussão. Dava muita importância a questões de forma, se

bem que não no mesmo grau que Flaubert e Edmond de Goncourt, e tinha simpatias muito intensas. Tinha em grande conta Madame George Sand, a líder e a figura de proa da velha tradição romântica; mas isso em termos gerais, de forma totalmente independente dos seus romances, que ele jamais lia e que a própria autora, como ao que parece todos os demais, nunca esperou que ele lesse. Julgava o caráter de George Sand extraordinariamente nobre e sincero. Como eu disse, tinha grande afeição por Gustave Flaubert, que retribuía esse sentimento; e estava muito interessado nas notáveis experiências de Flaubert em suas audácias de forma e de tema, sabendo perfeitamente quando elas fracassavam. Durante os meses que Flaubert costumava passar em Paris, Turguêniev ia vê-lo quase regularmente nas tardes de sábado e teve a gentileza de me apresentar ao autor de *Madame Bovary*, em quem vi muitos motivos para a estima de Turguêniev. Era nesses sábados, no pequeno salão literário de Flaubert, de aspecto um tanto despojado e improvisado, no alto de uma casa no fim do Faubourg Saint-Honoré, na companhia de outras pessoas familiares ao local, entre as quais mais de uma[3] rendeu homenagens à memória dessas ocasiões, que a esplêndida faculdade de conversação de Turguêniev se revelava em sua melhor forma. Era simples, natural, exuberante, mais do que posso descrever, e tudo o que dizia tinha o toque da refinada capacidade da sua imaginação. O que se discutia nesse pequeno cômodo enfumaçado eram sobretudo questões de gosto, questões de arte e de forma; e os falantes, em sua maioria, eram radicais do matiz mais carregado, em questões de estética. Seria extemporâneo propor, entre eles, qualquer discussão sobre a relação entre arte e moralidade, qualquer questão relativa ao grau de preocupação que um romance deveria ter, ou não ter, com a prestação de um ensinamento. Haviam estabelecido esses pontos preliminares muito tempo antes e seria retrógrado e incongruente retomá-

los. A convicção que os unia era de que a arte e a moralidade são duas coisas completamente distintas e que aquela não tem mais a ver com esta do que com a astronomia ou a embriologia. O único dever de um romance era ser bem escrito; esse mérito abrangia qualquer outro de que ele fosse capaz. Essa atitude mental nunca se fez mais patente do que numa tarde em que *ces messieurs* se pronunciavam a respeito de um incidente que acabara de ocorrer a um deles. *L'Assommoir*, de Émile Zola, fora interrompido na revista em que vinha sendo publicado de forma seriada em razão dos repetidos protestos dos assinantes. O assinante, como um modelo da imbecilidade humana, recebeu uma vestimenta maravilhosa e o filisteu, em geral, foi tratado com dureza. Havia um abismo de diferença entre Turguêniev e Zola, mas Turguêniev, que, como eu disse, compreendia tudo, também compreendia Zola e fazia total justiça à elevada consistência de boa parte da sua obra. A atitude de Turguêniev, nessas ocasiões, era admirável, e eu não conseguiria imaginar nada mais estimulante e adequado para dar uma ideia de inteligência ágil e espontânea. Ninguém poderia desejar mais da arte do que ser arte; sempre, invariável e incorruptivelmente, arte. Para ele, essa proposição parecia tão pouco carente de provas ou tão pouco passível de refutação quanto o axioma de que a lei devia ser sempre lei e a medicina, sempre medicina. Tanto quanto qualquer outro, ele estava pronto a fazer notar que a demanda de renúncias e de concessões nunca provém dos próprios artistas, mas sempre dos consumidores, dos editores, dos assinantes. Estou seguro de que o seu parecer sobre isso seria de que não conseguia absolutamente enxergar o que se pretendia com o debate a respeito de serem os romances morais ou o seu oposto; que um romance não podia, mais do que uma pintura ou uma sinfonia, propor-se a ser moral e que era arbitrário estabelecer uma distinção entre as numerosas formas de arte. Seria o último homem a se fazer cego à unidade entre elas. Suspeito

que teria dito, em resumo, que as distinções eram exigidas em benefício dos moralistas e que tal exigência era imprópria, nascida da necessidade de jurisdição da parte deles. No entanto, ao mesmo tempo que apresento essa sugestão sobre a sua atitude mental, recordo como ele produzia em mim a impressão de se deixar prender muito pouco à mera elegância das fórmulas, de haver nele muito pouco de um partidário ou de um pregador. O que pensava sobre a relação entre arte e vida, os seus relatos mostram, afinal, melhor do que qualquer outra coisa. A imensa variedade da vida sempre esteve presente no seu pensamento e ele jamais teria discutido a questão que acabei de levantar em nome das liberdades particulares — as liberdades que, ao que parece, eram as mais caras aos seus *confrères* franceses. Era esse ar, que trazia em torno de si, de sentir toda a variedade da vida, de conhecer coisas estranhas e remotas, de ter um horizonte em que o horizonte parisiense — tão familiar, tão carente de mistério, tão perpetuamente *exploité* —[4] se perdia facilmente, que o diferenciava desses companheiros. Ele, como se diz, não estava de todo visível; tinha algo por trás, em reserva. Era a Rússia, é claro, em larga medida; e, sobretudo ante o espetáculo do que lá se passa hoje, era uma grande carga. Porém, na medida em que se mostrava presente, era ele um elemento de pura sociabilidade.

Eu não pretendia entrar nesses detalhes imediatamente, pois apenas havia começado a relatar a impressão de magnífica humanidade que deixou em mim quando o conheci. Essa impressão, de fato, sempre permaneceu comigo, mesmo depois que ficara demonstrado, para mim, o quanto havia nele dos atributos de um gênio. Era um intelecto esplêndido, é claro, mas acima de tudo era uma figura masculina prazerosa e amena. A combinação desse espírito profundo, brando e afável, no qual sentíamos todos os componentes afetuosos do gênio, com o seu imenso e belo físico de russo era uma das coisas mais atraentes que se podem conceber. Tinha uma

constituição que tornaria perfeitamente legítimo, e até adequado, para ele, ser brutal; mas não havia nem um grão de brutalidade na sua composição. Sempre fora um entusiasta da caça; vagar na mata ou na estepe, com seu cão e sua arma, era o prazer do seu coração. No fim da vida, continuava a caçar e tinha um amigo em Cambridgeshire em honra de cujas perdizes, que eram afamadas, ele às vezes atravessava o Canal. Seria impossível imaginar uma representação melhor de um Nimrod do Norte. Era extremamente alto, de compleição larga e robusta. Sua cabeça era das mais belas e, apesar da linha irregular de seus traços, havia uma grande dose de beleza em seu rosto. Era, eminentemente, do tipo russo — quase tudo nele era largo. Sua expressão tinha uma doçura peculiar, com um toque de languidez eslava, e seu olhar, o mais bondoso dos olhares, era profundo e melancólico. O cabelo, farto e liso, era branco como prata, e a barba, que aparava bem curta, tinha a mesma cor do cabelo. Em toda sua alta figura, muito impressionante onde quer que aparecesse, havia um ar de força menosprezada, como se fosse parte de sua modéstia nunca se lembrar de que era forte. Às vezes se ruborizava como um menino de dezesseis anos. Tinha muito poucas formalidades e cerimônias, e o mínimo possível de maneiras distintas para um homem da sua natural *prestance*.[5] Seu aspecto nobre era, em si mesmo, uma distinção; mas, o que quer que fizesse, fazia de modo muito simples e não tinha a menor pretensão de não estar sujeito a retificações. Nunca vi ninguém receber uma objeção com menos irritação. Amigável, sincero, benevolente sem nenhuma afetação, a impressão que produzia com mais força e de modo mais geral era, quero crer, simplesmente de bondade.

Quando o conheci, ele estava morando, desde sua mudança de Baden-Baden, ocorrida em virtude da guerra franco-prussiana, em uma casa ampla e afastada, no monte de Montmartre, em companhia de seus amigos de

muitos anos, Madame Pauline Viardot e seu marido, como seus colocatários. Ele ocupava o andar de cima e eu gosto de lembrar, em nome de certas conversas muito agradáveis, o aspecto da sua pequena sala de estar verde, que, na memória, está consagrada a horas irrecuperáveis. Era quase totalmente verde e tinha um desses sofás enormes, tão necessários aos russos, que parecia ter sido projetado sob medida para a pessoa do seu dono, de sorte que gente menor tinha antes de jazer do que se sentar sobre ele. Recordo a clara luz da rua de Paris, que entrava através das janelas mais ou menos resguardadas por persianas, na parte inferior, como as de um ateliê. Durante os primeiros anos em que fui ali visitar Turguêniev, a luz pousava em várias pinturas seletas da escola francesa moderna, em especial num quadro muito bonito de Théodore Rousseau, que ele prezava imensamente. Tinha grande amor pela pintura e era um excelente crítico de quadros. Na última vez que o vi — foi na sua casa, no campo — mostrou-me meia dúzia de cópias de quadros italianos, feitas por um jovem russo no qual estava interessado, as quais, com sua bondade característica, havia trazido para a sua residência a fim de poder mostrá-las aos amigos. Julgava-as notáveis, como cópias; e o eram, de fato, sobretudo quando se percebia que a obra original tinha pouco valor. Turguêniev se entusiasmava na tarefa de elogiá-las, o que estava bastante apto a fazer; como todos os homens de imaginação, tinha admirações frequentes e devotadas. Na verdade, havia quase sempre um jovem russo em quem estava interessado, e refugiados e peregrinos de ambos os sexos eram seus clientes naturais. Ouvi, de pessoas que o conheceram bem e por longo tempo, que tais entusiasmos às vezes o levavam a enganos, que ele era capaz de *se monter la tête*[6] em favor de seus protegidos. Estava sempre pronto a crer que havia descoberto o futuro gênio russo; falava de sua descoberta durante um mês e depois, subitamente, ninguém ouvia mais nada a respeito. Lembro que certa vez me falou de uma

jovem que viera vê-lo, de regresso dos Estados Unidos, onde ela fora estudar obstetrícia em alguma faculdade de medicina, e que, sem recursos e sem amigos, estava necessitada de ajuda e de trabalho. Por acaso, ele soube que ela havia escrito alguma coisa e pediu que lhe mostrasse. Ela lhe remeteu o texto, que vinha a ser um relato em que certos aspectos da vida rural eram apresentados com uma autenticidade impressionante. Percebeu na jovem senhora um grande talento natural; enviou o conto para a Rússia a fim de ser publicado, convicto de que causaria uma grande impressão, e manifestou a esperança de poder apresentá-la a seus leitores franceses. Quando mencionei isso a um velho amigo de Turguêniev, ele sorriu e disse que não ouviríamos falar mais dela, que Ivan Serguêitch já havia descoberto muitíssimos talentos surpreendentes que, em regra, não resistiram ao teste. Havia nisso, ao que parece, certa verdade, e a propensão de Turguêniev a se enganar constituía uma fraqueza generosa demais para que eu hesite em mencioná-la, mesmo depois de eu ter enfatizado a habitual exatidão do seu gosto. Tinha um profundo interesse pelos jovens russos; era o que mais lhe interessava, no mundo. Quase sempre, eram infelizes, carentes, revoltados contra uma ordem de coisas que ele mesmo detestava. O estudo do caráter russo o obcecava e fascinava, como sabem todos os leitores de seus contos. Rico, inacabado, em desenvolvimento, com todos os tipos de prenúncios, de qualidades em estado de fusão, esse caráter se dilatava como uma vastidão misteriosa em que ainda era impossível perceber a relação entre os dons e as fraquezas. De suas fraquezas, ele tinha consciência aguçada e certa vez o ouvi expressar-se com uma energia que lhe fazia honra e com uma franqueza que até me surpreendeu (levando em conta que falava de seus compatriotas), com respeito a uma fraqueza que ele via como a maior de todas — fraqueza que só poderia merecer a mínima tolerância de um homem cujo sentimento mais forte era o amor à veracidade. Seus jovens

compatriotas, em busca da sorte em terras estrangeiras, tocavam a sua imaginação e a sua piedade, e é fácil conceber que, sob as circunstâncias, a impressão que não raro deixavam nele pode ter sido bastante forte. O cenário parisiense, com a sua esplêndida mesmice, com a sua ausência de surpresas (para aqueles que o conheciam de longa data), punha em relevo esses jovens e levava Turguêniev a vê-los como via os personagens em seus relatos, em relações, em situações que os faziam ressaltar. Passaram diante dele, no decorrer do tempo, muitos tipos russos magníficos. Certa vez me contou que havia recebido a visita de uma seita religiosa. A seita era constituída por duas pessoas, uma delas era o objeto de adoração e a outra, o adorador. A divindade, ao que parecia, estava viajando pela Europa na companhia do seu profeta. Eram estritamente sérios, mas o arranjo era bastante conveniente, por assim dizer, para ambos. O deus tinha sempre seu altar e o altar (ao contrário de certos altares) tinha sempre o seu deus.

Em sua salinha verde, nada estava fora de lugar; nada havia da mixórdia de objetos típica de um homem de letras comum, algo que Turguêniev positivamente não era; e o mesmo acontecia na sua biblioteca em Bougival, de que logo irei tratar. Poucos livros eram sequer visíveis; parecia que tudo tinha sido jogado fora. Os vestígios do trabalho haviam sido cuidadosamente removidos. Um ar de grande conforto, um sofá imensurável e vários quadros preciosos — eis o efeito do local. Não sei exatamente a que horas Turguêniev trabalhava; creio que não tinha horários e estações regulares, sendo nesse aspecto o mais diferente possível de Anthony Trollope, cuja autobiografia se mostra tão curiosa, com a sua revelação ingênua da organização dos afazeres intelectuais. Quer me parecer que, em Paris, Turguêniev escrevia pouco; sua temporada produtiva eram as semanas de verão que passava em Bougival e o período da visita à Rússia, visita que ele contava fazer todos os anos. Digo “contava fazer”

porque era impossível conhecê-lo um pouco mais sem descobrir que era um homem de adiamentos. A exemplo de alguns outros russos que conheci, havia algo de asiático na sua faculdade de procrastinação. Porém, ainda que nos incomodasse um pouco, encarávamos isso com bondade, como parte da sua brandura geral e de sua falta de rigidez. Ia para a Rússia, de todo modo, a intervalos não raros e falava dessas visitas como a sua melhor época para trabalhar. Possuía uma propriedade no campo e ali, cercado pela tranquilidade do lugar e pelas imagens e figuras que dão tamanho encanto às *Memórias de um caçador*, movimentava sua pena sem descanso.

Não é má ocasião para lembrar que possuía uma fortuna considerável; isso é de extrema importância na vida de um homem de letras. Foi algo de grande valor para Turguêniev e creio que boa parte do refinamento de sua obra se deve a isso. Podia escrever conforme o seu gosto e o seu ânimo; nunca era pressionado nem refreado (exceto no que tange à censura russa) por questões alheias ao seu projeto e jamais correu o risco de se tornar um escritor mercenário. De fato, levando em conta a ausência de um estímulo pecuniário e essa indolência obscura da qual não estava isento, sua produtividade é surpreendente, pois seus relatos compõem uma lista longa. Em Paris, a qualquer dia, estava sempre disponível para aceitar convites para almoçar. Gostava de almoçar *au cabaret* e marcava encontros sem nenhum problema. Não é indelicado acrescentar que, a princípio, ele jamais comparecia. Posso mencionar sem reserva essa idiossincrasia de Turguêniev porque, em primeiro lugar, se tratava nele de algo tão inveterado a ponto de parecer bastante divertido — divertia não só seus amigos mas a ele mesmo; e, em segundo lugar, era tão certo que ele, no fim, acabaria vindo como que, no início, não viria. Depois de ter se marcado o encontro ou de o convite ter sido aceito, quando chegava a ocasião, vinha um bilhete ou um telegrama em que Ivan Serguêitch se desculpava e pedia que o encontro fosse adiado

para outra data, que em geral ele mesmo propunha. Em lugar dessa segunda data, às vezes ainda propunha uma outra; mas, se não me recordo de nenhum encontro a que ele tivesse comparecido da forma combinada, não me lembro de nenhum a que ele tivesse faltado inteiramente. Seus amigos o esperavam com frequência, mas nunca o perdiam. Ele adorava aquele maravilhoso *déjeuner* [7] parisiense — adorava, digo eu, como um banquete da razão. Era frugal ao extremo e muitas vezes nem comia; mas achava um bom momento para falar e, por pouco que uma pessoa estivesse disposta a concordar com ele em termos gerais, se Turguêniev estivesse à mesa, essa pessoa era rapidamente convencida. Classifico o *déjeuner* parisiense de maravilhoso devido à audácia com que ele se aloja bem no meio da manhã. Divide o dia entre o despertar e o jantar de forma tão desigual e contrapõe tamanhas barreiras de saciedade a qualquer perspectiva de algum trabalho posterior que o estrangeiro ainda não aclimatado se pergunta quando o fecundo povo francês desenvolve sua atividade produtiva. Não conta entre seus aspectos menos fascinantes a circunstância de que os estrangeiros, no fim, gostam disso e conseguem recompor o seu dia com os fragmentos sobreviventes. De qualquer maneira, quando se tinha a sorte de almoçar ao meio-dia com Turguêniev, ninguém se daria conta de como o horário era inconveniente. Toda hora era conveniente para encontrar uma pessoa que se amoldava de modo tão perfeito à imagem daquilo que há de melhor na natureza humana. Em Paris, existem lugares sobre os quais só consigo pensar associados a alguma ocasião em que ele estava presente e, quando passo por eles, as coisas singulares que o ouvi dizer ali voltam à minha memória. Existe um café na Avenue de l’Opéra — um estabelecimento novo, luxuoso, com assentos muito macios, à direita quando se sai do Boulevard — onde, certa vez, diante de uma refeição especialmente comedida, travei com ele uma conversa que se prolongou muito, tarde

adentro, e durante a qual ele se mostrou extraordinariamente sugestivo e interessante, de sorte que minha memória, hoje, revive com carinho todas aquelas circunstâncias. Evoca a umidade cinzenta do dezembro parisiense, que dava ao sombrio interior do café um aspecto cada vez mais agradável e acolhedor; enquanto a luz decaía, as lâmpadas eram acesas, os habitués entravam para beber absinto e jogar seu dominó vespertino, e nós ainda nos demorávamos em nossa refeição matinal. Turguêniev falava quase que apenas sobre a Rússia, os niilistas, as figuras notáveis que surgiam entre eles, os curiosos visitantes que recebia, as perspectivas sombrias de sua terra natal. Quando estava inspirado, ninguém conseguia falar mais alto à imaginação do ouvinte. Quanto a mim, pelo menos, nessas ocasiões, havia algo extraordinariamente alentador e estimulante em suas palavras, e ao deixá-lo eu sempre me sentia num estado de entusiasmo "íntimo", com a sensação de que todo tipo de coisas importantes me fora sugerido; aquele estado de ânimo em que um homem, enquanto caminha, faz girar sua bengala, salta de leve sobre as sarjetas e de repente se detém, sem nenhum motivo, para olhar, com uma expressão de surpresa, para a vitrine de uma loja onde não vê nada. Recordo um outro simpósio, num restaurante em uma das esquinas da pracinha diante da Opéra Comique, onde éramos quatro, inclusive Ivan Serguêitch, e os dois outros convidados também eram russos, um dos quais unia o encanto de sua nacionalidade ao mérito de um sexo que torna irresistível a combinação. O local era uma descoberta de Turguêniev — uma descoberta, pelo menos até onde iam nossas necessidades particulares —, e lembro que mal nos demos ao trabalho de o felicitar por isso. O jantar, num mezanino baixo, não foi o que se esperava, mas a conversa correu ainda melhor do que nossas expectativas. Não se tratou do niilismo mas de alguns aspectos agradáveis da vida, e não me recordo de nenhuma ocasião em que Turguêniev se mostrasse mais

espontâneo e fascinante. Um de nossos amigos, quando falava francês, tinha um modo peculiar de pronunciar a palavra *adorable*, que vinha muitas vezes aos seus lábios, e lembro muito bem seu expressivo alongamento do *a* quando, ao falar mais tarde a respeito daquela ocasião, ele aplicou esse termo a Ivan Serguêitch. No entanto, mal consigo entender por que enveredo em detalhes de tais reminiscências e minha desculpa se resume ao desejo que todos temos, quando um relacionamento humano se encerra, de salvá-lo um pouco do passado — de deixar um sinal capaz de representar alguns dos seus momentos felizes.

Nada que Turguêniev tivesse a dizer poderia ser mais interessante do que seus comentários a respeito da sua obra, da sua maneira de escrever. Aquilo que o ouvi contar sobre isso era digno dos resultados magníficos que produziu; do profundo propósito, que perpassa todas as suas obras, de nos mostrar a vida em si mesma. O germe de uma história, para ele, jamais era uma questão de trama — essa era a última coisa em que pensava: tratava-se da representação de certas pessoas. A primeira forma em que um relato surgia para ele era na figura de um indivíduo, ou numa combinação de indivíduos, que ele desejava ver em ação, convicto de que tais pessoas deveriam fazer algo muito especial e interessante. Elas se erguiam à sua frente bem definidas, nítidas, e ele queria conhecer, e mostrar, o mais possível de sua natureza. O primeiro passo era deixar claro para si mesmo o que de fato conhecia, para começar; e, com essa finalidade, redigia uma espécie de biografia de cada personagem, com tudo o que haviam feito e tudo o que lhes havia acontecido, até o início da história. Tinha o dossiê dos personagens, como dizem os franceses, e como faz a polícia para todos os criminosos notórios. Com esse material em mãos, estava apto a dar seguimento ao trabalho; a história toda se apoiava na pergunta: o que farei com eles? Sempre os levava a fazer algo que os revelava completamente;

mas, como dizia, o defeito do seu método e a objeção feita a ele eram sua falta de "arquitetura" — em outras palavras, de composição. O ideal, é claro, é ter arquitetura bem como um material valioso, como era o caso de Walter Scott, ou de Balzac. Se lermos as histórias de Turguêniev cientes de que foram compostas — ou melhor, de que se formaram — dessa maneira, poderemos reconstituir o processo em todas as suas linhas. A história, no sentido convencional da palavra — uma fábula construída, a exemplo do fantasma de Wordsworth, "para assustar e sobressaltar" —, é a mais escassa possível. Resume-se aos movimentos de um grupo seleto de criaturas, que não constituem o resultado de uma ação preconcebida, mas uma consequência dos atributos dos atores. Obras de arte se produzem de todos os pontos de vista possíveis e continuarão a ser escritas histórias, e muito boas, em que o desenvolvimento se assemelha ao de uma dança — uma série de passos, quanto mais complicados melhor, é claro, determinados de fora, e que formam uma figura. Essa figura, provavelmente, sempre encontrará o favor de muitos leitores porque lhes lembra bastante a vida, sem lembrá-la demais. Nessa oposição, muitos jovens talentos na França estão prontos a se engalfinhar, pois existe uma escola numerosa de ambos os lados. Não chegamos ainda, na Inglaterra e nos Estados Unidos, ao ponto de tratar essas questões com paixão, pois ainda não chegamos ao ponto de senti-las com intensidade, ou mesmo, já que estamos tratando do assunto, de compreendê-las muito bem. Ainda não se fez acessível para nós discutir se é melhor que um romance seja uma excisão da vida ou uma estrutura construída com cartas de baralho, pois ainda não decidimos se a vida, em geral, pode ser descrita. Há indícios de bastante timidez nesse ponto — uma tendência antes para levantar cercas do que para saltar sobre elas. Entre nós, por conseguinte, associa-se até um certo ridículo ao exame de tais alternativas. Mas alguns, individualmente, podem explorar o terreno e,

talvez, até passar incólumes se atentarem para o fato de que, para eles, a maneira como Turguêniev trabalhava parecerá sempre a mais fecunda. Conta a seu favor com a enorme recomendação de que, em relação a qualquer acontecimento humano, o trabalho tem início, por assim dizer, muito antes. Respalda-se no seu poder de nos revelar o máximo sobre homens e mulheres. É claro, satisfará apenas escassamente os numerosos leitores entre os quais a réplica a isso seria: “Que droga! Estamos pouco ligando para homens e mulheres; queremos uma boa história!”.

E contudo, no fim, “Eliena” é uma boa história, e “Lisa” e *Terra virgem* são boas histórias. Relendo recentemente vários contos e romances de Turguêniev, fiquei de novo impressionado com sua combinação de beleza e realidade. Nunca se deve esquecer, ao falar dele, que era tanto um observador como um poeta. O elemento poético era constante e de notável singularidade e força. Foi o que inspirou a maior parte dos textos curtos que escreveu em seus últimos anos de vida, após a publicação de *Terra virgem*, obras fantasistas e exóticas no mais alto grau. Perpassa as pequenas fantasias, visões e epigramas de *Senilia*. Eu não tinha a menor intenção, aqui, de criticar seus escritos, pois já disse o que tinha a dizer sobre eles, na medida do possível, há alguns anos. Mas posso mencionar que, numa releitura, encontro neles tudo o que antes já havia encontrado de dois outros elementos — sua riqueza e sua tristeza. Eles dão ao leitor a impressão da vida em si mesma e não de uma montagem, de um *réchauffé* [8] da vida. Recordo-me de Turguêniev me haver dito, certa vez, a respeito de Homais, o pequeno farmacêutico normando do campo, no romance *Madame Bovary*, com o pedantismo de suas “opiniões esclarecidas”, que a grande força desse retrato consistia em ser, ao mesmo tempo, um indivíduo, do gênero mais concreto, e um tipo. Essa é a grande força de suas próprias representações de personagens; são particulares de um modo muito singular e fascinante e,

além disso, francamente gerais. Um comentário como este sobre Homais me leva a questionar por que Turguêniev tinha Dickens em tão alta conta, visto que a fragilidade de Dickens residia justamente nesse ponto. Se Dickens não conseguir ter vida longa, há de ser em virtude de suas figuras serem particulares sem ser gerais; por serem indivíduos sem ser tipos; por não sentirmos a sua continuidade em relação ao resto da humanidade — não vermos o ponto de encaixe do modelo na peça da qual todas as criações do romancista e dramaturgo foram talhadas. Muitas vezes tive a intenção, mas por um acaso ou outro não fui adiante, de levar Turguêniev a tratar novamente do tema de Dickens e pedir que explicasse sua opinião. Desconfio que sua opinião, em larga medida, se resumia a que Dickens o distraía, como era bem capaz de fazer. Essa complexidade do modelo era, em si, fascinante. Mencionei Flaubert e voltarei a ele apenas para dizer que havia algo muito comovente na natureza da amizade que unia esses dois homens. A meu ver, honra bastante Flaubert a estima que sentia por Turguêniev. Havia uma semelhança parcial entre eles. Ambos eram homens grandes, corpulentos, embora o russo fosse mais alto do que o normando; ambos eram totalmente honestos e sinceros e ambos possuíam o elemento pessimista em sua constituição. Ambos tinham uma recíproca estima afetuosa e creio não estar errado, nem ser indiscreto, ao dizer que, da parte de Turguêniev, essa estima tinha um traço de compaixão. Havia, em Gustave Flaubert, algo que induzia a esse sentimento. No todo, havia fracassado mais do que obtido êxito, e o grande maquinário de erudição — o grande processo de burilamento —, que ele pôs em funcionamento nas suas obras, não se fez acompanhar de resultados proporcionais. Tinha talento sem ter habilidade, tinha imaginação sem ter fantasia. Seu esforço foi heroico mas, exceto no caso de *Madame Bovary*, uma obra-prima, ele conferiu às suas obras algo (como se as tivesse recoberto de placas

metálicas) que as fez afundar em vez de flutuar. Tinha uma paixão pela perfeição da forma e por certa suntuosa capacidade de sugestão do estilo. Queria produzir frases perfeitas, perfeitamente interligadas, e o mais estreitamente urdidas, como a malha de uma armadura. Encarava a vida, em seu todo, como um artista e via sua obra com uma seriedade que jamais se desmentia. Escrever uma página admirável — e sua ideia do que vinha a ser uma página admirável era transcendente — lhe parecia uma razão de viver. Tentou-o vezes sem conta e chegou bem perto de alcançá-lo; mais de uma vez, tocou-o, pois *Madame Bovary* sem dúvida há de sobreviver. Mas havia algo pouco generoso no seu gênio. Era frio, e ele teria dado tudo para ser capaz de arder. Não há, em seus romances, nada como a paixão de Eliena por Insárov, como a pureza de Lisa, como a angústia dos pais de Bazárov, como a ferida oculta de Tatiana; e no entanto Flaubert almejava ardorosamente, com todo o acúmulo do seu vocabulário, vibrar a corda do páthos. Havia certas partes de sua mente que não "cantavam", que não produziam nenhum som. Tivera em demasia determinados tipos de experiência e muito pouco de outros tipos. Porém esse fracasso de um órgão, se posso chamá-lo assim, inspirava bondade naqueles que o conheciam. Se Flaubert era pujante e limitado, existe afinal algo de humano e até de bastante venerável num homem forte que não foi capaz de se expressar integralmente.

Após o primeiro ano de meu convívio com Turguêniev, o vi com muito menos frequência. Raramente eu estava em Paris e às vezes, quando me achava lá, ele estava ausente. Mas nunca perdi uma oportunidade de vê-lo e a sorte não raro me ajudava. Ele vinha duas ou três vezes a Londres, para visitas irritantemente curtas. Ia caçar em Cambridgeshire e passava pela cidade na chegada e na partida. Gostava dos ingleses mas não estou seguro de que gostasse de Londres, onde passara um inverno lúgubre, em 1870-1.

Recordo certas impressões suas desse período, em especial uma visita que fez a uma “presbítera”, cercada por suas filhas, e uma descrição da arte culinária na pensão em que se hospedara. Após 1876, eu o via muitas vezes como um inválido. Vivia atormentado pela gota e às vezes tinha ataques terríveis; mas seu relato do que sofria era tão fascinante — não consigo aplicar nenhuma outra palavra — quanto suas descrições de tudo o mais. Havia a tal ponto adquirido o hábito da observação que apreendia, nas sensações lancinantes, toda sorte de imagens e analogias curiosas, e as analisava com uma finura extraordinária. Várias vezes o vi em Bougival, acima do Sena, em um chalé muito espaçoso e elegante — com pouca luz do sol, é verdade — que ele fizera construir ao lado da casa de campo ocupada pela família à qual, durante anos, sua vida fora dedicada. O lugar é encantador; as duas casas ficam no meio de uma longa encosta, que desce, em uma suavíssima inclinação, até o rio, e atrás delas o morro se eleva até um pico recoberto pela mata. À esquerda, ao longe, no alto e acima de um horizonte de florestas, se estende o romântico aqueduto de Marly. É uma propriedade muito bonita. A última vez que o vi, em novembro, 1882, foi em Bougival. Ele havia estado muito doente, com sintomas estranhos e intoleráveis, mas sentia-se melhor e tinha boas esperanças. Mais tarde, viu-se que elas não se justificavam. Piorou de novo e os meses seguintes foram cruéis. Sua mente bela e serena não deveria ter escurecido e se familiarizado com a violência; deveria ter podido participar, até o fim, como sempre fizera, dos ditames e dos mistérios do destino. No momento em que o vi, porém, ele estava, como dizem em Londres, em muito boa forma e minha última impressão dele foi quase animada. Tinha de ir a Paris num coche, pois não poderia suportar a viagem de trem, e me cedeu um assento a seu lado. Durante uma hora e meia, falou de maneira constante, e jamais esteve melhor. Ao chegarmos à cidade, desci no Boulevard Extérieur, pois

seguiríamos direções distintas. Despedi-me, através da janela do coche, e nunca mais o vi. Havia um tipo de feira, ali perto, no ar gelado de novembro, sob as pequenas árvores nuas do Boulevard, e um espetáculo de marionetes, de onde vinha o som de vozes nasaladas. Quase lamento haver agregado, por acaso, tantas coisas de Paris a essa enumeração de momentos, talvez por demais pretensiosa, pois podem produzir o efeito de sugerir que Ivan Turguêniev havia se afrancesado. Mas não era o caso: a capital francesa era um acidente para ele, e não uma necessidade. Tocava-o em muitos aspectos mas o deixava indiferente em muitos outros, e ele tinha, com essa notável tradição de arejamento da mente russa, janelas abertas para distâncias que se estendiam muito além do *banlieue*.[9] Falei sobre ele do limitado ponto de vista de minhas próprias relações pessoais e, infelizmente, me concedi pouco espaço para referir um assunto que ocupava bem mais a sua existência do que as reflexões em torno de como uma história deveria ser escrita — suas esperanças e temores acerca de sua terra natal. Escreveu ficções e teatro, mas o grande drama da sua vida foi a luta pela melhoria das condições de vida na Rússia. Nesse drama, ele teve um papel de enorme destaque, e as esplêndidas exéquias que, embora fosse um homem modesto e simples, se desdobraram em torno do seu túmulo atestam de forma suficiente o reconhecimento disso da parte de seus compatriotas. Seus funerais, restritos e oficializados, nem por isso deixaram de ser uma “manifestação” magnífica. Li as notícias a respeito, no entanto, com uma espécie de frieza, um sentimento em que a concordância com as honras que lhe foram prestadas era menor do que deveria. Toda essa pompa e cerimônia pareceu suspendê-lo para fora do alcance da lembrança familiar, da reciprocidade de estima, até a posição majestosa de uma glória nacional. E, todavia, é na presença desse obstáculo ao contato social que aqueles que o conheceram e amaram devem, agora, lhe dar o seu adeus. Afinal, é difícil

ver como esse obstáculo poderia ser removido. Ele foi o mais generoso, o mais terno, o mais maravilhoso dos homens; sua grande natureza transbordava de amor e de justiça: mas também era feito da matéria de que se fazem as glórias.

[Ensaio publicado originalmente na revista *Atlantic Monthly*, em janeiro de 1884. Tradução de Rubens Figueiredo.]

---

1. Francês: "Com maestria".
2. Francês: "Rebuscado".
3. Maxime Du Camp, Alphonse Daudet, Émile Zola. [Nota de Henry James.]
4. Francês: "Explorado".
5. Francês: "Imponência".
6. Francês: "Expor-se".
7. Francês: "Almoço".
8. Francês: "Comida requentada".
9. Francês: "Subúrbio".

Sobre o autor

Ivan Serguêievitch Turguêniev (1818-83) foi prosador, poeta, dramaturgo, tradutor e ensaísta russo. Nasceu na província de Oriol, na vasta propriedade rural de sua mãe. Mulher autoritária e brutal, Varvara Petrovna exercia um poder tirânico sobre os servos e os filhos. O pai, embora de linhagem aristocrática e de instrução e hábitos refinados, não tinha dinheiro e casou por conveniência. Em 1833, Ivan Turguêniev começou a estudar na Universidade de Moscou e no ano seguinte transferiu-se para a Universidade de São Petersburgo. Após formar-se, em 1837, partiu para a Europa, que ele — a exemplo da elite russa em geral — encarava como sede do conhecimento e fonte de uma cultura superior. Na Europa, travou relações com importantes intelectuais russos, como o crítico Bielínski e Bakúnin, o teórico e militante do anarquismo. Turguêniev nunca se casou, mas na Europa começou um relacionamento, que perdurou até o fim da vida, com a cantora hispano-francesa Pauline García Viardot. Mulher casada, assim continuou, e na velhice Turguêniev chegou a dizer que Pauline e o marido eram sua única família. Desde essa época, Turguêniev costumava passar uma parte do ano na França, outra parte na Rússia. O livro *Memórias de um caçador* (1852), que reúne seus primeiros contos, consagrou-se de imediato na Rússia como denúncia do regime da

servidão. Nesse ano, por causa do livro e também devido a um panfleto que divulgou no enterro do escritor Nikolai Gógol, Turguêniev foi preso e depois confinado em sua propriedade rural por mais de um ano. Em seguida lançou seus romances mais importantes: *Rúdin* (1856), *Ninho de nobres* (1859), *Na véspera* (1860) e *Pais e filhos* (1862). De índole transigente, moderada, pouco afeito a conflitos, naqueles anos, por conta de seus livros, Turguêniev se viu no centro de polêmicas encarniçadas. Tais debates já eram travados havia bastante tempo na Rússia, mas as obras de Turguêniev souberam dar a eles uma imagem concreta, uma forma viva, e se tornaram o foco das energias em disputa. Além de romances, Turguêniev se destaca pela qualidade de um grande número de contos e novelas, que publicava regularmente. Movimentava-se com desenvoltura pelos círculos artísticos e literários da Europa, onde era respeitado e admirado pelos expoentes de seu tempo. Mais que ninguém, incentivou e promoveu a tradução de obras russas contemporâneas, mesmo quando se tratava de escritores que o acusavam de ocidentalizado e elitista. Extremamente culto, lia em latim e em grego. Dominava várias línguas europeias e era tão competente em francês que seu último texto, um conto sobre um naufrágio (lembrança de um fato vivido por ele) foi ditado nesse idioma para Pauline Viardot, quando o escritor estava de cama, acometido pelo câncer que o levaria à morte pouco depois. Seu corpo foi transportado da França para a Rússia, onde foi enterrado. Seu cortejo fúnebre deu ensejo a manifestações populares.

Sugestões de leitura

obras de turguêniev

Águas de primavera. Trad. de Sonia Branco. Barueri: Amarilys, 2015.

Ássia. Trad. de Fátima Bianchi. São Paulo: Cosac Naify, 2002.

O cão fantasma. Trad. de Tatiana Belinky. São Paulo: Ed. 34, 2007.

Diário de um homem supérfluo. Trad. de Samuel Junqueira. São Paulo: Ed. 34, 2018.

"O duelista". Trad. de Rubens Figueiredo. In: FIGUEIREDO, Cláudio (Org.) *Mestres-de-armas: Seis histórias sobre duelos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

Memórias de um caçador. Trad. de Irineu Franco Perpetuo. São Paulo: Ed. 34, 2013.

"Mumu". Trad. de Rubens Figueiredo. In: COSTA, Flávio Moreira da (Org.). *Os melhores contos de cães & gatos*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2007.

Ninho de fidalgos. Trad. de Denise Sales. Porto Alegre: L&PM, 2018.

Primeiro amor. Trad. de Rubens Figueiredo. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2015.

"Relíquia viva". Trad. de Denise Sales. In: GOMIDE, Bruno Barretto (Org.). *Nova antologia do conto russo (1792-1998)*. São Paulo: Ed. 34, 2011.

Rúdin. Trad. de Fátima Bianchi. São Paulo: Ed. 34, 2012.

"Um sonho". Trad. de Rubens Figueiredo. In: MANGUEL, Alberto (Org.). *Contos de amor do século* XIX. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

obras sobre turguêniev

BERLIN, Isaiah. “*Pais e filhos*: Turguêniev e a crítica situação liberal”. In: ______. *Pensadores russos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

HOWE, Irving. “Turguêniev: A política da hesitação”. In: ______. *A política e o romance*. São Paulo: Perspectiva, 1998.

NABOKOV, Vladimir. “Ivan Turguêniev”. Trad. de Dorio Jauster. In: ______. *Lições de literatura russa*. São Paulo: Três Estrelas, 2014.

TCHERNICHÉVSKI, Nikolai. “O russo no rendez-vous”. Trad. de Sonia Branco. In: GOMIDE, Bruno Barretto. *Antologia do pensamento crítico russo* (*1802-1901*). São Paulo: Ed. 34, 2013.

TROYAT, Henri. *Tourgueniev*. Paris: Flammarion, 1985.

WILSON, Edmund. “Turguêniev e a gota vivificadora”. In: ______. *Onze ensaios: Literatura, política, história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

Tradução baseada em: I. S. Turguêniev, Полиое сорание сочиненчй и писем в трпдцати томах [Obras completas e cartas em trinta volumes]. Moscou: Naúka, 1981. v. 7.

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Título original
Отцы и дети

Capa
Rafael Nobre

Guardas
Manuscritos de I. S. Turguêniev (*Obras completas e cartas em trinta volumes*. Moscou: Naúka, 1981, pp. 9 e 81. v. 7).

Preparação
Leny Cordeiro

Revisão
Jane Pessoa
Thaís Totino Richter

ISBN 978-85-5451-586-7

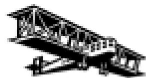
EDITORA SCHWARCZ S.A.
Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32
04532-002 — São Paulo — SP
Telefone: (11) 3707-3500
www.companhiadasletras.com.br
www.blogdacompanhia.com.br
facebook.com/companhiadasletras
instagram.com/companhiadasletras
twitter.com/cialetras

—

IVAN TURGUÊNIEV

—

UM SONHO



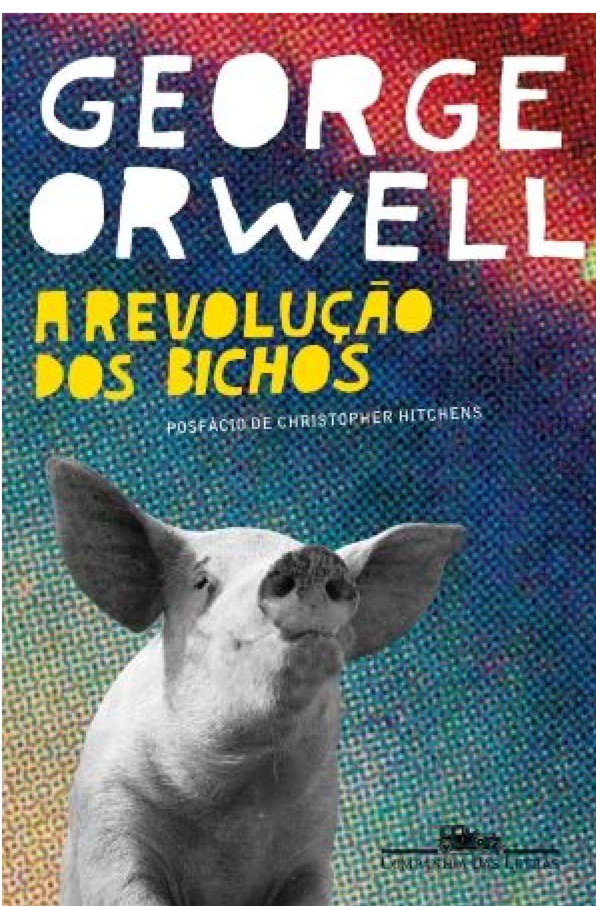
Um sonho

Turguêniev, Ivan
9788554514945
24 páginas

[Compre agora e leia]

Um dos mais claros escritores russos do XIX, Turguêniev sempre desenvolve tramas finas, calcadas em delicadas nuances psicológicas. Neste conto, um rapaz relembra seu primeiro amor. Naquela época, eu morava com minha mãe numa pequena cidade à beira-mar. Completara dezessete anos e minha mãe ainda não tinha trinta e cinco; ela se casara muito jovem. Meu pai faleceu quando eu tinha apenas seis anos, mas lembro-me bem dele. Minha mãe era de pequena estatura, loura, com um rosto encantador, porém eternamente triste, com uma voz mansa e cansada, e gestos tímidos. Na mocidade, era famosa pela beleza e até o fim permaneceu atraente e gentil. Não vi olhos mais profundos, mais ternos e melancólicos, cabelos mais finos e macios, não vi mãos mais graciosas.Para quem gosta de narrativas curtas, quer se entreter com uma boa história e descobrir novos autores, a coleção "Contém um Conto" traz sempre o melhor da literatura mundial em tamanhos pequenos. Contos dos mais importantes escritores para você poder ler onde quiser: enquanto pega o ônibus, espera na fila do pão ou durante a pausa do almoço. Tudo com a facilidade e a rapidez do formato digital.

[Compre agora e leia]


GEORGE
ORWELL
A REVOLUÇÃO
DOS BICHOS
POSFÁCIO DE CHRISTOPHER HITCHENS
Companhia das Letras

A revolução dos bichos

Orwell, George
9788580861921
152 páginas

Compre agora e leia

Verdadeiro clássico moderno, concebido por um dos mais influentes escritores do século XX, A revolução dos bichos é uma fábula sobre o poder. Narra a insurreição dos animais de uma granja contra seus donos. Progressivamente, porém, a revolução degenera numa tirania ainda mais opressiva que a dos humanos.Escrita em plena Segunda Guerra Mundial e publicada em 1945 depois de ter sido rejeitada por várias editoras, essa pequena narrativa causou desconforto ao satirizar ferozmente a ditadura stalinista numa época em que os soviéticos ainda eram aliados do Ocidente na luta contra o eixo nazifascista. De fato, são claras as referências: o despótico Napoleão seria Stálin, o banido Bola-de-Neve seria Trotsky, e os eventos políticos - expurgos, instituição de um estado policial, deturpação tendenciosa da História - mimetizam os que estavam em curso na União Soviética. Com o acirramento da Guerra Fria, as mesmas razões que causaram constrangimento na época de sua publicação levaram A revolução dos bichos a ser amplamente usada pelo Ocidente nas décadas seguintes como arma ideológica contra o comunismo. O próprio Orwell, adepto do socialismo e inimigo de qualquer forma de manipulação política, sentiu-se incomodado com a utilização de sua fábula como panfleto. Depois das profundas transformações políticas que mudaram a fisionomia do planeta nas últimas décadas, a pequena obra-prima de Orwell pode ser vista sem o

viés ideológico reducionista. Mais de sessenta anos depois de escrita, ela mantém o viço e o brilho de uma alegoria perene sobre as fraquezas humanas que levam à corrosão dos grandes projetos de revolução política. É irônico que o escritor, para fazer esse retrato cruel da humanidade, tenha recorrido aos animais como personagens. De certo modo, a inteligência política que humaniza seus bichos é a mesma que animaliza os homens. Escrito com perfeito domínio da narrativa, atenção às minúcias e extraordinária capacidade de criação de personagens e situações, A revolução dos bichos combina de maneira feliz duas ricas tradições literárias: a das fábulas morais, que remontam a Esopo, e a da sátira política, que teve talvez em Jonathan Swift seu representante máximo. "A melhor sátira já escrita sobre a face negra da história moderna." - Malcolm Bradbury "Um livro para todos os tipos de leitor, seu brilho ainda intacto depois de sessenta anos." - Ruth Rendell

Julián Fuks

A OCUPAÇÃO

COMPANHIA DAS LETRAS

A ocupação

Fuks, Julián
9788554516000
136 páginas

Compre agora e leia

A ocupação de um prédio no centro de São Paulo, um pai fragilizado pela doença e a perspectiva da própria paternidade estão no cerne deste romance que fala, sobretudo, de perda e de resiliência.Depois do romance A resistência, vencedor de prêmios tão prestigiosos quanto Jabuti e Saramago, e elogiado pela crítica brasileira e internacional, Julián Fuks retorna a seu personagem alter ego Sebastián em A ocupação. Construída em capítulos breves, a narrativa se alterna entre os encontros do escritor com alguns moradores de um edifício ocupado no centro de São Paulo — e as histórias que lhe contam —, o temor da perda do pai hospitalizado e as expectativas em torno da gravidez de sua mulher e de uma possível paternidade. Com uma prosa impecável, o escritor paulistano nos enreda nessas diversas formas de ocupação, que revelam a fragilidade da vida, o risco da solidão e as muitas brutalidades em que o presente nos imerge.

Compre agora e leia


CHIMAMANDA
NGOZI ADICHIE
SEJAMOS
TODOS
FEMINISTAS
COMPANHIA DAS LETRAS

Sejamos todos feministas

Adichie, Chimamanda Ngozi
9788543801728
24 páginas

Compre agora e leia

O que significa ser feminista no século XXI? Por que o feminismo é essencial para libertar homens e mulheres? Eis as questões que estão no cerne de Sejamos todos feministas, ensaio da premiada autora de Americanah e Meio sol amarelo. "A questão de gênero é importante em qualquer canto do mundo. É importante que comecemos a planejar e sonhar um mundo diferente. Um mundo mais justo. Um mundo de homens mais felizes e mulheres mais felizes, mais autênticos consigo mesmos. E é assim que devemos começar: precisamos criar nossas filhas de uma maneira diferente. Também precisamos criar nossos filhos de uma maneira diferente. "Chimamanda Ngozi Adichie ainda se lembra exatamente da primeira vez em que a chamaram de feminista. Foi durante uma discussão com seu amigo de infância Okoloma. "Não era um elogio. Percebi pelo tom da voz dele; era como se dissesse: 'Você apoia o terrorismo!'". Apesar do tom de desaprovação de Okoloma, Adichie abraçou o termo e — em resposta àqueles que lhe diziam que feministas são infelizes porque nunca se casaram, que são "anti-africanas", que odeiam homens e maquiagem — começou a se intitular uma "feminista feliz e africana que não odeia homens, e que gosta de usar batom e salto alto para si mesma, e não para os homens". Neste ensaio agudo, sagaz e revelador, Adichie parte de sua experiência pessoal de mulher e nigeriana para pensar o que ainda precisa

ser feito de modo que as meninas não anulem mais sua personalidade para ser como esperam que sejam, e os meninos se sintam livres para crescer sem ter que se enquadrar nos estereótipos de masculinidade.



BENJAMIN MOSER

SONTAG

VIDA E OBRA

Sontag

Moser, Benjamin
9788554515973
704 páginas

Compre agora e leia

O retrato definitivo de Susan Sontag, uma das intelectuais mais importantes do século XX: sua escrita e seu pensamento radical, seu ativismo público e sua vida privada pouco conhecida.Susan Sontag é uma escritora que representa como ninguém o século XX americano. Envolta em mitos e incompreendida, louvada e detestada, ela foi uma menina dos subúrbios que se tornou símbolo do cosmopolitismo. Sontag deixou um legado intelectual que abrange uma imensidade de temas, como arte e política, feminismo e homossexualidade, medicina e drogas, radicalismos e fascismo, e que é uma chave indispensável para entender a cultura da modernidade.Nesta biografia, Benjamin Moser (autor de Clarice, uma biografia) conta essas histórias e examina o trabalho sobre o qual a reputação de Sontag se construiu. Ele explora a angústia e as inseguranças por trás da formidável persona pública e mostra suas tentativas de responder às crueldades e aos absurdos de um país que tomava um rumo equivocado, com a convicção de que a fidelidade à alta cultura era um ativismo em si. Com centenas de entrevistas e quase cem imagens, este é o primeiro livro que tem como fontes os arquivos privados da escritora e várias pessoas que por muito tempo não se manifestaram sobre Sontag."O feito de Benjamin Moser é de tirar o fôlego." — Rebecca Solnit"Nesta biografia brilhante e há muito aguardada, Benjamin Moser nos mostra como ler Sontag […] e revela a

extensão e os limites do seu gênio." — Chris Kraus, autora de Eu amo Dick"A biografia monumental de Benjamin Moser revela a história supreendentemente dócil, insegura, simples e a dedicação intelectual de uma das figuras literárias mais notáveis que surgiram no século XX americano." — Stephen Fry